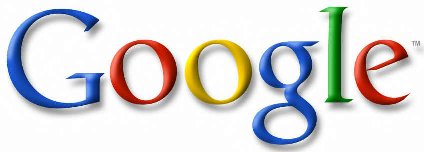
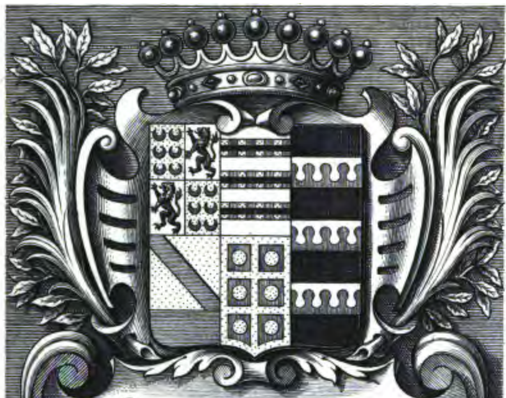




1860

6175

ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS

LUSO-BRASILEIRO.

1860

ALMANACH
DE
LEMBRANÇAS
LUSO-BRASILEIRO
PARA O ANNO DE 1860

(Bissexto)

COM 446 ARTIGOS E 101 GRAVURAS

POR

ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO

BACHAREL FORMADO EM MATHEMATICA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CAVALLEIRO DA ORDEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
CONSUL DO ESTADO DE BUENOS-AYRES
MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ
DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE
DA SOCIEDADE DOS ANTIQUARIOS DE SANTO-OMER
DA DOS AMIGOS DAS LETRAS E ARTES DE SÃO MIGUEL
DO INSTITUTO EPISCOPAL RELIGIOSO DO RIO DE JANEIRO
DA SOCIEDADE AGRICOLA MADEIRENSE
DA SOCIEDADE PROMOTORA DA EDUCAÇÃO POPULAR, DE LISBOA
DO CENTRO PROMOTOR DA INDUSTRIA DE LEIRIA
DA ACADEMIA DE RHODES
DA ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA CIVILISAÇÃO D'AFRICA, DE LISBOA
DO INSTITUTO AFRICANO DE PARIZ
DA SOCIEDADE PROMOTORA DA AGRICULTURA MICHAELENSE
ETC. ETC. ETC.

Lisboa — Typographia Franco-Portugueza — 1859.

ERRATAS.

A pag. 217 do Almanach de 1859 em logar de *Turaquê* leia-se *Puraquê*. Se o autor não fizesse um *P* como um *T*, já eu não passava pelo véxame de fazer mais esta errata.

As charadas de pag. 224 e 246 forão com o mesmo numero.
A rasão daquelle engano foi porque eu proprio não sabia então ás quantas andava, com a mais pertinaz das molestias. Bom será ir já emendar o numero da segunda.
Emendaram?—Bonitos meninos!...

Os artigos que de qualquer ponto do Brasil nos hajão de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao *Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro*, por quem, prompta e obsequiosamente, nos serão remettidos.

AGRADECIMENTO E SATISFAÇÃO.

A quantos, n'um e n'outro hemispherio, me honraram com artigos para o presente Almanach, tributo aqui os meus cordeaes e respeitosos agradecimentos. Foi tão grande porém o numero d'esses artigos, que me não foi possivel publical'os todos, e tiverão de ficar muitos para o Almanach immediato, do que peço venia: estou que facilmente me será concedida pelo motivo de não ser elastico este livrinho.

Almanach de 1861.

Em rasão de augmentar de anno para anno a tiragem do nosso Almanach, vemo-nos obrigados a começar ainda mais cedo a impressão do de 1861, para que possa chegar com a devida antecipação aos pontos remotissimos a que tem de ir. É de crer que no fim de Janeiro ou de Fevereiro de 1860 se ache concluido o Almanach de 1861. Sirva isto de prevenção a quem para elle deseje remetter-nos algum artigo. Venhão quanto antes, pois não só a demora, mas tambem a abundancia de artigos recebidos, se opporão depois, como este anno succedeu, a que sejão publicados os que cheguem mais tarde. A culpa não será minha.

Poesias.

Por Christo e por quantos santos ha na côrte do céu, não me matem com versos! N'isso já pouco se admitte hoje a mediocridade, e a maior parte das poesias que se me remettem está cem gráos abaixo do máu. O mais curioso é serem seus autores os primeiros a reconhecel'o, segundo affirmão, e a massarem-me de continuo, appellando para a minha indulgencia. Oh! senhores! eu sou indulgente; poucos o serão até mais do que eu; mas o publico é que o não é nada comigo, e me pede contas, e com rasão, pela publicação de poesias ensôssas, desenxábidas, e que por nada se recommendão. Antes uma pagina de boa prosa do que outra de versos detestaveis. É forte scisma! que todos se persuadão serem poétas!

Em boa prosa vai esta recommendação: surtirá o desejado effeito? duvido.

INDICE DOS INDICES

DO

ALMANACH DE LEMBRANÇAS

DESDE 1851 ATÉ 1860.

Será gratuitamente enviado a quantos o peção em carta sobrescriptada a

A. M. de Castilho,

Rua de S. José, n.º 87, 1.º andar.

COLLECÇÕES

DOS

ALMANACHS DE LEMBRANÇAS.

Frequentemente nos são pedidas pelo anno adiante collecções completas dos nossos Almanachs, ou volumes para as completar. São difficillimas essas remessas parciaes, a não ser no tempo proprio da distribuição do novo Almanach. Pedimos pois a quem não queira esperar por essa occasião, nos designe a quem, aqui em Lisboa, poderão ser entregues os volumes pedidos. Assim ficará dividido por muitos o trabalho que até aqui pesava sobre nós só.

SENHORAS

CUJOS NOMES HONRÃO E EMBELLEZÃO AS PAGINAS D'ESTE ALMANACH.

ILL.mas E EX.mas SR.as

CAVALHEIROS

CUJOS NOMES HONRÃO AS PAGINAS DO PRESENTE ALMANACH.

INDICE
DOS
Artigos comprehendidos n'este Almanach.

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P





S

T



CORRESPONDENCIA.

RELATIVA AO

ALMANACH.

E. A. F. *(Lisboa?)*—Adiante achará a sua *sereia humana.* —Quanto ás *unturas de Maria Lopes* e ao *Zé* e *Manel Fagundes*, vão bulir com uma classe inteira, e das mais respeitaveis, e o melhor é não ferirmos nunca alheios melindres. É tão bom viver em paz com todo o genero humano, e não crear inimigos só pelo gostinho de *fazer espirito!..*

Isto não é dizer que V. S. o não tenha, e muito, mas só lembrar-lhe respeitosamenie que o póde empregar com igual amenidade sem ferir pessoa alguma. Olhe que essas feridas não são das menos graves, nem das mais faceis de curar!...

ANONIMO FOSCOENSE.—No Almanach immediato será publicada a sua carta com algumas respeitosas observações em resposta. A esse adiamento me obriga o haver-me chegado tão tarde. Perdôe-me V. S., mas *quem não olha para diante atraz fica.*

PLANTA SAUDOSA *(Jamaica).*—Lembra-me V. S. que mande traduzir em inglez os meus Almanachs, e affiança-me que ahi se venderão uns 200—Não tomo nada.

ECHÉC ET MAT *(Porto).*—O final da sua charada está tão fresco, que poderia constipar alguem.

FIGOS E FIGAS *(Lousada).*—Esperemos pelas suas novas observações, que talvez sejão mais felizes.

J. S. S. (*Tinto, Certã*)—A charada é clara de mais, e o soneto tem uns poucos de versos errados, sem contar que o 3.° verso do 1.° quarteto não rima com o segundo.

Valha-me Deus! muito me custa a ser de continuo obrigado a fazer estas observações!.....

CROCODILO E JACARÉ (*Buenos Ayres*).—Perdôe-me V. S., mas não é tanto assim. De todas as charadas até hoje publicadas nos meus Almanachs, mais das tres quartas partes e meia erão ineditas. A sua hespanholada mostra que tem nas veias sangue hespanhol.

LUCIFER E COGUMELLO (*Santa Catharina*).—Se eu publicasse o seu artigo, era um momento em quanto o Papa me excommungava. Acha V. S. muito ortodoxa a tal doutrina? Nada de bulir com a religião, que é melindroso.

MÉRITO E GLORIA (*Macahé*).—E' meu irmão, sim senhor, e tenho n'isso muita honra. Oxalá que elle, com igual fundamento, podesse dizer o mesmo de mim! Que se lhe hade fazer? cada um é como Deus o fez.

M. J. V. (*Porto Alegre*)—E' provavel que não fosse levado a effeito esse modelo de architectura a que V. S. se refere, e que no Rio de Janeiro devia ser inaugurado a 2 de Dezembro passado. Digo que não é provavel como V. S. o descreve, pois n'uma cidade tão civilisada não é de crer que aquella arte se ache em tal atrazo.

AFRICANO NACIONAL.—Adiante achará V. S. dous dos seus artigos; o 3.° ficou para o Almanach de 1861, pois é preciso, quanto possivel, contentar a todos.

ANONYMO VIANNENSE.—A sua historia é muito parecida com a da carochinha. Como ninguem a acreditaria, vai para as mais profundas d'aquelle limbo que sabe.

CROCODILO E COUVE FLOR (*Braga*).—A mesma queixa me tem sido feita por metade dos leitores do Almanach de 1859, cujas folhas se lhes despegaram ao abril'o. A culpa não foi minha, pois não fui eu que o brochei, mas d'alguns infamesinhos que depois de se haverem compromettido a cozer todas as folhas, as pegaram com grude!!! foi um abuso de confiança que não tem nome. Ora, como é o mal dos nossos burricos que nos faz alveitar (estimo bem ter esta occasião para chamar *burricos* aos taes senhores), o que d'ahi se segue é que d'aqui em diante examinarei cada volume um por um, e desafio que por este lado torne o livro a offerecer razão de queixa. Estar a gente a esmerar-se para que elle saia por todos os lados digno do publico, e ir morrer na mais estupida operação, nas mãos d'aquelles verdugos! (Burricos e verdugos: ora apanhem!)

A. J. L. C. (*Leomil*)—Alto está, alto mora, todos o vêem, ninguem o adora—São da mesma laia as charadas de V. S. Ninguem esperaria pelo conceito para as adivinhar. Ponha-as mais alto e de modo que nem todos lhes cheguem, e n'esse caso, prompto.

PORTOGALLORUM (*Lisboa*).—Os seus artigos são lindissimos e em mui correcto e elegante francez; é isto porém o que me impede de os publicar, pois serião paginas perdidas para muitos dos leitores. Queira V. S. traduzir alguns, e depois os faremos correr mundo, como os Apostolos.

M. S. (*?*)—Chegaram tarde as suas poesias. Agradeço particularmente a que V. S. se dignou offerecer a minha filha, e cuja publicação me não permittiria em caso algum um sentimento de delicadeza que V. S. saberá por certo apreciar.

P. J. M. D. (*Rio de Janeiro*)—Não recebi a primeira carta a que V. S. se refere na sua de 8 de Dezembro, e por isso se me torna esta inintelligivel.

CAMÕES E TASSO (*Lagos*).—Valha-me Deus! em que conflictos me põe de contiñuo este pobre Almanach com as remessas de poesias! A sua quadra não me quadra, pois tem o 1.° verso quatro syllabas, o 2.° outo, o 3.° dôze, e o 4.° vinte e duas. Lembra-me outra feita por um criado poéta, em casa de meus pais, a uma prima a quem arrastava a aza, ou antes as azas, com as quaes se elevava ao Parnaso todas as vezes que á carinhosa bella (tinha 60 annos) dirigia o resultado de suas inspirações: dizia-lhe assim na referida quadra, prima tambem da de V. S.

Se eu heide passal' um dia
Sem gozal' a tua amizidade,
Acabe-se o meu tormento,
Pois então a morte n'estes casos tão longe está de ser mal que antes é uma grande felicidade.

É o mais que podia inspirar uma nympha de 60 annos.

J. A. G. T. (*Lamego*)—Tem sido tanta vez commemorado n'este livro o dia do finados, que fôra já pleonasmo o publicar mais artigos sobre o mesmo objecto, que nem por isso é lá dos mais divertidos. Quem todos os annos se encarrega de um estrondoso e estirado artigo sobre essa materia são os sineiros, que pranteando os mortos, matão os vivos.

G. OBSCURO (*Agueda*).—O seu artigo offenderia o brio e melindre das duas pessoas a quem se refere, e tomara eu poder amenisar todos os momentos da vida aos meus leitores, em vez de lh'os encher de amargura. Se os taes senhores são parvos, o peór é para elles, coitadinhos! Deixe-os ir vivendo assim, o que os não impedirá de engordar. Se fossemos a chamar tolos a todos que o são, estavamos arranjados!...

S. F. (*Braga*)—Mil vezes obrigado, mas o cumprimento do seu desejo seria a morte do meu Almanach. Deixemos viver o pobre innocente!..

R. F. F. (*Lisbôa*)—O artigo *Typographia amorósa*, que V. S. teve a bondade de me remetter, não deixa de ser chistoso, por se verem n'elle reproduzidos todos os termos technicos typographicos; note V. S. porém que em mil leitores apenas um (se tanto) conheceria esses termos, ficando por conseguinte o artigo inintelligivel para os outros 999. E' o systema das maiorias que em tudo deve predominar, e por isso me parece dever ser excluido d'este livro o que antecipadamente se sabe que só por meia duzia de pessoas será percebido. Não lhe parece?

Os typographos que namorem um pouco menos technicamente, quando não, ficão as bellas em jejum. Ha cousas em que o melhor é *pão pão queijo queijo*.

S. A. P. L. (*Lisbôa*)—Recebi a carta com que V. S. me honrou, incluindo um autographo do nosso São Luiz: acho que se não recommenda esse papel senão pela circumstancia de haver sido escripto por um distincto portuguez: o assumpto a que se refere é por tal modo insignificante, que me parece não insistirá V. S. pela sua publicação. Aqui fica pois ás suas ordens, e se logo lh'o não devolvi, foi por ignorar a sua morada—Quanto á charada a Oeiras, é das taes que se cação no ar, e por isso cá vai para o limbo.

PIRATENINGA E GERYBATIVA (*S. Paulo, Brasil*).—Beijo as mãos a V. S. pela sua attenciosa e mui eloquente carta, bem como pelo artigo a que se refere; infelizmente porém omittio V. S. incluil'o na dita carta, ou se evaporou com os calores da linha.

A. L. B. (*?*)—A descripção da sua bella está muito ao vivo, e por isso a não publico: respeitemos a modestia da menina.

Eu chorarei, darei ais,
Se não lograr tal petisco.

Petisco será elle, lhe responderia talvez a bella.

ANONYMO TRANSCUDANO.—Muito me lisonjeia que a unica observação que V. S. tivesse a fazer-me sobre o meu Almanach de 1859 fosse um erro de imprensa, um *L* em logar d'um *P*, a pag. 40, a respeito do que, V. S. diz haver eu transformado um *Peão* n'um *Leão*. Sirvão pois estas linhas de errata, e fique-se sabendo que a charada a pag. 220 do Almanach de 1858 é *Peão* e não *Leão*. Agora quanto á ironia com que V. S. me escreveu a tal respeito, venha cá e ouça.

O jornal mais nitido e mais correcto que em Pariz se publica é a *Revista dos Dous Mundos*. Aqui ha annos, depois de vistas cinco ou seis provas d'um numero, e de bem persuadidos todos os revisores de que não escapara um unico erro, annunciou-se que se dava um premio de 20 francos a quem por ventura achasse um só; pois, meu rico senhor, houve quem achasse um, logo na 1.ª pag., e no titulo, composto em typo muito maior! Venha V. S. para cá, e verá se é possivel que um livro saia sem um unico erro typographico, por mais provas que se hajão visto.

A *Revista Universal* tinha em 1841 não sei quantos revisores, e apesar d'isso, lá foi uma vez transformado o nosso distincto pintor *Mauricio José Sendim* em *Mauricio José Sendeiro*. Se gosta de historias d'estas, posso-lhe contar 259.

Quanto aos *enigmas pittorescos* a pag. 309 do Almanach de 1858, não se publicou no de 1859 a sua traducção, porque erão facillimos. Aqui porém é que V. S. tinha um optimo ensejo para me cascar, e perdeu-o. Alli não ha pintura alguma, e por isso não quadra aquelle titulo aos ditos enigmas. Veja o que é a boa fé!

As suas observações, se bem que ironicas, são feitas cavalheiramente, e por isso as agradeço.

Ora se V. S, que tão correcta e delicadamente escreve, tivesse antes empregado o seu tempo em me enviar um artigo de sua lavra, não lucraria mais com isso o publico?

EUROPEU NA AFRICA (*São Thomé*).—Um preto que toca flauta com o nariz!!! Não me atrevo a publicar isso.

LAMPREIA E BIRRA (*Porto*).—Diz V. S. que apostou uma lampreia d'ovos com um individuo d'essa cidade que embirrou em que eu e meus irmãos eramos todos de Coimbra, e pede-me para o esclarecer a tal respeito, habilitando-o para tomar uma barrigada com aquelle pratinho de mimo. Pois senhor! ganhou V. S. a aposta. Tanto eu como meus irmãos sômos de Lisboa, baptisados todos (olhe que somos todos baptisados) na fréguezia de N. Senhora da Encarnação, a mais central; somos pois alfacinhas da gemma: um de nós é que embirra com fazer papel de grillo, e nunca em sua vida comeu alface (*sou eu*)—Quanto a dizer V. S. que o habilite para tomar uma barrigada de lampreia, peço-lhe que não faça tal, pois são perigosas as indigestões: o verdadeiro será mandar-me metade do bicho.

Senhor *Feijão Carrapato,*
Da *Ilha de S. Thomé,*
De conselhos como o seu
Libra nós e dominé.

TORMENTA E GLORIA (*Cabo da Boa Esperança*).—Diz V. S. que tambem lá chegou o meu Almanach, e que se não caminhou ainda mais para o sul, é porque não tinha para onde. Assim é bom. Deixe andar o menino. Quanto ao seu alvitre de publicar dous volumes por anno, ou um só de dobrada dimensão, não me atrevo a dar esse golpe de estado. É fraquinho o estomago da maior parte dos leitores, e nada de lh'o carregar com muito alimento.

ADMIRAÇÃO E RESPEITO (*Sernache do Bom Jardim*).—Chegou-me o seu artigo quando já este Almanach se achava a trasbordar, e eu até me via obrigado a sahir para a rua afim de dar logar aos meus hospedes. Fica pois para o anno.

PORTUGAL E BRASIL (*Alter do Chão*).—Enganou-se: nem é, nem podia ser.

J. N. P. (?)—A sua *Despedida do marinheiro* precisa gra demente alterada na medida dos versos. Sinto não ter consciencia de que sejão merecidos os elogios com que V me honra, e que só posso attribuir á sua extrema delicade

CASTILHO E MOURO (*Cêa*).—E' V. S. já a centesima pe soa que me pergunta se aquelle beduino que vem na ca do meu Almanach de 1859, e por baixo do qual se acha meu nome e a minha morada, é por ventura o meu retrat Ahi vai a resposta a V. S., e à todos os authores de igu pergunta:

Perguntais-me, certamente
Sem querer fazer-me ataque,
Se me retratei na capa
Do precedente Almanaque.

Desadorei co' a pergunta;
E por mais que olhe a tal capa,
Vejo n'ella a minha effigie
Como veria a do Papa.

Eu trago chapéu redondo,
E o meu figurão, turbante;
Elle umas barbas de bode,
Eu descoberto o semblante.

Veste alburnoz, e eu casaca;
Sou alegre, é carrancudo;
Eu não sou feio, elle é feio;
Eu falo muito, elle é mudo.

Tem cara de amigos poucos,
E eu conto os meus aos milhares;
Dou por prova o proprio livro:
Vinte e dous mil exemplares!

Elle está de espada em punho,
Que parece um Ferrabraz;
Eu sou todo paz por fora,
E todo por dentro paz.

Era capaz co' o meu genio,
Sem outro nenhum quebrante
De apaisanar um Saldanha,
E fazer de Marte um santo.

Finalmente, aquelle bruto
É mouro, e eu christão de casta
Elle terá dez mulheres,
Eu tenho uma só, e basta.

Eu leio na minha biblia,
Elle no seu alcorão;
Eu chamo-lhe *perro* a elle,
Elle a mim chamar-me-ha *cão*

Só dous pontos nos semelhão,
Mas n'esses não ha desdouro
Ambos bebemos só agua,
E eu trabalho como um mouro

Pois se não é meu retrato,
Direis vós, e direis bem:
—«Que representa no livro?
«Com que intuito alli vem?»—

As lembranças do Almanaque,
Meu caro amigo leitor,
Em geral são todas minhas,
Mas esta foi do impressor.

Se teve intenção na idéa,
Seria (isto é conjectura)
A modo de cão de guarda
Pôr a intrepida figura.

E talvez fosse um lembrete
A assignantes de tolina,
Como quem diz: «*Se não pagão,*
«*Vai o mouro que os ensina.*»

BORBOLETA E MANGERICÃO (*Haiti*).—E que tem este livro com a politica, e ainda mais com a politica da America, e ainda mais com a politica do pai Soulouque? os golpes de estado têem isso comsigo; ou levão um homem ao galarim, como a Luiz Napoleão, ou o atirão ao lameiro, como ao seu Imperador negro. Mas, por outro lado, é lameiro aquillo em que se revolve um homem, branco, preto, mulato, preto branco, seja emfim como fôr, e que fica nadando no meio de cem milhões, como acontece a Soulouque? que importa que perdesse a sua côrte? com cem milhões, por toda a parte se arranja outra, e uma infinidade de cortezãos, que se vendem baratinho.

ESTREIA E GRAÇA (*Ponte Delgada*).—A sua *Madrugada* (1.ª composição poética de V. S., segundo diz) annuncia um bello dia e um brilhante pôr do sol; infelizmente porém estão côxos alguns de seus versos: lembrei-me de os levar ao Sr. José Lourenço da Luz ou Magalhães Coutinho, que endireitão tortos e aleijados, mas podião-lhes morrer nas mãos, apesar da sua pericia, e eu não quero responsabilidades. V. S. não é cirurgião?—Olhe que isto não é critica á sua poesia, que é excellente no fundo, e só pecca por aquelle lado. Então que quer? todos nós peccamos por algum.

A. L. B. (*Vizeu*)—A historia é chistosa, mas eu é que a não sei contar sem ferir castos ouvidos.

V. R. S. (*Coimbra*)—Com quanto esteja redigido o seu *fragmento de um livro inédito* em bellissimo estylo, permitta V. S. que lhe diga estar por extremo diffusa a narração do facto a que se refere, e tirar-lhe isso grande parte de seu incontestavel mérito. Não occuparia menos de tres paginas do meu livrinho, e eu nem sequer disponho de uma, termo médio, para cada dia do anno. E' cousa de que se esquecem muitos dos que me honrão com a remessa dos seus artigos. Manda outro mais curto?—São os que ás vezes levão mais tempo.

DEUS E VIRTUDE (*Lisbôa*).—Eu cá por mim sou indulgente, meu querido senhor; os outros é que o não são comigo quando vêem que publico poesias mediocres. E' o que me impede condescendencias que redundão em prejuiso de terceiro, e que são terriveis precedentes para novas exigencias.

OLINDA E FLOR DE LOANDA (*Angola*).—Tristissimo conceito faz V. S. de mim se se persuadio um só momento de que eu o ajudaria a pôr no pelourinho o denunciante d'ahi a quem se refere. O artigo sobre Angola está no mesmo caso. Safa! que má lingua que V. S. tem!

VERDADE E FIRMEZA (*Felgar*).—Adiante vai a sua carta; se é continuação da mesma mystificação do anno passado, lavo d'ahi as minhas mãos; sua alma sua palma.

ROBALLO E PADRE SANTO (*Lisbôa*).—Dá-me V. S. uma rabecada por não ter achado n'um só livreiro de Lisboa, em Fevereiro de 1859, o meu Almanach d'esse anno. Ora esta! A culpa não foi minha, mas dos que lá o forão comprar com mais antecendencia do que V. S. *Moralidade:* Quem deixa para Fevereiro o que podia ter feito em Agosto, hade passar muita vez por cousas d'estas. Trate V. S. lá isto em verso, e não me torne a pôr o Padre Santo ao pé d'um *Roballo*, apesar de que talvez já se tenhão achado muita vez eu presença um do outro.

LUZ E SOMBRA (*Recife*).—Oh! meu rico senhor! Pois eu disse nada d'isso de que V. S. me arguio?! Disse é verdade, que a poesia brasileira era mais livre que a portugueza, e que por serem liberrimas duas das estrophes da composição que V. S. se dignou remetter-me, a não podia publicar, sem comtudo negar o seu mérito. Aposto eu que se V. S. tem filhas, de certo lhes não mostra as taes estrophes. E se mostrasse, e ellas lhe pedissem mais explicações, dava-lh'as?

Onde disse eu que *me arripiara* a sua ortographia? Santo Deus da minha alma! o que me faz arripiar é criminarem-me sem motivo.

Adiante achará a sua *Lua Brasileira*, que a final de contas não achei mais bonita do que a portugueza quando ahi estive: talvez mudasse de então para cá. Veja se me manda uma amostra, que é para comparar.

ECHO E NARCISO. (?) — Adiante achará V. S. quanto se dignou enviar-me, á excepção d'uma charada em que V. S. de seu motu proprio, e sem saber se os piemontezes estarião por isso, adjudicou a Saboia á França. E' bellissimo quanto sahe de sua penna, apesar de V. S. lhe chamar *cascas d'alhos*, o que prova que se não acha V. S. namorado de si proprio como o tal *Narciso* a quem allude: o publico é que fará de *Echo* para com V. S.

F. A. F. G. F. (*Guimarães*)—Erão já tantas (e até mais do que eu quizera) as poesias destinadas para este Almanach ao receber as de V. S., que julguei não dever augmentar ainda mais o numero d'ellas. O seu *beijo* está, por outro lado, tão ardente, e tão decotada essa sua poesia, que me não atreveria a publical'a. Eu não gosto muito do vestido afogado até acima; acho porém que manda a decencia e o pudor que elle deixe alguma cousa a adivinhar.



CHARADAS E ENIGMAS

DO

ALMANACH DE 1859.



TABELLA DOS INCENDIOS.

TORRES	BADALADAS	POSTOS DE GUARDA
Beato Antonio	11	— —
S. Vicente	12	Escholas Geraes.
Graça	13	Calçada do Monte.
Sé	14	Loyos.
Conceição Nova	15	Carmo.
S. Nicoláu	16	Praça da Figueira.
Soccorro	17	Mouraria.
S. José	18	Santa Martha.
Pena	19	Freiras da Encarnação.
Bemposta	20	Cabeço de Bola.
S. Sebastião da Pedreira	21	Largo de S. Sebastião.
Monserrate	22	Arco das Amoreiras.
Santa Isabel	23	Junto á Igreja.
Convento Novo	24	R. de Buenos-Ayres.
Necessidades	25	Livramento.
S. Francisco de Paula	26	Pampulha.
Santos o Velho	27	Inglezinhas.
Paulistas	28	Na mesma Igreja.
Chagas	29	Rua das Flores.
S. Roque	30	Travessa da Queimada.
N. Senhora dos Martyres	31	Administração Geral.
S. Paulo	32	Ribeira Nova.
....	33	....
Belem	34	Junto á Igreja.

ECLIPSES DO SOL E LUA.

22 e 23 de Jan. Eclipse parcial do sol, invisivel.

7 de Fevereiro. » » da lua, visivel.

Principio	0 h.	25′, 9	Tempo medio
Meio	1	52′, 1	
Fim	3	18′, 4	

Grandeza do eclipse 9,7 digitos.

18 de Julho. Eclipse parcial do sol, visivel.

Principio	1 h.	6′, 9	Tempo medio
Fim	3	34′, 9	

Grandeza do eclipse 10 digitos.

1 de Agosto. Eclipse parcial da lua, invisivel.



Marés.

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1.° dia da lua nova. Procurando essa idade na tabella seguinte, ter-se-hão as horas de prêamar e baixamar em um dia qualquer. Supponhamos que se desejão saber os prêamares e baixamares de 31 de agosto; procurando este dia na folhinha acharemos que é o 4.° dia da lua, e procurando na 1.ª columna da tabella o n.° 4, acharemos na mesma linha horisontal o que desejamos.

Quando na tabella das primeiras marés se notão marés da tarde, as marés da manhã d'esse dia são as segundas do dia antecedente, como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29.

[illegible]BOA DOS PRÊAMARES E BAIXAMARES NO TEJO.

[illegible]DADE [illegible]A LUA	1.º PRÊAMAR h. m.	1.º BAIXAMAR h. m.	2.º PRÊAMAR h. m.	2.º BAIXAMAR h. m.
1	3 18 t.	9 30 t.	3 42 m.	9 54 m.
2	4 6 t.	10 18 t.	4 30 m.	10 42 m.
3	4 54 t.	11 6 t.	5 18 m.	11 30 m.
4	5 42 t.	11 54 t.	6 6 m.	0 18 t.
5	6 30 t.	0 42 m.	6 54 m.	1 6 t.
6	7 18 t.	1 30 m.	7 42 m.	1 54 t.
7	8 6 t.	2 18 m.	8 30 m.	2 42 t.
8	8 54 t.	3 6 m.	9 18 m.	3 30 t.
9	9 42 t.	3 54 m.	10 6 m.	4 18 t.
10	10 30 t.	4 42 m.	10 54 m.	5 6 t.
11	11 18 t.	5 30 m.	11 42 m.	5 54 t.
12	0 6 m.	6 18 m.	0 30 t.	6 42 t.
13	0 54 m.	7 6 m.	1 18 t.	7 30 t.
14	1 42 m.	7 54 m.	2 6 t.	8 18 t.
15	2 30 m.	8 42 m.	2 54 t.	9 6 t.
16	3 18 m.	9 30 m.	3 42 t.	9 54 t.
17	4 6 m.	10 18 m.	4 30 t.	10 42 t.
18	4 54 m.	11 6 m.	5 18 t.	11 30 t.
19	5 42 m.	11 54 m.	6 6 t.	0 18 m.
20	6 30 m.	0 42 t.	6 54 t.	1 6 m.
21	7 18 m.	1 30 t.	7 42 t.	1 54 m.
22	8 6 m.	2 18 t.	8 30 t.	2 42 m.
23	8 54 m.	3 6 t.	9 18 t.	3 30 m.
24	9 42 m.	3 54 t.	10 6 t.	4 18 m.
25	10 30 m.	4 42 t.	10 54 t.	5 6 m.
26	11 18 m.	5 30 t.	11 42 t.	5 54 m.
27	0 6 t.	6 18 t.	0 30 m.	6 42 m.
28	0 54 t.	7 6 t.	1 18 m.	7 30 m.
29	1 42 t.	7 54 t.	2 6 m.	8 18 m.
30	2 30 t.	8 42 t.	2 54 m.	9 6 m.

NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL EM 1860

MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO	MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO
Janeiro	1	7 h. 20′.	4 h. 47′.	Julho	1	3 h. 40′.	7 h. 27′
	9	21	54		9	45	25
	17	18	5. 2		17	50	21
	25	14	11		25	57	15
Fevereiro	1	8	19	Agosto	1	5. 3	9
	9	0	28		9	10	1
	17	6. 51	38		17	17	50
	25	41	46		25	24	39
Março	1	34	51	Setembro	1	31	29
	9	22	59		9	38	16
	17	9	6. 8		17	45	4
	25	5. 57	15		25	52	5. 51
Abril	1	46	22	Outubro	1	57	40
	9	33	30		9	6. 5	29
	17	22	37		17	13	17
	25	11	45		25	22	7
Maio	1	4	50	Novembro	1	29	4. 58
	9	4. 55	58		9	38	50
	17	48	7. 5		17	47	44
	25	41	12		25	56	39
Junho	1	38	17	Dezembro	1	7. 2	37
	9	36	22		9	9	37
	17	36	25		17	15	39
	25	37	27		25	19	43

COMPUTO ECCLESIASTICO.

Aureo numero	18
Cyclo solar	21
Indicção Romana	3
Epacta	VII
Letra Dominical	A G

TEMPORAS.

Fevereiro	29	Junho	1, 2
Março	2, 3	Setembro	19, 21, 22
Maio	30	Dezembro	19, 21, 22

FESTAS MOVEIS.

Septuagesima	5 de Fevereiro.	Pentecostes	27 de Maio.
Cinza	22 de Fevereiro.	Trindade	3 de Junho.
Paschoa	8 de Abril.	Corpo de Deus	7 de Junho.
Ladainhas	14, 15, 16 de Maio.	Coração de Jesus	15 de Junho.
Ascensão	17 de Maio.	Advento	2 de Dezemb.

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO.

Primavera	Começa a 20 de Março.
Verão	» a 21 de Junho.
Outono	» a 22 de Setembro.
Inverno	» a 21 de Dezembro.

BENÇÕES.

Prohibem-se desde Quarta feira de Cinza até ao 1.° Domingo depois do de Paschoa, e desde o 1.° Domingo do Advento até ao Dia de Reis.

SIGNO DE  **AQUARIO.**

1 DE JANEIRO. *Domingo.* CIRCUMCISÃO DO SENHOR. *Festa* ... *Graça. Ind. Plen. em Santo Amaro no 1.° domingo* ... *cada mez. Grande Gala. Cortejo.*

2 *Segunda.* S. Izidoro, B. M.

3 *Terça.* S. Antero, P. M. S. Aprigio, S. Genoveva. V.

4 *Quarta.* S. Gregorio, B. S. Tito. *Ind. na Madre de Deus na 1.ª quarta feira de cada mez.*

5 *Quinta.* S. Simeão Estelita. S. Apolinaria, V. *Ind. no Loreto, e no Conv. do Desaggravo em todas as quintas feiras do anno, e como a da Porciuncula na Igreja das Religiosas do Sacramento na 1.ª quinta feira de cada mez. Vesperas de instrumental na Sé e ao escurecer começão as matinas, tambem de instrumental.*

6 *Sexta.* ✠ DIA DE REIS. *Benção no Menino Deus. Grande festa na Sé, a que assistem SS. MM. Princ. as 13 sextas feiras de S. Francisco de Paula. Com. a Nov. de N. Senhora da Divina Providencia.*

7 *Sabbado.* S. Theodoro. *Abrem-se os tribunaes e permittem-se os casamentos solemnes.*

8 ☺ *Domingo (1.° depois de Reis).* NOSSA SENHORA DE JESUS. S. Lourenço Justiniano. *Fésta em Jesus. Ind. em S. Domingos para os Irmãos dos Passos no 2.° domingo de cada mez. L. cheia ás 2 h. e 46 m. da tarde.*

9 *Segunda.* S. Julião, M. *Festa na sua Fréguezia.*

10 *Terça.* S. Paulo, 1.° Eremita. S. Gonçalo de Amarante.

1 DE JANEIRO. *Quarta*. S. Hygino, P. M. S. Honorata, V.
12 *Quinta*. S. Satyro, M.
13 *Sexta*. S. Hilario, B.
14 *Sabbado*. S. Felix de Nole, M. O B. Bernardino de Corleone.
15 ☾ *Domingo (2.ª depois de Reis)*. SS. NOME DE JESUS. N. Senhora da Divina Providencia. S. Amaro, Ab. *Festa em S. Amaro, Conceição Velha e Conv. do Desaggravo. Q. ming. ás 6 h. e 21 m. da manhã.*
16 *Segunda*. Os Santos Martyres de Marrocos. S. Marcello, P. *Começão os dias de S. Engracia na Sé de Lisboa.*
17 *Terça*. S. Antão, Ab.
18 *Quarta*. A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca.
19 *Quinta*. S. Canuto, M.
20 *Sexta*. S. Sebastião, M. *Festa de instrumental em S. Sebastião da Pedreira, onde foi abolido o dia santo de guarda.*
21 *Sabbado (Jejum no Patriarchado)*. S. Ignez, V. M.
22 ● *Domingo (3.ª depois de Reis)*. S. Vicente, M. S. Anastacio, M. *Festa em S. Vicente de Fóra. Festeja-se S. Sebastião na sua Igreja. L. nova ás 11 h. e 40 m. da t.*
23 *Segunda*. Os Desposorios de Nossa Senhora com S. José. S. Raymundo de Penafort. S. Ildefonso.
24 *Terça*. N. S.ª da Paz. S. Timotheo, B. M. O B. Marcolino, D.
25 *Quarta*. Conversão de S. Paulo. *Festa e Lausp. na sua Fréguezia, onde foi abolido o dia santo de guarda.*
26 *Quinta*. S. Polycarpo, B. M. S. Paula. *Festa a S. Sebastião na Fréguezia de S. Paulo.*
27 *Sexta*. S. João Chrysostomo. *Festa a N. Senhora da Piedade em S. Paulo.*
28 *Sabbado*. S. Cyrillo, B. A B. Veronica, A. Traslad. de S. Thomaz d'Aquino. *Com. a Nov. das Chagas de Christo.*
29 *Domingo (4.ª depois de Reis)*. S. Francisco de Salles, B. *Festa e Lausp. nas Sallesias a S. Francisco de Salles.*
30 *Segunda*. S. Martinha, V. S. Jacintha.
31 ☽ *Terça*. S. Pedro Nolasco, S. Cyro, M. A B. Luiza Albertoni, F. *Q. cresc. ás 4 h. e 34 m. da manhã.*

SIGNO DE  PISCIS.

1 DE FEVEREIRO. *Quarta (Jejum, excepto nos Bispados d'Elvas e Vizeu).* S. Ignacio, B. M. S. Brigida.

2 *Quinta.* ✠ PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA. *Festa nos Terc. do Carmo e na Sé.*

3 *Sexta.* S. Braz, B. M. O B. Odorico, F. *Festa a S. Braz na Conceição Velha, em S. Luzia e nos Martyres.*

4 *Sabbado.* S. André Corsino, B. S. José de Leonisa.

5 *Domingo da Septuagesima.* S. Agueda, V. M. Os MM. do Japão, S. Pedro Baptista e seus CC. *Matinas nas Chagas á festa do Orago. Com. os Dom. da Madre de Deus.*

6 *Segunda.* As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. M. *Festa e Lausp. nas Chagas e Te Deum de tarde.*

7 ⊕ *Terça.* S. Romualdo, Ab. S. Ricardo. *Festa a S. Urbano Martyr nas Chagas. L. ch. á 1 h. e 58 m. da m.*

8 *Quarta.* S. João da Matta.

9 *Quinta.* S. Apolonia, V. M. *Festa e Lausp. nas Monicas.*

10 *Sexta.* S. Escholastica, V. S. Guilherme.

11 *Sabbado.* S. Lazaro, B. Os 7 Fundadores dos Servitas.

12 *Domingo da Sexagesima.* S. Eulalia, V. M.

13 ☾ *Segunda.* S. Gregorio II, P. S. Catharina de Ricci, V. D. A B. Viridiana, V. F. *Q. ming. ás 6 h. e 13 m. da tarde.*

14 *Terça.* S. Valentim, M. *Vesperas da Trasladação de Santo Antonio na sua Igreja.*

15 *Quarta.* Trasladação de S. Antonio. Os SS. Faustino e Jovita, MM. *Festa em Santo Antonio da Sé.*

16 DE FEVEREIRO. *Quinta*. S. Porphyrio, M.
17 *Sexta*. S. Faustino, M. O B. Nicoláu de Longobardia. *Faz 15 annos a Ser. Sr.ª Infanta D. Antonia. Simples gala.*
18 *Sabbado*. S. Theotonio. S. Simeão, B. M. *Foi abolido o dia santo de guarda nas cidades de Vizeu e Pinhel.*
19 *Domingo da Quinquagesima*. S. Conrado, F. O B. Alvaro de Cordova. *Ind. das 40 horas na Sé por occasião da Exp. do SS. Sacr. até á terça feira depois de Completas.*
20 *Segunda*. S. Eleutherio, B. M.
21 ● *Terça*. S. Maximiano, B. M. S. Angela de Miricia, V. F. *L. nova ás 7 h. e 2 m. da tarde.*
22 *Quarta feira de Cinza (Jejum até á Paschoa excepto aos Domingos)*. S. Margarida de Cortona. A Cadeira de S. Pedro em Antiochia. *Prohibem-se as benções matrimoniaes até ao 1.º dom. depois de Paschoa e os espectaculos publicos n'este dia e em todas as sextas feiras da quaresma.*
23 *Quinta*. S. Pedro Damião.
24 *Sexta (Jejum)*. S. Pretextato, B. S. Sergio, M.
25 *Sabbado*. S. Mathias. *Foi abolido o dia santo dispensado.*
26 *Domingo (1.º da Quaresma)*. S. Cesareo.
27 *Segunda*. S. Torcato, M. Arc. de Braga.
28 *Terça*. S. Leandro. A B. Eustachia, V. F.
29 ☽ *Quarta (Temporas)*. S. Romão, Ab. O B. Thomaz de Cora. *Q. cresc. ás 7 h. e 18 m. da tarde.*

SIGNO DE  ARIES.

1 DE MARÇO. *Quinta*. S. Adrião, M. S. Rozendo, Port.

[illegible] P. Proc. d[illegible]

[illegible] de Brito. [illegible]

[illegible] S. Lucio. P. [illegible]

[illegible] Cruz. F.

[illegible] e Felicidade

[illegible]

[illegible] de Bolonha.

[illegible] D. Pedro [illegible]

[illegible] Proc. dos P[illegible]

[illegible] S. A[illegible]

[illegible]

[illegible] S. Matilde. Rai-

[illegible] Brasil. D. The-

[illegible]

[illegible] em Belem e no Bel-

[illegible] Proç. Gala.

[illegible] S. Fernandes, V.

[illegible] Archanjo. S. Mar-

[illegible] Festa e Comm. na [illegible]

[illegible] guarda. F

[illegible] em Belem e no [illegible]

[illegible] D. Ma-

[illegible] D. Miguel de Bragança

[illegible] de Braga. O B. João

[illegible]

[illegible] da Encarnação.

[illegible] de Sena.

22 DE MARÇO. ● *Quinta.* S. Benvenuto, B. S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio de Sena. L. n. á 5 h. e 20 m. da t.
23 *Sexta.* S. Felix e seus C. *Princ. o Septenario das Dores.*
24 *Sabbado.* Instituição do SS. Sacramento. S. Simão, M. *Ind. como a da Porciuncula em todas as Igrejas* ... *tiver o SS. Sacramento ou que fizerem a sua* ...
25 *Domingo da Paixão.* Annunciação de N. Senhora. *Benção do Menino Deus. Proc. dos Passos na Luz e Santo Antão do Tojal. São prohibidos os espectaculos publicos desde hoje até Domingo de Paschoa inclusive.*
26 *Segunda.* S. Ludgero, B. S. Braulio, B.
27 *Terça.* S. Ruberto, B.
28 *Quarta.* S. Alexandre, M.
29 *Quinta.* S. Victorino e seus Comp., MM.
30 ☽ *Sexta.* AS SETE DORES DE N. SENHORA. S. João Climaco. A B. Angela de Fulgino. *Festa e Lausp.* na Ermida das *Dores* e nas Igrejas onde houve septenario. *Festa de instrumental em* ... *Festa em Santa Joanna. Q. cresc* ... m. ...
31 *Sabbado.* S. Balbina, V. S ...

SIGNO DE ...

1 DE ABRIL ...
rina de S ...
na Madre ...
2 *Segunda.* S. Fra ...
as ferias.

2 DE MARÇO. *Sexta (Temporas)*. S. Simplicio, P. *Proc. dos Passos.*
3 *Sabbado (Temporas)*. S. Hemeterio, S. João de Brito.
4 *Domingo (2.ª da Quaresma)*. S. Casimiro. S. Lucio. P. M. *Proc. em Sacavém.*
5 *Segunda*. S. Theophilo. O B. João José da Cruz, F.
6 *Terça*. S. Ollegario, B. S. Colleta, V.
7 ⊕ *Quarta*. S. Thomaz d'Aquino. SS. Perpetua e Felicidade, MM. *L. cheia aos 7 m. da tarde.*
8 *Quinta*. S. João de Deus.
9 *Sexta*. S. Francisca Romana. S. Catharina de Bolonha.
10 *Sabbado*. S. Militão e seus 39 Comp. MM. O B. Pedro de Jeremias, D. *Começa a Nov. de S. José.*
11 *Domingo (3.ª da Quaresma)*. S. Candido, M. *Proc. dos Passos, em Oeiras, Alverca e Arruda. Faz* 38 *annos S. A. a Ser. Sr.ª D. Januaria Maria.*
12 *Segunda*. S. Gregorio, P. e Dr. da Igreja.
13 *Terça*. A B. Sancha. V., Inf. S. Rodrigo M.
14 ☾ *Quarta*. Trasladação de S. Boaventura. S. Mathilde, Rainha. *Faz* 38 *annos S. M. a Imperatriz do Brasil, D. Thereza. Q. ming. ás* 8 *h. e* 31 *m. da manhã.*
15 *Quinta*. S. Longuinhos, Soldado, M.
16 *Sexta*. S. Cyriaco, M. *Proc. dos Passos em Belem e no Desterro. Faz* 18 *annos o Ser. Sr. Inf. D. João. Peq. Gala.*
17 *Sabbado*. S. Patricio, Ap. da Irlanda. S. Gertrudes, V.
18 *Domingo (4.ª da Quaresma)*. S. Gabriel, Archanjo. S. Narciso, Arc.
19 *Segunda*. S. José, Esposo de N. S.ª *Festa e Lausp. na sua Frég., onde foi abolido o dia santo de guarda. Festa na Igreja do Hospital de S. José, em Belem, e no Mosteiro da Encarnação. Faz* 3 *annos a Ser. Sr.ª D. Maria José Beatriz,* 3.ª *filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
20 *Terça*. S. Martinho Dumiense, Arceb. de Braga. O B. João de Parma, F. *Principia a Primavera.*
21 *Quarta*. S. Bento, Ab. *Festa no Most. da Encarnação. Com. a Nov. de S. Catharina de Sena.*

22 DE MARÇO. ● *Quinta.* S. Benvenuto, B. S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio de Sena. *L. n. á 1 h. e 29 m. da t.*

23 *Sexta.* S. Felix e seus C. *Princ. o Septenario das Dores.*

24 *Sabbado.* Instituição do SS. Sacramento. S. Marcos, M. *Ind. como a da Porciuncula em todas as Igrejas em que estiver o SS. Sacramento ou que tiverem a sua invocação.*

25 *Domingo da Paixão.* ANNUNCIAÇÃO DE N. SENHORA. *Benção no Menino Deus. Proc. dos Passos na Luz e Santo Antão do Tojal. São prohibidos os espectaculos publicos desde hoje até Domingo de Paschoa inclusive.*

26 *Segunda.* S. Ludgero, B. S. Braulio, B.

27 *Terça.* S. Roberto, B.

28 *Quarta.* S. Alexandre, M.

29 *Quinta.* S. Victorino e seus Comp., MM.

30 ☽ *Sexta.* AS SETE DORES DE N. SENHORA. S. João Climaco. A B. Angela de Fulgino. *Festa e Lausp. na Ermida das Dores e nas Igrejas onde houve septenario. Festa de instrumental em Santo Antonio da Sé. Festa em Santa Joanna. Q. cresc. ás 6 h. e 6 m. da m.*

31 *Sabbado.* S. Balbina, V. S. Benjamim, Diácono, M.

SIGNO DE  TAURUS.

1 DE ABRIL. *Domingo de Ramos.* As Chagas de S. Catharina de Sena. S. Macario. *Festa na Sé. Procissão de tarde na Madre de Deus, Campo Grande, Loures e Almada.*

2 *Segunda.* S. Francisco de Paula. S. Maria Egypciaca. *Princ. as férias.*

3 DE ABRIL. *Terça.* S. Ricardo, B. S. Benedicto, F. *Faz 36 annos a Ser. Senhora D. Adelaide Sophia, Esposa do Sr. D. Miguel de Bragança.*
4 *Quarta feira de Trevas.* S. Izidoro, Arceb. de Sevilha, S. Sozimo. *Officio nos Martyres, S. Roque, Sé, etc.*
5 ⊕ *Quinta feira de Endoenças (✠ desde o meio dia até ao meio dia seguinte).* S. Vicente Ferrer. *Festa de instrumental na Sé. L. cheia ás 9 h. e 24 m. da tarde.*
6 *Sexta feira de Paixão (✠ até ao meio dia).* S. Marcellino, M. A B. Catharina de Pallancia. *Proc. do Enterro na Graça, em Jesus, nas Francezinhas e em Belem.*
7 *Sabbado d'Alleluia.* S. Epifanio, B. M.
8 *Domingo de Paschoa.* S. Amancio, B. O B. Clemente de Osimo, A. *Festa de instrumental na Sé. Benção Papal. Festa nos Martyres. Faz 24 annos que chegou a Lisboa S. M. o Sr. D. Fernando. Pequena Gala.*
9 *Segunda (1.ª Oitava da Paschoa).* Traslad. de S. Monica. S. Procoro, M. *Foi abolido o dia santo de guarda.*
10 *Terça (2.ª Oitava da Paschoa).* S. Ezequiel, Propheta. O B. Antonio, M. D. *Foi abolido o dia santo dispensado.*
11 *Quarta.* S. Leão I, P. O B. André do Monte Real, A.
12 *Quinta.* S. Victor, M. Portuguez. O B. Angelo de Clavasio.
13 ☾ *Sexta.* S. Hermenegildo, M. *Q. ming. aos 58 m. da m.*
14 *Sabbado.* S. Tiburcio e S. Valeriano, MM.
15 *Domingo da Paschoéla.* S. Basilissa e S. Anastacia, MM. S. Eutychio, M. *Festa á Senhora das Angustias em S. Francisco de Paula. Communhão dos meninos nas Fréq. do Sacramento e Magdalena.*
16 *Segunda.* Nossa Senhora dos Prazeres e da Pena. S. Engracia, V. M. S. Fructuoso. *Festa e Lausp. na Fréq. da Pena, onde se abolio o dia santo de guarda. Proc. de manhã, por voto; sahe da Fréq. de Santos para a Ermida dos Prazeres. Acabão as férias.*
17 *Terça.* S. Aniceto, P. M. S. Elias, Monge Port.
18 *Quarta.* S. Galdino, B. e Cardeal. O B. André Hilbernon.
19 *Quinta.* S. Hermogenes, M. O B. Conrado Miliano, F.

20 DE ABRIL. *Sexta.* S. Ignez de Montepoliciano, V. D.
21 ● *Sabbado.* S. Anselmo, Arc. de Cantuaria. *Com. a Nov. de S. Catharina de Sena. L. n. ás 5 h. e 9 m. da m.*
22 *Domingo do Bom Pastor.* Fugida de N. Senhora para o Egypto. SS. Sotero e Caio, MM.
23 *Segunda.* S. Jorge, M. Defensor do Reino. *Festa e Lausp. em S. Jorge, onde se abolio o dia santo de guarda.*
24 *Terça.* S. Fidelis de Sigmaringa, M. F. S. Honorio, B. *Com. a Nov. da Invenção da Santa Cruz.*
25 *Quarta.* S. Marcos Evangelista.
26 *Quinta.* S. Pedro de Rates, 1.º Bispo de Braga. S. Cleto e S. Marcellino, Martyres. *Proc. da Saude.*
27 *Sexta.* S. Tertuliano, B. S. Toribio, Arceb. de Lima. *Princ. a Nov. do Resgate.*
28 ☽ *Sabbado.* S. Vital, M. S. Prudencio, B. O B. Lucio, F. *Q. cresc. á 1 h. e 59 m. da tarde.*
29 *Domingo.* Patrocinio de S. José. S. Pedro, M. D. *Festa na Igreja dos Martyres a Santa Maria Egypciaca pela R. Irmandade dos Archeiros e ao Patrocinio de S. José na Igreja da Estrella. Anniversario da Carta Constitucional. Grande Gala e Cortejo. Faz 67 annos Sua Alteza a Ser. Sr.ª D. Maria Thereza.*
30 *Segunda.* S. Catharina de Sena, V. S. Peregrino Servita. *Festa nos Paulistas.*

SIGNO DE  GEMINIS.

1 DE MAIO. *Terça.* S. Filippe e S. Thiago, Ap.

2 DE MAIO. *Quarta.* S. Athanasio, B. A B. Mafalda, Infanta de Portugal.
3 *Quinta.* Invenção da Santa Cruz. *Foi abolido o dia santo dispensado.*
4 *Sexta.* S. Monica, Mãi de S. Agostinho. *Com. a Nov. de N. Senhora dos Martyres.*
5 ⊕ *Sabbado.* Conversão de S. Agostinho. S. Pio V., P. D. S. Angelo M. C. *L. cheia ás 6 h. e 25 m. da manhã.*
6 *Domingo.* MATERNIDADE DE N. SENHORA. S. João *ante portam latinam. Festa de N. Senhora do Resgate na sua ermida aos Anjos e do Sr. Jesus dos Perdões na Magdalena.*
7 *Segunda.* S. Estanisláu, B. M. *Festa da Coroação de Espinhos de N. Senhor em Santa Joanna. Com. a Nov. de S. João Nepomuceno.*
8 *Terça.* Apparição de S. Miguel Archanjo. *Com. a Nov. da Ascensão. Festa em S. Miguel.*
9 *Quarta.* S. Gregorio Nazianzeno, B.
10 *Quinta.* S. Antonino, Arcebispo de Florença, D. *Festa ao Patrocinio de S. José em Santo Alberto.*
11 *Sexta.* S. Anastacio, M.
12 ☾ *Sabbado.* S. Joanna, Princeza de Portugal. *Festa no seu conv. Q. m. ás 6 h. e 40 m. da tarde.*
13 *Domingo.* N. SENHORA DOS MARTYRES. S. Pedro Regalado. O B. Alberto de Bergamo. *Com. a Nov. de S. Rita. Festa nos Martyres, no Sacramento, em S. Martha, etc.*
14 *Segunda. (Ladainhas, Abst. de carne e Proc.)* S. Fr. Gil. S. Bonifacio, M. *Festa e Lausp. em S. Francisco de Paula.*
15 *Terça. (Ladainhas, Jejum e Proc.)* S. Izidro. O B. Egydio.
16 *Quarta. (Ladainhas, Jejum e Proc.)* S. João Nepomuceno, M. S. Simão de Stok, C. *Embarca o Cirio do Cabo.*
17 *Quinta.* ✠ ASCENÇÃO. S. Paschoal Baylão, F. S. Possidonio. *Festa na Freg. do Sacramento, em Santa Martha e no Conv. de Santa Clara. Faz-se a Hora na Igreja dos Martyres e no Sacramento. Festa, Lausp. e Ind. na Ermida da Ascensão aos Paulista. Com. a Nov. de S. Filippe Nery. São prohibidos os espectaculos publicos.*

18 DE MAIO. *Sexta.* S. Venancio, M. S. Erico, M. S. Felix de Cantalicio, C. *Com. a Nov. do Espirito Santo. Faz dous annos que casou S. M. El-Rei D. Pedro V. Simples Gala.*
19 *Sabbado.* S. Pedro Celestino, P. S. Ivo, F.
20 ● *Domingo.* S. Bernardino de Sena, F. *Proc. do Corpo de Deus no Salvador. L. nova ás 6 h. e 9 m. da t.*
21 *Segunda.* S. Manços, M. *Desembarca o Cirio do Cabo.*
22 *Terça.* S. Rita de Cassia, V. S. Quiteria, V. M., S. Ato, B.
23 *Quarta.* S. Basilio, Arc. de Braga. S. Desiderio, B. M.
24 *Quinta.* S. Afra. Traslad. de S. Domingos.
25 *Sexta.* S. Gregorio VII, P. S. Urbano, P. M.
26 *Sabbado (Jejum).* S. Filippe Nery, Fundador da Congreg. do Oratorio. S. Eleuterio, P. M.
27 ☽ *Domingo de Pentecostes.* S. João, P. M. O Veneravel Beda. *Festa na Sé. Sáe da Frég. de S. Pedro em Alcantara o Cirio de N, S. das Mercês e volta na terça feira á noute. Q. cresc. ás 7 h. e 28 m. da tarde.*
28 *Segunda.* S. Germano, B.
29 *Terça.* S. Maximo.
30 *Quarta (Temporas, Jejum).* S. Fernando, Rei de Castella. S. Felix, P. M. *Com. o outav. do Corpo de Deus. Nome de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando. Pequena Gala.*
31 *Quinta.* S. Petronilla, V. O B. Diogo Salomão, D.

SIGNO DE  CANCER.

1 DE JUNHO. *Sexta (Temporas, Jejum).* S. Firmo, M. *Com. a Trezena de S. Antonio.*

2 DE JUNHO. *Sabbado (Temporas, Jejum)*. S. Marcellino, M. O B. Sadoc e seus 48 Comp., MM.

3 ☉ DOMINGO DA SS. TRINDADE. S. Paula. S. Ovidio. *L. cheia ás 4 h. e 9 m. da tarde.*

4 *Segunda*. S. Francisco Caraciolo. S. Quirino, B. M.

5 *Terça*. S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M.

6 *Quarta (Jejum)*. S. Norberto, B. S. Paulina V. M. *Festa e Proc. do Corpo de Deus nos Martyres. Com. a Nov. do Coração de Jesus.*

7 *Quinta*. ✠ CORPO DE DEUS. S. Roberto. *Proc. do Corpo de Deus. São prohibidos os espectaculos publicos.*

8 *Sexta*. S. Salustiano, C. S. Severino, B. *Com. a Nov. de N. Senhora Mãi dos homens.*

9 *Sabbado*. S. Primo e S. Feliciano, MM. S. Melania.

10 *Domingo*. S. Margarida.

11 ☾ *Segunda*. S. Barnabé, Ap. *Q. ming. aos 27 m. da tarde.*

12 *Terça (Jejum no Patriarchado)*. S. João de S. Facundo. S. Onofre. O B. Guido, F.

13 *Quarta*. ✠ S. Antonio de Lisboa, F. *Festa de instrumental na sua Igreja a que assiste a Camara Municipal.*

14 *Quinta (Jejum)*. S. Basilio Magno, B. S. Elizeu, Propheta. *Proc. do Corpo de Deus, de tarde, na Sé.*

15 *Sexta*. ✠ SS. Coração de Jesus. S. Vito, M. *Festa no Conv. da Estrella a que assistem SS. MM., Grã Cruzes e Commendadores. Proc. de tarde em Jesus. Com. a Nov. de S. João Baptista. Pequena Gala.*

16 *Sabbado*. S. João Francisco Regis. S. Aureliano, B.

17 *Domingo*. NOSSA SENHORA MÃI DOS HOMENS. A B. Thereza, Rainha de Leão, Portugueza. S. Manoel e Irmão, MM.

18 *Segunda*. S. Marcos e Marcelliano Irm. A B. Osana V.

19 ● *Terça*. S. Juliana de Falconer, V. S. Gervasio e S. Protasio, MM. *L. nova ás 4 h. e 46 m. da manhã.*

20 *Quarta*. S. Silverio, P. M. *Com. a Nov. de S. Pedro.*

21 *Quinta*. S. Luiz Gonzaga. *Princ. o Verão.*

22 *Sexta*. S. Paulino, B. O B. Filippe de Placencia, A.

23 *Sabbado (Jejum)*. S. João, Sacerdote. S. Edeltrudes.

24 DE JUNHO. *Domingo.* PUREZA DE N. SENHORA. Nascimento de S. João Baptista. *Festa em S. João da Praça, Lumiar, etc.*
25 ☽ *Segunda.* S. Guilherme, Ab. S. Febronia, V. M. S. Tude, *Q. cresc. ás 11 h. e 25 m. da tarde.*
26 *Terça.* S. João e S. Paulo, Irmãos MM. S. Pelagio, M.
27 *Quarta.* S. Ladisláu. O B. Benvenuto, F.
28 *Quinta (Jejum).* S. Leão II, Papa.
29 *Sexta.* ✠ S. Pedro e S. Paulo, Ap. *Festa e Lausperenne na Igreja de S. Pedro em Alcantara, nos Inglezinhos, etc.*
30 *Sabbado.* S. Marçal, B. *Festa na Graça.*

SIGNO  **DE LEO.**

1 DE JULHO. *Domingo.* S. Theodorico, Ab. S. Julio e S. Arão, Martyres.
2 *Segunda.* VISITAÇÃO DE N. SENHORA. *Festa na Igreja de S. Roque, cujo orago é a Visitação, e nas Sallesias. Foi um dos dias santos dispensados abolidos no Funchal.*
3 ⊛ *Terça.* S. Jacintho M. S. Heliodoro, B. *L. cheia ás 3 h. e 30 m. da manhã.*
4 *Quarta.* S. Isabel, Rainha de Portugal. *Festa na sua Fréguezia, onde se abolio o dia santo de guarda. Faz 59 annos a Serenissima Sr.ª Infanta D. Isabel Maria.*
5 *Quinta.* S. Athanasio, M. O B. Miguel dos Santos.
6 *Sexta.* S. Domingas, V. M. *Com. a Nov. de S. Camillo.*
7 *Sabbado.* S. Pulcheria, V. S. Claudio e seus CC. MM. S. Benedicto XI, P. D. *Com. a Nov. N. S. do Carmo.*

8 DE JULHO. *Domingo.* NOSSA SENHORA DO PATROCINIO. S. Procopio, M.

9 *Segunda.* S. Cyrillo, B. M. O B. João de Colonia, M. D.

10 *Terça.* S. Januario e seus Comp., MM. S. Amelia, V. A. B. Joanna Escopeli, C. *Princ. a Nov. de S Justa. Dia do nome de S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança. Peq. Gala.*

11 ☾ *Quarta.* S. Pio, P. M. S. Sabino. Traslad. de S. Bento. *Q. ming. ás 5 h. e 21 m. da manhã.*

12 *Quinta.* S. João Gualberto. Ab.

13 *Sexta.* S. Anacleto, P. M. *Faz 13 annos a Ser. Sr.ª Princeza D. Leopoldina, do Brasil.*

14 *Sabbado.* S. Boaventura, B. Cardeal, F.

15 *Domingo.* Anjo Custodio do Reino. S. Camillo de Lellis. S. Henrique, Imperador. *Festa e Proc. no Sacramento, e a S. Camillo, na Magdalena. Faz 23 annos S. M. F. a Rainha. Grande Gala. Cortejo.*

16 *Segunda.* TRIUMPHO DA SANTA CRUZ. N. SENHORA DO CARMO. S. Sisonando, M. *Festa a N. Sr.ª em S. Nicoláu, nas Religiosas de Santo Alberto, e no Conv. da Estrella.*

17 *Terça.* S. Aleixo.

18 ● *Quarta.* S. Marinha, V. M. *L. n. á 1 h. e 43 m. da t.*

19 *Quinta.* Santas Justa e Rufina, MM. S. Vicente de Paulo. *Festa e Lausp. na Frég. de Santa Justa, onde foi abolido o dia santo de guarda. Com. a Nov. de Sant'Anna. Faz 36 annos S. A. o Sr Conde de Aquila.*

20 *Sexta.* S. Jeronymo Emiliano. S Elias, S. Margarida, V. M.

21 *Sabbado.* S. Praxedes, V. *Faz 17 annos a Seren. Sr.ª Inf. D. Maria Anna. Pequena Gala.*

22 *Domingo* S. Maria Magdalena. *Festa e Lausp. na sua Frég., onde foi abolido o dia santo de guarda.*

23 *Segunda* S. Apollinario, B. M. S. Liborio, B. *Faz 14 annos o Seren. Sr. Inf. D. Fernando. Pequena Gala.*

24 *Terça.* S. Christina, V. M. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o antigo jejum a S. Thiago.*

25 ☽ *Quarta.* S. Thiago, Ap. S. Christovão, M. *Festa e Lausperenne em S. Christovão. Q. cresc. ás 5 h. e 3 m. da m.*

26 DE JULHO. *Quinta*. S. Symfronio. S. Olympio e S. Theódulo, MM. *Com. a Nov. de S. Domingos.*

27 *Sexta*. S. Pantaleão, M. A B. Cunegundes, V. F. *Foi abolido o dia santo de guarda no Porto.*

28 *Sabbado*. S. Innocencio, P.

29 *Domingo*. SANT'ANNA MÃI DA MÃI DE DEUS. S. Martha, V. S. Olavo, M. *Festa de instrumental nas Freiras de Santa Joanna e Sant'Anna. Festa e Proc. na Magdalena Festa em Bemfica. Princ. a Nov. de S. Caetano. Faz 14 annos S. A. a Seren. Sr.ª Princeza D. Isabel, do Brasil.*

30 *Segunda*. S. Rufino, M.

31 *Terça*. S. Ignacio de Loyola. S. Fabio, M. S. Colimerio, F. *Juramento da Carta Constitucional. Faz 48 annos S. M. I. a Sr. Duqueza de Bragança. Grande Gala. Cortejo.*

SIGNO DE  **VIRGO.**

1 DE AGOSTO. ☺ *Quarta*. S. Pedro *ad Vincula*. Os MM. de Chellas. *L. cheia ás 4 h. e 57 m. da tarde.*

2 *Quinta*. N. S.ª dos Anjos. S. Estevão P. M. *Faz 36 annos a Serenissima Sr.ª Princesa de Joinville.*

3 *Sexta*. Invenção de S. Estevão, Proto-Martyr.

4 *Sabbado*. S. Domingos. *Festa no Conv. de Santa Joanna.*

5 *Domingo*. N. S. das Neves. *Festa na Fréguezia do Soccorro. Faz 8 annos a Ser. Sr.ª D. Maria das Neves, 1.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

6 *Segunda*. Transfiguração de Christo. Sant'Iago, Eremita. *Princ. a Nov. da Assumpção.*

7 DE AGOSTO. *Terça.* S. Caetano. S. Alberto, C. *Festa de S. Caetano na sua Igreja. Com. a Nov. de S. Roque.*

8 *Quarta.* S. Cyriaco e seus Comp. MM. *Faz 28 annos S. A. o Principe Jorge de Saxonia. Pequena Gala.*

9 ☾ *Quinta.* S. Romão, M. O B. João de Salerno, D. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o antigo jejum a S. Lourenço. Quarto minguante ás 8 h. e 47 m. da tarde.*

10 *Sexta.* S. Lourenço, M. S. Filomena, V. M. *Princ. a Nov. de S. Joaquim. Foi abolido o dia santo dispensado. Festa e Lausperenne na Fréguezia de S. Lourenço.*

11 *Sabbado.* S. Tiburcio e S. Suzana, MM.

12 *Domingo.* S. Clara, V. F. *Festa na sua Igreja e nas Francezinhas.*

13 *Segunda.* S. Hypolito e S. Cassiano, MM. S. Helena, V. M.

14 *Terça (Jejum).* S. Eusebio. O B. Sanches, F.

15 *Quarta.* ✠ Assumpção de N. Senhora. *Festa de instrumental em S. Vicente. Ind. em varias Igrejas. Proc. nas Flamengas ao Calvario. Festa na Ermida da Assumpção, na Rua da Prata. Festa de instrumental, SS. Sacramento Exposto e feira, em Calhariz de Bemfica. Proc. no Barreiro. Festa na Peninha em Cintra. Jubileu no Arcebispado de Braga e por outo dias no Patriarchado.*

16 ● *Quinta.* S. Roque, F. S. Jacintho, D. S. Sirena. *Festa em S. Roque. Foi um dos dias santos dispensados abolidos no Funchal. L. nova ás 9 h. e 43 m. da tarde.*

17 *Sexta.* S. Mamede, M. *(Foi abolido o dia santo de guarda na sua Fróg., em que ha festa e lausperenne).* A B. Emilia, V. D. *Princ. a Nov. do Coração de Maria.*

18 *Sabbado.* S. Clara de Monte Falco, V. A. S. Lauro, Martyr.

19 *Domingo.* S. Joaquim, Pai de N. Senhora. S. Luiz, Bispo, F. *Com. a Nov. de S. Agostinho.*

20 *Segunda.* S. Bernardo, Ab. e Dr. da Igreja.

21 *Terça.* S. Joanna Francisca, V. S. Anastacio, M. S. Umbellina, Irmã de S. Bernardo.

22 *Quarta.* S. Thimotheo, M.

23 DE AGOSTO. ☽ *Quinta*. S. Filippe Renicio. S. Liberato e seus Comp. MM. O B. Jacobó de Mevenha, D. *Passou para uma das sextas feiras ou sabbados do Advento o Jejum a S. Bartholomeu. Q. cresc. aos 13 m. da tarde.*

24 *Sexta*. S. Bartholomeu, Ap. S Aurea, M. *Foi abolido o dia santo dispensado. Faz 5 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Thereza, filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

25 *Sabbado*. S. Luiz, Rei de França.

26 *Domingo*. Sagrado Coração de Maria. S. Zepherino, P. M. *Festa do Coração de Maria na sua ermida ao Campo Grande e no Most. da Encarnação.*

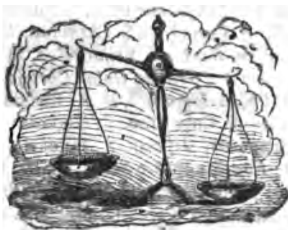
27 *Segunda*. S. José Calazans. S. Rufo, B. M.

28 *Terça*. S. Agostinho, Bispo e Dr. da Igreja. S. Hermes, M.

29 *Quarta*. Degolação de S. João Baptista. S. Candida, V. M. S. Sabina, V.

30 *Quinta*. S. Rosa de Lima, V. D. *Princ. a Nov. da Natividade de N. Senhora e a de N. Sr.ª das Necessidades.*

31 ☺ *Sexta*. S. Raymundo Nonnato. *Com. a Nov. do SS. Nome de Maria. L. cheia ás 8 h. e 20 m. da manhã.*

SIGNO DE  LIBRA.

1 DE SETEMBRO. *Sabbado*. S. Egydio, Ab. A B. Isabel, V. F. *Principia a Nov. de S. Nicoláu Tolentino. Com. as ferias.*

2 *Domingo*. S. Estevão. S. Brocardo, C.

3 *Segunda*. S. Eufemia, V. M.

4 *Terça*. S. Rosa de Viterbo, F. S. Candida.

5 *Quarta*. S. Antonino, M. A. Traslad. dos MM. de Lisboa.

6 DE SETEMBRO. *Quinta*. S. Libania, V. A.

7 *Sexta (Jejum)*. S. João, M. S. Anastacio, M. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o Jejum a N. Senhora da Natividade.*

8 ☾ *Sabbado*. NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA. S. Adrião, M. *Festa e Lausp. na Ermida da Victoria. Festa nas Necessidades, Loreto, Luz, Guia, etc. Foi abolido o dia santo de guarda. Q. ming. ás 10 h. e 29 m. da manhã.*

9 *Domingo*. SANTISSIMO NOME DE MARIA. S. Sergio, P. *Festa nas Francezinhas, e a N. S. da Graça na sua igreja.*

10 *Segunda*. S. Nicoláu Tolentino, A.

11 *Terça*. S. Theodora. O B. Bernardo de Offida, F.

12 *Quarta*. S. Auta, V. M.

13 *Quinta*. S. Filippe, M.

14 *Sexta*. EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ. *Festa nas Francezinhas e na Igreja das Religiosas de S. Alberto.*

15 ● *Sabbado*. S. Domingos em Soriano. S. Nicomedes, M. *Com. a Nov. de N. Senhora das Mercês. L. nova ás 5 h. e 32 m. da manhã.*

16 *Domingo*. FESTA DAS DÔRES DE N. SENHORA. Traslad. de S. Vicente, M. S. Cornelio e S. Cypriano, MM. *Festa em S. Nicoláu, e em Santos o Velho. Faz 23 annos S. M. o Sr. D. Pedro V. Grande Gala. Cortejo.*

17 *Segunda*. S. Pedro de Arbues, M. As Chagas de S. Francisco.

18 *Terça*. S. José de Cupertino. S. Thomaz de Villa Nova, B.

19 *Quarta (Temporas, Jejum)*. S. Januario, B. M. S. Constança, M. *Faz 7 annos o Seren. Sr. D. Miguel Maria de Bragança, filho do Sr. D. Miguel de Bragança.*

20 *Quinta*. S. Eustachio e seus Comp., MM. *Com. a Nov. de S. Miguel. Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o Jejum a S. Matheus.*

21 ☽ *Sexta (Temporas, Jejum)*. S. Matheus, Ap. e Evang. S. Ifigenia. *Foi abolido o dia santo dispensado. Q. cresc. ás 10 h. e 48 m. da tarde.*

22 *Sabbado (Temporas, Jejum)*. S. Mauricio e seus dez mil Comp. *Princ. o Outono.*

23 DE SETEMBRO. *Domingo.* S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M.
24 *Segunda.* Nossa Senhora das Mercês. S. Geraldo, C. *Foi abolido o dia santo de guarda na Fróg. das Mercês. Anniversario do fallecimento do Sr. D. Pedro IV.*
25 *Terça.* S. Firmino, B. M. S. Herculano, M. S. Pacifico de S. Severino, F. *Com. a Nov. de S. Francisco de Assiz.*
26 *Quarta.* S. Cypriano e S. Justina, MM. A B. Luzia. V. F.
27 *Quinta.* S. Cosme e S. Damião, MM. S. Elizeario, F.
28 *Sexta.* S. Wenceslau. O B. Bernardino de Feltro, F. *Com. a Nov. do Rosario. Festa da Dedicação da Igreja Parochial do Sacramento na sua Fréguezia.*
29 ☾ *Sabbado.* S. Miguel Archanjo. *Festa em S. Miguel, na Fróg. do Sacramento, no Most. da Encarnação, em S. Paulo e nos Anjos. Foi abolido o dia santo dispensado.*
30 *Domingo.* S. Jeronymo, Dr. da Igr. *Festa e feira em Belem. L. cheia á 1 h. e 3 m. da manhã. Acabão as Ferias.*

SIGNO DE  SCORPIO.

1 DE OUTUBRO. *Segunda.* Santos Verissimo, Maxima e Julia, Irmãos MM. Portug. *Festa e Lausp. na fróg. de Santos em que foi abolido o dia santo de guarda.*
2 *Terça.* Os Anjos da Guarda.
3 *Quarta.* S. Candido, M. S. Maximiano, B. Trasladação de S. Clara.
4 *Quinta.* S. Francisco d'Assiz. *Festa nas Freiras de Santa Clara, nas de Sant'Anna e no Soccorro.*
5 *Sexta.* S. Placido e seus Companheiros, MM.

6 DE OUTUBRO. *Sabbado*. S. Bruno. *Com. á Nov. de Santa Thereza.*

7 ☾ *Domingo.* Santissimo Rosario de Nossa Senhora. S. Marcos, P. O B. Matheus Carrerio. *Proc. do Rosario nas Religiosas do Bom Successo. Festa nas Religiosas do SS. Sacramento, ás Necessidades, no Conv. de S. Joanna, e em S. Nicoláu. Q. ming. ás 10 h. e 27 m. da tarde.*

8 *Segunda.* S. Brigida, V. S. Pelagia.

9 *Terça.* S. Dyonisio, B. de Pariz. SS. Andronico e Athanasia, MM.

10 *Quarta.* S. Francisco de Borja, Padroeiro do Reino.

11 *Quinta.* S. Firmino, B. 1.ª Traslad. de S. Agostinho.

12 *Sexta.* S. Cypriano, B. M S. Seraphino, F.

13 *Sabbado.* S. Eduardo. S. Daniel e seus Comp., MM.

14 ● *Domingo.* Nossa Senhora dos Remedios. S. Calisto, P. M. S. Gaudencio, B. M. *Faz 43 annos S. A. o Sr. Principe de Joinville. Princ. a feira do Campo Grande. L. nova ás 2 h. da tarde.*

15 *Segunda.* S. Thereza de Jesus, V. C. *Festa das Palmelôas na Penha de França. Festa no Conv. da Estrella. Com a Nov. de S. Raphael.*

16 *Terça.* S. Martiniano, M. A. S. Gallo, Ab.

17 *Quarta.* S. Hedwiges, V.

18 *Quinta.* S. Lucas Evangelista.

19 *Sexta.* S. Pedro de Alcantara, F. *Festa na sua igreja.*

20 *Sabbado.* S. Iria, V. M., Portugueza. S. João Cancio.

21 ☽ *Domingo.* S. Ursula e suas Comp., VV. MM. *Festa das 11,000 Virgens em S. Martha. Quarto crescente. á 1 h. e 3 m. da tarde.*

22 *Segunda.* Dedicação da Basilica de Mafra. S. Maria Salomé. O B. Gregorio Celli, A. O B. Ladisláu, F.

23 *Terça.* S. João Capistrano, F. S. Romão, B. S. João Bom, A.

24 *Quarta.* S. Raphael. S. Fortunato, M.

25 *Quinta.* SS. Chrispim e Chrispiniano, Irmãos MM.

26 *Sexta.* S. Evaristo, B. M. O B. Boaventura de Potenza, F. *Faz 58 annos o Sr. D. Miguel de Bragança.*

27 DE OUTUBRO. *Sabbado.* Os MM. d'Evora. S. Elesbão, Imp. da Ethyopia. *Passou para uma das sextas ou sabbados do Advento o Jejum a S. Simão e S. Judas Thadeu.*
28 *Domingo.* S. Simão e S. Judas Thadeu, A. *Foi abolido o dia santo dispensado.*
29 ☉ *Segunda.* Traslad. de S. Isabel, Rainha de Portugal. A B. Bemvinda, V.D. *Faz 44 annos S. M. El-Rei D. Fernando, Grande Gala. Cortejo. L. ch. ás 6 h. e 12 m. da tarde.*
30 *Terça.* S. Serapião, B. C.
31 *Quarta (Jejum).* S. Quintino, M. *Faz 22 annos o Seren. Sr. Inf. D. Luiz Filippe, Pequena Gala.*

SIGNO DE  SAGITTARIO.

1 DE NOVEMBRO. *Quinta.* ✠ FESTA DE TODOS OS SANTOS. *Festa ao Senhor Jesus da Via Sacra, em S. Engracia, e de tarde Proc. por voto, pelo terremoto de 1755. Festa e Proc. por voto em Cacilhas. Prohibidos hoje e ámanhã os espectaculos publicos.*
2 *Sexta. COMMEMORAÇÃO DOS DEFUNTOS.* S. Victorino, M. *Com. a Nov. do Patrocinio.*
3 *Sabbado.* S. Malaquias, B. Primaz da Irlanda.
4 *Domingo.* S. Carlos Borromeu. *Faz 13 annos o Ser. Sr. Inf. D. Augusto. Peq. Gala. Faz 49 annos S. A. o Ser. Sr. Inf. D. Sebastião, filho da Seren. Sr.ª D. Maria Thereza.*
5 *Segunda.* S. Zacharias e S. Isabel. *Faz 15 annos S. A. o Seren. Sr. D. Pedro Filippe, do Brasil.*

6 DE NOVEMBRO. ☾ *Terça*. S. Severo, B. M. *Com. a Nov. de S. Gertrudes. Q. ming. ás 8 h. e 40 m. da m.*
7 *Quarta*. S. Florencio, B. *Com. a Nov. de S. Gonçalo de Lagos.*
8 *Quinta*. S. Severiano e seus 3 Irmãos, MM.
9 *Sexta*. S. Theodoro, M. Os Santos da Ordem de S. Domingos. Dedicação da Basilica do Salvador.
10 *Sabbado (Jejum)*. S. André Avelino. Os Def. da Ord. de S. Domingos.
11 *Domingo*. PATROCINIO DE NOSSA SENHORA. S. Martinho, B.
12 ● *Segunda*. S. Martinho, P. M. S. Diogo, F. *L. nova ás 11 h. e 59 m. da tarde.*
13 *Terça*. S. Eugenio, B. de Toledo. Os Santos das Ord. de S. Agostinho, S. Bento e SS. Trindade.
14 *Quarta*. Trasladação de S. Paulo. O B. Gabriel, F. O B. João Licio, D. Os Santos da Ordem do Carmo.
15 *Quinta*. Dedicação da Basilica do SS. Coração de Jesus. S. Gertrudes Magna. O B. Alberto Magno, D. *Fallecimento de S. M. a Sr.ª D. Maria II.*
16 *Sexta*. S. Gonçalo de Lagos, A. S. Ignez, V. F. S. Valerio. Os Def. da Ord. do Carmo. *Com. a Nov. de S. Catharina.*
17 *Sabbado*. S. Gregorio Thaumaturgo, B. A B. Saloméa, V. F.
18 *Domingo*. S. Romão. Dedic. da Basilica de S. Pedro e S. Paulo.
19 *Segunda*. S. Isabel, Rainha de Hungria.
20 ☽ *Terça*. S. Felix de Valois, Fundador dos Trinos. *Q. cresc. ás 8 h. e 16 m. da manhã.*
21 *Quarta*. APRESENTAÇÃO DE NOSSA SENHORA.
22 *Quinta*. S. Cecilia, V. M. *Grande festa de instrumental nos Martyres, a que assistem SS. MM.*
23 *Sexta*. S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.
24 *Sabbado*. S. João da Cruz, C. S. Estanisláu Kostsk. S. Chrysogono, M. *Com. a Nov. de S. Francisco Xavier.*
25 *Domingo*. S. Catharina, V. M. *Festa na sua Freguezia, Princ. a Nov. de S. Barbara.*
26 *Segunda*. S. Pedro Alexandrino, B. M. A B. Delphina.
27 *Terça*. S. Margarida de Saboia, V. D. Os Santos da Ordem de S. Paulo. *Com. a Nov. de S. Nicoláu.*

28 DE NOVEMBRO. ◐ *Quarta.* S. Gregorio III, P. S. Jacobo de Marca, F. *L. cheia ás 11 h. e 1 m. da m.*

29 *Quinta.* S. Saturnino, M. Os Santos das tres Ordens de S. Francisco. *Princ. a Nov. de N. S. da Conceição. Passou para o Advento o Jejum a Santo André.*

30 *Sexta.* S. André, Ap. *Foi abolido o dia santo dispensado.*

SIGNO DE  CAPRICORNIO.

1 DE DEZEMBRO. *Sabbado.* S. Eloy, B. *Festa do Santo na Ermida da Victoria. Acclamação d'El-Rei D. João IV em 1640. Pequena Gala.*

2 *Domingo (1.° do Adv.)* S. Bibiana, V. M. Os Def. das 3 Ordens de S. Francisco. *Faz 35 annos S. M. o Sr. D. Pedro II.*

3 *Segunda.* S. Francisco Xavier. *Festa em S. Roque.*

4 *Terça.* S. Barbara, V. M. *Off. de S. Cecilia nos Martyres.*

5 ☾ *Quarta.* S. Geraldo, A. de Braga. S. Sabbas, Ab. A B. Isabel Bona, V. F. *Quarto ming. ás 5 h. e 23 m. da t.*

6 *Quinta (Jejum).* S. Nicoláu, B. *Foi abolido o dia santo de guarda na sua Frég., onde ha festa.*

7 *Sexta (Jejum).* S. Ambrosio, B. e Dr. da Igr. *Matinas na Sé.*

8 *Sabbado.* ✠ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Padroeira do Reino. *Assistem SS. MM. á festa de Pontifical na Sé, bem como todos os Grã-Cruzes e Commendadores da Conceição que se acharem na Côrte. Benção Papal. Festa na Conceição, Nova e Velha, no Conv. da Estrella, etc.*

9 *Domingo (2.° do Adv.)* S. Leocadia, V. M.

10 *Segunda.* S. Melquiades, P. M. Trasladação da Santa Casa do Loreto.

11 DE DEZEMBRO. *Terça.* S. Damaso. P. S. Francisco, C
Fallecimento de S. M. a Imperatriz Leopoldina.
12 ● *Quarta.* S. Justino, M. *L. n. aos 11 m. da t.*
13 *Quinta.* S. Luzia, V. M. *Festa em S. Luzia e nas Chagas.*
14 *Sexta (Jejum).* S. Agnello, Ab.
15 *Sabbado (Jejum).* S. Eusebio, B. M.
16 *Domingo (3.° do Advento).* As Virgens d'Africa, MM. O B
Sebastião Magi, D. *Princ. a Nov. do Natal.*
17 *Segunda.* S. Lazaro, B. S. Bartholomeu de S. Geminian
18 *Terça.* Nossa Senhora do O.
19 *Quarta (Temporas, Jejum).* S. Fausta, Mãi de S. Anastacia
20 ☽ *Quinta (Jejum).* S. Domingos de Sillos, Ab. *Q. cresc.*
ás 5 h. e 33 m. da manhã.
21 *Sexta (Temporas, Jejum).* S. Thomé, Ap. *Festa na sua fre*
Foi abolido o dia santo de guarda. Princ. o Inverno
22 *Sabbado (Temporas, Jejum).* S. Honorato, M.
23 *Domingo (4.° do Advento).* S. Servulo, S. Victoria, V. M
Princ. a Nov. da Circumcisão.
24 *Segunda (Jejum).* S. Gregorio, M. *Matinas na Sé. Feri*
até aos Reis.
25 *Terça.* ✠ Nascimento de N. Senhor Jesu-Christo.
26 *Quarta. (1.ª Oitava).* S. Estevão, Proto-Martyr. *Foi abo*
lido o dia santo dispensado.
27 *Quinta (2.ª Oitava).* S. João, Ap. e Evangelista. *Foi abo*
lido o dia santo dispensado.
28 ◎ *Sexta (3.ª Oitava).* Os SS. Innocentes, MM. *Está pate*
ao publico a Santa Casa da Misericordia. Foi abolido
dia santo dispensado. Com. a Nov. dos Reis. L. ch
ás 2 h. 40 m. da manhã.
29 *Sabbado.* S. Thomaz, Arc. M. *Festa nos Inglezinhos.*
30 *Domingo.* S. Sabino, B. M.
31 *Segunda.* S. Silvestre, P. *Te-Deum na Sé a que assist*
SS. Magestades. Foi abolido o dia santo dispensado.



ALMANACH DE LEMBRANÇAS

JANEIRO—1.

Cadeira feita á pressa.—Indo um dia ao paço certo embaixador de Carlos V na côrte de Solimão de Constantinopla, tratar de negocios com o Imperador, reparou em que não havia na sala cadeira para elle; então. sem dar mostras de agastado. tira a capa, lança-a ao chão, senta-se n'ella, e continua a falar ao Grão Senhor. Acabada a audiencia, levanta-se, deixa ficar a capa onde a puzera e sahe. «Esquéceu-vos a capa, diz o turco.»—*Os embaixadores d'El-Rei meu amo*, responde o atrevidissimo e orgulhoso fidalgo, *não costumão levar a cadeira em que se sentão.*

Nogueira secular.—Foi em 2 de Janeiro de 1857 que mão desapiedada e arboricida, para satisfazer talvez um vão capricho, ou mal entendido resentimento, fez baquear em terra, de um só golpe e em poucos minutos, essa obra maravilhosa, em que a natureza havia despendido tantos annos; essa arvore gigante e secular que tão extraordinaria porção de fructo annualmente produzia, e debaixo de cuja copa, tão viçosa e protectora, eu tantas vezes me sentara n'outras eras mais felizes, em que anjos e graças costumão sorrir á mocidade! Recentemente ainda me aprazia o ler em cada uma de suas folhas um pensamento electrico, uma lembrança feliz e saudosa dos meus dias de ventura.

«*Mil e mil vezes abençoada, pelo que foi de liberal, generosa e previdente, seja a mão que te plantou para gérações futuras!*» Assim dizia, cheio d'assombro e admiração, o viandante attonito e estupefacto, ao contemplar esse castello vegetal que ha pouco desábou sobre as campas e ossos carcomidos de tres ou quatro gérações, de que havia sido coévo, e que até então fôra igualmente respeitado pelo homem e pelos raios e tufões!

Quantas vezes o mendigo e o peregrino, limpando o suór no ardente estio, ou fugindo ás saraivadas de março desabrido, aqui vinhão abrigar-se debaixo da copa magestosa e protectora d'este assombroso gigante!

Quantas vezes o pobresinho e o orphão desvalído, a quem n'estes sertões, quasi selvagens, pouco soccorre a caridade, carpindo, com as faces infantis banhadas de puros aljofares, vinhão aqui matar a fome debaixo d'esta arvore prodigiosa, apanhando do chão os saborosos fructos que ella, com os braços abertos, de cima lhes lançava, qual mãi terna e carinhosa!

Quantas vezes, emfim, as aguias e as cegonhas, cançadas já de divagar pelo espaço e de luctar com as nuvens, vinhão repousar n'esta habitação real, que todos os povos circumvisinhos respeitavão com religiosa superstição, não só porque

á idéa d'esta arvore agigantada e secular ligavão a recordação dos prodigios acontecidos em certas noutes do anno á sua sombra, mas tambem porque lhes despertava gratas e doces memorias dos seus antepassados!

Chorai, aves canoras, chorai, innocentes ovelhinhas, tão doce abrigo, emquanto eu sobre os seus destroços choro tambem pelas horas aprazíveis e saudosas da minha infancia e juventude!...

A. J. Rocha Cabral (Chacim).

JANEIRO—3

O BOGARIM.

(LYRA)

Bella flor que o meu bem ama,
E cultiva em seu jardim,
Quanto invejo a tua sorte,
Melindroso bogarim!
Muito te estimo,
Mimosa flor,
A flor querida
Do meu amor.

Suave perfume espalhas;
Como a neve és branca e pura;
Não invejas ás mais flores
Em primor, em formosura.
Eu te saúdo,
Candida flor,
A flor querida
Do meu amor.

Com prazer sempre eu te vejo
Nas tranças do meu amor,
Pois d'esta sorte succede
Que uma flor orne outra flor!
Que mais ventura
Podes querer,
Pois tão ditosa
Chegas a ser?

Nem casquilha borboleta,
Nem ousado beija-flor,
Com seus beijos temerarios
Magôem o teu candor.
Só eu te beije,
Flor bemfadada;
Sómente adornes
A minha amada.

Severiano d'Azevedo (Brasileiro, Ycatu, Prov. do Maranhão).

Andorinhas.—É contada a seguinte historia por Dupont de Nemours, que d'ella affirma ter sido testemunha ocular em Pariz.

«Prendeu o pé, não sei como, uma andorinha em o nó d'um cordel cuja extremidade opposta se achava ligada a um edificio visinho, e quanto mais forcejava por se soltar, tanto mais se prendia. Cançada e afflicta, começa a lamentar-se em angustiosa voz, que foi ouvida e percebida por muitas outras andorinhas que ligeiras adejavão em torno, e que pareceram condoer-se da infeliz. Depois de muita hesitação, depois de se haverem, segundo parecia, mutuamente consultado, inventou uma d'ellas o meio de libertar a sua companheira, e logo foi posto o seu plano em execução: começaram ás bicadas no nó, que dentro em meia hora se achou inteiramente cortado!»

São os pardaes preguiçosos, golosos e ladrões; frequentemente se apossão dos ninhos das andorinhas, do que estas se vingão, reunindo-se em numero sufficiente e entaipando o pardal criminoso no ninho que havia querido tornar sua propriedade. Este facto, affirmado por Linneu e Montbelliard, foi presenceado em 1843 pelo Visconde de Tarragon, que d'ahi a quatro ou cinco dias encontrou o pardal morto dentro do ninho em que fôra encerrado vivo pelas suas inimigas.

A andorinha atravessa o mar no outono e vai passar o inverno na Africa, d'onde só volta na primavera. Numerosas experiencias hão demonstrado que torna sempre ao paiz natal. Os seus amores não são de um momento só, como os de algumas aves, ou de uma só primavera, como os de tantas outras; são permanentes, e torna-os indissoluveis uma reciproca ternura. Ao morrer um dos esposos, cessa o cantosinho harmonioso da ave que ficou viuva, conhece-se a afflicção e saudade de que se acha dominada, e raro é que em breve não succumba tambem á força da dôr.

(A. 55 p. 125, A. 59 p. 186)

JANEIRO—5.

Peixes caçadores.—Entrando francezes e inglezes em casa de alguns dos mais ricos habitantes de Cantão, por occasião de tomarem esta cidade em 1858, ahi viram muitos *Jaculators*, peixe singular, originario de Java. Estavão n'uma especie de reservatorio circular, no meio do qual se elevava uma varinha de dous pés d'altura, em cuja extremidade superior se havião cravado uns bocadinhos de páu bicudos, e espetado n'estes alguns insectos. Quando a agua estava bem tranquilla, subião os peixes á superficie, chegavão-se á tal varinha, e descarregavão contra o insecto que vião, uma gôtta d'agua tão destramente lançada, que o apanhava em cheio, e o fazia cahir, e passar logo em seguida para o estomago dos astutos caçadores.

JANEIRO—6.

Hygiene vegetal.—Lembrou-se um jardineiro de Bordeus de pintar as suas estufas com alcatrão proveniente da distillação do carvão de pedra nas fabricas de illuminação a gaz, por lhe parecer que a absorpção do calor pela côr negra (theoria largamente provada) proporcionaria ás suas plantas uma temperatura mais alta. Passados dous mezes reconheceu que não só havião recuperado toda a força de vegetação plantas que definhavão a olhos vistos, mas que tinhão desapparecido quantas aranhas e outros insectos alli se costumavão alojar.

O alcatrão é muito mais barato do que toda e qualquer tinta preta, por mais ordinaria que seja, e por isso merece ser a experiencia repetida em todas as cidades em que ha fabricas de gaz.

Nas estufas do Sr. Conde do Farrobo (nas Laranjeiras), nas do Sr. Duque de Palmella (no Lumiar), e em tantas outras nas immediações de Lisboa, devera empregar-se aquelle processo, tão simples e salutar.

E oxalá se nos communicasse o resultado!...

Paço imperial chinez.—É talvez o que ha de mais curioso em Pekim e em todo o celeste imperio. Consiste n'uma grande quantidade de predios destacados uns dos outros, porém todos symetricos, e separados por vastissimos páteos e jardins. É dourada, envernizada, ou pintada, a frente de todos elles, e ornado o interior com quanto ha de mais precioso na China, nas Indias e na Europa.

Nada mais bello do que as casas de recreio, circumdadas de collinas artificiaes de 20 a 60 pés, assentes n'uma infinidade de valles, regados por canaes d'agua a mais limpida, que juntando-se aqui e acolá, formão bellos tanques e lagos, em que navegão elegantes barcas.

São cobertas d'arvores, e especialmente das que dão flor (bastante vulgares na China), todas aquellas collinas: é um verdadeiro paraiso terreal. Os canaes não são, como na Europa, formados de pedras de cantaria perfeitamente alinhadas e parallelas, mas de toscos rochedos por tal fórma collocados, que mais parece aquillo obra da natureza do que da arte.

Na frente dos edificios que constituem o paço ha columnas de janella em janella; a madeira é toda de cedro, dourada, pintada, ou polida; as paredes são de tijolo escuro, bem talhado e bem polido; os telhados, cobertos com telhas envernizadas, encarnadas, amarellas, azues, verdes e rôxas, formão por sua disposição uma agradavel variedade de desenhos.

O predio em que de ordinario reside o Imperador fica no meio de todos os outros e é muito mais sumptuoso. Depois das portas d'entrada, das primeiras salas, das salas d'audiencia, dos páteos e dos jardins, segue-se o quarto de cama do Imperador, quarto circumdado por um largo e profundo canal: ahi se vê quanto se póde imaginar de mais bello em moveis, ornatos, pinturas no gosto chinez, vernizes da China e do Japão, vasos antigos de porcelana, sedas, estofos d'ouro e prata, etc., etc.

Vai-se d'alli a uma linda cidadesinha d'um quarto de legua

em todas as direcções, com uma porta elegante em cada um dos pontos cardeaes, torres, muralhas, parapeitos, ameias, ruas, praças, templos, mercados, lojas, tribunaes, palacios e porto: quanto em ponto grande se vê na capital do imperio o ha tambem alli em ponto pequenissimo. É destinada esta cidade em miniatura á representação, uma vez cada anno, pelos eunuchos do paço, de todo o commercio, todas as artes, toda a agitação, todas as girias e todas as trapaças, das grandes cidades. No dia aprasado veste cada eunucho o trage proprio do estado ou profissão que lhe designão; um é soldado, outro official; um sapateiro, outro alfaiate; um advogado, outro juiz; etc., etc. Chegão os navios ao porto, abrem-se as lojas, e põe-se bem patente quanto ha para vender: uma rua é para as sedas, outra para os velludos, outra para louça, outra para mil bogigangas; todas têem o seu letreiro, e logo se sabe onde se póde ir comprar o que se deseja. Botequins e tavernas é cousa que alli não falta. Homens com cestos ás costas vendem por toda a parte bolos, fructa, guisados, licores, quanto emfim se queira comer ou beber. A liberdade é extrema n'esse dia, em que o Imperador desce de sua alta posição e toma tambem parte nas danças e folias do seu povo. Se ha por ventura alguma desordem, improvisa-se logo um tribunal, e alli mesmo recebe o delinquente uma boa duzia de vergalhadas, ao som das vaias e epigrammas dos circumstantes. Cessa ahi o divertimento do que leva a tosa.

CHARADA I.

'Stou na cara sem ser bôca, Apesar de estar na bôca:	1	Sem ter cara tenho bôca, Que dá liquido p'rá bôca.	2

Abas tenho sem ser mêza,
Cabeção sem ter albarda,
Tenho roda sem ser machina,
Tenho banda sem ter farda.
Antonio Manoel da Cunha Bellem (Coimbra).

JANEIRO—8.

Ventos.—São correntes d'ar cujas direcções e velocidades varião muito. Bastantes causas concorrem para as produzir; são as principaes: em 1.º logar, e especialmente, as differenças de temperatura entre paizes visinhos, em virtude das quaes o ar mais quente, e portanto mais rarefeito, tende a subir, deslocando-se por isso das regiões mais quentes para as mais frias, e sendo substituido por ar mais frio, e por conseguinte mais denso, que determina novas correntes dirigidas dos paizes de temperatura mais baixa para os de temperatura mais alta; em 2.º logar a força attractiva exercida pelos astros sobre a terra.

Soprão os ventos em todas as direcções, que se conhecem por meio de *cataventos*. Mede-se a velocidade do vento com *anemometros*, que são apparelhos formados por hastes verticaes, que girão facilmente, e que têem na parte superior raios horisontaes terminados, geralmente, em semi-espheras ôcas; conhece-se a velocidade do vento pelo numero de voltas que o anemometro dá n'um certo tempo *(A. 52 p. 375)*.

JANEIRO—9.

Calças brancas em janeiro.—É signal de pouco dinheiro, diz-se vulgarmente; pois nem sempre o anexim é certo. Conta-se que o espirituoso fidalgo D. Simão da Silveira entrara no paço, vestido de tafetá, n'um dia de abril mui chuvoso e frio; notando-lhe outros fidalgos, rindo, que não dizia o vestido com o tempo, respondeu:

—«*Eu cá faço o que devo a abril, lá elle que faça o que quizer.*»

A proposito de fato leve: perguntou um dia El-Rei D. João IV a D. Manoel Pereira Coutinho de que faria um vestido que fosse fresco de verão, e ao mesmo tempo de dura.

—«*Para fresco,* respondeu elle, *mande-o Vossa Magestade fazer de abobora, e para de dura, da pelle de minha sogra.*»

Cura de cesões.—Ha junto das Caldas d'Alcafache, entre Vizeu e Mangualde, uma ermida denominada de *Nossa Senhora das Tuleigas*; a ella affluem com grande devoção muitos doentes, particularmente de cesões, munidos d'um saquinho de chita ou de



seda, segundo suas posses; enchem-no de terra tirada do pavimento da capella ou do interior das paredes, dão tres voltas á roda da igreja, e entrando n'ella por segunda vez, trocão o sacco, que pendurão lá dentro, por outro alli deixado por devotos, de que sempre ha grande abundancia. É tomada essa terra em logar de quina!

É bem de presumir que a igreja venha a desábar com o andar do tempo, em consequencia de lhe estarem continuamente a esburacar as paredes.

Ao competente parocho d'aquella fréguezia recommendamos e pedimos que trate de abrir os olhos a essa boa gente, pois semelhantes prejuisos são improprios do tempo em que vivemos.

CHARADA II.

Minha corrente famosa .... 1 | Dou frescura aos que tem calma,
Perde em mim o ser e o nome. 1 | E sustento aos que tem fome.

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa (Ermedo).

Salchicha d'ouro. — Abrio ha pouco um belga, na rua *Faubourg Saint Antoine,* em Pariz (rua que se acha no bairro mais populoso da capital, e é em certo modo o centro da colonia belga), um vasto estabelecimento, destinado aos apaixonados da verdadeira cerveja de Bruxellas; e para ter logo uma grande fréguezia, baptisou-o com a denominação de *Salchicha d'ouro*, e offereceu cinco francos mettidos n'uma salchicha, entre cincoenta mais, ao feliz a quem tocasse. É uma especie de loteria, a cujo sorteio se não procede senão depois de estarem pedidas cincoenta salchichas, que são escolhidas á sorte; um só é o premio. Como não ha belga que por cerveja não dê o cavaquinho, e ella seja alli de primeira qualidade, e não mais cara do que nas outras bodégas, e de mais a mais se póde ganhar uma peça de cinco francos comendo uma salchicha, quem n'aquellas visinhanças irá comer e beber a outra parte quando lhe chegue a gana de deitar para o bandulho uma boa salchicha? A cousa é clara: as salchichas fazem passar a cerveja e a cerveja empurra para baixo as salchichas; com isso vai tambem o pão, o queijo e a salada, e o resultado é ganhar o homem no dia grossas quantias. O caso é que ha, de manhã até alta noute, tanta gente á porta e dentro do tal estabelecimento, que para manter a ordem estão alli sempre uns poucos de agentes de policia. Só n'uma semana vendeu o especulador para cima de 700 canadas de cerveja por dia e não sei quantos centos de salchichas.

Tão bem se dá o homem com os resultados da sua empreza, que já pensa em estabelecer casas filiaes nos outros bairros da capital. O peór é que já a estas horas tratão uns poucos de concorrentes de lhe disputar os lucros, creando bodégas iguaes, e estabelecendo n'ellas essas loterias de um genero particular, e que difficilmente se poderão prohibir, pela *apparencia* de presente que n'aquillo ha. Modos viventes!... Cá em nossas terras é que poucas vezes apparece um especulador com idéa ou agencia nova.

A VALSA.

Tu, bontem,
Na dança
Que cança,
Voavas,
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo,
Carmim:
Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquilla,
Serena,
Sem pena
De mim!

Quem dera
Que sintas
As dôres
D'amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
Não negues,
Não mintas....
Eu vi!!...

Valsavas!
Teus bellos
Cabellos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavão,
Voavão,
Brincavão,
No collo
Que é meu:
E os olhos
Escuros,
Tão puros,
Os olhos
Perjuros,
Volvias,
Tremias,
Sorrias,
P'ra outro,
Não eu!

Quem dera
Que sintas
As dôres
D'amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
Não negues,
Não mintas...
Eu vi!!...

Meu Deus!
Eras bella,
Donzella,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual sylpho
Risonho,
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso,
Tão liso,
Que tinhas
Nos labios
De rosa,
Formosa
Tu davas,
Mandavas
A quem?!

Quem dera
Que sintas
As dôres
D'amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
Não negues,
Não mintas...
Eu vi!!...

Calado,
Sósinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa,
Na valsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas, mudo,
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem falas,
Nem cantos,
Nem prantos,
Nem voz!

Quem dera
Que sintas
As dôres
D'amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
Não negues,
Não mintas...
Eu vi!!...

Na valsa
Cançaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!

Pensavas,
Scismavas,
E estavas
Tão pallida,
Então,

Qual pallida
Rosa,
Mimosa,
No valle,
Do vento

Cruento
Batida,
Cahida
Sem vida
No chão;

Quem dera
Que sintas
As dôres
D'amores
Que louco
Senti!

Quem dera
Que sintas!...
Não negues,
Não mintas...
Eu vi!!...
....

Casimiro Abreu (Brasileiro).

JANEIRO—13

Cerebro de Cuvier.—Parece estar hoje bem assente que a intelligencia se acha na rasão directa da massa do cerebro e do numero de suas circumvoluções.



Fazendo-se autopsia ao crâneo do célebre Cuvier (que em Pariz teve por largo tempo a denominação de *sabio da Europa*), viu-se que pesava aquella massa tres arrateis e onze onças, e que erão sem numero as voltas que dava sobre si!

As lesões e fracturas do crâneo são tanto mais perigosas, quanto é mortal o minimo ferimento no cerebro. Não achando sahida os derramamentos de sangue no crâneo, é indispensavel recorrer então á operação do trépano, com que se consegue aquelle resultado, mas a que poucos sobrevivem.

JANEIRO—14.

Purificação auricular.—Dá-se o nome de Casy a um pagode celeberrimo nas margens do Ganges, e que gosa d'um privilegio singular. Quando um doente está na agonia, sópra-lhe Eswara, deus do pagode, no ouvido direito, e purifica-o assim de todos os seus peccados. Deve haver o maior cuidado em morrer sobre o lado esquerdo para que o tal deus possa fazer á vontade a operação. Se o moribundo o esquece, lembrão-se por elle os parentes que assistem aos seus ultimos momentos, e que á pressa o viram para a esquerda quando vêem que a morte se aproxima.

JANEIRO—15.

Cipó milagroso.—Ha na provincia do Rio Grande do Sul (uma das mais bellas do Brasil) um cipó (1) denominado *mil-home*, que sècco ou verde, e pisado em um almofariz com uma pequena porção d'agua quente, se dá a bebêr á pessoa ou animal mordidos de cobra: a cura é infallivel, por mais venenosa que ella fosse. Até aqui não ha que estranhar; o que admira é o seguinte: a pessoa ou animal que uma só vez haja tomado o liquido, nada mais tem a recear do terrivel reptil: póde inclusivamente pegar n'elle, ainda quando mais raivoso se ostente! Ha muito quem alli tome aquelle preservativo, pois viajando-se pelo interior, frequentemente se pernouta no campo ao pé das mattas, onde se é de continuo assaltado por cascaveis, jararacas, surucucús, etc., etc. Quem duvidar do facto, venha falar comigo (2).

José Fernandes Ferro (Porto).

(1) Dá-se este nome no Brasil a toda a herva rasteira ou trepadeira que tem umas hastesinhas longas, dobradiças, que servem para atar, ou para usos médicos, como o *cipó de chumbo.*

(2) Ha tambem no Brasil uma cobra chamada *cipó*, delgada, que anda pelas arvores e se atira á gente.

CASAREI?

Quando sósinho me vejo
No meu quarto a meditar,
Sem ter quem venha, sensivel
Minhas mágoas adoçar,
Sinto na mente passar-me
O desejo de casar:
Depende d'isso o meu bem?
Pois casarei... mas com quem?
Co'uma pequena galante,
D'estas que inspirão paixão?
Mas se, por conveniencia,
D'esposa me der a mão,
E quizer conservar livre
O voluvel coração?
Não a quero, que é p'rigoso,
E eu sou muito escrupuloso.
Irei casar co'uma feia,
Que p'ra ninguem tenha agrado?
Que aborrecida por todos,
Me não infunda cuidado?
Fóra uma acertada escolha
P'ra quem é desconfiado;
Porém não... do todo seu
Ninguem gosta? pois nem eu.
Buscarei moça que tenha
Com que eu possa figurar?
Mas... quem sabe se, querendo
Prohibir-me de gastar,
Me dirá batendo o pé:
«Se lhe custasse a ganhar!...»
Não quero, que anda depois
O carro adiante dos bois.
Casarei com mulher pobre,
Que seja honesta e formosa?
Póde ser; mas se do luxo
Se tornar ambiciosa,
E julgar que não é moda
O ser pobre e virtuosa?..
Nada... nada... não acceito;
Pr'a cego não tenho geito...
Escolherei uma velha,
Que me chame o seu menino?
Mas se ella se faz zelosa,
E se tenta dar-me ensino?
Estas velhas rabujentas
Fazem cada desatino!
Não; só se ella prometter
De em breve tempo morrer.
Talvez que uma viuvinha
Fosse boa acquisição,
Porém temo que o defunto
Lhe levasse o coração!
Nem ficão bem ao mancebo
Trastes em segunda mão:
Não quero, que hade tambem
Falar sempre em quem Deus tem.
Não quero a moça galante,
Que talvez me julgue feio;
Feia, rica, pobre ou velha,
Todas me infundem receio!
Tambem não quero a viuva;
Resta-me apenas um meio;
Como todas têem seu máu,
Comprarei uma de páu.

Faustino Xavier de Novaes. (Rio de Janeiro.)

Convento da Peninha.—Do seguinte caso que se refere por tradição de grande fé, nasce a origem d'uma igreja em um alto monte na serra de Collares que domina o Oceano a grande distancia.

Diz-se que no reinado de D. João III havia no logar das *Almoinas-velhas* uma pastora muda, que tinha por costume apascentar o seu gado na serra. Fugindo-lhe uma ovelha, que deitou a correr até ao alto do penhasco onde está hoje a igreja, foi a pastora, toda chorosa, buscal'a, e encontrando uma linda menina junto da ovelha, perguntou-lhe ella o que procurava; respondeu a muda pastora fascinada pela voz que a interrogava, que a ovelha que alli estava lhe fugira. Então a formosa donzella lh'a entregou, dizendo-lhe que a levasse a sua mãi e lhe pedisse pão. Replicou a pastora que não havia nenhum em casa, nem por aquelles sitios, pois d'elle era grande a escacez e carestia. Tornou-lhe a menina que lá em certa arca encontraria seis. Chegada á casa, e depois de haver causado a maior admiração a parentes e visinhos, falando-lhes mui distinctamente, encontrou os pães.

No dia seguinte, indo os moradores d'aquelles contornos ao penhasco onde a menina fôra encontrada, ahi deram com uma imagem de Nossa Senhora, que religiosamente collocaram na ermida de S. Saturnino; fugio esta porém d'alli tres vezes até que tiverão de edificar outra ermida que, augmentada, é hoje a igreja de Nossa Senhora da Peninha.

Antonio da Cunha.

CHARADA III.

Quem da humildade fez timbre 2 | Santo, os Reis no Rio alojo,
Por vaidoso se apregôa.... 1 | Tenho meu bairro em Lisboa.

Anonymo Charadista.

Arminho.— Parece-se com a dóninha e deriva o se nome de ser mui commum na Armenia. Tem seis dentes incisivos em cada maxilla, e em cada pé cinco dedos. O corpo é oblongo e as pernas curtas. Distingue-se da dóninha branca em ter sempre negra a extremidade da cauda e a das orelhas, e em ser um pouco maior do que ella. Todo o resto do corpo é branco no inverno, em quanto a parte superior se torna ruiva



mar no principio do verão. Sustenta-se de ratos e
ncontra-se frequentemente no meio das florestas
visinhos, em todo o norte, e especialmente na
Noruega. Exhala um cheiro pessimo, o que é
m lindo animalinho, de olhar vivo e penetrante,
lidade, e tão aceado, que cercado de lodo (di
ntes prefere deixar-se apanhar do que sujar-se
bellissima, porem faz-se amarella com o tempo.

Communhão.—É um dos mais solemnes e augustos



sacramentos da nossa religião. Depois de purificada a alma pela absolvição do sacerdote representando a Christo, une-se este a nós, e lembra-nos a sua presença quanto devemos conformar-nos com seus sagrados preceitos, que em dous unicamente se cifrão —*amar a Deus e ao proximo*—base de todas as acções virtuosas e norma de nosso proceder religioso. N'aquellas poucas palavras se resumem centenares das mais eloquentes prédicas.

A 1.ª communhão é em França uma festa de familia, uma epocha memoravel e ardentemente esperada, um titulo de gloria para os que a recebem e que por esse simples facto imaginão passar da infancia para a juventude. As meninas vestem-se de branco dos pés até á cabeça; cobre-as um véu alvissimo, symbolo da pureza e da innocencia; assim se dirigem em procissão, dos collegios, com uma vela na mão, para a igreja em que deve ser-lhes administrado o sacramento, e d'onde voltão, alegres e ufanas, a precipitar-se nos braços de seus pais. A contar d'esse dia é tida uma menina na conta de senhora e tratada pela familia com mais consideração; por ahi se fará idéa da impaciencia com que é esperado.

Festa a S. Sebastião em Faro.—É antiquissima a sua instituição. Na noute de 19 de janeiro sahe todos os annos o Santo da sua ermida, e é conduzido em procissão á Sé, onde fica até ao dia seguinte, e d'onde regressa para casa, em procissão tambem. São, por tanto, duas procissões, sem falar na missa cantada, sermão na tarde do dia competente, etc. A segunda procissão e mais solemnidades nada têem de notavel; a primeira é que merece ser descripta.

É uma verdadeira festa popular. Logo na tarde do dia 19, rapazes e crianças, d'ambos os sexos e em grande numero, invadem as casas da cidade, pedindo vellas, côtos, pavios, tudo finalmente que possa servir para improvisar uma tocha, ou cousa que com isso se pareça. Obtido o indispensavel combustivel, é este fixado n'um páu, ou n'uma cana, e põe-se-lhe á roda um *guarda-vento* de papel, em que ás vezes se vêem extravagantes pinturas. Os maritimos preferem archotes, ou pedaços de cordas velhas, e reunem-se todos em frente da ermida, na noute da procissão. Ao ingrato som das continuas badaladas d'uma solitaria sineta, começa o prestito a moverse, por volta das 8 horas d'aquella sempre fria e desagradave noute. Mal que sahe da capella o andor do Santo, atrôa os ares uma terrivel vozeria; são tres ou quatro mil pessoas a repetir com toda a força dos pulmões a antiphona popular=*Viva o Martyle S. Sebastião!*=E lá vai caminhando o Santo atraz d'aquella desordenada multidão, sem que cessem um unico instante, em quanto o Santo anda por fóra, nem a antiphona, nem os estalos de bombas e foguetes, nem os assobios e gritaria dos rapazes. Alterados o codigo penal e a reforma judiciaria, é permittido n'essa noute a qualquer maritimo o queimar as barbas e chamuscar o cabello com o seu archote a outro cidadão que vá munido d'uma arma igual, com que possa levar a effeito um nobre e leal desforço. Muitas são as chamuscaduras, muitas as pirraças para apagar os archotes, muitas as graças pesadas, sem que de tudo isto resulte

contenda ou rixa alguma. É uma completa parodia dos *Moccolis*, ou *Moccoletis*, do carnaval em Roma.

Quando o prestito chega á praça, é que a solemnidade se torna mais interessante: é lindo ver aquella immensa campina d'inquietos fachos, que de contínuo se agitão, e quasi se apagão para depois esparzirem mais viva e intensa chamma. É uma vasta seara matizada de refulgentes papoulas. De todas as ruas sahem ranchos de mulheres conduzindo crianças a pé e ao collo. Na mão d'estas se vê a classica tocha, preparada com desvélo pelo pai ou pela mãi, e que ás vezes é origem de grandes choradeiras. Chega finalmente a procissão á Sé, em cujo largo se diria que debandava o prestito, se em debandada não tivesse elle vindo até alli.

Na procissão do dia seguinte caminha novamente o Santo para a sua ermida, porém seguido apenas pela Camara Municipal, que assiste á festa, e sem que nenhum dos individuos que na noute antecedente havião tomado parte activa na funcção, se digne encorporar-se nas alas, ou acompanhar o Santo, que lá de si para si deve ficar algum tanto despeitado com a inconstancia de muitos de seus adoradores da vespera, cujo fogo se extinguio com o de seus archotes.

E. H. Lamim (Faro).

JANEIRO—21.

CHARADA IV.

Meu primeiro é feio bicho,
Que só foi ao mundo dado
Pelo caco destemp'rado
De poéta ou de pintor.... 1

É de Themis a segunda
Filha infausta e rigorosa,
Que dos Reis a mão piedosa
A ninguem consente impôr.. 3

Vende-te chitas,
Leques e gangas,
Mil bogigangas,
Quanto quizeres;

Homens, mulheres,
Este meu todo,
Mas com bom modo,
Sabe engodar.

Acabaram-se as distancias.—Curiosissimo é comparar a presteza das actuaes communicações telegraphicas com a lentidão dos antigos meios de correspondencia.

O discurso recitado por Luiz Napoleão em Pariz a 18 de janeiro passado, ás duas horas da tarde, na abertura do corpo legislativo, foi transmittido pelo telegrapho-electrico a Argel, impresso e pregado pelas esquinas d'esta cidade no dia 19 pela manhã.

Por occasião do cêrco de Sebastopol, chegava uma noticia do acampamento a Pariz em 13 horas: a distancia é de 900 léguas.

Recebem-se actualmente em Londres noticias da India em 25 dias: medeião 5,000 léguas entre os pontos extremos. Vem um vapor de Calcuttá a Suez em 24 dias; ahi manda o consul inglez para Alexandria pelo fio electrico um summario das communicações recebidas; vai d'ahi a Malta, por uma corrente electrica submarina; de Malta á ilha de Sardenha por outra; da ilha de Sardenha a Argel por outra; d'Argel a Marselha por outra; de Marselha a Calais pelo fio electrico parallelo ao caminho de ferro; de Calais a Dover por nova corrente submarina, e de Dover a Londres por novo fio aéreo. Tudo isso se faz em poucas horas.

Examinemos agora com que presteza, ou antes com que lentidão, se transmittião antigamente as mais importantes noticias. Tomaremos para isso tres; a da batalha de Fontenoy, a da batalha d'Austerlitz, e a da tomada d'Argel.

A batalha de Fontenoy, ganha por Luiz XIV e pelo marechal de Saxe contra os inglezes, foi dada a 11 de maio de 1745, e só se soube em Pariz d'ahi a 4 dias.

A de Austerlitz, dada a 2 de dezembro de 1805, só alli se soube d'ahi a 10 dias.

A tomada d'Argel, a 5 de julho de 1830, só se soube na mesma capital passados 8 dias.

Assim pois, em 1745, erão precisos 4 dias para se saber

resultado d'uma batalha importante dada a 75 léguas de distancia.

Em 1805 erão precisos 10 para se saber o resultado d'outra dada a 400 léguas.

Em 1830 precisavão-se 8 para receber noticias d'Argel, situada a umas 250 léguas.

Em 1855 bastaram 13 horas para se saber o resultado do cêrco de Sebastopol, a 900 léguas.

Em 1858 bastaram 25 dias para que em Londres se soubesse o que ia pela India, a 5,000 leguas, e duas horas para transmittir um discurso de quatro paginas de Pariz a Argel.

Mais: as 9 columnas de que se compunha a mensagem do Presidente dos Estados Unidos em 1858 foram mandadas de Liverpool a Pariz em pouco mais de cinco horas.

Por meio da corrente electrica submarina entre a Irlanda e a Terra Nova, achão-se actualmente os dous mundos em instantânea communicação!....

JANEIRO—23.

Vingança d'um Paulista.—Habitavão na cidade de Sorocaba, provincia de S. Paulo (Brasil), Matheus Garcia e sua familia. Namorou-se um filho d'elle d'uma menina de Ytú: introduzindo-se uma noute na casa paterna da amada, foi presentido, e logo agarrado por sete malvados que barbaramente o assassinaram. Soube Matheus quem elles fossem todos sete, e logo fez o solemne voto de os matar tambem a todos, e de trazer a sua mulher uma orelha de cada um Depois de dez annos d'ausencia e de fadigas, depois de ter percorrido essas immensas provincias de S. Paulo, Minas, Matto Grosso, Goyaz e Rio Grande do Sul, voltou para casa e apresentou á mulher um collar formado, não de diamantes e outras pedras preciosas, alli tão frequentes, mas de sete orelhas!

Não resa a historia se ella o poz alguma vez ao pescoço.

José Fernandes Ferro (Porto).

Abutre.—É uma ave de rapina que só de animaes mortos se sustenta. Ha-os de differentes côres e uns maiores, outros menores; têem-se chegado a ver do tamanho de uma aguia, e dizem que ha tal na Africa, que póde levar pelos ares um carneiro. Uns são pardos, outros cinzentos, outros tèem o ventre e o pescôço d'um ruivo que parece dourado. Tèem bico revolto, pernas curtas e cobertas de pennas, que tambem lhes cobrem os dedos dos pés e unhas. Os olhos são pequenos e á flor do rosto, o corpo oblongo, a cabeça pequena, o pescoço comprido e nú, mas ornado em algumas especies d'um collar de pennas compridas. Exhalão um cheiro infecto e corre-lhes continuamente das ventas um humor viscoso. São as aves que mais alto se elevão' chegando até ás vezes a perder-se de vista. Domesticão-se facilmente se se tomão nos ninhos pouco depois de nascidas. Encontrão-se por toda a parte, porém mais nas regiões meridionaes do que nas do norte. Os dos paizes septentrionaes emigrão logo no principio do outono para climas temperados e parecem dar a preferencia aos Alpes e Pyrineus. No Chili e no Perú são elles que se encarregão da limpeza das ruas.



Outro tanto acontecia com os cães aqui em Lisboa antes de 1834: hoje é uma aceadissima cidade.

CHARADA V.

Procurar vou tres idéas
Para formar um *conceito:*
E quero que sejão bellas
Como Elle é lindo e perfeito.

Áquellas com que em mil fórmas
O prazer nos extasia,
Eu puz os nomes suaves
Com que o mundo as pronuncia 1

Tambem parte sou de um nome
O mais doce que ha na terra 1
E riquezas nunca findas
Natureza em mim encerra... 2

As tres idéas que achei
De *valor, prazer, bondade,*
Expressar inda não podem
D'este *conceito* a verdade.

Inda que expressassem quanto
De bom se póde gozar,
Não dirião quanto eu penso
Que Elle me podia dar.

As doçuras da existencia,
S'eu as posso inda fruir
N'esta vida d'amarguras,
D'Elle só me podem vir.

José Maria da Silva Leal.

Assahy.—É o fructo d'uma arvore muito alta e de folhas compridas, nascida sem cultura alguma nos matos do Brasil. Tem a pelle fina e preta, pouco miolo e caroço redondo.

Amassado com agua e coado depois tudo, fica o liquido com a côr de vinho tinto e bebe-se com assucar. Abunda muito aquelle fructo em toda a provincia do Pará, e por isso se dá aqui, geralmente, esta bebida aos pretos e gente parda nacional. É barata, mas azéda passadas 24 horas. O assahy é abundante no verão e escaço no inverno.

J. L. S. S. C. (Pará)

JANEIRO — 26.

Juizo de Béranger por Guizot. — *«Appareceu então um homem do povo, nascido poéta, e que mais poéta ainda se tornou á força de arte, celebrando, encantando, animando e propagando com suas canções os instinctos e as paixões populares contra tudo o que lembrava o antigo regimen, principalmente contra as pertenções e a dominação ecclesiastica. Béranger não era, no fundo do coração, nem revolucionario, nem impio; era mais honesto e mais sensato do que as suas canções, porém democrata por convicção e por gosto.»*



É aquelle o fidelissimo retrato do célebre cancioneiro.

JANEIRO — 27.

Jardim artificial. — Está-se actualmente fazendo em Batignolles, nas abas de Paris, um bellissimo jardim inglez, plantado de arvores de zinco envernizadas, e carregadas de flores do mesmo metal. Aquelle sim, que resiste á intemperie das estações. Não haja medo que lhe sequem e caião as folhas e os fructos, por mais rijo que sópre o vento: o que pede é chuva; quanta mais cahe, tanto mais viva e brilhante se mostra aquella vegetação. Magnolias, loureiros, acacias, roseiras, madresilvas, e toda a qualidade de arvores e arbustos, se achão alli imitados com tanta perfeição, que quem não souber da giria, os tomará por productos naturaes.

FOI!...

Inda te vejo, qual eras
N'esses fugitivos dias
De saudosas alegrias,
D'um amor, bello ao nascer:
Inda te vejo, qual eras
Terna amiga, carinhosa,
Cara irmã, luz milagrosa
Nas trevas do meu viver.

Eras linda! tinhas alma,
Como poucas ter podião;
E teus olhos me dizião
Mil segredos, que esquéci.
Eras linda! tinhas alma,
Mas queimada pelo lume
D'um frenetico ciume,
Que me fez fugir de ti.

Fôras anjo, se podesses
Martyr ser do teu desgosto,
Mas o brilho do teu rosto
Era o incendio do rancor.
Fôras anjo, se podesses
Esconder no fundo d'alma
Essa raiva que se acalma
Quando é puro e nobre o amor.

Reduziste a nada a esp'rança
Que me déra a fantasia!...
Tantos mundos de poesia
Apagaste no meu céu!...
Reduziste a nada a esp'rança
Em que eu lia o meu destino,
Porque, em fim, um desatino
Não condemna á morte um réu!

Condemnaste! e talvez hojo
Muitas lagrimas baldadas
Pelas faces desbotadas
Te derrame o teu pesar!...
Condemnaste! e talvez hoje
Em meus braços chorarias
Se depois das agonias
Eu podesse perdoar!...

Já não posso! é tarde! e nunca!
Já não és a alma pura,
Qual te vi, quando a ventura
Me mentio nos labios teus.
Já não posso!...é tarde! e nunca!
Dei-te amor, que eu só daria;
Era immensa esta poesia
De que tu rasgaste os véus.

Posso ver-te qual tu foste;
Mas qual és eu te aborreço;
Rebaixaste o alto preço
Em que tive o teu amor.
Posso ver-te qual tu foste;
Mas qual és, quando te vejo,
Sinto dôr e sinto pejo,
Pois vergonha é sentir dôr.

Camillo Castello Branco.

Igreja de Santo Antonio de Lisboa em Padua. — É um edificio gothico, principiado por Nicoláu Pisano em 1255 e terminado em 1307. Admirão-se alli riquissimas pinturas, estatuas e baixos relevos. *O martyrio de Santa Agueda* é um de seus mais bellos quadros. Os baixos relevos que circumdão toda a capella de Santo Antonio, e que representão sua vida, são obra de grande perfeição. Ha na mesma capella um crucifixo de bronze por Donatteto, muitos castiçaes de prata, e dous grandes tocheiros do mesmo metal. O corpo do Santo está debaixo do altar mór da capella.



Na praça fronteira á igreja se vê uma estatua equestre, de bronze, do general Galhamelata.

No palacio do conde Pappafara, na mesma praça, se mostra um grupo de marmore de Carrara, que representa a queda dos anjos rebeldes do paraiso, grupo em que se vêem 64 figuras perfeitissimas, e sobranceira a ellas a imagem de S. Miguel.
Joaquim José Ferreira Campos (Carvalhal, termo de Santarem).

CHARADA VI.

Posso ser bella, e ser formosa;.. 1
Posso ser feia, e horrorosa; . . . 1
Posso ser nobre, e generosa,
Posso ser fraca, e criminosa. } 1
Posso alegrar, posso gozar,
Posso soffrer, posso penar.

Condessa de Rezende.

Traz-os-montes.—Esta formosa provincia, tão atrozmente desfigurada por mal avisados escriptores, qual ha ahi entretanto que a iguale em riqueza, em amenidade, em belleza, a não ser o romantico Minho?!... Traz-os-montes, minha patria, eu desejaria rehabilitar-te aos olhos dos que te não sabem apreciar; infelizmente fallecem-me dotes para poder devidamente descrever todos esses dons que a pródiga natureza derramou sobre ti. Quanto mentem os que dizem que tu não és mais que um montão de medonhas serranias e asperos rochedos, aonde a vista apenas encherga aqui e acolá o rude pastor conduzindo seu magro rebanho!... Com razão te ufanas tu d'essas montanhas, que ás vezes te cingem, aqui e acolá, como um vasto diadema cravejado de ricos diamantes. Semelhante á Suissa, encerras em ti um *specimen* de todas as maravilhas que o Creador expoz á admiração dos homens. Tanto a extensa cordilheira, que principiando no rio Douro com o nome de *Marão,* se prolonga até á Galliza, tomando successivamente as differentes denominações de *Borralheira, Albão, Alturas de Barroso, Montalegre,* etc., formando-te uma orla do lado occidental, como as serras de *Montesinho*, de *Nogueira*, de *Roboredo*, dos *Passos*, de *Bornes,* quão dignas são de ser visitadas pelos que presão as maravilhas da natureza!... Situada no centro da provincia e bastante elevada acima dos terrenos adjacentes, offerece-nos esta ultima serra um mirante d'onde se gosa uma admiravel perspectiva, que não só alcança toda a provincia, mas ainda grande espaço fóra d'ella (1). Subi pela povoação de Villar do Monte, aonde o author d'este artigo vos offerece com a melhor vontade uma humilde refeição, e acompanhando-vos na vossa excursão poderá ser-vos de grande auxilio para fazerdes

(1) Vê-se perfeitamente a Serra da Estrella a 20 e tantas léguas de distancia, toda a cordilheira de Senabria em Hespanha e grande extensão da Beira e territorio hespanhol.

perfeita idéa de toda a provincia. Depois de haverdes andado uma grande légua, chegareis ao ponto culminante, chamado *Miradoiro*, d'onde o povo, sempre amigo do extraordinario, quer que se aviste Lisboa. Lançai os olhos em torno de vós. Que panorama!... Oh!... Quem tivera côres para pintal'o!... Todo o terreno que avistais é, em geral, montuoso. Afóra as principaes serras acima enumeradas, e que todas d'aqui se avistão como n'um mappa desenrolado a vossos pés, avistais varias assentadas e cabeços, mais ou menos altos, mais ou menos extensos, que matisão o sólo aqui e acolá. Mas que montanhas! Que suavidade de linhas!... Que verdura!... Nenhum rochedo vem desfigurar as fórmas, alterar os contornos que a vista se apraz em seguir!... Estão lançados nos intervallos d'estas serras formosos e riquissimos valles, que ora se estendem e alargão, ora se encolhem e apertão. Além, quasi ao Norte, detraz d'aquelles cabeços, fica o grande *Valle de Chaves*, continuado para o Sul pelo da *Ribeira d'Ouro*, ambos célebres pela sua extraordinaria fertilidade. E aqui ao Sul, a vossos pés, contemplai esses ricos e extensos campos da *Villariça*, de seis léguas de comprimento e uma de largura, que se assemelhão ao leito de um grande rio que ha muito cessou de correr. Vêde agora pór toda a parte que verdura, tão raras vezes interrompida!... Nos logares mais elevados é um tapete de tojo ou urzes anãs, que poderia tomar-se por um manto de velludo. Mais abaixo são extensas mattas de castanheiros (arvore muito vulgar na alta provincia), bosques de carvalhos e alguns pinheiros; são tambem interminaveis campos de estevas e giestas, que ás vezes cobrem cabeços inteiros. Nas ladeiras verdejão formosas searas de centeio, que em toda a parte produz abundantemente. Os valles ora estão cobertos de louras searas de trigo ou centeio e de verdejantes pomares e sementeiras de milho, ora plantados de extensos olivaes que constituem a principal riqueza d'esta provincia. As vinhas, de pé baixo, occupão tambem grande extensão de terreno, sobre tudo no famoso Douro, que d'aqui mal se póde distinguir. Que podes pois desejar,

querida patria?!... Possues os melhores vinhos do mundo, os mais saborosos fructos de Portugal, o melhor clima, as mais bellas montanhas; e se não tens os limpidos lagos da Suissa, serpeião nos teus formosos valles innumeraveis rios e ribeiras, orlados de choupos e salgueiros, e acompanhados de amenas veigas e verdejantes prados, que os pastores da Arcadia invejarião!... Que podes pois desejar?!

Estrangeiro! Se alguma vez te avisinhares d'esta formosa provincia, não deixes de a visitar, pois alli te esperão delicias sem conto!...

Antonio Emilio de Sousa Freire Pimentel (Villar do Monte).

JANEIRO—31.

Pontes Pensiles.—A mais evidente prova de quanto os chins se distinguiram nas sciencias mechanicas em eras antigas está na existencia de pontes d'aquellas sob a dynastia dos Hans. Se se deve dar credito ao testemunho de historiadores e geographos respeitaveis, foi Shan Leang, 1.º Soberano da referida dynastia, que emprehendeu e terminou a construcção de estradas atravez das montanhas: as communicações havião sido até então difficillimas, em rasão da altura das collinas e da profundidade dos valles. Com o auxilio de cem mil operarios abrio aquelle Imperador chinez passagem nas montanhas, empregando a terra extrahida em atulhar os valles; e quando isto não era bastante para elevar os caminhos ao nivel ordinario, mandava construir pontes que assentavão em solidos pilares. Concebeu e executou n'outros sitios o temerario projecto de suspender pontes entre duas montanhas por cima de profundissimos despenhadeiros, pontes de uma tal arrogancia que só com o credo na bôca se atravessavão. Ainda alli existe uma que percorre o espaço de 400 pés sem apoio intermedio, e que está a 500 pés da superficie do rio.

D'ahi proveio talvez a idéa primitiva das nossas pontes pensiles cá na Europa.

Duas linhas sobre Pernambuco.—Nenhuma d'essas curiosidades naturaes que prendem a attenção e despertão a curiosidade temos por aqui, a não ser a variedade das especies vegetaes e animaes, o luxo, vigor e seiva da vegetação, e essas paisagens dignas por sua belleza de serem reproduzidas na téla por habeis pinceis. De tantas galas e magnificencias da natureza mal fazem idéa os habitantes da Europa.

Em Apipucos e Caxangá, pequenos arrabaldes do Recife, mais aprasiveis no verão pela sociedade que reunem, existem duas nascentes d'agua ferruginosa, sendo a do *ultimo* logar resguardada por uma casinha em fórma de guarita, já um pouco arruinada.

As artes estão entre nós inda pouco desenvolvidas, e não temos esses monumentos que servem de memorar os grandes homens ou os grandes feitos: nossos edificios são commodos e elegantes, mas não podem ser classificados entre os que formão os diversos estylos de architectura; entretanto já se notão edificios importantes, como a solida casa de detenção, o grande hospital de caridade, a alfandega, o theatro, a casa da presidencia, etc. Ha no cemiterio publico tumulos elegantes e ricos, e é de bella perspectiva a sua capellinha em estylo semi-gothico.

Descendentes de portuguezes, nossos usos e costumes são os seus, mais ou menos modificados, bem como as crenças religiosas e os prejuisos e superstições, que todavia pouquissimos crentes encontrão em nossa cidade. Ainda ha quem por aqui acredite em apparições de almas, em lobis-homens, em feitiços, mas é gente rude, e essa mesma das gérações passadas. A géração nova ri-se do que a seus antepassados causava susto, e a apparição de um phenomeno qualquer, inda que venha com visos de sobrenatural, desperta a curiosidade e dá motivo ao gracejo, se a elle se presta.

J. Diniz Ribeiro da Cunha (Brasileiro, Pernambuco).

Tenebroso mysterio.—Em um livro antigo, intitulado *Série e obito dos abbades de Villar d'Amargo*, se lê o seguinte caso, acontecido no anno de 1676 com o abbade João de Barros e Brito. Archivemol'o no *Almanach de Lembranças* em rasão de se haver tornado rarissima aquella obra, em que se contém a relação de muitos outros acontecimentos igualmente memoraveis.

«Era alta noute quando lhe forão bater á porta, dizendo-lhe que se levantasse depressa para administrar os sacramentos a um enfermo. Trata o abbade de se levantar e vestir, e péga nas chaves da igreja: no acto de abrir a porta da casa, encara com dous desconhecidos que o agarrão e conduzem á igreja que fica fóra da povoação, não lhe dando logar a que chame o sacristão, nem pessoa alguma do povo. Ao chegar defronte da porta principal, vê ahi tres cavallos arreados, uma senhora vestida de seda, e um cavalleiro que lhe servia de guarda. Entrando no templo os tres homens e a dama, disseram aquelles para o abbade: *Confesse essa senhora, que o lavatorio nós lh'o daremos.*» E principiaram logo a abrir uma sepultura: pertendeu o abbade, a pedido da dama, demorar a confissão para vêr se amanhecia e assim livrava da morte a infeliz; desconfiando porém os outros do caso, ameaçaram o abbade, e logo este absolveu a penitente, e em seguida lhe foi ministrado o lavatorio, que para isso já havião preparado em um vaso: tomado que foi este, repentinamente cahio morta a desgraçada, que trataram logo de sepultar. Despediram-se depois do abbade, e montando nos cavallos, partiram, sem nunca se saber quem fossem nem d'onde vinhão. O abbade, aterrado e cheio de remorsos, tratou de partir para Roma, onde viveu até 1679, e d'alli mandou para a sua antiga abbadia de *Villar d'Amargo* as sagradas reliquias de Santo Eugenio e Santo Augusto, que ainda hoje se venerão na dita igreja.»

Antonio de S. Julião (Figueira de Castello Rodrigo).

EPIGRAMMA.

Perguntando um bom taful
Porque se ria á janella
Quando co'a febre *amarella*
Tudo á uma andava *azul*,

Respondeu: «*Hymnos e flores*
Ao Rei dos orbes celestes!
Já lá me vão dez crédores,
Que valião por dez pestes.

Jorge Guilherme Lobato Pires.

Mar de Sargaços.—Está situado entre os Açores, as Canarias e as ilhas de Cabo Verde. É um espaço igual em extensão ao Valle do Mississipi (Estados Unidos), coberto de plantas denominadas *hervas do golpho, uvas dos tropicos*, a tal ponto agglomeradas por vezes que difficultão a navegação. Ao verem-nas os companheiros de Christovão Colombo, julgaram que alli acabava o mar. É ás vezes tão consistente essa massa que se dissera poder-se andar por cima d'ella. No mesmo logar em que Colombo a encontrou no fim do seculo XV, tem até hoje permanecido, oscillando regularmente de norte a sul, e tornando sempre ao seu estado natural depois das pequenas alterações que lhe causão os ventos e as tempestades.

CONTRIÇÃO DE UM GLUTÃO.

Devorou certo glutão
Á ceia immenso pregado;
Só perdoou a cabeça.
E ficou empanzinado.

Seguio-se á bruta lambança
Furiosa indigestão,
Que poz em risco de vida
O pobre do comilão.

Da medicança a caterva
Debalde sobre elle salta;
Que teste, que cuide n'alma,
Já quem lhe lembre não falta.

«Pois sim, diz, adeus, ó mundo!
É forçoso que te deixe!
Mas, para evitar remorsos...
Tragão-me o resto do peixe.»

V. D. (Algures)

Amor.—Assim o definio já um autor francez em 1765: «É uma paixão que amança o mais fero e enfurece o mais brando —que torna ao mesmo tempo o homem forte e fraco, sincero e desconfiado, generoso e perfido —que entristece e alegra, agita e acalma, desespera e consola—que eleva o homem e o envilece—que é causa de suas virtudes e de seus vicios, de sua vergonha e de sua gloria, de seu infortunio e de sua felicidade—funesta paixão que só debellada á nascença se subjuga.»

Vale a pena de se copiar e de se pregar á cabeceira da cama para lhe fugir emquanto é tempo (*A.* 59 *p.* 132). *A. de B.*

Velocidade gallega.—Tinha um sujeito por criado um gallego lôrpa e dos mais molles: mandando-o um dia fazer um recado com toda a pressa, chegou á janella para ver como desempenhava a ordem: ia o bruto com o seu passinho miudo.

«Ó maroto, tu não tens outro passo?

«*Ai tenho chim chenhor, mas o outro ainda é mais curto.*»

Padre, Filho, Espirito Santo.—Pedro Antonio Cavroé foi homem de distincto engenho, de subtil espirito e de muita graça. Desempenhou varios cargos importantes, e morreu, não ha muitos annos, no de Presidente do *Conservatorio das Artes e Officios*. Resolvido a expatriar-se por idéas liberaes quando em Portugal se havia já dado em terra com a Constituição, decidio ir para o Rio de Janeiro, e no caso em que ahi não fizesse fortuna, para a provincia do Espirito Santo, onde havia muito que um irmão lhe estava pedindo que fosse viver para a sua companhia, o que só acceitaria Cavroé no caso extremo. El-Rei D. João VI, que lhe conhecia o merito, deu-lhe uma carta de recommendação para seu filho, o Imperador do Brasil, e era de esperar que munido com ella fosse bem acolhido por aquelle Soberano; aconteceu porém o que frequentemente succede em casos taes; precederam a Cavroé no Rio de Janeiro mil cartas anonymas que o denegrião, e já o Sr. D. Pedro estava prevenido contra elle quando se lhe apresentou. O dialogo foi curto:

Então vossê quem é? d'onde vem? para onde vai?

«*Senhor, eu sou Pedro Antonio Cavroé; venho do pai, dirijo-me ao filho, e se elle me não attender, vou para o Espirito Santo.*»

O Imperador rio-se e empregou-o.

FEVEREIRO—6.

Epitaphio enigmatico.—Em uma campa nas proximidades de Coimbra se achou o seguinte:

Ó. . . . . tua. . . . . te
be . . . . bia. . . . . avit
ra . . . . ra. . . . . ra
es. . . . . et. . . . . in
ram . . . . ram . . . . ram
i. i

Houve quem lesse assim:

Oh superbe, tua superbia te superavit; terra es, et in terram ibis.

Arborisação.—Hoje, que felizmente as nossas camaras municipaes vão promovendo a arborisação pelos seus respectivos concelhos, pareceu-me util lembrar-lhes uma que julgo ainda ahi se não encetou, que é a das amendoeiras. Estas arvores, cuja ramagem é das mais bellas, dão muita sombra, sem comtudo privarem da vista os predios visinhos, e exhalão excellente cheiro. A camara municipal do Pará emprehendeu esta arborisação no *Largo do Palacio* d'esta cidade, e com ella fez bellos arruamentos; as arvores estão lindas apesar do nenhum tratamento. A ramagem das amendoeiras dá ás vezes quatro e cinco rodas em espiral, o que é mui vistoso. E como tambem seja excellente o fructo d'esta arvore, bem se póde dizer que reune o util ao agradavel.

Felizmente que por toda a parte se vai conhecendo o grande proveito que da arborisação se tira para a hygiene publica. É de mais a mais um embellezamento nas praças publicas.

O. G. (Pará)

FEVEREIRO—8.

CANTICO DA NOUTE.

Sumio-se o sol esplendido
nas vagas rumorosas!
em trevas o crepusculo
foi desfolhando as rosas!
pela ampla terra alarga-se
calada solidão!
parece o mundo um tumulo
sob estrellado manto!
alabastrina lampada,
lá sóbe a lua! Emtanto
gemidos d'aves lugubres
soando a espaços vão.

Hora dos melancolicos
saudosos devaneios!
hora que aos gostos intimos
abres os castos seios!
infunde em nossos animos
inspirações da fé!
de noute, se um revérbero
de Deus nos allumia,
distilla-se de lagrimas
a prece, a prophecia!
alma enlevada em extasis
terrena já não é!

Antes que o somno tacito
olhos nos serre, e os sonhos
nos tomem no seu vortice,
já rindo e já medonhos,
hora dos Céus, conserva-me
no extincto e no porvir.
Onde os que amei? sumiram-se.
Onde o que eu fui? deixou-me.
D'elles, só vãs memorias;
de mim, só resta um nome!
no abysmo do preterito
desfez-se choro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas
brotaram de alegrias!
desfez-se! e quantos jubilos
nasceram de agonias!
teu curso, ó Providencia,
quem n'o previo jámais?
que horas d'est'hora tacita
me irão desabrochando?
quantos não fez cadaveres
n'um leito o somno brando!
vir-me-hão co'a aurora proxima
as saudações? os ais?

Se o penso, tremo, aterro-me;
porém, se ao Pai Supremo
remonto o meu espirito,
exulto; já não tremo,
a alma lhe dou; reclino-me
no somno sem pavor.
Chama-me? ascendo á patria;
Poupa-me? aspiro a ella.
Servir-te! ou ver-te, e amarmo-nos!
que sorte, ó Deus, tão bella!
vem! cerra as minhas palpebras,
virgem do casto amor!

Antonio Feliciano de Castilho.

Rival de Camões.— Contra o Padre José Agostinho de Macedo, a tempo em que elle publicava o seu *Oriente*, foi composta a seguinte decima, attribuida a Pato Moniz.

Ao Parnaso quer subir
Novo rival de Camões,
E das loucas pertenções
As musas se põem a rir:
Apollo, sem se affligir,

D'est'arte diz ao casmurro:
«Póde entrar que não o empurro;
Não me vem causar abalo;
Já cá sustento um cavallo,
Sustentarei mais um burro.»

Doudos alegres.—Longe vai o tempo em que só com pancadaria velha se pertendia restituir aos alienados o uso da rasão: hoje em dia, e por toda a parte, é com bons modos, com delicadeza, com affabilidade, não os irritando nunca, e trazendo-lhes quanto possivel o espirito satisfeito, que os doudos são tratados. O Sr. Dr. Polidó, que na Allemanha particularmente visitou esses estabelecimentos, tem prestado entre nós valiosos serviços a estes infelizes, e é digno de ser visitado o hospital de Rilhafolles, por elle dirigido, e que bem póde hombrear com outros analogos por toda essa Europa. Renunciou-se de uma vez para sempre á antiga e barbara rotina, e na physionomia dos proprios doudos se lê o contentamento de se verem tratados com tanto amor e caridade.

Ha já tempo que na Allemanha se fazem representar comedias aos alienados nos proprios hospicios que lhes servem de asylo. Os esforços que elles fazem para decorar os papeis, e a attenção que devem prestar para responder a tempo e a proposito, está hoje provado que influem efficazmente no cerebro enfermo.

Em Praga se deu ultimamente uma representação dramatica d'esse genero, e houve doudo que se não trocaria pelo melhor dos actores publicos d'aquella capital: seguio-se-lhe um baile—os doudos dançaram com as doudas—todos gostaram—repetiram—ahi deu principio mais d'um namoro—e para todas essas idéas se virou o espirito d'aquella pobre gente, idéas reaes, positivas e agradaveis, em vez das illusorias, fallazes e tristes que d'antes os opprimião, e a que alguns renunciaram.

Muita vez faz o amor perder a rasão; bom é pois que alguma vez tambem a restitua.

FEVEREIRO—10.

ENIGMAS

I—Quando é que a lua pésa mais?

II—Qual é a planta de que se faz mais uso?

Mnemonica amena—Em Roma, quando alguem nos séculos antigos se dispunha a invocar o testemunho de quem assistisse a um acto qualquer, puchava-lhe pelas orelhas. Plinio o naturalista disse: *«A séde da memoria é na ponta da orelha e por isso a apertamos para invocar o testemunho d'alguem.»* Ao assenhorearem-se das Gallias os austrasios, inseriram no seu codigo o artigo seguinte: *«Se alguem comprar uma propriedade, dirigir-se-ha a um sitio aprasado, com tres, seis, ou doze testemunhas, segundo a importancia da acquisição, levará comsigo outras tantas crianças, e depois de pagar o preço ajustado terá bem cuidado em dar umas poucas de bofetadas em cada criança e em lhe puchar as orelhas, para que mais tarde possão, se for preciso, servir de testemunhas.»*

Identicas disposições se achão consignadas em diversos codigos allemães: lê-se no fim de alguns documentos importantes dos séculos XI e XII: *«Puchou-se pelas orelhas ás respectivas testemunhas.»*

Em França gostavão mais das bofetadas. Foram certificados os donativos de Guy de Montfaucon á igreja d'Autun, em 1122, por Ponce, conego de Rebel, que d'elles havia sido testemunha em sua infancia, *e a quem, para que os não esquécesse, se deu uma bofetada.*

Ainda hoje, em algumas fréguezias ruraes de França, quando os donos de propriedades visinhas assentão um marco para as dividir, chamão quantas crianças podem e dão-lhe bofetão bravio, exclamando com grande alarido: *«É para se lembrarem, é para se lembrarem.»*

É fundadas, sem duvida, no mesmo principio, que ao fazerem-se entre nós execuções capitaes, o que é rarissimo, levão algumas mulheres os filhos pequenos, a quem dão uma reverenda bofetada quando o carrasco se atira aos hombros do padecente.

Digamos de passagem que é este o mais indecente de todos os supplicios!...

Africa Occidental Portugueza—Ceremonias na eleição d'um Soba.—Impossivel é dar uma descripção exacta da maneira por que são eleitos chefes, potentados, ou *sobas* dos sertões d'esta parte da Africa não avassallados, e d'alguns avassallados, por isso que é tão immenso até em sertões visinhos; alguma cousa direi não obstante.

Logo que morre um *soba*, reunem-se os *macotas* (especie de ministros e grandes do reino) e tratão de ver a quem de direito pertence o *sobado*. É sempre o herdeiro um sobrinho do defunto, mas filho de irmã e não de irmão, fundando-se para isso em que têem certeza de que o filho da irmã é seu parente, e do filho da cunhada ou do de sua mulher, não a podem ter. Este principio é geral em toda a costa.

Começão depois as ceremonias do funeral do *soba* fallecido, em que ha grande diversidade. Terras ha em que pendurão o cadaver pelo pescoço na casa em que elle costumava dar audiencia ao povo, e vão todos os dias annunciando que o *soba* está muito doente, até que cahindo o corpo no chão participão então ao povo que morreu, e começão os funeraes, mais ou menos pomposos, segundo a maior ou menor autoridade, representação, ou riqueza do finado. Durão outo dias, ou mais, segundo as terras.

Amortalhão o cadaver por diversos e extravagantes modos, e são logo chamados os adivinhadores, para que digão de que morreu, se foi de feitiços, etc. Finda esta indispensavel ceremonia, tratão de enterrar o corpo, sentado na cadeira, symbolo da autoridade de *soba*, e com o seu grande cachimbo na bôca, o qual lhe têem sempre conservado accêso e com tabaco; encarregado um escravo de o segurar e accender quando se apaga. Terras ha em que sepultão, conjuntamente com o corpo do *soba*, a sua mulher mais predilecta e alguns escravos, sendo estes degollados primeiro. Todo o povo, sem distincção de sexo ou idade, toma parte nas honras funebres,

dando muitos e amiudados tiros, e com extravagantes danças e musicatas. Em todos os dias dos funeraes é morto um boi, come-se e bebe-se a fartar.

Nas terras não avassalladas são os *sobas* senhores absolutos das vidas e bens dos seus subditos, que são seus verdadeiros escravos, e a que chamão *filhos*. Em certos casos porém de maior gravidade, como sejão guerras, etc., convocão os *mos*-*cotas*, que são, como já se disse, os grandes do reino, e por consequencia os seus conselheiros.

Difficillima cousa nos parece o poder civilisar, ainda que pouco seja, estes povos, por isso que, se um d'elles sahe da sua terra e se civilisa entre nós, voltando para os seus, estes o não recebem, e até lhe chamão *branco*, isto é, homem civilisado, vestido e calçado, um maroto, emfim.

Anonymo Benguellense.

FEVEREIRO—13.

Usos hollandezes.—Serenos (*A*. 52 *p*. 50) com o seu uniforme percorrem as ruas toda a noute, dizendo as horas que são, e servindo tambem de agentes de policia.

Quando alguem está doente, prega-se á porta de casa todos os dias de manhã o seu boletim sanitario, para evitar as continuas visitas d'amigos e importunos.

Se uma mulher se acha no ultimo termo da gravidez, não tocão os tambores ao passar-lhe por diante das janellas, não apregôão os vendilhões, nenhum crédor ou agente de policia tem o direito de ir perturbar-lhe o repouso domestico, e em algumas localidades, como Harlem (*A*. 58 *p*. 229), embrulha-se n'um bocado de renda o martello da porta da rua, o que equivale a recommendar que se entre com as necessarias precauções.

Quando alguem morre, vai um homem todo vestido de preto, e que tem a denominação de *mensageiro da triste nova*, dar parte do obito aos parentes e amigos do finado: é o bilhete de enterro.

Provincia do Ceará.—Confina ao norte com o oceano, a léste com o Rio Grande do Norte e Parahiba, ao sul com Pernambuco, e a oéste com o Piauhy. Teve começo a sua colonisação em 1610 por Martim Soares Moreno, que então fazia parte da capitania do Maranhão. Não se sabe quando fosse desligada d'aquella capitania, mas é certo que em 1799 foi elevada a governo independente do de Pernambuco, sendo seu primeiro governador o chefe de esquadra Bernardo Manoel de Vasconcellos.

Comprehende hoje 6 cidades e 21 villas, álem de importantes povoados, que bem poderião já ser levados a esta ultima cathegoria; orça-se a sua população em quatrocentos mil habitantes, de que um decimo é escravo. Tem serras importantissimas e é fertilissimo em geral o seu solo. A creação de gados e a cultura do caffé, cana e algodão, constituem os ramos mais importantes de sua riqueza.

A cidade da Fortaleza, anteriormente villa desde 1726 até 1823, é a capital da provincia, e o logar mais notavel da mesma; porém o seu porto, formado por um recife notavel e que o governo trata de melhorar, é terrivel pela braveza do mar, e pouco lhe serve para o desembarque a excellente ponte e o trapiche que tem: é comtudo bastante frequentado. Defende-a uma grande fortaleza denominada de *Nossa Senhora d'Assumpção,* em frente do ancoradouro e fica-lhe a léste, em distancia de uma légua, o *Forte do Mocuripe,* em que ha um bom pharol.

Foi morosa até 1836 a edificação d'esta cidade, que é toda de tijolo, mas de então para cá tem tido muito desenvolvimento, o que se attribue a um banco provincial creado pelo presidente, o senador Alencar. A perspectiva ao desembarcar-se não condiz com a sua elegancia; as ruas, que agora se principião a calçar, são larguissimas, muito direitas e bem alinhadas, e não se vêem alli terrenos devolutos; são murados aquelles em que ainda se não construiram casas.

É actualmente de 697 o numero de seus predios (incluidos cincoenta e tantos de sobrado), álem dos edificios publicos, entre os quaes se extremão, por sua grandeza e gosto de architectura, os seguintes: palacio do governo, quartel de linha, paço da municipalidade, hospital de caridade, cadêa e armazem de polvora. Ha outros menos importantes, como as thesourarias, geral e provincial, a alfandega, o quartel de policia, o lyceu e a casa dos educandos artifices. Agora está começando um elegante predio de sobrado para paço da assembléa provincial, e consignou o corpo legislativo os fundos necessarios para a construcção de um bom theatro.

São sete as igrejas (tres acabadas e quatro em construcção) e tres os cemiterios, com o dos protestantes. A igreja matriz é admiravel, pelo bello gosto moderno de sua architectura e por seu grande aceio interior: poucas ha assim no imperio.

A não existencia de vácuos, por serem murados todos os terrenos ainda não edificados, álem de tornar a cidade mais bella, a faz parecer maior do que realmente é. Das suas sete praças, uma é cercada de arvoredo, e têem as tres principaes um poço no centro, álem de um chafariz e de uma boa fonte com sua bomba.

A população da cidade está calculada em 16,000 habitantes, entrando n'este numero os que residem em mais de duas mil palhoças nas circumvisinhanças. Anda por quarenta mil almas, para mais alguma cousa com os escravos, a população total do municipio, que se compõe d'esta cidade, das villas de Aquiraz e Cascavel, e das povoações de Arronches, Soure, Mecejana, Marangoape e Pacatuba.

Os cearenses, como todos os brasileiros em geral, são affaveis e hospitaleiros, laboriosos, muito afferrados á religião catholica romana, patriotas, valentes, e obedientes ao governo. Não ha n'elles costumes barbaros, nem são dados a prejuisos e superstições, que só aqui e acolá, e em diminuto gráu, se notão n'um ou n'outro ponto da provincia, e isso mesmo só entre os escravos e indios ainda não bem civilisados.

Antonio Bernardo Jorge Sobrinho (Brasileiro, Ceará).

Apuro de mais.—Dyonisio de Halycarnasso gastou 8 annos em escrever a sua historia, e outros tantos em lima-l'a.

Isócrates empregou quinze em polir o seu *Panegyrico*.
Demosthenes, dez na famosa apologia *Pro Corona*.
Virgilio, vinte nas *Bucolicas e Georgicas*.
Gobelin Persone, quarenta e dous no *Cosmodromo*.
Christiano Masse, cincoenta na sua *Chronica*.
Paulo Emilio, trinta na sua *Historia de França*.
Sanctos Pagnino, trinta na traducção da *Biblia*.
Sannazaro, vinte no poema *De partu Virginis*.
Gomes Pereira, trinta na *Antoniana Margarida*.
Sebastião Ackern, dez no poema *Victoria dos Deuses*.
Matheus Farinator, trinta na *Luz da Alma*.
Jacques Godefroy, tambem trinta no *Codigo Theodosiano*.
Bacon, dezoito no *Novus Organus*.
Vaugelas, trinta em corrigir a *Traducção de Quinto Curcio*.
Hensius, outros tantos em rever e corrigir *Virgilio*.
Manuel de Sá, quarenta em escrever os *Aphorismos*.
Sabathier, vinte na carta: *Ideal da sciencia universal*.
A Academia de Crusca, quarenta no seu *Diccionario*.
A Academia Franceza, sessenta em obra igual.
Balzac gastava uma semana em aperfeiçoar um periodo.
Alexandre Dumas, pelo contrario, não relê o que escreve.

FEVEREIRO—16.

Enxurrada de cristaes.—Ha no districto da Villa de Campos, n'uma fazenda denominada das *Candeias*, vallas muito fundas; quando chove, arrastão para alli as enxurradas os mais formosos cristaes, de lindissima agua e de todas as dimensões.

O mesmo acontece na *Pacatuba, Agua Azeda, Giru* (que é aldeia d'indios), etc. (*A*, 60, *p*. 120.)

FEVEREIRO — 17.

Procellarias.—Quando as procellarias acodem em bandos a procurar abrigo nos navios, certo é que vai haver tempestade, embora o tempo se ache então sereno. A procellaria negra do norte é do tamanho d'um tentilhão, e toda preta, excepto no urupigio: é a mais pequena de todas as palmipedes. A procellaria do Cabo da Boa Esperança, a que alguns navegantes dão o nome de *pintado*, tem o ventre branco e o resto da plumagem negro com malhas brancas. São estas, entre as aves nadadoras, as que mais se afastão da terra; andão ao lume d'agua, amparando-se com as azas; fazem o ninho nos buracos dos rochedos, e entornão sobre os animaes que as atacão um succo oleoso, de que parecem ter sempre o estomago cheio.

Espelhos na Belgica e na Hollanda.—Ha em quasi todas as casas, n'estes dous reinos, espelhos por tal modo collocados fóra das janellas, que n'elles se póde ver de dentro, e sem as abrir, quem bate á porta da rua.

FEVEREIRO—18.

CHARADA VIII.

Se se manda repetir
A aria que se cantou,
É uma prova evidente
De que essa aria agradou . . 1

Está hoje bem de cima
Lá por toda a Grã-Bretanha,
Onde Palmerston e Russell
Lhe movem dura campanha. . 2

P'ra longe da minha porta!
Tenho optimos humores;
Vai dar antes teu auxilio
A quem soffra de tumores.

D. Sophia Rosa Garção.

Carnaval fluminense.—Ainda em 1853 consistia no Rio de Janeiro o divertimento favorito no entrudo em alagar a quantos se animavão a sahir de casa. Era depois do meio dia que principiava o diluvio. Em 1854 resolveram mascarar-se alguns jovens, pela maior parte empregados no commercio, e percorrer de carro algumas ruas da cidade. Não foi sem receio que em tal se metteram; felizmente porém forão por toda a parte recebidos com enthusiasmo, e não houve em todo o transito o menor desgosto, graças ás boas disposições da população, e ao chefe de policia, que todos respeitavão.



Foi d'ahi que nasceu a primeira sociedade para festejar o carnaval, e que se denominou *Congresso das Summidades Carnavalescas*. Podemos dizer afoutamente que a ella cabe a honra de haver dado o primeiro passo para a introducção do carnaval civilisado, e de ter cavado a sepultura ao velho e retrogrado entrudo. Todos os annos dá esta sociedade um baile de phantasia, mui concorrido pelas mais notaveis pessoas da capital; passeia em carros pelas ruas da cidade, e no ultimo dia percorre algumas a pé, finalisando o divertimento no theatro com uma ceia magnifica, em que tomão parte as familias que ahi se achão.

É digno de mencionar-se o bom gosto que preside sempre á escolha do trage dos associados, no qual se nota elegancia, riqueza e grande fidelidade historica.

Formou-se depois outra sociedade para o mesmo fim, e con-

tribuiram taes exemplos para que o carnaval do Rio de Janeiro completamente se transformasse, livrando-nos de molhadelas, que redundavão quasi sempre em furiosas constipações — de scenas desagradaveis, que muita vez tinhão funestas consequencias — e dando maxima animação áquelles dias de festança e regosijo.

Bento Rodrigues Marques Junior (Brasileiro, Rio de Janeiro).

FEVEREIRO — 20.

UMA LEMBRANÇA.

Mas inda cá de longe os meus gemidos,
Guiados por amor, cortando o vento,
Irão, nympha querida, a teus ouvidos.

Bocage.

Voga a barca,
Beija a vaga,
E ouve-a, em paga,
Suspirar;
As estrellas,
Saintillando,
Vão brilhando,
Sobre o mar!...

Uma vista
De bonança
Dá-me esp'rança
No porvir:
D'essa bôca,
Dá-me, ó bella,
Ó donzella,
Um sorrir!...

Triste fado
De quem ama,
E o inflamma
Dama assim!...
Leva a vida
Em queixumes,
De ciumes
Morre em fim!...

Anjo, oh! anjo
De meus sonhos,
Tão risonhos,
Vem, oh! vem!..
Que dormindo,
Com a aragem,
Veja a imagem,
Do meu bem!...

Não?!... Ingrata!...
Desdenhosa,
Mariposa,
No amor,
Nem pressente
O que vela
Junto d'ella
Com fervor!...

Voga a barca,
Beija a vaga,
E ouve-a, em paga,
Suspirar!
Tenho n'ella
Confiança,
E uma esp'rança
Salutar!...

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa (Fermedo).

O padre Bartholomeu Dias de Gusmão o Voador.—Preencheu altos e honrosos cargos, foi eximio orador, e por isso estimado das principaes personagens da côrte de Lisboa. Sabia a lingua latina, falava correctamente a franceza e a italiana, e era bom traductor da hebraica e da grega. Foi enviado a Roma por D. João V para tratar de diversos negocios, um dos quaes era a sollicitação da Bulla para o serviço da patriarchal. Parece que o caracter de Bartholomeu Dias não se coadunava com o espirito, já então intrigante, da diplomacia, pois foi substituido n'aquelle encargo pelo irmão Alexandre de Gusmão. Seu talento o levou para o vasto campo das sciencias physicas. Se dermos credito a innumeras publicações a seu respeito, foi Bartholomeu Dias de Gusmão o primeiro aeronauta que perante a côrte portugueza e immenso povo de Lisboa, subio aos ares em certa machina, no anno de 1709. Eis a descripção d'ella, segundo uma memoria do Instituto Historico Geographico Brasileiro, baseada em diversas encyclopedias.

«*Tinha a fórma de um passaro, crivada de multiplicados tubos, pelos quaes passava o vento a encher uma especie de bojo, que servia para eleval'o; e se faltasse o vento, entretinha-se o mesmo effeito por via de folles, dispostos dentro do corpo da machina. A ascensão devia tambem ser promovida pela attracção electrica de peças d'ambar, dispostas na parte superior, e por duas espheras na mesma posição, incluindo magnete. Suppõe-se que os motores por elle applicados a esta machina foram a electricidade e o magnetismo.*»

Foi precaria em todos os tempos a condição do sabio Bartholomeu Dias: depois de prestar immensos serviços á sua patria, vagou incognito por estranhos paizes, e ainda hoje se não sabe o termo de suas desventuras. José Agostinho de Macedo, no seu poema *Novo Aeronauta*, impresso em Lisboa no anno de 1809, diz que elle acabara seus dias miseravelmente no hospital de Sevilha.

Francisco Ignacio Pereira (Juiz de Fóra, Brasil).

Lapa dos Esteios.—Remontando a veia do Mondego até obra d'um quarto de légua para cima de Coimbra, encontra-se, na margem do poente, um gracioso retiro, selvatico sem aspereza, e como que enfeitado sem arte.

Dissereis que em hora de contentamento o fizera a natureza para algum dia hospedar, no regalo d'aquellas sombras, seus mais dedicados amigos.

É certo que todos os annos, como em romaria, concorrem a tão aprazivel estancia alguns cultores das musas; e em legado piedoso, por tradição academica, se vai transmittindo ás successivas gérações d'estudantes o dever de celebrar as suas funcções poéticas n'esta

. . . . . gentil gruta formosa,
Toda vestida de musgo,
Coberta d'hera viçosa,
Recamada, perfumada
De jasmim, de myrto e rosa,
Á sombra de verdes freixos,
Á sombra tão amorosa.

Convidara primeiro a visitar o sitio o puro e perfumado dos seus ares, a varia presença da terra e aguas, o susurrar dos ramos abanados das virações, o melodioso canto das aves; attrahiram depois alli os passos, não só as nativas graças de tão ameno quadro, mas a grata recordação dos primévos cantores das suas bellezas.

Já não ha hoje memorar a *Lapa dos Esteios*, sem que logo occorrão os nomes dos Castilhos, dos Lemos, dos Pimenteis.

Possão os que, depois d'elles, inspirados pelo sol do Mondego, e cheios de toda a primavera das suas margens, se juntarem para semelhantes festins, transmittir á posteridade canticos tão maviosos como os que lhes legaram aquelles insignes vatcs.

R. de Gusmão.

Jornalismo nos Estados Unidos.—Resulta de uma estatistica moderna que só no Estado de Nova York, pertencente áquella poderosa républica, sahem á luz 671 periodicos, de que 62 são quotidianos. A circulação total é de 97 milhões 904,079 exemplares. Das outras folhas não periodicas publicão-se 95 milhões 393,542 exemplares por anno. Sobe pois a quasi 200 milhões de exemplares o movimento annual n'este ramo só n'aquelle estado.



Alli se vê o trage dos carteiros nos Estados Unidos da America, trage que foi já importado da França, paiz que em quasi tudo dá a moda n'um e n'outro hemispherio, e que por certo merece uma tal preferencia.

FEVEREIRO—24.

Remedio para queimaduras.—Já démos dous, um a pag. 131 do Almanach de 1853 e outro a pag. 378 do de 1854. Ahi vai outro mais.

É geleia de groselhas, estendida n'uma porção de algodão em rama, ou, á falta de algodão, n'um paninho, e applicada na parte enferma. Quando se faz immediatamente a applicação, não empóla a pelle, e é rapida a cura.

Foi o acaso, como quasi sempre acontece, que deu logar a que a receita se descobrisse. Ao queimar-se o filho d'um conserveiro no momento em que o pai tinha alli á mão um grande tacho de geleia de groselhas, péga este n'uma porção d'ella e applica-a sobre a queimadura. O resultado foi curar-se o rapaz em poucas horas.

As queimaduras assim tratadas não deixão signal: é o que torna talvez esta receita preferivel ás outras.

Porta de S. Dyonisio.—É um arco de triumpho erigido pela cidade de Paris á gloria de Luiz XIV, depois das campanhas de Flandres. Está situado n'aquella capital entre a *Rua de S. Dyonisio* e o bairro do mesmo nome.



Foi construido em 1672 segundo o plano do architecto Blondel. Tem 42 pés d'altura e nas duas faces obeliscos ornados com trophéus d'armas antigas. Na da frente vê-se, sentada, uma figura colossal, que representa a Hollanda, e na do lado opposto outra, que representa o Rheno. No baixo relevo que remata o arcò está Luiz XIV a cavallo, mandando passar aquelle rio ás suas tropas.

FEVEREIRO—26.

ENIGMAS.

III—Que se vê uma vez n'um minuto, duas n'um momento e nunca n'um século?

IV—Que astros se parecem mais com certas pessoas?

V—Quaes são as maçãs que se chegão á bôca, mas se não comem?

VI—Quem gostava de te vêr enforcado?

CANTATA

Por occasião de benzer-se a primeira pedra para a Capella de *Nossa Senhora dos Navegantes* no arraial dos Barreiros, termo da Fréguezia de S. José da Provincia de Santa Catharina, no Brasil, em o dia 24 de Fevereiro de 1849.

A Ti, ó do Eterno casta Esposa,
Que proteges os bravos navegantes,
Dos Barreiros os gratos habitantes
Dedicão esta off'renda preciosa.
Quando dos filhos teus a grey sincera
Bradà por teu soccorro sobre os mares,
Como extremosa Mãi, aos doces lares
Guias a quem no teu poder espera.
Quantas vezes batel desmantelado,
Sem bussola, e o leme já perdido,
Por teu alto poder favorecido,
Chega incólume ao porto desejado!
Enchendo as velas de propicio vento,
Ao viajante afflicto dás esp'rança;
A tormenta convertes em bonança,
Conduzindo o navio a salvamento.
Da Rainha dos mares um aceno
Aplaca as furias de contrarios ventos,
E á peleja cruel dos elementos
Succede um dia bello, almo, sereno.
Vós, a quem genio e propensão dirige
A passar entre as ondas vida incerta,
Sobre este altar deixai a vossa offerta
Em prol do novo templo que se erige.

Firmes Christãos, devotos de Maria,
Que habitais esta terra abençoada,
Continuai na empreza começada,
Que do céu vossa Mãi vos auxilia.
Glorias, riquezas, honras de vaidade,
Tudo o destruidor tempo consome,
Porém de bemfeitor o egregio nome
Nos corações alcança eternidade.
Emquanto n'esta igreja conservada
A pedra fôr que o alicerce encerra,
Dos fundadores durará na terra
A memoria, de todos respeitada.
Virgem dos navegantes, se hoje unidos
Aqui te veneramos piamente,
Faze com que na gloria eternamente
Por teus rogos sejamos protegidos.

O Vigario *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva* (Brasil.ª, Desterro).

FEVEREIRO—28.

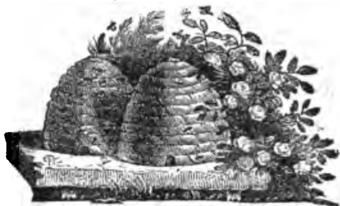
Um preto que vale por dous.—Chegou agora a Mobile, uma das mais importantes cidades dos Estados-Unidos, a mais extraordinaria curiosidade que n'este mundo se haja visto; um pretinho de seis annos com duas cabeças, quatro braços e quatro pernas! É do sexo masculino, fala igualmente bem pelas duas bôcas, canta modinhas creoulas e valsa a compasso. Persuadem-se muitos de que são duas crianças e não uma só, porém distinctos physiologistas europeus e americanos sustentão o contrario, e que toda a anomalia n'aquelle monstrosinho consiste na duplice formação da espinha dorsal.

Fala igualmente bem pelas duas bôcas: mais emprego lhes houvera dado se tivesse nascido mulher, dirá alguem; eu não.

Canta modinhas: póde até cantar duetos.

Valsa a compasso: para o não perder, deve valsar com fêmea de quatro pés—uma égua por exemplo.—

Costumes das abelhas.—É em cavidades, como as que existem no tronco d'algumas arvores velhas, ou n'uma especie de cabanas chamadas *cortiços*, que se alojão estes insectos. Compõe-se cada colonia de grande numero de *operarias* (entre quinze e trinta mil),



de seis a outocentas machas, e ordinariamente d'uma só fèmea, denominada *rainha* ou *abelha mestra*, porque parece governar nas outras. Diversificão essas tres especies não só pela sua fórma, como tambem pelos fins a que se dedicão. Quanto a seus signaes caracteristicos bastará dizer que as operarias, ou fêmeas estereis, são as mais pequenas, e que as machas não têem ferrão.

São as operarias que executão todos os trabalhos necessarios para a existencia e prosperidade da républica, trabalhos que distribuem entre si. Umas, chamadas *cereeiras*, encarregão-se de fornecer a colonia de viveres e construem os ninhos; outras, as *amas*, são, por assim dizer, as donas da casa, e dedicão-se á criação das recemnascidas.

As machas consagrão-se unicamente á propagação da especie e são mortas pelas operarias quando se tornão inuteis á sociedade; é entre junho e agosto que se faz essa matança.

A abelha mestra tambem não toma parte na vida activa das estereis; mas como da sua fecundidade depende o desenvolvimento do enxame, desvelão-se estas em tratal'a com todo o cuidado. Apenas começa a postura dos ovos, torna-se uma especie de idolo da colonia, e mal de outra fêmea que alli se apresentasse, pois seria immediatamente morta pela rainha, que, zelosa da sua autoridade, não consente rivaes.

É notavel a influencia que tem no desenvolvimento das abelhas a natureza dos alimentos ministrados ás larvas pelas operarias; variando êsses alimentos, conseguem as amas produzir operarias ou rainhas, conforme querem. Quando morre a abelha mestra d'um enxame, e não ha ahi larva alguma de rainha, começão desde logo as amas a dar a uma larva de operaria o alimento com que se nutrem aquellas; por esse simples facto a abelha que deveria ser fêmea esteril, transforma-se em fêmea reproductiva.

Depois de ter passado a abelha mestra recemnascida por todas as metamorphoses, e quando tenta sahir do ninho, começa a agitar-se toda a colonia. As operarias tratão logo de tapar com cera as fendas que abre a nova rainha, e assim a conservão enclaustrada; se no enxame existe ainda uma rainha, mas já velha, procura assassinar a nova soberana, que é defendida por parte das operarias: trava-se um combate entre as partidarias das duas abelhas, e pouco depois sahe do cortiço a antiga, seguida das que lhe ficaram affeiçoadas, e que todas vão fundar nova colonia na proximidade da primeira; d'esta segunda sahe muitas vezes terceira, e d'esta quarta.

São frequentemente dispersadas as abelhas d'um cortiço, em consequencia de guerras civís; muitas vezes são tambem expulsas por abelhas inimigas que as atacão; asylão-se então as fugitivas n'outro cortiço de que são expulsas por suas moradoras, que não consentem a entrada de abelhas estranhas.

É assaltada ás vezes uma colonia por outra que procura saqueal'a; se vencem as agressoras, destróem completamente o enxame atacado, e roubão todo o mel, que transportão para o seu cortiço (*A.* 51, *2 de março, A.* 55 *p.* 360, *A.* 58 *p.* 100 e 232). *Alexandre Magno de Castilho Junior.*

ENIGMAS.

VII—De que precisa um homem gordo?
VIII—Onde está o Papa depois do sol posto?
IX—Qual é o mez em que as mulheres fallão menos?

Prodigiosa fecundidade da natureza.— Cortou o célebre physico Dodard um ramo de 8 pés de comprido a um olmeiro de 12 annos, que tinha 6 polegadas de diametro e 20 pés d'altura; contou-lhe depois as sementes, e achou 16,450. E quantas haveria já perdido ao ser cortado!

Suppondo que a arvore tivesse 10 ramos iguaes, conter-se-hião n'elles 164,500 sementes.

Admittamos que todos os outros ramos juntos davão a mesma porção; seria o numero total de sementes 329,000.

O olmeiro vive 100 annos; sobe pois a uns 33 milhões de sementes o numero d'ellas que n'este periodo fôra capaz de dar.

Note-se que n'este calculo não fez entrar o physico em linha de conta o enorme desenvolvimento da arvore durante 75 annos, e o augmento de producção que d'ahi resultou.

A mais pequena gotta d'agua é um mundo habitado por uma infinidade de animaes microscopicos. Quantos milhões de milhões de milhões se contêem pois em todo o mar? O leito das aguas está coberto por muita parte de espessas camadas de conchas amontoadas umas sobre as outras ha muitos milhares d'annos, e em que se contêem milhões de milhões de bichos. No lodo ha tambem um formigueiro d'elles. Os rochedos, as praias, os abysmos, os valles, as montanhas submarinas, são asylos em que nascem, vivem, gerão e morrem infinitas multidões de animaes invisiveis.

Nada mais espantoso do que a fecundidade de certos peixes: d'um só bacalháu affirma Valenciennes que podem sahir vinte e quatro milhões d'ovos. Imagine-se quantos milhões d'elles existem no mar, supponha-se igual fecundidade nas fêmeas de muitas outras especies de peixes, e ficar-se-ha assombrado com tão estupenda reproducção! Como poderia sustentar-se aquillo tudo? mas é que os peixes comem a maior parte dos ovos e outra não é fecundada: o vento e as correntes dispersão tambem quantidades incalculaveis, cujo numero dentro em pouco atulharia o mundo.

MARÇO—2.

Lapa de Giru.—Ha n'esta aldeia brasileira, nas faldas de certa montanha, uma lapa bastante extensa, que tem internamente a fórma d'um templo, com seu cruzeiro, altares lateraes, altar mór, e n'este uma saliencia figurando uma imagem. Da parte de fóra suppõe-se ver uma lenda em caracteres desconhecidos, mas que por sua regularidade parecem letras de idioma perdido. É tudo isto um tão admiravel complexo para obra da natureza, que se attribuiria a obra tosca dos indigenas em tempos remotos, se estes indios tivessem religião, culto, e fórmas architectonicas tão aproximadas das christãs.

Ha n'aquellas immediações muitas outras curiosidades naturaes, que progressivamente iremos descrevendo.

MARÇO—3.

Queimem lá as pestanas.—Plauto foi moço d'um moleiro—Terencio foi escravo—Boecio morreu encarcerado—Borghese, que sabia quinze officios, morreu de fome —Tasso soffreu uma penhora por um quartinho—Belisario morreu mendigando—Bentivoglio não foi admittido no hospital que fundara—Foi proverbial a pobreza de Corneille—Racine legou aos seus amigos o sustento da familia *(Acceitarião?)*—Butler nunca teve de seu quinze libras *(Pois eu nem cinco)*—D. João de Castro não tinha com que comprar uma gallinha na sua ultima molestia—Jacintho Freire perguntava aos seus fréguezes onde se costumavão enforcar os abbades d'aquella fréguezia—O Marquez de Pombal morreu desterrado—Vaughan deixou o corpo aos cirurgiões para pagamento de suas dividas *(Quanto pagarião com elle?)*—Sterne deixou a familia na miseria—Viffermon vivia á custa dos amigos *(Parece que inda os havia)*—Lavoisier morreu guilhotinado—Condorcet envenenou-se *(Foi talvez o que teve mais juiso de todos)*. *(A. 54 p. 166)*. *José Victorino Pinto de Carvalho* (Santa Cruz).

Realeza.—Tinhão os antigos por uso nomear um rei para presidir aos seus jogos. Chamava-se *Basilinda* o jogo que em francez se chama *La Royauté*, e que em portuguez se devera chamar da *Realeza*, se o houvesse, o que me não consta. Alguns têem havido por cá em diversas epochas, mas para crianças grandes jogarem, e que têem sido bastante funestos.

Como quer que seja, era a sorte que decidia da nomeação. Em França ha dous jogos que se parecem muito com a *Basilinda* dos gregos—o chamado *du Commandant* e o *de l'Abbé*. Os turcos têem lá um jogo com que os rapazes se divertem muito, chamado o *Cadi*, ou o *Juiz*. Vem a dar no mesmo que este de que iamos falando.

Fazendo o célebre califa Aroun-al-Raschid uma de suas habituaes excursões pelas ruas de Bagdad, ficou pasmado da sagacidade de um rapaz que fazia o papel de *Cadi* n'aquelle jogo. Mandou vir o pequeno a palacio e quiz consultal'o no julgamento de um processo que tinha ensaboado os miólos a todos os juizes da terra. Tratava-se de um homem que ao partir para uma longa jornada havia



deixado a um visinho um barril d'azeitonas, no fundo do qual se achava certo numero de peças d'ouro que resumião todo o seu cabedal. Ao regressar, lhe entregou o depositario o seu barril d'azeitonas, mas o tal artigo de fundo, que era o melhor, já lá não estava. Levantando a mão na presença dos juizes, para affirmar que

não tinha mechido no barril, ia ser absolvido o depositario infiel, quando o Cadisito, que era fino como lã de kágado, mandou chamar uns mercadores d'azeitonas, e lhes perguntou se as do barril tinhão sete annos? Foi negativa a resposta: juraram que só terião ahi um anno de residencia.

«*Illustre Principe*, disse então o juiz-menino, *sois vós agora que decidireis se o depositario tocou ou não no barril que lhe confiaram.*»

Aroun-al-Raschild abraçou o rapazinho, deu-lhe uma bolsa d'ouro, e mandou-o assentar entre os do seu conselho, onde se tornou dos mais notaveis.

Da *fava dos Reis*, costume de familiar convivencia, e de remotissimos tempos em França, já démos noticia no artigo de 6 de Janeiro do Almanach de 1851.

MARÇO—5.

Orgão.—É menos um instrumento do que uma reunião de instrumentos. O que n'elle ha de mais notavel, depois de tantos, tão variados e magestosos sons, com que nos arrebata e eleva ao céu espirito e coração, é a propriedade de se poderem prolongar quanto se queira, o que dá logar a melodias que nenhum outro instrumento podera reproduzir. Desde o século VII da era christã que os orgãos se associão nas igrejas aos canticos sagrados. O primeiro fabricante d'orgãos que deixou uma grande reputação foi Antegnati, de Brescia: muitos outros se tornaram posteriormente célebres em França, na Inglaterra e na Allemanha.



O mais notavel dos organistas modernos é o célebre *Alexandre*, francez, inventor de orgãos harmoniosissimos a que deu o seu nome, e que são conhecidos em todo o mundo.

Fojo de Sergipe.—Ha n'essa provincia do Brasil, n'um logar chamado *Simão Dias*, um enorme fojo, um poço natural, largo e profundissimo: os olhos não avistão o fundo, mas atirando-se uma pedra, ouve-se um som como de choque em agua repercutindo em abobada. Desceu lá abaixo, após enormes dificuldades, um padre atrevido, e veio descrever um pavoroso subterrâneo, contendo um vasto lençol d'agua, que se movia com ruido, formando um rio caudaloso que, segundo a direcção, parece que seguirá encoberto até desaguar no mar.

MARÇO—7.

Castão da bengala de D. João VI.—Andava á caça um homem dos arrabaldes de Coimbra e achou uma pedra de que gostou. Levou-a para casa e reparou que luzia de noute. Lembrado talvez dos contos das *Mil e Uma Noutes*, mostrou-a a um ourives, que lhe disse não prestar para nada, e a outro, que a alcunhou de *mina nova*, e por que offereceu 40,000 réis. O homem desconfiou do caso e levou-a comsigo ao Porto, onde lhe disse outro ourives:= «*O primeiro que vocemecê consultou era tolo e o segundo ladrão: esta pedra é um brilhante que não tem preço: vê toda essa rua? pois quantas casas e lojas ella tem, não lhe pagarião o seu brilhante.*»

Creio que havia então uma lei, em virtude da qual pertencião ao Rei as pedras preciosas que apparecião; houvesse-a ou não, o brilhante foi mettido n'um saquinho de veludo e levado a D. João VI, que disse ao novo Aladino pedisse o que quizesse pelo seu presente. Que havia de pedir o tolo? ser vice-rei da India? embaixador na Russia? qual historia! pedio ser capitão-mór na sua terra!!!

O brilhante servio de castão á bengala de D. João VI.

Pelo mesmo preço ficaria com quantos mais lhe levassem.

Quem se encostará agora á tal bengala?

Obscura Portuense.

Mossamedes.—O clima d'este districto é mui semelhante ao do reino, com especialidade nos extensos campos da Huilla e Gambos, onde a natureza ostenta suas galas n'uma prodigiosa vegetação. Dão-se aqui perfeitamente o trigo, a cevada, o milho, a videira, e parecem-nos mui faceis d'aclimar-se algumas arvores de maior valor em Portugal, como a oliveira (de que algumas ha em Benguella e na Equimina), o sobreiro, e outras. Tambem são proprios aquelles campos, pelo seu pasto sempre viçoso, para as grandes criações de toda a qualidade de gado, principalmente do cavallar, de que ha grande necessidade n'esta provincia.

Dá gosto ver as crianças, robustas e rosadas, brincando expostas ao sol e ao sereno, o que em Benguella ou em Loanda lhes custaria a vida.

Ha n'este districto montados tres engenhos de moagem de canna sacarina, nos quaes já se tem feito algum assucar e aguardente. Ha montadas muitas pescas, de que por anno se exportão, para os portos ao norte do districto, de vinte a trinta mil *motetes* de peixe sêcco e grande porção de pipas com azeite. Ha feitorias d'urzella, grande parte da qual se leva para Benguella. Tem-se exportado *charqueada* alguma carne de vacca, objecto de que se poderá fazer um grande ramo de commercio.

A frequencia n'este porto, ha tres annos a esta parte, de navios americanos empregados na pesca da baleia e que vem aqui refrescar, tem dado maior valor aos productos agricolas das fazendas (hortas) perto da villa: estas fazendas, que occupão pequena área, são susceptiveis de grande augmento.

Ha manifestadas doze minas de cobre, não mui distantes da villa todas ellas: d'algumas temos visto excellentes amostras. Ha tambem salitre e muito boa pedra de cantaria.

O gado vaccum no sertão é d'uma barateza sem igual: os melhores bois custão de tres a quatro mil réis, moeda provincial.

Uma bem dirigida colonia na Huilla e Gambos, depois de occupados esses pontos de maneira que se considerem garantidas a vida e a propriedade do colono, muito prosperará, e sustar-se-ha em grande parte a emigração para o Brasil e Démerara.

Protejão-se os estabelecimentos existentes n'este districto, promovão-se a agricultura, o commercio do interior, todas as industrias, a criação de gado cavallar e do muar (unico que substituirá com vantagem o penoso serviço de carregadores, que debalde se pertende abolir), a de colmeias (de que ha grande abundancia, mas muito mal tratadas pelos indigenas), a lavra das minas; proporcione-se, emfim, ao colono tudo de que ha mister, e ver-se-hão as inexgotaveis fontes de riqueza d'este paiz, d'uma salubridade incontestavel, para onde o colono póde vir com sua familia sem o receio das assustadoras febres d'Africa.

João Feliciano Pederneira (Mossamedes).

MARÇO—9.

CHARADA VIII.

'Stou no meio do começo } 1
E no começo do meio.
Ajunta o fim c'o começo, } 1
De dezatar tens o meio.

Em meu todo, no começo,
Uma só se põe no meio;
Depois vem muitos do meio,
E só vem, depois do meio,
De sobre mim o começo.

Antonio Manoel da Cunha Bellem (Coimbra).

Cuco.—É uma ave pequena, mui conhecida entre nós, mas com particularidades que muitos ignorão.

Tem abundancia de plumagem, a côr parda, o rabo comprido com pintas brancas circulares e symetricamente dispostas, os olhos vivos e penetrantes: alimenta-se de bichinhos; e com quanto não pareça ave carnivora, o seu mais delicioso manjar são os ovos d'outras aves mais pequenas e os passarinhos que encontra pelos ninhos d'estas: anda pelo tamanho da rôla, e deu origem o seu canto ao nome que tem.

O cuco só conhece duas estações, a primavera e o estio: apparece entre nós no principio d'aquella, e retira-se quando o outono se aproxima, para ir em outras regiões gosar nova primavera e novo estio: é pelo sol que se guião esta e todas as aves que emigrão *(A. 55 p. 125)*.

É o cuco, entre os irracionaes, o unico que commette a terceiro a criação dos filhos: não faz ninho, mas chegado o tempo da incubação, procura o de um chasco *(curruca)* ou d'um pisco *(rubicilla)*, e comendo-lhe os ovos, alli deposita um dos seus; illudida a innocente avesinha, sujeita-se ao trabalho da incubação, e depois ao da criação do novo individuo, afadigando-se toda em buscar-lhe o alimento, pois, elle só, come mais do que houveram comido todos os seus filhinhos. Dizem que o cuco, ao deixar o ninho, agradece a seu pai adoptivo tantos trabalhos por um modo digno d'elle: lança-lhe o gatazio, e ferra com elle na pança!...

Não se domestica semelhante ave; e que se domesticasse? quem quereria em casa um diabo com taes manhas?!

Tivemos occasião, quando rapaz, de presencear um espectaculo engraçado entre um chasco e um cuco: o chasco, com um bichinho atravessado no bico, pousara na beira do ninho em que estava um cuco pequeno, mas que em todo o caso pesava duas ou tres vezes mais do que o chasco; o cuco, apenas presentio aquelle, abrio logo o bico, e apresentou umas guélas pelas quaes sem difficuldade poderia entrar o chasco:

ficou este aterrado á vista d'aquelle sorvedouro, e levantando o vôo, ficou pairando sobre o ninho, e sem tornar a pousar, largou o bicho ao cuco, e fugio chilrando, como dando parabens á sua fortuna, por ter escapado á morte!

Antonio Lino Leão de Vasconcellos (Amarante).

MARÇO—11.

Despedidas saudosas.—Lê-se o seguinte nas costas de quatro notas do banco em que me foi feito um pagamento de 80,000 réis.

Vai! vai! notinha saudosa,
Por esse mundo sem fim!
Dize ás tuas companheiras
Que não se esqueção de mim!

—

Adeus, ingratona amiga,
Que ao sahires de meus braços,
Levas-me a almafeita em postas
E o coração em pedaços.

—

Pois 'stá bom; já que me levão
Esta que era numero um,
Fica intendido que querem
Sustentar-me de jejum

—

Que! tambem tu do meu bolso,
Como as mais, te desensacas?
Vai! possas ser-me semente
Da arvore das patacas.

Agostinho Borges de Castro (Brasileiro, Rio de Janeiro).

MARÇO—12.

Plantas de Campos.—Ha muitas que no districto d'essa villa brasileira são usadas com grande vantagem. A infusão de casca de *barbatimão* é optimo adstringente. O *buranhem* excellente para molestias de peito. A *azedinha* pisada, e espremido o succo, dada em clysteres, na porção de 3 a 4 dedos, é um purgante drastico, infallivel contra todas as febres, até malignas, e que produzio maravilhas na febre amarella. A raiz da *sanguinaria*, cosida, contra catharraes. O chá de *garabão*, expectorante. Um tuberculo, uma batata, denominada *parreira bute*, com vinagre, é emplastro infallivel contra alporcas e molestias escrophulosas. O *melão de S. Caetano*, misturado com *courona*, é anti-hemorrhoidal. Etc. etc.

Uma façanha de Mehemet-Ali.—Se grandes serviços prestou ao Egypto aquelle famoso Vice-Rei (pai do não menos célebre Ibrahim Pachá), muitos foram tambem os actos de ferocissima crueldade que mancharam a sua carreira publica, e que ainda hoje pesão em sua memoria. Figura entre elles o seguinte:



Desejoso de acabar com a influencia da tropa mameluca em seu paiz, reunio-a toda, de grande uniforme, no vasto terraço d'uma fortaleza, sob pretexto de assistir a uma festa, e a um signal dado mandou-a metralhar. Alguns soldados se precipitaram das muralhas e se despedaçaram. Só escapou um a essa atroz matança, que desfallecido e banhado em sangue, conseguio evadir-se para o deserto.

Cegos e vêsgos.—Filippe de Macedonia perdeu um olho nas guerras e ganhou d'ahi em diante quantas batalhas deu. Annibal ficou vêsgo ao passar os Alpes, e Roma pelo espaço de 16 annos tremeu ao ouvir pronunciar-lhe o nome. Sertorio, com um olho só, triumphou tres vezes de Pompeu. O zarolho Horacio Cocles defendeu, elle só, uma ponte contra o exercito de Porcena. Camões cegou d'um olho na guerra.

Francisco de Paula Barbosa Nogueira.

Por mal fazer bem haver.—Era em 1824. Commandava então o conde de Castellane (hoje marechal do imperio em França), na qualidade de coronel, um regimento de hussaros da guarda real. Tendo alguns motivos de queixa, não sei porque, dos officiaes, mandou-os prender a todos. Aconteceu que devia figurar o



regimento, no dia immediato, n'uma revista passada no *Largo do Carroussel*: ficou admiradissima a duqueza de Berry ao ver, da varanda das Tulherias, em que se achava, as companhias todas d'aquelle corpo commandadas por sargentos, e perguntou a rasão ao coronel; respondeu-lhe este que exigira a disci-

plina uma severa punição e se vira na necessidade de prender todos os seus officiaes.

«*Muito sinto,* disse a duqueza; *pertencem pela maior parte ás primeiras familias de França, e não poderão assistir ao baile que tenciono dar esta noute... Vejamos, coronel, seja indulgente... Peço-lh'o eu... Ponha-os em liberdade...*

«Perdõe-me V. A., mas é impossivel; não devo alterar em nada a minha determinação, o que traria comsigo mui graves consequencias »

Ao chegar á noute ás Tulherias o conde de Castellane, ficou admiradissimo de encontrar nas salas os officiaes todos do seu regimento. Chega-se a elle a duqueza de Berry, e diz-lhe com toda a affabilidade:

«*Estes senhores não faltaram á disciplina; foi o coronel que os soltou.*

«O coronel! peço perdão... Aqui anda equivoco... O coronel sou eu, sr.ª duqueza...

«*Está enganado, já não é.*

«Já não sou! essa é muito bôa! então que sou eu, minha senhora?

«*General.*»

MARÇO—15.

EPIGRAMMA.

Rechonchudo franciscano
Desenrolava um sermão,
E defronte por acaso
Lhe ficava um beberrão.

Tratava dos bens celestes,
Proferindo: «Ouvintes meus,
Que ditas, que immensa gloria,
Para os justos guarda um Deus!

Falsos, momentaneos gostos,
Ha n'este mundo mesquinho;
Mas no céu ha bens sem conto...»
Pergunta o bebado: «E vinho?»

Bocage.

Lembrança de Rei. — A continua lucta de portuguezes e paulistas nas minas que estes havião descoberto, chegou a tão alto gráu, que o logar onde se representaram algumas scenas d'esse horroroso drama ainda hoje conserva o funebre e sinistro nome de *Rio das Mortes!*

Expulsos os paulistas pelos forasteiros, chegaram a São Paulo. Convidando ahi parentes e adherentes, armaram-se, e voltaram a Minas com o intento de vingar passadas affrontas. Corria o anno de 1709 e cada vez se tornava mais assustadora a desunião entre os dous povos. Desalentados os paulistas ao verem que Bento do Amaral Coutinho, enviado por Manoel Nunes Vianna, vinha em soccorro dos forasteiros, mandaram a este um parlamentario com bandeira branca, offerecendo depôr as armas se lhes dessem quartel, ao que annuio aquelle chefe; depois de os haver porém desarmado, gritou aos seus: «*Matem esses tyrannos que tantos males nos têem causado.*» A' matança que então houve, seguio-se um renhido cêrco na villa do *Rio das Mortes*, e mortíferos foram os recontros entre os valentes adversarios; prolongando-se porém o sitio, e constando aos paulistas que em Villa Rica (hoje Ouro Preto) se fazia uma leva para ir em soccorro dos forasteiros, levantaram o cerco e se retiraram para São Paulo.

Occorreu então uma boa lembrança a El-Rei D. João V: nomeado Governador para o districto das Minas Antonio de Albuquerque Coelho, foi incumbido de levar aos paulistas o retrato d'El-Rei, e de obter em troca d'elle que não mais se dirigissem hostilmente a Minas.

Corrião dias de março do anno de 1710, e achava-se a villa de São Paulo galhardamente ataviada: é que o senado e seus officiaes, com as respectivas insignias, tinhão de dirigir-se, rompendo pelo meio do povo, até á camara, onde se collocou o retrato, por todos considerado como symbolo d'amizade entre os forasteiros de Minas e os aventureiros de São Paulo!

Francisco Ignacio Pereira (Juiz de Fóra, Brasil).

Flores emblematicas.—A açucena significa *pureza*; a bonina *timidez*; cravo *estimação*; dhalia *amor*; esponja *desasocêgo*; esporas *velocidade*; flor de laranja *castidade*; girasel *intriga*; hortensia *frieza*; jacintho *pesar*; jasmim *paixão*; junquilho *namoro*; malmequer *tormento*; margarita *innocencia*; martyrio *paixão*; narciso *amor proprio*; perpetua *amor constante*; rainunculo *impaciencia*; rosa *graça*; sardonia *ironia*; saudade *saudade*; tomilho *actividade*; tulipa *declaração d'amor*; verônica *fidelidade*; violeta *querò ficar solteira* (Póde-se apostar que é de todas as flores aquella com que menos engração as meninas solteiras. Contradiz-nos alguma? Não).



Travessa da Palha e Cruz do Taboado.—Forão dous amigos, em Lisboa, fazer um dia uma bambochata ao campo; correram, comeram, beberam, e ao regressarem, já fóra de horas, achavão-se estafadissimos. Não querendo um d'estes incommodar a familia, recolhendo-se tão tarde, decidio-se que iria dormir a casa do outro; este porém era pobrissimo, não chegava para dous o seu miseravel leito, e por isso foi dado ao hospede um carunchoso canapé, cuja palha estava podre, e toda rota aqui e acolá. O homem deita-se, mas tantas voltas dá de noute, que ao romper do dia se acha estatelado no meio do chão, havendo desapparecido por um enorme alçapão. Esfregando então os olhos, vê por cima de si as bambolinas de palha e o buraco por onde cahira, e exclama:—«*Ora esta! deito-me na Travessa da Palha e acordo na Cruz do Taboado!*

Gruta de Camões em Macáu. — Existe em uma formosa quinta na distancia d'uns quinhentos passos da muralha da cidade, a que serve de limite pelo lado do Norte, ligando-se a mesma quinta á bella casa do seu actual proprietario, o illustre cidadão Lourenço Marques, que a houve por casamento com uma sua proxima parenta, filha do fallecido conselheiro Manoel Pereira, portuguez europeu estabelecido ha perto de um seculo na mesma cidade, aonde adquirio consideravel fortuna, e a quem se attribue a construcção d'este recommendavel prédio, ou pelo menos a magnificencia e formosura que ao presente ostenta.

A posição é elevada, e communica-se com a cidade por uma curta rua, que, partindo d'um espaçoso atrio quadrado, fronteiro á casa, desemboca no bonito Largo da Igreja de Santo Antonio, uma das tres parochiaes que a povoação contém. A mesma casa, sem muita elegancia exterior, tem grandes salas apparatosamente mobiladas e vastas accomodações, umas feitas de novo e outras melhoradas n'estes proximos annos, mas pouco se vê de fóra, por estar precedida do lembrado atrio, e circumdada dos outros lados por alto, copado e frondifero arvoredo.

Entra-se para a quinta, não só pelo interior da casa, mas tambem por um largo e rico portão de ferro, existente ao seu lado direito, no referido atrio; e d'esta entrada se utilisa o publico, porque os delicados proprietarios a facilitão á toda a sorte de pessoas. O terreno é bastante irregular, formando muitos e variados taboleiros, divididos por largas e vistosas ruas, guarnecidas de buxo, cuidadosamente aparado, entre regulares fileiras de bem plantadas e frondosas arvores de sombra, indígenas do paiz ou levadas dos circumvisinhos, umas por outras quasi sempre cobertas de suas naturaes e odoríferas flores. Os taboleiros lateraes são occupados por pequenos pómares, ou bosques de arvoredo fructifero, cujas variadas producções attrahem mais e mais a curiosidade do

observador pela differença de suas configurações e viveza das côres.

Álem d'estes formosos e inamoviveis adornos, notão-se nas principaes ruas d'este pequeno paraiso extensas fileiras de vasos de porcellana do paiz, contendo exquisitas plantas e lindas flores de jardinagem, de mistura com outros em que se crião e permanecem bellissimas laranjeiras de até tres palmos de altura, carregadas de seus dourados e succulentos pomos, entre aprazivel e verde-escura folhagem.

A situação, elevada, como já se notou, é em si mesma encantadora pelas bellas e variadas vistas que offerece. Descobrem-se de bastantes pontos d'ella os bonitos campos chamados de *Mohá* até aos que servem de base ao alto e destacado monte da *Guia*, o qual está continuamente recordando aos innumeros navegantes que de largas distancias o avistão, nossas antigas glorias, devidamente symbolisadas. Descobre-se mais, quasi toda a bahia, ou porto maritimo da cidade, com algumas das escalvadas ilhas que o circumdão e abrigão. Descobrem-se os pagodes — *Novo* e *de Mohá* — vistosos templos da chineza idolatria. Vê-se muito de perto toda a povoação china denominada — *Patane* — e da mesma sorte o bairro portuguez, que se diz — do *Terrafeiro*. — Avista-se todo o rio de Macáu até á fortaleza da barra, com infinitos navios de todas as nações e barcos chinezes, de extravagantes construcções e pintura, que alli continuamente surgem. Observa-se em pouca distancia a pequena insula chamada — *Ilha Verde* — no indicado rio, a qual sendo ainda no seculo passado um simples rochedo, com pouca terra, tem sido em alguns annos convertida pelos respeitaveis padres directores do collegio de S. José das Missões da China, a quem agora pertence, em um dos mais frequentados passeios maritimos e apraziveis logares de recreio para as familias da cidade. Avistão-se mais ao longe, na maior ilha, que forma a opposta margem do rio, as povoações chinezas a que dão os nomes de — *Paq-san* e *Faq-san* — com outras menores, e os terrenos que as circumdão. Avistão-se finalmente varias montanhas e montes, destacados assim na

mesma ilha em que a cidade existe, como nas outras circumvisinhas. Tudo isto apresenta ao observador curioso as mais gratas e pittorescas perspectivas.

Todos os terrenos incultos que se avistão, comprehendidos os contiguos, pertencentes á cidade, estão desordenadamente cobertos de sepulturas ou tumulos chinezes, cujas variadas fórmas dão materia baštante para melancolicas meditações a quem, da placida situação que descrevemos, em todas as direcções os contempla.

Quasi no centro, e em um dos pontos mais elevados da deliciosa posição que acabamos de descrever, se via um rochedo natural, de pouco mais de quatro varas de altura, e tendo na base uma abertura em fórma de arco irregular, de sete a oito pés de elevação interior, com pouco menor comprimento e largura, aberto por ambos os lados, como para deixar gosar a quem alli se recolhesse, as encantadoras perspectivas que havemos esboçado. Foi esta abertura, ou mais propriamente *gruta*, o logar que o insigne e célebre poéta elegeu para se occupar solitario em suas transcendentes meditações. Foi n'èste ameno e contemplativo retiro, e todo entregue ao divinal desenvolvimento de suas vastissimas idéas, no remanso do socego e na quasi religiosa absorpção que demandão as sabias filhas de Jove e da Memoria, para accender e activar seu sagrado fogo na mente dos illustres vates seus favorecidos, que elle compoz algumas de suas sublimes producções. Foi alli que reunio e preparou parte dos diamantinos materiaes para esse eterno padrão das glorias portuguezas—OS LUSIADAS—com o qual transmittio á mais remota posteridade, e fez em todo o mundo respeitados, os mais altos feitos de seus illustres conterraneos, não menos que as permanentes excellencias da terra que o produzira.

Uma das provas de respeitosa consideração que deverião tributar-se á esclarecida memoria do inclito poéta, seria sem duvida a conservação da gruta sua predilecta, no mesmo estado em que existia quando elle a frequentava. Não foi isto porém o que aconteceu, porque o antigo proprietario do logar,

por falta de gosto seu, ou quiçá por mal aconselhado, a mandou aperfeiçoar por canteiro, desbastando as saliencias interiores da rocha, e rebocando de alvenaria suas naturaes cavidades. E por esta guisa a converteu em uma pequena e quasi regular abobada, decorada ha pouco tempo com um marmoreo busto do herôe, honrador das musas portuguezas.

O mesmo aconteceu ao corpo do rochedo, o qual foi quasi todo revestido de alvenaria, erigindo-se-lhe na parte superior, correspondente á gruta, uma especie de caramanchão, ou pavilhão chinez, tambem de alvenaria e de acanhado gosto. Suas paredes estão cheias de versos escriptos a lapis por diversos nacionaes e estrangeiros, mas não consta que se haja feito d'elles alguma collecção, que não deixaria de ser curiosa por sua variedade. Os mesmos visitadores, em geral, escrevem alli seus nomes e a data em que examinaram aquelle quasi sagrado logar, para que a maior parte dos nacionaes olhão como se fosse um objecto indifferente, o que não deve causar espanto, pois parece que o poéta assim o antevia, quando a respeito d'elles disse na sua preciosa epopéa:

«Sem vergonha o não digo, que a rasão
«De algum não ser por versos excellente,
«É não se ver presado o verso e rima,
«Pois quem não sabe a arte não a estima.

Frederico Leão Cabreira.

MARÇO—20.

Modo de ser rico em pouco tempo.—Com dous *poucos* e dous *muitos* se enriquece facilmente.

Muita fortuna,
Muita diligencia,
Pouca vergonha,
Pouca consciencia.

S. A. (Tavira)

Arvores velhas remoçadas.—Dissemos no artigo correspondente a 14 de dezembro, no Almanach de 1851, que dissolvendo-se em agua uma porção de cal e applicando-se com um pincel uma camada d'esse liquido ao tronco de arvores velhas, dentro em pouco morrerião todas as moscas e mais insectos que absorvem parte da seiva, cahiria a casca velha, e se formaria outra nova. Dissemos mais que por meio de tal systema, gerálmente adoptado na Inglaterra, recobravão as arvores velhas grande vigor e chegavão a parecer novas.



Nos ultimos jornaes da Normandia se leu ha pouco a confirmação da receita. Havia alli na fazenda de um proprietario de Yvetot maceiras velhas que já não davão fructo; applicou-se-lhes aquelle processo e d'ahi resultou a destruição dos insectos, cahir-lhes a antiga casca e succeder-lhes outra. A maior parte d'essas arvores remoçaram completamente.

ENIGMA X.

Achando-me um dia pouco endinheirado, pedi a S. Pedro me duplicasse o dinheiro, que eu lhe daria 100 rs. de esmola: assim o fez e eu dei-lhe a esmola promettida. Fui d'alli a S. Miguel e pedi-lhe a mesma graça, mas como já tinha maior quantia, offereci-lhe 200 rs.: attendeu-me o Archanjo, e eu entreguei os 200 rs. Recorri por fim a Santo Antonio e roguei-lhe que me dobrasse tambem o thesouro, recebendo a esmola de 400 rs.: o santo não quiz ficar atraz, mas eu, ao dar-lhe a esmola, fiquei sem real. Qual era a quantia primitiva?

Verissimo Ferreira Chaves Junior (Moita).

AO TUMULO.

Foi-se a tarde despedindo,
Foi fugindo,
Foi levando a luz do céu;
E veio a noute chegando,
Desdobrando,
Desdobrando o negro véu...

Horas são!.. Desce, ó mysterio,
Sonho aéreo,
Mysterio do meu amor!
Surge, surge, aérea sombra!
Não me assombra
Teu phantasma... encantador!

Do sepulchro te desprende,
Surge, accende
Em minha alma vida e luz!
Essa luz que em tempo ainda,
Viva e linda,
Me juraste aos pés da cruz!

Morta mesmo, nada importa;
Se é que morta,
Tua alma não jaz aqui!...
Morta mesmo, ai! vem sorrir-me,
Repetir-me,
«*Não me esqueço, não, de ti!*»

Vem dizer-me: «*Falsas juras,
Vãs, perjuras,
Nunca em vida te jurei;
Que os meus cantos, meus sorrisos,
Prantos, risos,
Noutes, dias, te votei!*»

Vem dizer-me: «*Só comtigo,
Terno amigo,
Meus sonhos sonhei... em vão!
Só por ti senti que a morte,
D'esta sorte,
Me gelasse o coração!*»

Oh!... não digas, não, mysterio,
Sonho aéreo,
Mysterio do meu amor!
Ai! não surjas, que me assombra
Negra sombra
De phantasma... assustador! *C. S.* (Faro)

Remedio infallivel para queimaduras. —Cobrir toda a extensão da chaga de camphora em pó, applicando-lhe por cima um panno de linho com uma ligadura para que a camphora não caia. *Anonymo Foscoense.*

MARÇO—24.

A mestra de Camões. —D. Isabel de Castro e Andrade foi senhora de grande formosura e muitas prendas, que defendeu conclusões de philosophia, theologia e bellas letras, no convento do Varatojo. A esse mesmo convento fez offerta de um forno de cal para uma ermida dedicada á Paixão de Christo, e n'essa ermida deixou escriptos dous sonetos, um dos quaes anda impresso na historia seraphica; o outro foi publicado por Manoel de Faria e Sousa no commento das rimas de Camões, e acompanhado de grandes elogios: affirma o distincto historiador que D. Isabel de Castro até fôra mestra de Camões.

Era D. Isabel filha de Alvaro Pires de Andrade, senhor do morgado d'Annunciada, e de D. Guiomar Henriques, filha dos condes da Feira. Casou com D. Fernando de Menezes, senhor de Louriçal e capitão general de Tras-os-Montes. Depois de 54 annos de idade teve dous filhos, e morreu em Lisboa no anno de 1595.

MARÇO—25.

Chapellinho em bolandas. — Antigamente, nos bailes do tom em certa républica da America meridional, quando um cavalheiro pertendia convidar uma senhora para contradançar ou valsar, punha-se-lhe na frente, á boas duas varas de distancia, e atirava-lhe com um chapellinho ao regaço; se a dama pegava n'elle e o restituia, era prova de que acceitava o convite; se pelo contrario o atirava ao meio do chão, queria isso dizer que remasse para outro lado. O cavalheiro despeitado pegava novamente no chapellinho, muita vez amassado e empoeirado, limpava-o muito bem, para que se lhe não soubesse do revez, e ia com elle tentar fortuna para outra banda.

Tinhão aquelles chapellinhos quatro polegadas de altura e duas de aba. Com elles enriqueceram alguns chapeleiros.

Santa Quiteria e o Monte Pombeiro. —Outo léguas ao norte do Porto está situada a villa de Felgueiras, patria do historiador Manoel de Faria e Sousa, e sobranceiro a ella o monte denominado de *Santa Quiteria, Pombeiro* ou *Colombino*, que fica no principio da ribeira do *Sousa*, uma das mais ferteis e amenas da provincia do Minho: d'este monte, ou antes d'esta collina, pois é mui pequena a sua elevação, se espraia a vista a grandissima distancia, e se vêem as serras do *Gerez*, *Viso*, *Marão*, da *Gralheira* e outras!

É tradição que sendo governador das provincias de Lusitania e Galliza, pelos annos de Christo 120, Lucio Cayo Attilio, enviado dos romanos, casara na cidade de Braga com Calsia e d'ella tivera nove filhas gemeas; vexada a mãi, e aproveitando para esse fim da ausencia do marido, ordenou a Cyta, em quem tinha confiança, que as lançasse no mais profundo pêgo de um proximo rio, que provavelmente seria o *Déste*, pois é o maior que por aquelles sitios corre. Cyta porém, que era bôa e christã, em vez de cumprir tal ordem, deu-lhes por amas nove mulheres casadas que habitavão nos arrabaldes da cidade, destinados para morada dos christãos, afim de que as baptisassem e creassem com todo o esmero possivel: assim o fizéram as bôas mulheres, e narrando ellas ao arcebispo Santo Ovidio o acontecido, encarregou-se este de as baptisar, pondo-lhes os seguintes nomes: *Genebra*, *Victoria*, *Eufemia*, *Marinha*, *Marciana*, *Germana*, *Basilia*, *Liberata*, *Quiteria*. Incumbira-se tambem o virtuoso prelado de as instruir nos mysterios da nossa santa fé: depois de n'elles estarem mui doutas, conservaram-se juntas, fazendo voto de castidade, e amando sempre o verdadeiro Deus, que lhes inspirara um fortissimo desejo de lhe sacrificarem suas vidas.

Assim vivião santamente as nove irmãs quando o Imperador Adriano deu ordem ao Rei Lucio para que severamente perseguisse os christãos; obedeceu o barbaro Rei, porém ellas, longe de se atemorisarem com esta nova, muito pelo

contrario se alegraram por estar chegado o momento do martyrio por que anhelavão havia tanto. Prêsas e levadas á presença do Rei, declarão-lhe que são suas filhas, e Calsia lhe confessa quanto em sua ausencia acontecera!... Insta o Rei com as donzellas para que abracem a falsa religião e adorem os seus idolos; conservão-se ellas porém firmes e constantes no seu proposito, e indignado o pai, as expulsa do seu palacio. Só então se separão e parte cada uma para onde a guia o Espirito Santo ou uma secreta inspiração. O *Valle de Aufragia* e o *Monte Pombeiro*, ou *Colombino*, são os escolhidos por Santa Quiteria para seu retiro; ahi foi depois martyrisada, praticando sempre maravilhosos prodigios: foi sepultado o seu corpo em uma grande e lindissima capella no alto do monte, obra prima d'architectura antiquissima: alli se vê ainda hoje a sua imagem, pela qual têem os habitantes da villa e os de muitas leguas de distancia uma viva fé e devoção.

No pequeno espaço que medeia entre a villa e o monte fez-se uma estrada mui espaçosa em que trabalharam, álem do povo, todas as damas e cavalheiros da villa e das freguezias circumvisinhas. Abriram tambem a linda estrada que em ziguezague vai até ao cimo do monte, e já nos seus angulos têem muitos devotos feito capellas, todas pelo mesmo risco (que é mui lindo e que foi dado pelo habillissimo Sr. A. J. de B. Lima), o que muito ha concorrido para o aformoseamento do monte. Se as obras progredirem, como no espaço de dous annos temos visto, é fóra de toda a duvida que o *Monte de Santa Quiteria* virá a ser, senão igual, pelo menos bastante parecido com o do *Bom Jesus*, junto a Braga, que tantos elogios e admiração tem merecido de nacionaes e estrangeiros.

Forçoso é confessar que o espirito religioso que anima os felgueirenses e o impulso que alguns d'elles em especial (*não esquécendo os que se achão no imperio do Brasil*) têem dado a tão grandiosa obra, são dignos dos maiores louvores e deixão-nos a esperança de que nunca arrefécerá o zelo pela fé e pela religião, zelo que tanto distingue os filhos d'esta villa.

Antonio Pereira Ferraz Junior (Felgueiras).

Igreja de S. Franciso d'Evora.—É o mais augusto e magestoso templo da cidade, logo abaixo da Cathedral. Tem de comprimento até ao cruzeiro 70 passos regulares e 20 de largura: a capella mór tem 17 passos de comprido e 15 de largo; a sua frente é toda de marmore, e só a excede a da Sé, que é de marmore de côres, na frente e nos lados.

Apezar da grande altura, comprimento e largura da igreja, pois tem seis capellas de cada lado (álem das duas que formão o cruzeiro), não tem columna alguma que intercepte a vista, o que a torna mui commoda para funcções religiosas.

Pertenceu no tempo das ordens monasticas a religiosos da ordem de S. Francisco; hoje porém serve de fréguezia.

Contígua a ella ha uma capella denominada do *Senhor da Casa dos Ossos,* a qual tem as paredes cobertas d'ossos, desde a altura de dous palmos acima do pavimento até ao tecto: algumas columnas lhe servem d'apoio, e é infinito o numero de canellas, crâneos e outros ossos de gente, que alli se encontrão.

O que todavia se torna mui digno de reparo é que tão magnifico edificio esteja a tal ponto deteriorado, que houve ordem de mudar d'alli a fréguezia. Não somos dos que declamão contra os caminhos de ferro e telegraphos electricos, só porque um século antes os não havia, porém não podemos vêr sem magoa que o governo despreze tão excellentes monumentos religiosos, deixando-os perder-se a tal ponto.

Oxalá que Portugal, cuja religião tem sempre sido proverbial, não caia no desdouro de deixar arruinar um edificio que admirão quantos visitão Evora.

Ignacio da Conceição Ferreira (Evora).

ENIGMA XI.

Duas plantas se desfazem,
Sendo de uma a outra espelho;
D'ellas uma adoça o moço,
Quando a outra alenta o velho.

O prêso e o passarinho.— Estava João Mendes prêso, desde muito tempo, nas masmorras do Santo Officio. Desde muito que não via nem sol, nem uma arvore, nem rosto humano. Aconteceu que em certa madrugada ouvisse cantar um passarinho mui maviosamente, e ainda que o não vio, começou por dirigir-lhe esta copla:

Passarinho, que cantais
N'esse raminho de flores,
Cantai vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores.

E logo em seguida escreveu esta glosa, em que ha sentimento e mimo:

Doce habitador do vento,
Que sois, no volatil coro,
Não só musico sonoro,
Mas tambem lindo instrumento;
Suspendei o doce accento
Com que a todos alegrais;
E se attendeis a meus ais,
Que nascem de ancias crueis,
Eu prometto que choreis,
Passarinho, que cantais!

Vós, n'esse enfeite de Flora,
Louvais, com doce descante,
Ao sol que parece infante
Nos braços da bella aurora:
Contrarios somos agora;
Vós contente, e eu com dores;
Eu, n'este centro de horrores,
Estou sem cessar penando,
Vós brandamente cantando
N'esse raminho de flores.

Vós sois o mimo do fado,
Eu da fortuna o despreso;
Vós sois livre e eu sou preso,
Vós feliz, eu desgraçado.
Ai! quão differente estado
A fortuna hoje nos deu!
E assim, passarinho meu,
Com affecto differente,
Eu misero, vós contente,
Cantai vós... chorarei eu.

Sem duvida, de outra ave
Namorado estais, que amante
A festejais cada instante
Com melodia suave.
Pobre de quem n'este grave
Tormento, sente rigores!
Cantai vós de amor favores,
Que eu chorarei meus azares,
Que assim faz quem tem pezares,
Que assim faz quem tem amores.

Quakers dançantes.—Ha em Nova York (Estados Unidos) mais de cem templos que pertencem a differentes seitas. Uma d'estas, e a mais singular, é a dos *Shaking-Quakers* (Quakers dançantes): compõe-se de uns cem homens e outenta mulheres, e é dos mais extravagantes o seu vestuario.

Spes mea

Tem por base a sua profissão de fé aquella passagem da Escriptura em que se diz que David dançou diante da arca do Senhor, d'onde concluem que dançando se deve exercer o culto prestado ao Eterno.

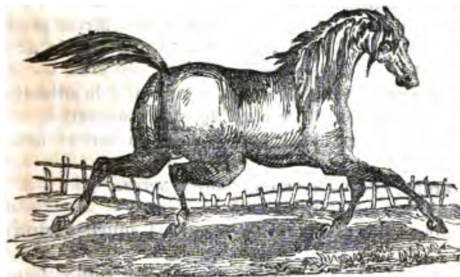
Põem-se d'um lado os homens e do outro as mulheres e ahi principia tudo a dançar e rezar. Vão-lhes lá dizer que não deve ser assim! O caso é que Deus só attende á pureza da fé, e por isso tanto lhe agradará aquelle orar, repassado de crenças religiosas, como o nosso acompanhado pelas ceremonias da igreja, e que ás vezes será menos sincero e verdadeiro (*A.* **51**, **14** *de março*).

MARÇO—31.

Fome canina.—Convidado Bocage um dia para jantar com um amigo, perguntou-lhe este se tinha fome, ao que o poeta respondeu com este feliz improviso:

«Se alguma palavra digo,
E o halito á bôca puxo,
Sobem-me as tripas e o buxo
A escutar se mastigo.»

Benemerito da patria. — Queixava-se um individuo de não ser attendida pelo governo uma sua pertenção, e exclamava: «*Desattender assim o filho de quem tanto sangue derramou no serviço do Rei!!!*— «Então seu pai foi militar?— «*Nada, não senhor, foi alveitar, e sangrou muito cavallo da casa real.*»



Relojoeiro atilado. — Foi ha dias enterrado em Londres um relojoeiro, em cuja campa se gravou o seguinte epitaphio, composto por elle proprio:

«Aqui jaz na *posição horisontal* o corpo do relojoeiro Jorge Ron Keigh. A honra foi a *mola real* da sua vida e a prudencia o *regulador* de suas acções. Os seus *movimentos* erão destramente *regulados*. O temor de Deus e do proximo foi sempre a *chave* do seu proceder. Dispunha tão bem do tempo, que as *horas* rapidamente lhe deslisavão n'um perpetuo *mostrador* de prazer e delicias, até que se lhe acabou a *corda* na idade de 57 annos, com a esperança todavia de apparecer *limpo* de suas ligeiras culpas na presença do Creador. Foi cá na terra um insignificante *relogio de pechisbeque*, mas espera lá no céu transformar-se em *ouro*.

Como se monta a cavallo no Rio Grande do Sul.— Daremos a relação de todos os objectos de que usão os habitantes do campo n'aquella provincia, para montar a cavallo: por ella se verá o tempo que leva a arrear um d'aquelles animaes:

1.° Um suador, ou xergão, que collocão no lombo do animal.

2.° Uma carôna baixeira, por cima do suador ou xergão.

3.° Uma xerga d'algodão ou lã, em cima da carôna baixeira.

4.° Uma carôna, lisa ou lavrada, sobre a xerga.

5.° Um lombilho, em cima da carôna.

6.° Uma cilha, que aperta sobre o animal aquelles cinco objectos.

7.° Um pellego (pelle de carneiro), ou um coxinilho, feito de lã, linho ou retroz.

8.° Uma badana, ou courinho, liso ou lavrado.

9.° Uma sobrecilha de couro, camurça ou lã, para apertar os objectos n.os 7 e 8.

10.° Um rabicho liso de sola ou prateado.

11.° Um peitoral de sola, liso ou prateado.

12.° Um freio de ferro, prata, ou outro qualquer metal adequado.

13.° Uma cabeçada de lona, trançada com prata ou sem ella.

14.° Um par de rédeas, idem, idem.

15.° Um buçal para segurar o animal quando pasta.

16.° Um par de loros com estribos de prata, ferro, ou outro metal branco ou amarello.

17.° Um meneador de couro crú, liso ou trançado, com 20 braças de comprimento para segurar o animal no campo quando pasta.

18.° Uma maneia (pêa) de couro crú, liso ou trançado, para segurar as mãos do animal.

19.° Um laço de couro crú trançado, tendo de comprimento 12 a 14 braças, com uma argolinha de ferro ou metal ama-

rello em uma das pontas, para laçar no campo, mangueira, ou curral, qualquer animal solto.

20.° Um rebenque (chicote) de couro trançado com prata ou sem ella.

21.° Umas bolas de ferro ou pedra, cobertas de couro crú, e seguras em uma corda de tres pontas (em cada ponta uma bola), de couro crú torcido: cada ponta da corda terá uma vara de comprimento. Tanto o laço como as bolas são armas temiveis na mão d'esta gente, que é destrissima no uso d'elles. Uma das bolas é mais pequena e chama-se mamicula; é por ella que se pega para as atirar, depois de as fazer girar em volta da cabeça.

22.° Tentos — que são varias tiras de couro cru, seguras na cabeça do lombilho, para prender e segurar o ponche, mala, laço, etc.

23.° Chilenas — que são esporas muito grandes, e com grandes rosetas, pesando ás vezes até duas libras: são de ferro ou prata.

Todos estes objectos podem custar de 40,000 réis até 2:000,000 réis, conforme o luxo do individuo.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro
(Porto Alegre, Imperio do Brasil).

ABRIL — 4.

EPIGRAMMA.

Salomão compoz um livro
(O tal da *sabedoria*),
E a *ignorancia*, de invejosa,
Á prima *semsaboria*
Logo um livrinho encommenda;
Esta o fez e no outro dia
O *album* se poz á venda.

Jorge Guilherme Lobato Pires.

Baptismo de sangue.—Era das mais célebres antigamente a ceremonia da investidura do cargo de Pontifice. Revestido este com as vestes pontificias, descia ao fundo d'uma cova, cuja entrada se tapava depois com taboas cheias de furos; sobre ellas se immolava um touro, cujo sangue ia orvalhar o Pontifice, que lavava com elle o rosto; em seguida, e assim mesmo coberto de sangue, o tiravão da cova os flamines (sacerdotes do antigo Lacio) e o saudavão e acclamavão com as palavras SALVE PONTIFEX MAXIME: limpavão-no depois, vestião-no ricamente, e era conduzido ao palacio, onde grande numero de convidados assistia a um esplendido banquete.

Durante alguns séculos foi religiosamente observada aquella extravagante ceremonia.

Antonio Martins Leorne (Porto).

Acção de portuguez.—Levado Carlos I d'Inglaterra ao cadafalço *(A. 54 pag. 231)*, demandaram em 1650 os principes Alberto e Mauricio asylo em Lisboa, onde, para os capturar, se apresentou uma esquadra ingleza. Incitado o nosso governo por um eloquente discurso do Principe D. Theodosio, determinou repellir a audacia britannica, para o que se armou uma esquadra de treze navios, que se confiou ao commando do general Antonio de Sequeira Varejão. Á vista d'ella fez-se ao largo a armada britannica e recolheu-se Varejão ao Tejo sem a haver perseguido, por se lhe ter dado ordem de não ultrapassar os cabos. Convencido, por malevolas insinuações, El-Rei D João IV de que por cobardia do commandante portuguez não fôra aniquilada a armada britannica, foi elle demittido e substituido por Jorge de Mello.

E que fez Antonio de Sequeira Varejão, despojado das insignias de general e cahido no desfavor do Monarcha? foi servir, como soldado raso, ás ordens de Francisco Brito Freire, n'uma esquadra onde fôra general!...

José Victorino Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

Supplicio do Knout. — Vulgarissimo na Russia. É um azorrague feito com um pedaço de couro, bastante grosso, e de tres pés de comprido, pouco mais ou menos, cortado em tiras de cima abaixo. Tem exactamente a fórma de uma disciplina, e prende, como esta, a um cabo de páu. Com tal destreza se servem d'elle os algozes incumbidos de applicar a pena, que raro é não venha logo ás primeiras chicotadas a pelle do pobre infeliz.

Este supplicio era ainda mais barbaro nos tempos antigos: ligavão-se atraz as mãos do padecente e por ellas se suspendia de uma forca; os braços ficavão logo deslocados e ião passar por cima da cabeça: amarravão-lhe em seguida pesos grandissimos aos pés, ou deslocavão-lhe os membros inferiores, pondo um páu bastante comprido entre os joelhos, que violentamente affastados rasgavão o infeliz pelo meio do corpo. Concluidos estes horrorosos preparativos (até alli erão só *preparativos*) applicava-se o knout a todo o corpo até que se arrancasse ao padecente a confissão que se lhe pertendia extorquir, ou que elle morresse, o que não tardava muito.

Accusada Mme Lapouchin, dama de grandissima formosura na côrte da Imperatriz Isabel, de haver tomado parte em certa conspiração, fôra por isso condemnada á pena do knout: conduzida entre soldados á praça em que taes execuções de ordinario se fazião, arrancaram-lhe um véu que lhe cobria o peito, despiram-na até meio corpo, e carregou com ella ás costas um dos verdugos, curvando-se quanto podia, para melhor expôr ao supplicio as carnes da victima; pegou então no knout outro carrasco, e sem se commover, nem com a belleza da infeliz, nem com a alvura e brilho de sua mimosa pelle, nem com as lagrimas e exclamações que lhe arrancava a violencia da dôr, por tal modo a fustigou, que em poucos minutos se viram as carnes retalhadas e o chão alagado de sangue: cortaram-lhe depois o nariz e a lingua, e n'esse misero estado a mandaram acabar os seus dias na Siberia!...

O Diabo na ponte de S. João. — Uma legua ao norte de Guimarães ha uma ponte por baixo da qual passa o rio Ave, denominada — *Ponte de S. João*. Quando alguem daquelles sitios está doente e descrê dos soccorros da medicina, vai ao meio da ponte, á meia noite em ponto, acompanhado por um padre, com meio alqueire ou um alqueire de milho alvo ou painço; o padre lê-lhe os exorcismos e o doente atira o milho da ponte abaixo, seguido de tres punhados de sal, e o diabo, a quem o bom do padre impõe a obrigação de largar a creatura, lá fica entretido a contar os grãos de milho até á consummação dos seculos!

O que muitos estranharão é que um sacerdote, cuja primeira missão devera ser extirpar do espirito do vulgo tão grosseiros prejuizos, os auctorise pelo contrario com a sua presença!...

João Manoel Fernandes de Magalhães (Felgueiras).

ABRIL—8.

Dia de Paschoa. — Visto ser hoje dia de Paschoa, falemos n'ella.

Chamão os israelistas a esta festa — dos *Azimos* — pois n'este dia não comem senão pão asmo, ou sem fermento: é cumprimento annual d'uma prescripção de Moysés. O pão assim é naturalmente pesado e indigesto; por isso os israelitas o comem no dia de paschoa, repetindo estas palavras d'Esdras: «*Eis o pão da miseria e da servidão de que nossos pais se nutriram no Egypto; vinde comel'o comnosco, vós que sois necessitados.*»

Aos pães asmos juntão um prato de hervas amargas, temperadas com vinagre.

O chefe da familia é que amassa o pão, ou pelo menos assiste á sua preparação.

A mêsa é posta pelas mulheres. Os criados sentão-se n'esse

dia ao lado dos amos, em memoria da igualdade natural do todos os homens ante Deus, e é o dono da casa que serve os convivas e lhes enche os copos.

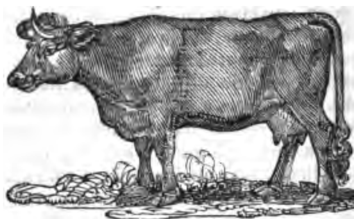
O mesmo pensamento de igualdade preside entre os christãos ao lavapés na quinta feira santa. O Papa, a Rainha d'Inglaterra, o Czar, os mais altos potentados da terra, emfim, lavão os pés a 12 pobres em memoria do lavapés dos apostolos. Em Roma estes pobres são padres estrangeiros, sem recursos pecuniarios, e que para a ceremonia se sentão em um banco elevado; o Papa lava-lhes o pé direito, e o decano dos cardeaes o enxuga; dá-se-lhes depois um banquete, e é o Papa quem lhes serve o primeiro prato e lhes lança o primeiro vinho nos copos.

A paschoa musulmana, ou *Bairão*, dura tres dias; a dos judeus durava outr'ora sete, e começava no sabbado que precedia o 14.° dia da lua de março. Parte da igreja do Oriente, nos primeiros séculos do christianismo, celebrava as festas da paschoa no dia em que cahe a paschoa dos judeus, mas depois do concilio de Nicéa foi esta festa fixada no domingo seguinte.

Os persas modernos conservaram quasi todas as solemnidades d'Osiris, dando-lhes todavia outros nomes e adoptando para ellas novas ceremonias: celebrão elles o equinoxio da primavera com festas chamadas *naurous* (o novo dia). A entrada do sol em *Aries* é annunciada da torre do palacio de Teheran, que serve de observatorio; a artilheria une a sua voz á das trombetas e timbales e dá por toda a parte o signal para as festas populares, que durão 8 dias. Na vespera mandão-se aos amigos ovos dourados ou pintados de vermelho, e que são emblema da rica vestidura com que a natureza se enfeita na nova estação, recordando ao mesmo tempo o systema dos antigos philosophos, que pertendião ser oval o nosso planeta.

Os nossos ovos de paschoa são ainda resto d'essa allegoria. (*A*. 51, 15 *d'abril*, 17 *d'abril*, 20 *d'abril e* 26 *de outubro*, *A*. 52 *p*. 99 *e* 110, *A*. 53 *p*. 194, *A*. 55 *p*. 141, *A*. 57 *p*. 200, *A*. 58 *p*. 195).

Manteiga.—É incrivel o consumo que d'ella se faz na Inglaterra. Só em Londres emprega cada pessoa, termo médio, um arratel por semana, ou 52 arrateis por anno; ora, como aquella capital tem para cima de dous milhões d'almas, já se vê que excede o consumo annual da manteiga a 104 milhões d'arrateis, ou 52,000 toneladas, a que devem juntar-se mais 6,000 toneladas para fornecimento dos navios, prefazendo-se assim um consumo total de mais de 58,000 toneladas, ou 116 milhões d'arrateis de manteiga, que comprada a rasão de 240 réis (supponhamos) importa em 27,840 contos de réis.



A porção média da manteiga annualmente produzida por uma vacca leiteira é calculada em 168 arrateis; assim pois a manteiga consumida em Londres é fornecida por 690,476 vaccas. Reunidas e collocadas todas em duas fileiras n'um só curral, occupando cada uma metro e meio de comprido, precisarião d'um edificio de 93 léguas de extensão *(A. 57 p. 202)*.

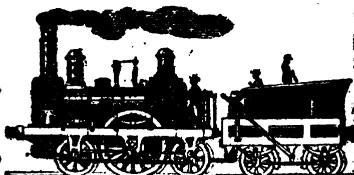
ABRIL—10

CHARADA IX.

Quem diz a primeira 1	Fugi, ó veados!
Produz a segunda; 1	Correi caçadores!
Por entre a segunda	Contai com meu faro!
Se esconde a terceira..... 1	Avante senhores!

Benjamim Cupertino Freire Abranches (Cartaxo).

O seculo XIX.—Nunca séculò algum, depois que o mundo é mundo, foi mais fertil em invenções de grandissima importancia do que este em que tivemos a dita de nascer.



Antes de 1800, nem havia vapores, nem sequer era ainda conhecida a applicação, em ponto grande, do vapor á mechanica. Foi em 1807 que appareceu o primeiro barco d'aquelle genero, lançado por Fulton, e hoje, só na America do Norte, navegão para cima de 3,000.

Em 1800 não havia caminhos de ferro, e só nos Estados Unidos ha hoje 8,797 milhas de carrís, que importaram em 286 milhões de dollars. Na Inglaterra ha umas 13 a 14,000 milhas, já promptas, de caminhos de ferro.

Em 1800 erão precisos 15 dias para que chegasse uma noticia de Philadelphia á Nova Orleans; hoje basta um segundo!

O galvanismo data de 1800 e o electro-magnetismo de 1821.

A luz do gaz era desconhecida em 1800, e todas as cidades d'alguma importancia se allumião hoje com elle.

O daguerreotypo (a mais assombrosa das invenções) data de 1839.

A polvora d'algodão e o chloroformio vieram d'ahi a pouco.

A chymica agricola e a applicação das machinas á agricultura tèem dado origem a immensos progressos na producção da terra.

Agora é que se póde dizer que o mundo principia. O peór é que tantos vão ao mesmo tempo acabando, o que os impedirá de ver tantas e tão bonitas cousas que estão para vir! Paciencia! Muito menos viram os nossos avós, que foram uns grandes tolinhos!...

Sinos e campainhas. — São conhecidos desde a mais remota antiguidade, e foram, em todos os tempos, applicados a funcções religiosas e profanas. Affirma Strabão que se annunciava com elles a abertura do mercado. Descreveu Plinio o tumulo de um antigo Rei da Toscana, tumulo que era todo ornado de sinos. Era ao som d'elles que em Roma se marcava a hora do banho. De uma sineta se servião tambem os serenos (*A*. 52 *p*. 50). Com ellas se chamavão ás horas da comida os criados de casas grandes. Ao pescoço de animaes se penduravão campainhas para espântar os lobos, e tambem como amuletos (*A*. 55 *p*. 324), uso ainda hoje vulgar, na gente rustica, em todos os paizes.

Attribue-se esta invenção aos egypcios, que por meio d'elles annunciavão as festas de Osiris.

Entre os hebreus, vestia o grão sacerdote, por occasião de ceremonias religiosas, uma tunica inteiramente guarnecida de campainhas ou guizos d'ouro. Durante os sacrificios usavão tambem d'ellas, em Athenas, os sacerdotes de Proserpina.

O primeiro que introduzio o uso das campainhas e sinos no serviço do culto divino, julga-se haver sido Paulino, Bispo de Nola, no anno 400 da era christã. Refere um antigo historiador que ao sitiar a cidade de Sens o exercito de Clotario, tão grande terror lhe incutiu o estrondo dos sinos, que Lobo, Bispo d'Orleans, ordenou se tocasse a rebate, fugindo na maior desordem os sitiantes.

Diz Beda que na Grã Bretanha só em 680 foi introduzido o uso dos sinos: antes d'elles eram convocados os fieis com uma matraca.

É muito de suppôr que as campainhas fossem desde logo empregadas nas procissões, e que se annunciassem com ellas os regosijos publicos, mas nem sempre erão movidas com as mãos; penduravão-se em campanarios e tocavão-se com martellos: n'uma gravura do século XIV se vê o Rei David tocando com dous martellos umas poucas de campainhas.

É antiquissimo o uso de annunciar com repiques de sinos a chegada de Reis e altos dignatarios à certas localidades.

Tinha dous fins o costume de os tocar pelos moribundos; o primeiro era implorar para estes as preces dos christãos; o outro, affastar do leito mortuario os espiritos máus que se suppunha vagarem-lhe em torno.

Já poucos hoje recorrem a sinos e campainhas para affugentar raios e trovoadas, pois claramente ha demonstrado a experiencia que produzem effeito contrario.

Não se vêem campainhas nos edificios musulmanos, porém nos chinezes, e especialmente em torres e templos, são vulgarissimas.

Todos os sinos das igrejas de França foram em 1792 transformados em peças d'artilheria e moedas de cobre.

Poucas cidades ha que tenhão tantos sinos como Lisboa, nem melhores sineiros: os da Pena, Chagas e S. Paulo, tocão magistralmente as mais delicadas musicas. É cousa, que agradavelmente seduz os estrangeiros.

(A. 52 p. 267, A. 53 p. 242 e 347, A. 54 p. 75, A. 55 p. 319, A. 56 p. 212, A. 58 p. 82)

ABRIL—13.

CHARADA X.

Tem-no Camões, tem-no Barros,	Quando o rude não percebe,
Para serem respeitados:... 1	Este som tira da guéla:... 1
N'um banquete, com o copo,	Só nos homens se percebe,
Eu fiz isso aos convidados. 2	Não o tem a minha bella.. 1

Tenho um nome dos mais bellos
Na historia do povo-rei;
Com assento só em Roma,
Meio orbe governei.

José Augusto Ferreira Chaves (Moita).

Piolhos das abelhas. — N'uma recente sessão da Academia das Sciencias de Pariz leu o sabio *Dumeril* o seu relatorio ácerca d'uma memoria de *Mr. Fabre*, d'Avignon. Tratava n'elle dos habitos e metamorphoses de varios insectos microscopicos, entes infinitamente pequenos, cuja existencia prova que não ha um só ponto no corpo dos animaes que não dê asylo a myriades d'outros que nós só podemos vêr auxiliados por esses instrumentos com que a sciencia nos mimoseou, e com que nos é dado penetrar n'um mundo novo.

A esses entes infinitamente pequenos pertence o insecto vulgarmente chamado *piolho das abelhas*. Foi n'um cortiço que *Mr. Fabre* lhe deu com os ovos e estudou as metamorphoses do animal. É o insecto a principio um ponto negro que se agita vivamente, e depois se transforma n'uma larva, armada de seis pernas, que terminão em uma especie de gancho. É com esta arma (cuja força comparativa deve ser prodigiosa) que se agarra ao pello de que está coberto o corpo das abelhas, e que d'ahi em diante faz parte, por assim dizer, do gracioso insecto, que volteando no ar vai libar o succo das flores. Não o larga em quanto vive; viaja com elle por toda a parte; nutre-se da sua substancia; transforma-se e reproduz-se no corpo mesmo do animalinho, de que se torna inseparavel companheiro. É o mais estranho parasita que imaginar-se possa.

Tão longe levou *Mr. Fabre* as suas observações, que lhe permittiram ellas fazer a monographia quasi completa de tão curioso animal, monographia a que juntou minuciosos desenhos que tornão conhecidas todas as diversas phases d'aquella existencia aventureira.

Perigo do Whist. — Morrendo subitamente um jogador logo depois de ter visto as suas treze cartas, n'uma partida algum tanto mais interessada, exclamou um dos mirones: « *Vejão-lhe o jogo; aposto que não tem trunfo!...* »

E era verdade! dera-lhe um ataque apoplectico ao ver uma tal desgraça!...

O MONDEGO.

Mondego, dorme saudoso
N'esse teu leito formoso
De fina prata e verdor!
É bello ouvir teu gemido,
Das rãs o côro sentido
No valle erguendo o clamor!
Na linda margem virente
O salgueiro dobra a frente,
As aguas a namorar;
E tu, grato a quem te affaga,
Vais logo, em troco e em paga,
Vais o salgueiro beijar!
No calmoso estio és brando,
Como a fonte murmurando
Nas folhas sêccas do chão!
D' inverno roncas medonho;
A brandura é já um sonho,
Vago sentir d'illusão.
Eu quero ver-te, Mondego,
N'esse teu brando socego
Que me diz—Ora ao teu Deus!
Quando o horisonte vermelho
Traz a lua, és um espelho
Onde vem mirar-se os céus!
Nas horas de soledade,
Quem não sente uma saudade,
Quem não tem n'alma o amor?
Venha o triste aqui sentar-se,
Venha comtigo chorar-se
Da noute ao meigo pallor!

Eu tambem gosto de ver-te,
Quando o vento vem bater-te,
Rugindo co'a tempestade!
Eu tambem sei respeitar-te,
Quando do somno acordar-te
Vem a voz da Divindade!
Tu então és um gigante
D'olhar torvo e chammejante,
Coberto de negro véu!
Vais no mar altivo e forte
A travar luta de morte
Co'o pavoroso escarcéu!
Que vejo? fui despertar-te?
Foi o meu canto agitar-te
No somno teu desleixado!
Eu amei... fui sem ventura,
Como tu falei ternura...
Para nós tudo é mudado!
Tu ha pouco entre as areias
Beijavas as varzeas cheias
De verde relva! E agora?
Açoitas, soberbo, as flores...
Nem já me falas d'amores,
Nem suspiras como outr'ora!
Erriça o dórso, ó Mondego,
Que eu vivo aqui sem socego
A cumprir fatal condão!
Esgotei d'alma a poesia!...
Hoje teimosa agonia
Me punge no coração!

Francisco José Pereira Palha.

Animaes philarmonicos.—Ha certos animaes que manifestão um gosto particular pela musica; nunca porém se dissera que um d'elles fosse o rato: pois é verdade!

Via a casa infestada de ratos um proprietario dos arredóres de Solesmes; em vez de lhes armar ratoeiras ou de espalhar arsenico por toda a parte, pensou que era melhor tratar de viver em boa paz e harmonia com os seus inimigos, e poz-se-lhes a estudar as propensões, os gostos, os instinctos e os habitos. Observou o homem no decurso de suas ratonas observações que os taes amigos erão particularmente affeiçoados ao som do tambor, e por isso os mimoseou d'ahi em diante com um rufo de manhã e outro de tarde. Nada mais divertido do que ver os pobres animaes sahirem de mil buracos e pôrem-se a dançar ao som do tambor! A cousa tornou-se publica por todas aquellas visinhanças, e por isso alli concorre diariamente uma alluvião de garotos que vão assistir ao baile: tudo ri ás gargalhadas, e tanto com os ratos e com os rapazes se diverte o dono do predio, que não tenciona por emquanto acabar com tal divertimento: esperará talvez para isso que os ratos se multipliquem a tal ponto que lhe enchão a casa e ponhão aposentadoria ao senhorio.

Outro facto:

Tocava um cégo na sua samphona em certa aldeia de França, e correu de longe uma lebre para o ouvir: acabou o homem de tocar e retirou-se o animal; tornou a tocar, e eil'o que apparece de novo, e é logo morto com um tiro de espingarda. D'ahi em diante, em vez de cães, não se servem por alli senão do cégo da samphona para a caça de lebres.

Outro facto mais:

Refere-se o bem conhecido *Bayle* a certa clausula do testamento da cantarina de Pariz M.lle Dupuy. Tocava ella harpa com a maior perfeição, e estava persuadida de que era ao seu gato que devia os elogios que todos lhe fazião, e que ella tinha a consciencia de serem merecidos. O caso é que todas as vezes

que ella se punha a tocar, se lhe sentava diante o animalito, ouvindo com a maior attenção, e parecendo até commover-se quando ella tocava algum bocado mais sentimental: era pela impressão causada no gato que a mulher apreciava o gráu de melodia da sua musica. Ao sentir que morria, mandou vir um tabellião e fez testamento; n'elle deixou ao gato uma linda casa na cidade e outra no campo, e um rendimento sufficiente para lhe tornar a vida alegre e feliz: e para ficar certa de que lhe respeitarião a ultima vontade, fez varios legados mais a diversas pessoas, mas sob a condição de que velarião por que fosse exactamente cumprida aquella clausula principal do seu testamento, e até de que fossem algumas vezes por semana fazer companhia ao gato: graças a esta precaução, passou d'ahi em diante vida regalada o animal, a quem nunca passara pela idéa que seria um dia proprietario.

Moncrif, que tambem cita este facto no seu *livro dos gatos*, acrescenta que foi atacado o testamento, sendo controversa em tal assumpto a opinião dos mais distinctos advogados, mas a final sempre venceu o gato: o que não sabemos é se no dia em que ganhou a causa, poz ou não luminarias em todas as janellas das suas propriedades.

ABRIL.—17.

O banqueiro e o visconde.—Fôra convidado em Pariz um visconde, que só ao acaso devia a sua illustração, para o baile que alli devia dar um banqueiro, que só ao trabalho e á perseverança devia pelo contrario a sua opulencia. Falando-se em differenças de jerarchias, atrevidamente disse o fidalgo ao financeiro: «*Já vos não lembra quando caminhaveis atraz dos vossos machos carregados de fazenda?*»

«Pelo que vejo, lhe respondeu placido e impassivel o banqueiro, não me conhecestes nos meus peóres tempos: antes dos machos, era eu que a levava ás costas.»

Que lição!... Entendel'a-hia por ventura o orgulhoso visconde? É de crer que não.

Nove Marias e nove Manoeis. — Em tempo de grandes séccas e quando as searas pedem agua, recorrem os habitantes de Foscôa por meio de preces á Virgem Nossa Senhora para que fertilise seus campos, mandando a desejada chuva: raras são as vezes que a Mãi de Deus lhes não acode; quando isto porém acontece, não tendo mais a quem dirigir-se, juntão-se nove donzellas, que é essencial se chamem Marias (convocadas de ordinario por alguns Manoeis), vão em procissão a distancia de meio quarto de légua, a um sitio chamado *Lameira de Asinhate*, e alli voltão de baixo para cima uma grande pia de pedra que pesará 30 arrobas (se não mais), regressando depois para casa á espera da chuva. Deve entender-se que os taes Manoeis é que fazem a ceremonia de virar a decantada pia. As Marias fazem só officio de corpo presente, e basta serem Marias e em numero de nove para se esperar um exito feliz!... Por aqui até as pedras fazem milagres!...



Anonymo Foscoense.

Gazometro natural. — Descobriram-se ha pouco



fontes d'aguas mineraes... onde? no leito do rio Doubs, em França. Uma d'ellas, a que o gêlo no inverno serve de moldura, mas que não cobre pela extraordinaria força com que rebenta, despede um gaz inflammavel; chegando-se-lhe um phosphoro, vê-se toda rodeada de um cinto de chammas volteando por cima da agua. Cobrindo-a com um funil de tanoeiro, com o bico para cima, e chegando um phosphcro á extremidade do orificio, sahe de dentro um jorro de chamma azulada, d'uma polegada de diametro e d'um pé d'altura, que arde emquanto o apparelho improvisado alli se conserva. A esse bico de gaz de novo genero accendem alguns o cigarro. É tal a força com que sahe o gaz, que tapando dous minutos o bico do funil (*circulo bicudo lhe chamou um Principe nosso dos mais sympathicos*), sóbe o jorro, assim comprimido, uns cinco a seis pés, despedindo uma infinidade de chammas. As outras fontes apresentão igual phenomeno, porém menos intenso.

Dar-se-ha caso que venha a utilisar-se aquelle gazometro natural?

Já no artigo de 10 de Junho no Almanach de 1851 dissemos haver tambem em certo districto da China, e n'um raio de 6 léguas, poços d'agua salgada, de que sahião columnas de gaz inflammavel, que davão uma claridade vivissima quando se lhes chegava uma luz; acrescentámos que os chins mettião n'esses poços, e a pequena distancia da abertura, tubos muito compridos, pelos quaes encanavão o gaz, que servia para lhes allumiar as ruas visinhas. É uma cousa semelhante á que hoje referimos.

Quantos recursos encerra a natureza para commodidade e deleite do homem!

ABRIL — 20.

ENIGMA XII.

Qual é no mundo a cousa mais amada
Que todos em geral aborrecemos?
Todo o bem que nos dá, por mal o temos,
Todo o mal que nos dá, redunda em nada:

Do grande e do pequeno é desejada;
Navegação com velas, mas sem remos;
C'os olhos corporaes nunca a nós vemos,
Nem foi de ninguem vista, nem achada:

Não é pedra, nem páu, nem ar, nem vento,
Não é cousa creada, nem nascida,
Não é memoria, voz, nem pensamento;

Dentro de cadaum de nós anda escondida,
De sorte que sem ella um só momento
Não póde conservar-se a propria vida.

Sociedade dos Treze.—Um dos preconceitos mais geraes por toda a parte é mais arreigados no espirito de gente em demazia crédula, ou que bebeu com o leite este e muitos outros prejuizes, é o que attribue malefica influencia ao n.° 13, preconceito tão vulgar como o de reputar dia aziago a sexta feira.

Em Bordeus se fundou, haverá um anno, uma *Sociedade* denominada *dos treze*, a qual tem por fim acabar alli com tão grosseiros absurdos, provando, não com argumentos e rasões (com que poucos se deixão convencer), mas pela practica e pela experiencia, que tão fatal é o n.° 13 como outro qualquer, e tanto de máu agouro a sexta feira como outro qualquer dia da semana. Consistem as sessões da sociedade em banquetes semanaes, sempre á sexta feira, e em que tomão parte treze socios. Compromettem-se estes a começarem, quanto possivel, á sexta feira, todas as suas emprezas de maior importancia. Não emprehendem viagem senão á sexta feira. Celebrão a sua festa annual na 13.ª sexta feira de cada anno. Antes de se pôrem á mêsa, fazem andar as cadeiras á roda d'um pé e entornão os saleiros, o que tambem por muitos é considerado de pessimo agouro. Etc. etc.

O que alguem achará de mais extraordinario em tudo isto, é que apesar de se estar tentando a Deus Nosso Senhor com tudo aquillo ha perto d'um anno, ainda não succedesse até agora uma unica desgraça a um só dos treze membros d'aquella associação!...

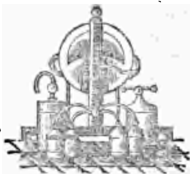
ABRIL—22.

CHARADA XI.

Não digo que seja feia..... 2	E quantos tristes viventes
Porém já não é donzella... 2	Morreram por causa d'ella!

Augusto Soares d'Azevedo Barboza (Fermedo).

Machina electrica. — Foi Otto de Guericke (o inventor da machina pneumatica) quem imaginou a primeira machina electrica, simplesmente composta de uma esphera d'enxofre segura a uma haste: girando com



esta, e ao mesmo tempo apoiando uma das mãos sobre a esphera para a friccionar, com esse movimento de rotação se conseguia electrisal'a. Varias outras machinas electricas se fizeram depois, até que em 1776 inventou o inglez Ramsden a de que hoje se faz uso.

Consta ella de duas partes principaes, a saber: 1.° de um disco de vidro que uma manivella põe em movimento de rotação sobre um eixo horisontal, para ser esfregado por duas ou quatro almofadas flexiveis e elasticas, entre as quaes gira; são revestidas, essas almofadas, de couro delgado ou de seda, e cobertas por um amalgama formado de duas partes d'estanho, tres de zinco e quatro de mercurio; tambem se usa para este ultimo fim de *ouro mussivo* (em linguagem scientifica bisulfureto d'estanho), mas é preferivel o amalgama — 2.° do *collector* da machina: consta geralmente de dous cylindros de metal horisontaes, ôcos, *isolados* sobre pilares de vidro, arredondados em toda a sua peripheria, e guarnecidos, nas extremidades visinhas do disco, de dous arcos metallicos que abração este até ao terço do seu diametro horisontal, e que são revestidos na sua concavidade de pontas ou *dentes* dirigidos perpendicularmente ás duas faces do disco. É a estes arcos dentados que se chama *maxillas*. Para carregar esta machina electrica basta fazer girar por algum tempo o disco de vidro: para lhe dar a maxima actividade, é necessario enxugar bem os pilares de vidro, o disco e as almofadas, o que se consegue aquécendo essas peças e limpando-as com um panno quente.

Alexandre Magno de Castilho Junior.

Como se divertião os antigos?—Do muitos modos. O antigo Egypto attribue a invenção dos jogos a Thot, filho d'Hermes, ou Mercurio Trismegisto; mas suppõe um dos mais célebres historiadores da Grecia, que foi entre os lydios, na Asia Menor, que tiverão origem: tomou vulto esta hypothese a ponto de cuidarem alguns eruditos que a palavra latina *ludus (jogo)* vem da palavra *lydio.*

Andavão aquelles póvos com uma fome devoradora por falta de cereaes, e resolveram comer um dia sim outro não. Affirmão ainda os antiquarios que os jogos inventados pelos pobres lydios os fazião distrahir da fome nos dias em que não comião. Faz lembrar aquelle sapateiro que, quando não tinha que dar de cear aos filhos, por ter *bebido* até os ultimos cinco réis, vinha para casa contar historias ás crianças até ellas cahirem com somno: a mulher ia-as deitar, fazião todos cruzes na bôca, e...antes adormecer sem ceia que acordar com dividas.

Ha ainda outra opinião: dizem que Palamedes, um dos heróes da guerra de Troya, que era a Sebastopol d'aquelles tempos, inventara os jogos de prendas. O cêrco d'aquella praça foi longo e enfadonho. Dez annos defronte d'uma cidade não é brincadeira! Se não fosse aquella boa alma de Palamedes, que sêria das tropas gregas que andavão já a abrir a bôca de aborrimento!

O *Ascoliasmus* gozava de muita voga entre os rapázes d'Athenas e de Sparta. Jogava-se com um pé só, como um jogo a que os nossos garôtos chamão do *homem*. Saltavão, por aquelle modo, n'um pé só, para cima d'um odre cheio de vinho e untado d'azeite, procurando suster-se sobre esta superficie escorregadia e elastica; mas como a outra perna estava no ar, o equilibrio era difficil, e davão com o nariz no chão ao som das gargalhadas e vaias dos circumstantes. Exercicio era este que muito agradava aos pastores da Arcadia. Tinhão bom gosto, não ha duvida.

Equitare in arundine longa (expressão que se encontra nos poétas latinos) é o que se chama em bom portuguez *andar a cavallo n'uma canna.* Os meninos d'Athenas e Roma gostavão muito d'essas cavalgadas, como os nossos tambem. Ainda hoje se vêem alguns pegureiros da Suissa descerem as ingremes collinas dos Alpes *a cavallo em cannas,* o que fazem com muita destreza.

Agesiláu, Rei de Sparta, para divertir um de seus filhos, andava *a cavallo n'uma canna.* Entrou um embaixador d'Artaxerxes, Rei da Persia, um dia que El-Rei estava n'essas cavallarias altas, e ficou de queixo cahido, segundo résa a historia, por ver Sua Magestade n'aquella postura grotesca; mas o Monarcha deu-lhe este quináu: «*Guardai segredo do que vistes até serdes pai!*»

Succedeu um caso muito parecido com Henrique IV de França. Queria elle que os filhos lhe dessem o cognome de *Bom,* que a posteridade lhe conservou. Morria por brincar com as crianças. Um dia entra o embaixador de Hespanha quando El-Rei levava ás cabritas o pequeno Cesar de Vendôme. Henrique assume toda a gravidade e diz-lhe: «*Senhor embaixador, sois pai?* Sim, Real Senhor.—«*N'esse caso continúo.*»

Aquillo tambem não tinha outra sahida.

ABRIL—25.

EPIGRAMMA.

Quando do velho Sileno
A calva luzente vejo,
Parece-me ver um quejo
Que expozeram ao sereno.

P'ra nascerem-lhe os cabellos.
Mil remedios usa o tolo;
Metteu-se-lhe no miolo
Que não morrerá sem vel'os.

Tem em casa uma botica;
Todo o dia a calva esfrega,
Mas quanto mais se arrenega,
Tanto mais lisa lhe fica.

Severiano d'Azevedo (Brasileiro, Ycatu, provincia do Maranhão).

Morte de Magalhães. — Queixoso da patria, que nem sempre é boa mãi, o portuguez Fernando de Magalhães, foi-se ter com Carlos I de Hespanha, e se lhe offereceu para buscar o caminho das ilhas de Maluco, ou Molucas, descobertas pelos portuguezes poucos annos atraz. Partio Magalhães em agosto de 1519, em outubro seguinte entrou no estreito que hoje tem o seu nome, e que antes se denominava das *Onze mil Virgens*, e depois de aturados trabalhos, chegou a um oceano tão manso, que lhe mereceu o appellido de Mar Pacifico. Chegou Magalhães ás ilhas dos Ladrões, e continuou a fazer descobrimentos, mas antes de alcançar a meta da sua viagem, morreu a 26 *de Abril de* 1521. Tomou então conta da expedição Rigafetta, que depois de ter tocado em Borneu e nas Molucas, tornou á Hespanha, aonde chegou no anno de 1522, e no dia 7 de setembro, que para os navegantes era 6. — O Pacifico já tinha sido descoberto por Balboa, que, mettendo-se n'agua até á cinta, e com a espada alçada, tomou posse do Oceano em nome do Rei de Hespanha, em setembro de 1513. Este Balboa é aquelle que morreu victima das becas, porque tendo pedido a El-Rei que não mandasse para o paiz de Darien advogados, que erão todos *diabos incarnados e vivião diabolicamente*, veio a ser decapitado em consequencia de seus enredos (*A*. 54 *p*. 352, *A*. 57 *p*. 170, *A*. 59 *p*. 163). *P. Diniz.*

Aveiro e o n.º 2. — Aveiro tem duas freguezias, duas musicas, dous jornaes, dous livreiros, dous professores d'instrucção primaria, e duas praças principaes. A casa do telegrapho electrico tem duas portas e duas janellas. A cidade está dividida em duas partes por uma ria que tem duas pontes, cada ponte com dous arcos; o seu aqueducto alimenta dous chafarizes, um com duas bicas e outro com quatro (duas vezes dous); tem dous tanques; são duas emfim as festas a que tem por costume assistir alli por anno a Camara Municipal.

José Reinaldo Rangel de Quadros (Aveiro).

Tagarella russo. — Está ainda na memoria de todos que foi o Principe Gortschakoff o commandante em chefe das armas russas por occasião da guerra da Criméa, onde a todos os instantes se ouvia o estampido do canhão.



Visitando ha dias seu irmão (actual ministro da guerra do Autocrata) o forte de Vincennes, ahi lhe foi apresentado um artilheiro que se distinguira no cêrco de Sebastopol. Vistes meu irmão no oriente? lhe perguntou emphatica e triumphantemente o orgulhoso russo.

«*Não o vi, não senhor, mas ouvi-o que foi um regalo.*»

ABRIL — 28.

Amostra da legislação laponeza. — Ainda hoje vigora na Laponia uma lei antiquissima e das mais singulares, que parece haver sido feita com o animo de dar cabo dos ursos, que tantos estragos alli fazem: dá ella a todo e qualquer que haja matado um d'aquelles animaes, apresentando em prova d'isso a pelle, o direito de viver separado quinze dias de sua mulher. Diz o author de quem isto extrahimos que se o privilegio se estendesse a um anno, decerto se extinguiria a raça dos ursos da Laponia. Não estamos pela theoria. É mal creado. Cuidão que têem muita graça os que de continuo estão declamando contra as mulheres, como se podessem passar sem ellas!

João Christiano De Korth (Angra do Heroismo).

Amarante. — Villa na provincia do Douro e na estrada do Porto para Traz-os-Montes. Foi fundada pelos tordetanos 360 annos antes de J. C. e tomou o nome d'um illustre capitão romano, chamado *Amaranto*. Totalmente destruida pelos barbaros, creou-se em seu logar uma espessa floresta, onde, pela era de 1250, S. Gonçalo, sentindo uma força occulta que o impellia para a solidão e para a penitencia, se foi internar, e fundou uma capellinha, em que viveu muitos annos. Como para legar á posteridade um monumento que eternisasse a sua memoria, fundou sobre o rio Tamega uma ponte (1), operando na sua construcção prodigiosos milagres, que a historia e a tradição nos transmittiram. O Dr. Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal*, faz menção d'uma fonte que n'esta villa existio e cuja agua tinha gosto de azeite. Acreditava-se que nascia d'um rochedo d'onde o Santo fizera sahir com uma varinha azeite e vinho, para dar aos seus operarios, junto com uns peixes que milagrosamente apanhara no rio. Morreu o Santo depois de ver concluida a sua obra e foi sepultado na sua capellinha: com os fieis que concorreram



(1) Esta ponte já não existe; foi ha pouco mais d'um seculo substituida pela actual, que é de brilhante architectura, e dizem que uma das mais bem construidas que temos. Ha quem assevere tambem que no logar onde S. Gonçalo fundou a ponte, já Trajano havia mandado construir outra que se arruinou com o tempo e com as guerras.

a visitar a sua sepultura se repovoou a villa. A ordem de S. Domingos tinha um convento magnifico onde hoje está o tribunal, o-theatro, um botequim, etc. A igreja é um templo magestoso; tem á esquerda do altar mór uma capellinha com um tumulo no meio; acredita-se que era a do Santo e que n'esse tumulo jaz o seu corpo. Ha, álem d'este, outros templos notaveis, como os de S. Pedro e Misericordia; ha mais um hospital e um convento de religiosas, fundado por D. Mafalda, filha de D. Sancho I, convento em que ainda existem duas religiosas. Na invasão franceza arderam muitos dos seus bellos edificios e ainda de alguns se conservão famosas ruinas. A meia légua d'esta villa está a *Ponte do Pêgo*: é de madeira, e a melhor e mais bella, n'este genero, de Portugal. Gloría-se Amarante de haver sido berço de varões illustres, que ornão paginas brilhantes da nossa historia: sobresahem entre elles o *Dr. João Pinto Ribeiro,* principal motor da acclamação de D. João IV e Desembargador do Paço—*Antonio de Sousa de Macedo,* Enviado a Inglaterra e Secretario d'Estado de Affonso VI—*Antonio de Queiroz e Mascarenhas*, que se distinguio na guerra de 1640—*Alberto da Silva*, que foi Arcebispo de Gôa e Conego Regular de Santo Agostinho—*D. Fr. Antonio de Guadalupe,* Bispo do Rio de Janeiro—etc etc.

José Victorino Pinto de Carvalho (Santa Cruz).

ABRIL—30.

Arvoredo e o seu altar.—É Arvoredo uma ilha na Provincia de Santa Catharina, dez léguas distante da capital, na barra do Norte, e que terá de superficie outocentas braças, pouco mais ou menos. É inteiramente inaccessivel a costa da parte oriental, porém entre seus denegridos e alcantilados rochedos se vê uma especie de altar com degráus, feito com tanta regularidade, que mais parece obra humana que da natureza.

Por toda a parte vemos pregoeiros da omnipotencia de Deus!
Vigario *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva* (Brasileiro, Desterro).

Estrella de Napoleão—Ao evadir-se da cadeia de Ham o actual Imperador dos francezes, exclamou-lhe da janella o conde Morny, seu irmão natural e seu constante collega de infortunio: «*A'vante, senhor! é a estrella de Napoleão que vos guia!...*»

Este facto deu logar a um bellissimo quadro.

O BANDIDO.

D'estes bosques, d'estas selvas,
Quem dirá que não sou rei?!
Tenho valentes soldados,
E tantos que nem eu sei!
Tenho riquezas occultas
Que o valor lhes não direi:
Ha quem negue e quem duvide
Que das selvas sou o rei?!

Tenho o sceptro e a corôa
Na ponta d'este punhal;
Não invejo aos reis da terra
Seu diadema real:
São pesadas essas c'rôas
De refulgente metal;
Isso tudo, ha quem o negue?
Cifro-o eu n'este punhal!!

Coitados dos reis da terra!
Ao pé de mim nada são!
Têm vassallos que lhes mentem,
Têm damas sem coração;
Em cada rosto um sorriso,
Um sorriso, uma traição;
Essas vaidades da côrte,
Ao pé de mim nada são!!

Tenho formosas sem conto,
Só minhas, de mais ninguem;
Tenho soldados tão firmes,
Como reis por lá não têm!
Tenho o sol que a festejar-me
Por detraz dos montes vem;
Tenho meiguices só minhas,
Só minhas, de mais ninguem!

Se quiz ser rei orgulhoso,
Foi no campo a batalhar;
Se quiz ser feliz amante,
Fiz meu nome respeitar;
Se quiz riquezas, comprei-as
Nas selvas a pelejar:
Sceptro, c'rôa, ganhei tudo,
Nos montes a batalhar!

Estas trinta cicatrizes
Com mais trinta recebi,
Quando estes bravos soldados
N'um só troço reuni;
Se quiz vaidades, comprei-as;
Comprei-as todas assi:
As cicatrizes que vêdes
Com mais trinta recebi!!

Mas agora... n'estes montes,
Só aqui... governo eu!
O rei, que governa tudo,
Nada aqui possue de seu!
Que desminta, mas não póde;
N'estas selvas tudo é meu;
Lá que mande, não m'importa,
Mas aqui, governo eu!!

Toque a bozina a combate,
Toque já, que manda o rei;
Se fôr feliz na contenda,
Mil banquetes vos darei;
Toque alarma, vamos prestes
Nos montes dictar a lei;
Haja agora quem duvide,
Que das selvas sou o rei!!

Luiz Augusto Xavier Palmeirim.

MAIO—2.

Raio engraçado.—Ainda hoje aqui vive em Coimbra um relojoeiro que ha já annos trabalhava, n'um dia de trovoada, junto á sua mêsa, quando seguido de medonho estampido lhe desce um raio pela parede abaixo; lhe lambe e fulmina parte dos utensilios, relogios, etc., que alli tinha; desce ao sólo e torna a subir, mas d'esta vez mettendo-se entre a calça e a perna do assarapantado espectador de tão rapida scena, e sahindo a final sem deixar mais do que uma commoção nervosa, uma queimadura superficial de que o homem em breve se curou, e a roupa crestada e rasgada. O mais curioso porém foi ficar um sabonete de prata, que o homem tinha na algibeira, com as duas metades da caixa soldadas, o mechanismo intacto, e continuando a trabalhar.



Respondo pela verdade do facto.

Candido Joaquim Xavier Cordeiro (Coimbra).

Uma cidade solapada.—Muitos planos têem apparecido para viajar rapidamente no interior de Pariz. Em logar de caminhos de ferro aéreos, isto é, que ficassem mais altos do que as ruas, formando outras com galerias e arcadas, pensa-se agora em caminhos de ferro subterraneos, que deverão formar outra Pariz por baixo da primeira. A municipalidade tem-se opposto sempre a semelhantes construcções, e nunca deu licença para se minar de subterraneos a cidade, senão com a condição de que não embaraçarião de fórma alguma os canos d'agua, de gaz e de limpeza. O actual plano remove todas as difficuldades, pois se trata de uma rede de caminhos de ferro por baixo do nivel dos canos existentes e dos que por ventura venhão a abrir-se.

Entre as vantagens que apresenta, citaremos as seguintes:

Diminuir os pejamentos das ruas, que dão logar a muitos desastres, e que irão augmentando com a população de Pariz.

Fazer com que seja muito mais facil e menos dispendioso conservar as ruas em bom estado, porque as cargas pesadas prejudicão as calçadas e difficultão o transito.

Proporcionar em toda a occasião aos habitantes de Pariz meios de transporte sempre á mão, e que facilitem aos operarios que morão longe voltarem rapidamente para suas casas.

O preço que se propõe é bastante modico. Os logares de primeira classe hãode custar obra d'uns dezoito réis e os de segunda nove.

Outra vantagem: a facilidade do transporte, dentro da cidade, das mercadorias que chegão de fóra pelos caminhos de ferro, pois está calculado que algumas encommendas que vem de pontos distantes de Pariz, levão para chegar das portas da cidade a casa do destinatario tanto tempo, quanto gastaram em percorrer a França até á capital.

Será feita a obra em tres annos, sem mediação ou auxilio do governo, e custará uns 40 milhões. Comprehenderá um circuito de 25, 170 metros, com 22 *embarcadouros.* 25 *estações*

e 100 *escriptorios supplementares:* por este meio, as estações e embarcadouros dos caminhos de ferro actuaes ficarão unidos por seis linhas com os mercados centraes.

Toda a galeria subterranea será feita de materiaes impermeaveis á agua. Terá de distancia em distancia poços de ventilação e será illuminada a gaz. O ruido das carruagens e o fumo, se estas fossem puchadas por locomotivas, darião cuidado a alguns; descancem porém que não haverá perigo de se abafar, nem com o fumo, nem com o calor do fogo das machinas, pois, segundo o plano, hãode ser feitos os transportes por meio de plata-formas rolantes, puchadas por cabos, e movidos estes por machinas fixas. Álem d'isto hade haver um serviço completamente de carruagens puchadas por cavallos para o transporte d'encommendas e objectos d'uns para outros embarcadouros, fazendo-se esse serviço de hora em hora.

Apesar de tudo, o projecto tem inconvenientes e assusta a população de Pariz, que teme ver desmoronar d'um momento para o outro as casas por falta de solidez em seus alicerces. Entretanto lá está o *tunnel* (*A.* 52 *p.* 196), que atravessa por baixo do leito do Tamisa, lá estão as muitas construcções do mesmo genero exigidas pelas directrizes das vias ferreas, a garantirem a duração d'estas estradas subterraneas.

Se o projecto fôr ávante, ficará tendo Pariz duas especies de catacumbas—as mortuarias e as da industria—as do passado e as do futuro.

MAIO—4.

A UM PÉ MONSTRUOSO.

Se o padre Santo tivesse
Um pé tão longo e tão máu,
Podera mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macáu.

Bocage.

Pedra d'Alvidrar.—É o nome que se dá a um enorme banco de pedra collocado adiante do logar de *Almoçageme*, na villa de Collares. A natureza cortou este rochedo de um tamanho que assombra, e deu-lhe tal declive, que faz arripiar a idéa só de que alguem terá o louco arrojo de descer por elle abaixo! Quem ha que visitando a poetica Cintra deixe de ir ver tambem a formosa *pedra d'alvidrar*, onde rapazes e homens, com a vista n'um pequeno estipendio, se aventurão por alli abaixo, com grave perigo de se arrojarem nas ondas, que furiosas vem bater muita vez até ao meio da pedra!

Antes de chegar a esta célebre curiosidade natural, vê-se no chão uma excavação de largo diametro e de grandissima profundidade, a que se dá o nome de *Fôjo;* dá vertigens olhar lá para baixo, sobretudo quando o mar alli entra com medonho ruido.

Antonio da Cunha (Cintra).

A PRIMAVERA.

Surgio meiga primavera,
Animou-se a natureza,
Em tudo reluz a esp'rança,
Brilha em tudo alma belleza.

Quando o astro refulgente
Manda á terra o seu calor,
Tudo se anima e entôa
O seu hymno ao Creador.

Aos prados linda verdura
Envia a quadra formosa;
Da roseira já mirrada
Desabrocha a fresca rosa.

As avesinhas despertão,
Harmonias espalhando,
E o pegureiro innocente
Lá as vai acompanhando.

Tudo n'esta quadra é bello,
Tudo inspira poesia,
Tudo convida a gozar
De tão celeste harmonia.

H. Paulina Lima de Barboza (Barca).

São João do Dedo.—Está situado no districto de Morlaix, departamento do *Cabo de Finisterre*, em França. A igreja, obra prima no seu genero, é dominada por um elegante campanario, coberto de zinco. É como se segue a lenda do *Dedo de S. João*, uma das mais acreditadas:



Quando se queimava o seu corpo em Samaria, apagou a pyra uma chuva milagrosa, poupando o dedo, que foi enviado ao Patriarcha de Jérusalem. Tecta, virgem normanda, levou-o para a sua patria. Tal devoção tomou por aquella reliquia um joven bretão de Plougasnou, que tentou furtal'a. O dedo o eximio do furto, indo collocar-se-lhe na mão entre a pelle e a carne. O bretão, que havia adormecido, se achou transportado milagrosamente á sua parochia. Alli, o mesmo dedo milagroso se desprendeu da mão do homem e foi pousar-se no altar. Sabedor do prodigio o duque de Bretanha, fez edificar a actual igreja de *S. João do Dedo,* cuja primeira pedra foi lançada no anno de 1440, concluindo-se toda a fabrica do edificio em 1513, com as liberalidades da Rainha Anna. Esta

Princeza, que padecia da vista, quiz um dia que lhe levassem a reliquia para a pôr em contacto com os olhos, e o dedo voltou por si mesmo a collocar-se no relicario. O mesmo dizem que succedera quando os inglezes o levaram em 1459, e não sei se alguma vez mais.

Existe junto á igreja uma fonte que se affirma participar das mesmas virtudes milagrosas da santa reliquia. Ainda hoje alli concorrem em grande numero os peregrinos para se curarem, por meio d'aquella agua, das enfermidades dos olhos. Deus lhes dê vista na alma e no corpo!...

MAIO—8.

Carga pesada.—Achando-se um navio em perigo, mandou o capitão alijar a carga mais pesada para o alliviar; ouvindo a ordem um padre que era passageiro, correu ao beliche, pegou no breviario, e atirou-o ao mar.



Perguntando-se um dia a um ecclesiastico por que motivo andava sempre com o breviario debaixo do braço, respondeu: *E porque anda sempre o militar de espada á cinta?*»

Perdôe-me sua reverendissima, mas é que não anda tal.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro
(Porto Alegre, Imperio do Brasil).

Cisterna das Sete-Torres.—As excavações a que ha pouco tempo se procedeu nos arredores das Sete-Torres (Constantinopla), derão em resultado uma descoberta das mais interessantes.

É sabido que existe perto de Santa Sophia uma vasta cisterna subterranea, muito funda, aberta por mão d'homem, e sempre cheia d'agua mui limpida e corrente. Este reservatorio, que talvez não tenha rival em todo o mundo (tal é a sua grandeza), é alimentado por nascentes mysteriosas de que até hoje se não tinhão achado vestigios.

Nas excavações operadas nos terrenos de Zeitun-Bournou, estando os obreiros a cavar, derão com uma lage enorme, e tão cimentada com a alvenaria, que suaram para a mover. Depois de inauditos esforços, conseguiram arredal'a; tapava ella a bôca d'um poço, no fundo do qual se achou uma véia d'agua tão consideravel que enchia um canal de tijolo muito bem conservado.

Parece ser este canal que alimenta a cisterna de Santa Sophia. O volume d'agua, a relação do nivel, e diversos indicios mais, vierão corroborar esta opinião, que juizes competentes hãode resolver mais tarde ou mais cedo.

Esta primeira descoberta, que vem manifestar a existencia de obras agigantadas emprehendidas pelo Baixo-Imperio, promette outros achados ainda mais curiosos e importantes.

Em se tratando de subterraneos e excavações, não sei que tem a imaginação de todos os povos da terra que se interessa em profundar, mesmo hypotheticamente, os mysterios do que foi e do para que era.

CHARADA XIII.

Sem luz não posso existir.. 2 | Se alguem pilho descuidado,
Sem luz não posso viver... 1 | Ás guelas me vai ter.

Augusto Soares d'Azevedo Barboza (Fermedo).

Signaes de chuva proxima—Eis-aqui, segundo a opinião de varios, signaes de chuva proxima, tirados de animaes. Quando as aves se occupão mais que de ordinario em catar os insectos que as picão. Quando as gaivotas e os patos gritão mais que de costume. Quando as andorinhas andão muito baixas. Quando os pombos se recolhem antes da hora habitual. Quando os peixes vem brincar á superficie da agua. Quando as abelhas se conservão nos cortiços ou d'elles se não affastão. Quando os carneiros saltão muito e marrão uns nos outros. Quando os burros sacodem as orelhas ou são muito mordidos pelas moscas. Quando moscas e pulgas mordem mais do que de ordinario. Quando sahem da terra muitos bichinhos. Quando as rãs grasnão mais. Quando os gatos esfregão a cabeça com as mãos. Quando as raposas e os lobos uivão com força. Quando as formigas deixão de trabalhar e se vão esconder debaixo da terra. Quando os bois levantão o focinho. Quando os gallos cantão antes da hora costumada. Quando se ouvem os sapos em logares altos.

João Felix Pereira.

MAIO—11.

OS POBRESINHOS.

MEDITAÇÃO.

Era uma tarde; divina
como as tardes de verão;
cuidei no sol que declina
vêr o amor no curvo ancião!
frôxo roxeava as telhas
na casa do santo monge;
e nas frestas as scentelhas
erão como olhos de velhas
saudosas mirando ao longe!

Era campo; e a natureza
diz poesia ao pôr do sol!
resurge então a alma acêsa
nas côres do arrebol!
poesia no campo... ó ave
meiga, etherea, caprichosa!
e sob a celeste nave -
canta amores mais suave,
se espaneja mais ditosa!

Por detraz de um campanario,
subia, alegre e sem véu,
o astro meigó e solitario,
a lua, virgem do céu;
mas curvo.. triste.. aleijado..
vi junto ao muro um menino!
tinha o rosto fatigado,
pendente ao duro cajado,
como um mundo pequenino!

Ao pé d'elle, a um mais mocinho
vi lagrimas borbulhar;
e no pallido rostinho
trazer o rir e o chorar!
orphãos talvez?! e olhos cerra
o mundo immerso em delirio?!
a infancia é calix que encerra
toda a innocencia da terra,
todo o casto amor do empyreo!

A vida é mar espumante,
torvo! rapido!! voraz!!!
o amor de Deus é diamante
que no mais profundo jaz!
não o sabe um Creso, um nobre,
sente-o o mendigo que ao mundo
dá bençãos do céu por cobre,
e pelo andrajo que o cobre
mede as galas de álem mundo.

Responde o rir da vaidade
aos arrancos da afflicção!
foge a turba sem piedade
á infancia que pede pão!
«Pão» grita o mais infantinho,
co'a fome na voz, nos olhos!
ninguem detem o caminho,
ninguem lhe quebra um espinho
ao farto pisar d'abrolhos!

O mundo é assim! sorri-se
aos que por ouro são reis!
ao rei que um astro pedisse,
diria: os astros tereis!..
Seguio; pendia-lhe a fronte!
veio; estendeu-me a mãosinha!
o meu triste olhar, a monte
divagava no horisonte!
disse-lhe! «não!» nada tinha.

Vaes, turba soberba e louca,
ebria de luz e folgar!
elle... co'o perdão na bôca...
(anjos sabem perdoar!)
foi da estrada á beira hervosa
ver passar ricas mulheres,
que em berlinda estrepitosa
todas luxo... riso... e prosa...
se ião correndo a prazeres!...

Julio de Castilho.

Melancholia extrema —Morrendo o chefe de uma numerosa familia, ficou esta consternadissima: perguntando-se a um visinho sapateiro como ião passando a viuva e os orphãos, respondeu: — «*Estão todos n'uma classia e n'uma situadura tal, que nem pestanejam nada pela bôca fóra.*»

Prejuisos populares em algumas provincias do Brasil.—O uivar do cão, alta noute, é máu agouro: para o fazer calar immediatamente é dar tres pancadas bem fortes no solho com o chinello ou sapato do pé esquerdo de homem, deixando-o virado para baixo.

Não se deite fóra o lixo de noute, que é o mesmo que atirar á rua com a riqueza.

A mulher que der á luz successivamente sete filhos varões deve obrigar o mais velho a baptisar o mais novo, para evitar que o ultimo seja *lobishomem*: o mesmo deverá praticar a respeito de sete fêmeas, para que a ultima não seja bruxa.

Na madrugada do dia de S. João Baptista, quem não vê a sua sombra ao chegar á borda de um poço ou fonte, não vive até o anno seguinte. E o mais é que a imaginação de algum, que por chegar muito cedo ou muito tarde, ou pélo temor com que foi consultar o oraculo, ou por outra qualquer circumstancia, deixou de ver-se alli retratado, tem contribuido para que mais se arreigue e preconceito!...

Para evitar um máu *olhado*, ou quebranto, faz-se com a mão esquerda uma *figa* ao supposto feiticeiro.

Aquelle por cima de quem se passa fica *enguiçado*; para desmanchar o encanto é necessario passar-lhe de novo por cima, mas em sentido contrario.

Cozer a roupa no corpo a alguem é agouro de morte proxima.

Secar ao sol a roupa humida de suór, faz secar o dono.

Beber agua com a luz na mão provoca mil desgraças.

Quem ao metter a mão n'um sacco, tira d'elle a quantia certa que pertende, póde contar que será sempre pobre.

Dez réis pedidos por amor de Deus em sexta feira são remedio para varios achaques.

Santa Rita de Cassia é denominada santa dos impossiveis: tenho visto no braço da sua imagem requerimentos atados com fitas: alli se lhe pede tudo quanto ha.

Se alguem costuma resar ás almas e d'isso se esquece al-

guma noute, ellas o acordão, e o não deixão dormir emquanto não paga o tributo quotidiano.

É ruim agouro deitar-se uma pessoa com os pés para a porta da rua.

Quando morre alguem, atira-se fóra toda a agua que ha em casa, porque a alma, ao desprender-se do corpo, vai purificar-se n'ella.

Se a rigidez cadaverica obsta a vestir com promptidão um defunto, chama-se-lhe pelo nome, e pede-se-lhe que estenda ou encolha o braço ou a perna, e elle obedece logo.

Quem ouve chorar uma criança no ventre materno deve guardar segredo, para que ella seja afortunada.

É remedio para ictericia beber em jejum infuzão de retroz encarnado em vinho branco.

A pessoa que tem terçol, prometteu alguma cousa a outrem e faltou.

A mulher que vira a saia de traz para diante, virou tambem o juiso.

Quando canta o grillo negro, é indicio de morte em casa ou na visinhança; e se o grillo é pardo, é signal de boas novas.

Quando o gallo canta ao anoutecer, indica moça que está para fugir da casa paterna.

Quereis que vos desappareça um lobinho ao nascer? mandai a uma Maria que o morda.

Para dores de garganta, ou glandula enfartada, ata-se ao pescoço a meia do pé esquerdo de homem.

Vigario *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva* (Bras.ª Desterro).

MAIO—13.

Padre militar.—Ha na Austria um padre, unico em toda a christandade que tenha o direito de dizer missa, no dia de Paschoa, de capacete na cabeça, couraça no peito, e espada ao lado: é o commendador da ordem dos cavalleiros de Malta. Atulha-se a igreja n'aquelle dia para o vêr, e mais se dissera que vai esgrimir-se com os inimigos de Christo, do que representar um Deus de paz e misericordia.

MAIO—14.

Tranças chinezas.—O singular costume de raparem os homens a cabeça á navalha, desde pequeninos, em todo o celeste imperio, deixando só no alto uma madeixa que depois de crescida fórma uma trança mais ou menos comprida, foi imposto aos chins, haverá 200 annos, pelos seus ultimos conquistadores, os tartaros manchus, sob as mais severas penas, e adoptado a final, após grande resistencia, que depois da conquista degenerou em rebellião formal, e que principiou em Nankim, estendendo-se a varias provincias, e ameaçando o dominio dos tartaros. *José Feliciano de Castilho Junior.*

MAIO—15.

HELENA!

Ai Helena! de amante e de esposo
Já o nome te faz suspirar!
Já tu'alma singela pressente
Esse fogo d'amor delicioso
Que primeiro nos faz palpitar!...
Oh! não vás, donzellinha innocente,
Não te vás a esse engano entregar:
É amor que te illude e te mente,
É amor que te hade matar!

Quando o sol n'estes montes desertos
Deixa a luz derradeira apagar,
Com as trevas da noute que espanta
Vem os anjos do inferno encobertos
A sua victima incauta affagar:
Doce é a voz que adormece e quebranta,
Mas a mão do traidor faz gelar;
Treme, foge do amor que te encanta,
É amor que te hade matar.

Visconde d'Almeida Garrett.

Postas. — Lê-se na *Cyropedia* de Xenophonte que Cyro, para mais facilmente receber noticias de todas as partes do seu imperio, que era de grandissima vastidão, mandara examinar quanto caminho podia um bom cavallo despejar por dia sem parar, e n'esse limite mandou pôr cavalgaduras para os seus correios. Diz o mesmo historiador que alguns dos taes cavallos excedião em rapidez o vôo dos grous. Eis portanto a origem das *postas*, de que o grande *Michel Montaigne* fez um capitulo especial nos seus *Ensaios*, ou antes n'essa encyclopedia, em que se acha compilado o saber da sua epocha.



Vejamos agora como os romanos usaram tambem d'este meio de transmissão. Conta Cesar que tendo Lucio Vibulo Rufo pressa de levar um aviso a Pompeu, marchou para onde elle estava, correndo dia e noute sem repousar, e mudando de cavallos quando era mister. O mesmo Rufo, segundo Suetonio, andava cem milhas por dia n'um côche d'aluguel. Era um homem para quem não havia impossiveis. *Furioso correio* o denominou Montaigne. Topava no caminho com um rio caudaloso? era o mesmo; se o não podia passar logo alli a váu, despia-se e atravessava a corrente a nado, ainda que o váu se encontrasse a pouca distancia. Todo o seu empenho era não torcer caminho.

Cita-se tambem Plinio o naturalista para atar o fio á his-

toria das *postas*. Tiberio Nero, diz elle, tendo que ir ver seu irmão Druso, que adoecera na Allemanha, andou duzentas milhas em vinte e quatro horas.

Venha mais um para coroar estas erudições rapidas: conta Tito Livio que na guerra dos romanos contra o Rei Antiocho, Tito Sempronio Gracchо foi em tres dias d'Amphissa a Pella em cavallos de muda, com uma rapidez «*quasi incrivel.*»

O que não tem andado o mundo desde Gracchos e Rufos até hoje! Maravilhas dos caminhos de ferro não contaremos porque já não parecem fabulosas. O que sim pareceria fabuloso ha poucos annos cá em Portugal, fôra se alguem dissesse que havia de vir em trem de Santarem a Santa Apollonia (doze estiradas léguas) no praso de uma hora.

Que virá depois que faça olhar os vindouros para as nossas velocidades como nós para as dos antigos?!...

MAIO—17.

Ascensão—Celebra a igreja esta festa dez dias antes do pentecostes. N'ella se commemora a subida milagrosa de Jesu-Chisto ao Céu. Os apostolos que presencearam maravilhados aquelle estranho successo foram os proprios instituidores de tal solemnidade.

Em igual dia no anno de 1501 foi descoberta a ilha da Ascensão, ilha por tal modo inculta, que não ha muito foi abandonada por todos os seus habitantes.

MAIO—18

Decomposição da luz.—Todos sabem como por meio de um prisma se obtem a separação das côres do raio solar; ha todavia outro modo, simples e facillimo, de chegar ao mesmo resultado.

Mergulhe-se um bocado d'espelho n'uma bacia d'agua limpa, na inclinação de 45 gráus, pouco mais ou menos, com o aço virado para o fundo. Deixando penetrar n'um quarto escuro so-

bre a superficie do espelho um raio de sol, ahi fica logo improvisado um prisma: na parede fronteira, que deve ser branca, ou se deve ter tapado com um lençol, irão reflectir-se todas as côres do arco iris. A superficie da agua, um pouco trémula a principio, dardeja contra a parede mil coriscos de variadas côres, que se cruzão, se affastão, se extinguem, se reproduzem, com espantosa rapidez; em poucos instantes porém se restabelece a ordem entre todas aquellas linhas phantasticas e caprichosas, e se vêem reflectidas todas as côres na mesma disposição em que se vêem no classico prisma *(A 54 p. 75)*. *Justino Cumano* (Faro).

MAIO—19.

Nicho das almas.—Na estrada nova que vai de Braga a Barcellos vê-se um nicho, e no fundo d'elle um painel singular. Tem na parte superior um Christo entre dous santos, que de joelhos e mãos erguidas o adorão: são Santo Antonio e S. Braz. No centro vê-se o purgatorio: sobem da ardente fogueira muitas e grandes linguas de fogo, que parece quererem incendiar o pobre nicho; revolve-se n'aquelle mar de chammas vermelhas e enxofradas um sem numero de condemnados, entre os quaes se vêem um rei, um bispo e uma freira, com seus attributos proprios, um velho d'oculos, e alguns *janotas*, de pera e bigode. Tem por baixo este letreiro:

O' almas vivas, lembrai-vos
Das almas que estão já mortas,
Pedindo a Deus por ellas
P'ra elle lhe abrir as portas!

P. S. Rezai um P. N. e uma A. M. pelas almas do fogo do purgatorio. Amen.

O mesmo peço eu para mim quando me mirrar.

Antonio Martins Leorne (Porto).

Amor de mãi.—De um filho que tinha, e que lia versos menos mal, dizia a mãi, bastante desvanecida: «*O meu filho sempre tem uma prosa para recitar versos!...*»

MAIO—20

S. Sebastião de calções.—Vio já alguem porventura aquelle santo sem ser amarrado e nú? isso deu origem ao rifão—*Tem tanto de seu como S. Sebastião de calções.* Pois se fordes um dia ao sumptuoso mosteiro de S. Bernardo d'Alcobaça, lá o vereis de calções, na igreja, á esquerda e logo á entrada, n'uma capella contigua á de N. Snr.ª da Conceição.

Antonio Francisco Barata (Coimbra).

MAIO—21

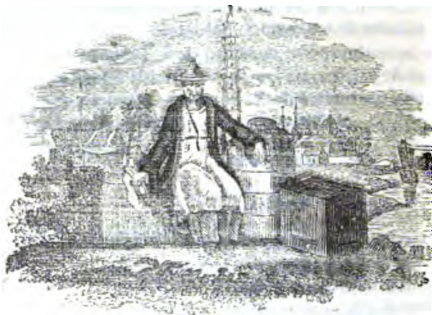
ENIGMA.

Eu vi n'um sepulchro estar
Mais de vinte corpos mortos,
E a todos ouvi gritar:
Parei para os escutar,
Porque ouvi vozes sentidas;
Mettêrão-me compaixão!
De quando em quando paravão,
Porque padecer mostravão
Faltas de respiração.

***

Cruzes em Barcellos—Deve esta Villa a sua celebridade ao magestoso templo do *Senhor da Cruz*, cuja imagem se festeja a 3 de Maio. Diz a tradição que em um dia de dezembro de 1504, pelas nove horas da manhã, no *Campo do Salvador (extra-muros da villa)* se operara o prodigio da apparição da Santa Cruz: erigio-se-lhe logo uma pequena ermida, que a devoção do povo com o andar dos tempos elevou a uma soberba igreja de bellissima architectura com seu zimborio. Tem uma Irmandade, de que é Juiz perpetuo S. M. El-Rei viuvo, o Senhor D. Fernando, que em 1852 visitou a Igreja em companhia da Senhora D. Maria II, por occasião da sua viagem ás provincias. Já os Senhores D Pedro IV, e D. Augusto de Leuchtemberg foram Juizes d'essa irmandade. *(Minhoto).*

População da China.—Apreciando nós muito os trabalhos estatisticos, ainda mais pelo que produzem do que pelo bem que sabem, nunca tivemos grande devoção de sobrecarregar estas breves paginas de algarismos



que, em ultima analyse, só provão alguma cousa confrontados e commentados n'outra ordem de publicações em que a leitura póde ser mais meditada e a escripta menos rapida.

Entretanto quem resistiria a dizer o que é o estado actual da população da China, paiz ainda envolto em mysteriosas conjecturas, apesar dos esforços reunidos que a Europa e o Novo-Mundo empregão para o revelar á actual geração?

Do Celeste imperio tem-se falado muitas vezes, mas quasi sempre sobre dados antigos e que por isso apresentão pouco interesse. Um documento recente e authentico nos permitte completar uma grande lacuna pois o ultimo recenseamento official, que serve de base ás avaliações de todos os geographos, remonta a 1815.

Quando, por occasião do ataque de Cantão pela esquadra de que era almirante lord Seymour, os inglezes tomaram o palacio do vice-rei, acharam, entre outros objectos preciosos, como proprios para esclarecer pontos obscuros ou controversos, um

livro no genero dos que publicão os governos europeus, sobre alfandegas, commercio e outros ramos de administração.

Este livro publicado em lingua chineza na imprensa imperial de Pekim, intitulava-se: *Quadro da população da China e suas colonias, segundo o recenseamento feito por ordem do sublime Imperador Hien-Foung, no quarto anno do seu reinado (1852).* O imperador Hien-Foung está hoje no throno e o recenseamento que elle mandou fazer é 37 annos mais recente que o executado no tempo de Kia-King.

N'este periodo augmentou consideravelmente a população da China. Em 1815 era de 371 milhões d'almas e em 1852 chegava a 396 milhões! Actualmente póde orçar-se em 400.

Ha n'aquelle paiz agglomerações de população incriveis. Só a provincia de Kiang-Son tem 37 milhões e 900 mil almas; a de Gan-Hwny, 34 milhões; a de Kiang-Si, 28 milhões; a de Houpé, 27 milhões; a de Ho-Nan, 23 milhões e 500 mil almas. Ha em differentes provincias cidades cuja população varia entre 500,000 almas e um milhão. Ha muitas aldêas que encerram a ninharia de 25 mil habitantes.

Ora administre lá bem tudo aquillo um unico Soberano!

Nascem d'aquelle excesso de população quadrilhas devastadoras que assolão o paiz, e d'elle procede aquella massa enorme de individuos sem eira nem leira, promptos sempre para tudo, e que são o flagello das grandes cidades do littoral. D'ahi vem esse numero inexgotavel de emigrados *(cules)*, que começão a substituir os negros em todas as colonias da America meridional, e cujo trabalho está offerecendo grandes vantagens.

Tambem não ha terra em que mais se despreze a vida do homem que na China; sirva de exemplo este facto: ainda não ha muitos annos que os mandarins governadores das provincias de Tchy-Li, Kiang-Sou, Chaug-Toung e Tche-Kiang, para combaterem o prodigioso augmento da população, se lembraram de authorisar os habitantes pobres a lançarem os filhos aos rios, vinte e quatro horas depois de nascidos! E assim se fez, o que não obstou a que a população crescesse cada vez mais!

MAIO—23.

Modelo de attestados.—Na administração do concelho de Vinhaes existe a seguinte certidão, que bem merece archivada: responsabiliso-me pela exactidão da copia.

Candido Ferreira Sarmento de Figueiredo e Castro (Vinhaes).

«Francisco José Affonso, Abbade da Igreja Parroquial de Santa Maria Magdalena de Curopos:

«Certifico que Maria Pires de Valpaço, minha fregueza, é tão inope, que nada tem com que nutrir um parvulo seu nepote.»

Curopos 22 de fevreiro de 1857.

O Abbade, *Francisco José Affonso.*

MAIO—24.

ESQUÉCI-ME DE MIM PENSANDO N'ELLA.

SONETO.

Uma noute, em que a lua em céu de estio
Meiga e serena prateava o mundo,
Para dar pasto á minha dor, no fundo
De um valle me entranhei triste e sombrio:

D'aves nocturnas lamentoso pio
O tormento dobrava-me profundo;
Como de acinte, em murmurar jucundo,
Alli de amores me falava um rio.

Eis perto escuto um canto magoado...
Olho; era elle de gentil donzella;
Mas quando ia a seus pés prostrar-me... oh! fado!...

Desdenhosa fugio-me a nympha bella,
E eu, desde esse instante infortunado,
Esquéci-me de mim, pensando n'ella.

Francisco Moniz Barreto (Brasileiro, Bahia).

Santo Nome de Deus de Macáu. — Pergunta-se a pag. 140 do Almanach de 1859 qual será a origem d'esta palavra? Eu respondo.

No anno de 1557, forão os portuguezes de Lampassau a Macáu em quatro navios seus. Repartiram entre si o terreno, edificaram casas e igrejas, procuraram mulheres para suas consortes, e chamaram logo ao novo estabelecimento — *Povoação do nome de Deus do porto de Macáu.*

Em 1583 estabeleceram os macaenses o governo municipal, crearam uma guarda de segurança publica, e chamaram á sua povoação — *Cidade do nome de Deus do porto de Macáu.* Tudo foi approvado pelo Vice Rei de Gôa, o conde da Villa de Orta.

Em 1623, a pedido dos moradores de Macáu, foi nomeado pelo Vice-Rei da India (Conde da Vidigueira) o primeiro governador de Macáu, D. Francisco Mascarenhas.

É uma de nossas importantes provincias ultramarinas.

A. C.

MAIO—26.

LOGOGRIPHO I.

Quarta e prima do meu todo
Dão fructo lá do Brasil;
Não tendo nada de doce,
Bem pode ser o mais vil.

Á segunda junta a quarta,
Pôr-te-has de boca aberta,
Vendo cousa que em ti se acha
Bem patente e não coberta.

Segunda, terceira e quarta,
Do meu todo o centro são;
Só por milagre verás
Contentes os que lá vão.

Pois quinta, segunda e quarta!
É um termo desusado,
Que equivale exactamente
A pateta refinado.

Meu todo, lá do Brazil,
Figura entre fructos mil.

J. L. Viegas (Olhão).

Despacho laconico e repente feliz. — Governou esta provincia por duas vezes o general Andrêa, hoje barão de Caçapava, o qual tem tanto de illustrado quanto de energico e activo, apesar da provecta idade. Requerendo-lhe um individuo certo emprego, e allegando no requerimento que já os sêus antecessores fulano e fulano lh'o havião promettido, deu este despacho: — «*Pois eu não prometto, nem dou.*=Palacio do Governo, etc. *Andréa.*»

Um sargento, que por ser o avô ou bisavô dos sargentos, via officiaes superiores outros que havião sido seus companheiros e inferiores, requereu a Sua Magestade ser promovido a alferes, e entregando em mão ao general Andrêa o requerimento para ser informado, passados dias foi procural'o: achava-se o general só, e mui applicado a escrever: chega o sargento, pede licença para entrar, e Andrêa, sem deixar de escrever, grita-lhe: «*Entre.*» O sargento entrou e deu immediatamente principio o seguinte dialogo:

Andrêa: *Sente-se.* Sargento: *Estou bem.* Andrêa: *Já lhe disse, sente-se, e diga o que quer.* Sargento: *Sou o Sargento F...* Andrêa: *Levante-se, meia volta á direita, volver... Que faz que se não safa?* Sargento: *Espero pela voz de marche.* Andrêa, gritando: *Dobrado, marche.*

D'ahi a mezes era o sargento alferes e hoje é tenente.

A. M. do Amaral Ribeiro (Porto Alegre, Imperio do Brasil).

EPITAPHIO D'UMA PALRADORA.

Aqui yace sepultada
La mas que noble señora,
Que en su vida, punto ni hora
Tuvo la boca cerrada:

Y es tanto lo que habló,
Que aunque mas no ha de hablar,
Nunca llegará el callar,
Adonde el hablar llegó.

Bebado previdente. — Encontrando lá pela noute velha uma patrulha a certo individuo olhando muito attentamente para as casas, e desconfiando de que fosse algum ladrão, quando não passava d'um bebado, perguntou-lhe o que fazia alli? — *Eu lhe digo, meus senhores; eu moro no fim d'esta rua; ora como estou a ver passar todas as casas cá para baixo, estou á espera de que a minha passe tambem, e assim que a vir... zás; metto-me dentro.*



O tal individuo pertencia á sociedade *Robert Macaire*, hoje tão generalisada em França; alli se vê um *specimen* de seus socios.

Ayres Abreu Ferreira Machado.

ENIGMA XIII.

Certo sujeito mandou vender á feira cem alqueires de feijão: o criado trouxe-lhe cem mil réis: está feito, disse o amo, foi vendido a dez tostões? não senhor, respondeu o criado; a principio vendi a 650 réis o alqueire; depois a 825 réis; e por ultimo a 1300 réis. O bom do amo ainda até hoje está a ver navios. Quantos alqueires de cada preço se venderam?

José Lopes Viegas (Olhão).

O PADRE

Nas bandeiras do Christo alistado,
Cá na terra não tem senão dôr;
P'ra consôlo dos outros fadado,
É-lhe aquella a missão do Senhor.

Não partilha dos gozos da terra,
Que vedado esse pomo lhe foi;
No seu peito, por Deus habitado,
Das paixões o espinho não dóe.

É de noite, horas mortas, chamado,
E lá vai o ministro de Deus,
Junto ao leito do pobre encostado,
Dar-lhe esp'rança nos anjos, nos céus.

E os filhinhos, em roda agrupados,
Com o padre fazendo oração,
Não entendem seus cantos de morte,
Mas lá bradão: «meu Deus, protecção!»

Esta prece das pobres crianças
Não quiz Deus no seu throno escutar,
Que entre os justos o justo da terra
La no céu foi seu premio gozar.

E o ministro de Deus, compassivo,
Quiz os orphãos da fome abrigar;
Em suas azas d'amor envolvidos,
Novo pai vão no padre encontrar!

E que gozo na terra se póde
Da acção boa ao prazer comparar?
Caridade! quem póde no mundo
Outra frase tão dóce encontrar?

Outro dia, lá vai diligente
O remorso do atheu consolar;
Lá lhe leva co'a cruz redemptora
Mil palavras que fé lhe vão dar.

Nas florestas da Arabia medonha
Vai o padre prégar redempção,
E falando d'um Deus aos selvagens
Vai sciencia levar á soidão.

Ou prégando de Christo a doutrina,
Ou levando aos enfermos um Deus,
É-lhe a vida de rosas cercada,
Se trabalha c'o a esp'rança nos céus.

João de Lemos de Napoles Manoel (Casa do Sarzedo).

MAIO—30.

Penitencia russa.—Quando os russos sitiavão Sebastopol, prometteu aos seus deuses um russo velho que no caso de vencerem os seus compatriotas, uma hora por dia se conservaria até o fim da vida no trage de Adão e Eva no paraiso terreal, e dando com uma chibatinha em si. E se por ventura déssem cabo de todos os francezes, seria a chibatinha substituida por um cacete.

Não quiz Deus que o russo se constipasse e ficasse com vergões na pelle.

Francisco José Vieira Mendes Junior.

UM CONTRASTE.

Certo pai tinha dous filhos;
Um instruido e callado,
Outro mui grande idiota,
Mas em falar obstinado.

Tenho dous filhos bem célebres,
Dizia o pai infeliz;
Pedro não diz o que sabe,
José não sabe o que diz.

Manoel Justino Pires (Elvas).

Rio subterraneo ou antes subpetraneo. — A meia legua do funil (*A. 59 p. 191*) se encontra o célebre rio *Itareré*, que nasce no *sertão da marinha*, do lado da antiga e decadente villa *d'Apîahy*, hoje fréguezia. Corre, desde sua origem, pelo interior de grandes cavidades, ou por baixo d'uma, ou antes de muitas rochas, e depois d'um curso de mais de 20 leguas, chega á estrada geral que leva á provincia de São Paulo. Calcula-se em 60 pés a altura da ultima rocha por baixo da qual mansamente se deslisa.



Ha na estrada antiga uma abertura feita pela natureza, de uma braça de diametro, para que as aguas convergem, e outra de seis braças na estrada actual; por baixo de ambas corre o mysterioso rio, e em horrorosas cavernas têem achado esqueletos humanos varias pessoas que animosamente se têem decidido a entrar n'aquellas furnas. Consta que, em remotas eras, quadrilhas de ladrões esperavão os viandantes na estrada velha, e depois de os matarem e roubarem, atiravão os corpos para aquelle precipicio, e assim desapparecia todo o vestigio de seu barbaro proceder!

Ha quem se divirta em deitar pedras n'aquellas aberturas, e em ouvil'as resvalar de saliencia em saliencia até cahirem na agua. Outros têem entrado, como acima dissemos, n'aquellas cavernas, amarrados com cordas, ou pendurando escadas; e passando de pedra em pedra, de excrescencia em excrescencia, têem conseguido chegar até abaixo: não penetrá ahi a luz do sol, mas á claridade d'archotes têem muitos alli visto uma espaçosa sala, toda de rocha viva. Dando-se um tiro de bacamarte, é tal o estampido que se assemelha ao do trovão.

É no sitio denominado *Barbosa* que o rio ostenta com magestoso orgulho as suas aguas frigidissimas, e tão puras como o cristal.

Em todo o seu curso, e até mesmo quando occulto em escuras cavernas, dá sustento a uma infinidade de excellentes peixes, taes como a *piabanha*, a *piaba*, a *pyrapitinga*, a *pyracanjuba*, o *cascudo* ou *lauricaria*, o *papaterra*, o *bagre*, a *tabarana*, etc., etc.

Vigario *Dâmaso José Corrêa* (Brasileiro).
Cidade de Castro, na provincia do Paraná.

JUNHO — 1.

TRES CANTOS.

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia,
Nos folguedos d'innocencia,
Nos delirios de criança;
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura,
N'essa continua ventura
É toda um hymno:—esperança!

Depois na quadra ditosa,
No fogo da juventude,
Quando o peito é um alaúde
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, fogosa e bella,
Idolatrando a donzella,
Soletra em trovas: — amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;
Então a alma cançada,
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida,
Só tem um canto: — saudade!

Casimiro d'Abreu (Brasileiro, Rio de Janeiro).

Roma ás avessas.—*Roma versa vincit omnia.*
Joaquim Marques Paul (Mondim de Lamego).

Os raios pintão e gravão. — Estava uma camponeza guardando uma vacca, n'uma terrinha proxima a Roão, quando rebentou uma trovoada; a mulher abrigou-se a uma arvore, e cahio sobre esta uma faisca electrica; a vacca ficou fulminada e a mulher desmaiou: acudindo-se-lhe a tempo, recobrou os sentidos, e vio-se com assombro que tinha estampada no peito a imagem da vacca.

Tem precedentes este phenomeno. Conta Franklin, que achando-se um homem á porta da sua casa em Boston, vira tambem cahir uma faisca n'uma arvore proxima, e se lhe desenhara esta no peito.

Em 1841 cahio em Orleans uma faisca n'um magistrado e outra n'um moleiro, e em ambos se viram depois nódoas com apparencia de folhas d'álamo.

Lê-se na acta da sessão de 25 de janeiro de 1847 da Academia das Sciencias de Paris, que estando sentada á sua janella em occasião de trovoada uma senhora de Lugano, sentira um abalo e se lhe desenhara na perna esquerda uma flor que se achava na direcção do fluido electrico.

Têem por costume os marinheiros nas Ilhas Jonias prender uma ferradura no tope do traquete em occasiões de trovoada.

Achava-se alli fundeado em setembro de 1835, n'uma occasião d'estas, um brigue de guerra; morreu um dos homens de bordo que estava sentado ao pé do referido mastro, sem que no corpo ficasse vestigio de queimadura; tinha porém desenhada nas costas a ferradura do tope do mastro.

Estava ancorado outro brigue no porto de Zante; cahiolhe um raio e matou um dos homens da tripulação; no lado esquerdo do peito lhe ficou profundamente gravado o numero 44, copia d'outro numero de metal, preso a um dos cabos do navio, e que se achava na direcção em que cahio o raio.

Os sabios que expliquem este processo daguerreotypico!

O mundo velho unido ao mundo novo.—O dia 5 d'agosto de 1858 ficará sendo até ao fim dos séculos uma data memoravel para quantos présão e aprecião os progressos intellectuaes e materiaes. N'esse dia se realisou o mais assombroso facto e se colheu uma nova prova do quanto pode a perseverança. N'esse dia ficou assente a corrente electrica submarina entre a ponta mais occidental da Irlanda, que é *Valentia*, e a parte mais oriental da America do Norte, que é a Terra Nova

D'esta ilha já se projectava nova corrente para o continente americano e em poucos minutos se espalharião por toda a Europa, onde já se achão por toda a parte estabelecidas communicações telegraphicas, noticias d'aquellas remotas regiões.

O peór foi inutilisar-se; em breve será todavia substituida por outra, uma vez que se provou a possibilidade da resolução do problema.

Foi esta a primeira communicação expedida.

« *Terra-Nova*, 5 *d'agosto de* 1858, *ás onze da manhã.*

O cabo electrico está fixado n'esta ilha americana. Os signaes chegão bem. Ao receberdes isto, dobrai o joelho, e louvai a Deus, que ajuda e recompensa o trabalho do homem. »

CHARADA XIII

O todo á minha segunda } 2
Faz o que diz a primeira

Bate a segunda no todo } 2
Na estação derradeira

Não é planta, e n'elle influe
O mudar das estações;
Não é flôr, mas abre e fecha
Do tempo co'as variações.

De essencia e fórma não muda,
Mas é comtudo frequente
Que o seu todo, sempre o mesmo,
Se torne um *todo* diff'rente.

José Augusto Sanches da Gama (Coimbra).

Observações sobre o suicidio.—Dos mappas comparativos de muitos annos em Paris e Londres resulta que, geralmente falando, um quarto dos suicidios annuaes é causado por penas amorosas; outro quarto é devido á miseria, outro a doenças procedidas de intemperança, e outro a perdas do jogo, ou desastres repentinos de fortuna.



A maior parte dos suicidios premeditados tem logar antes de rompper o dia. Tem-se observado que segundo a idade, o homem escolhe de preferencia certos generos de morte. Na mocidade prefere de ordinario a estrangulação por suspensão; na idade viril as armas de fogo; em idade avançada recorre-se de ordinario á morte por submersão; na velhice são de novo frequentes as estrangulações por suspensão.

O emprego do veneno é mais usual entre pessoas instruidas nas sciencias.

É escusado ajuntar que os suicidios têem augmentado em proporção espantosa depois das revoluções politicas, e da introducção geral do desenfreado amor do jogo e desejo de enriquecer de repente por especulações aleatorias.

A tendencia para o suicidio, tão commum em Inglaterra, começa a espalhar-se pelo continente, onde a hypocondria faz rapidos progressos. Quem comparar hoje a mocidade de França com o quadro que dos francezes fazião os escriptores nacionaes e estrangeiros do século passado, cuidará não ser a mesma nação. Hoje toda a mocidade affecta seriedade e gravidade, e nada é mais raro que francas demonstrações de folgança e alegria: todos parecem meditar, ainda os que têem o cerebro vazio de idéas.

F. S. Constancio.

Festas d'Arcozelo.—É esta uma povoação do julgado de Gouvêa, onde de tempos immemoriaes se costuma fazer annualmente uma luzida festa á *Senhora d'Assumpção* (orago da fréguezia): eleitos todos os annos dous mórdomos, correm elles com as despezas, porque a Senhora é pobre. Consta a funcção de festa d'igreja e bella procissão, em que vão mais de quinze charolas com quantos santos ha na igreja e ermidas, e immensidade de pendões e cruzes, que se vão pedir ás freguezias visinhas: os foguetes são aos centos, e casa-se o seu estrondo com o do zabumba e o som do pifaro. O que porém mais chama a attenção e faz despovoar as visinhanças, é o differente numero de danças que apparecem, e de que enumeraremos algumas:

Dança das donzellas.—Seis ou oito meninas, de oito a dez annos, trajadas com decencia, e um menino vestido de anjo na frente, percorrem as ruas da povoação, dançando ao som de mal afinada viola, e parando de estação em estação, representão uma pequena farça allusiva á conversão e baptismo d'aquellas innocentes: repete cadauma o seu *dito*, como ellas lhe chamão, e pedem todas ao anjo que as baptise, pois querem abjurar a religião de Mafoma em que forão criadas; o anjo, depois de breve exhortação, as asperge com agua que leva n'um pucaro.

Dança dos marujos.—Outo barbados, vestidos decentemente, com capacetes muito enfeitados de fitas, que lhes ornão igualmente o fato, e tambem guiados pela indispensavel viola, percorrem a povoação, representando em differentes logares a farça de serem uns pobres maritimos, que em occasião de temporal fizerão voto de ir em romaria á *Senhora d'Assumpção* festejar-lhe o seu dia; cadaum diz o seu dito analogo ao assumpto e dança-se nos intervallos com a maior galhofa e alegria.

Dança dos espingardeiros.—São tambem outo ou dez alentados donzellos (para cima de vinte annos pela maior parte), que vestidos com o trage do seu sexo, e com grandes chapéus altos, marchão em dous bandos, ao som de tambor, com armas de fogo, bem perfilados, tendo cada bando o seu commandante na frente com espada desembainhada: representão os dous exercitos portuguez e hespanhol, que em tempos remotos tantas vezes se bateram, sempre com vantagem dos portuguezes, que d'esta vez ainda não deixarão a palma aos contrarios; essa tropa corre tambem as ruas, e nos logares que escolhem para dar batalha, postão-se os dous exercitos em frente um do outro, ha parlamentarios, desafios, e por fim trava-se a peleja, e vencem os portuguezes, vindo o general hespanhol ajoelhar aos pés do vencedor, que lhe concede a vida, a elle e aos seus. Toda esta farça é tambem representada por *ditòs* que cada soldado repete, differentes uns dos outros, mas analogos ao objecto.

Dança dos pretos.—Outo pequenos, de nove a dez annos, com as caras enfarruscadas, assim como as mãos, pés e pernas, vestidos de vermelho, com muitos guizos pelo fato, conduzidos por um guia tocando o fandango, fazendo mil caretas e visagens, correm todas as estações, e tambem de quando em quando representão a farça de serem escravos maltratados pelo seu senhor. Faz cadaum a sua queixa repetindo o seu *dito*, pela maior parte cheio de palavras indecentissimas, que offenderião os ouvidos menos castos em outra occasião, mas n'aquelle dia consagrado á Virgem tudo é permittido e applaudido!

São allusivas todas estas danças e folias a factos historicos de mui remota antiguidade, e terião alguma graça se estas scenas se repetissem tão sómente pelas ruas para divertir o povo; mas o que é de estranhar, e muito reprehensivel, é que toda esta sucia de bailarinos, pela maior parte bem entrados na pinga, acompanhem a procissão, indo óra atraz, óra adiante do Sacramento, causando até em-

baraço á marcha e regularidade do prestito, com suas evoluções e figuras de dança. Quem acha menos graça a todos estes desconchavos, são os pobres mórdomos, que álem das despezas da festa, têem de dar de comer e beber a toda esta sucia e a todo o bicho careta que lhes entra em casa: não fica a brincadeira por menos de dez moedas a cadaum, e varios ha que são obrigados a empenhar-se.

E' verdade que todos os amigos e patricios concorrem com o seu presente, e juntão os mórdomos muita ovelha, muita gallinha, muito leite e muitos óvos e arroz; mas como têem de convidar tambem com alguma cousa da festa aos que os presenteião, lá se lhes vai outra vez tudo, e ainda vem a pôr de sua casa.

JUNHO—7.

Ludion ou diabo de Descartes.—Consta d'um vaso de vidro, cylindrico e alto, quasi cheio d'agua, e terminado pela parte superior por um tubo de cobre, atravessado por um embolo que fecha hermeticamente o vaso. Mergulha no liquido um boneco de vidro (representando ordinariamente o diabo), a cuja cabeça se prende uma esphera ôca, tambem de vidro, e com um orificiosinho pela banda de baixo, por onde póde entrar ou sahir a agua, conforme estiver menos ou mais comprimido o ar existente na esphera. Tem-se, na construcção do instrumento, enchido a esphera com uma porção de liquido tal, que baste um pequeno augmento de pêso para que o apparelho mergulhe totalmente. Baixando-se um pouco o embolo, o ar existente na parte superior do vaso é comprimido, transmitte a sua pressão para a agua do cylindro e para o ar da esphera, e obriga a entrar para esta uma pouca d'agua, que tornando o apparelho mais pesado o faz immergir. Alliviando-se o embolo, dilata-se o ar da esphera, é expulsa a agua que alli tinha entrado, o apparelho fica mais leve, e vem á superficie do liquido. Alternativamente se póde fazer pois com que o diabinho desça ou suba. Em todos os gabinetes de physica se vê o *diabo de Descartes*.

Urzella d'Angola.—Esta planta, do genero das parasitas (*lichen raccela*), e de tanta utilidade na tinturaria, é colhida nas feitorias do sul d'esta cidade, nos pontos denominados Equimina, Lucira, Catara, Emine-ne, S. Nicoláu, Praia-da-Lua, Chapéu-Armado, etc.; e com quanto seja inferior em qualidade á de Cabo-Verde, fórma comtudo um dos ramos principaes do commercio d'esta costa. Antigamente, e até pouco depois de se começar aqui a conhecer o seu prestimo, apenas se comprava aos pretos gentios que a trazião ás feitorias do norte e á cidade; mas desde 1848 se principiaram a estabelecer as sobreditas feitorias do sul, com mais ou menos escravos, empregados em ir colhel'a ao matto. Tem sido tão grande a exportação d'este genero de então para cá, que de dia para dia se vái tornando mais raro, e por conseguinte mais dispendiosa a sua apanha, por isso que os escravos têem de o ir buscar mais longe e trazem de cada vez menor porção.



Mettida e calcada em saccas de seis ou sete arrobas cada uma, é levada para bordo dos navios, onde é imprensada e arranjada em fardos de 6 ou mais saccas. Fórma a parte principal de todos os carregamentos que d'aqui sahem: só para Lisboa vão mais de mil arrobas por anno.

É de notar que só se encontra a duas ou tres leguas das costas.

O primeiro que em Angola descobrio tão util planta foi *Jácomo Filippe Torres*, fallecido em 1848; foi tambem o primeiro que estabeleceu uma feitoria para a colher, exemplo que em breve foi seguido por muitos outros.

Anonymo Benguellense.

Esmola a Santo Antonio.—Christovão Lopes era pouco abastado: pedindo-se-lhe um dia esmola para o azeite de Santo Antonio, respondeu: «*Que se deite de dia, que assim faço eu.*»

Anónyma Setubalense.

JUNHO—9.

LUIZ DE CAMÕES.

Que filho, ó patria, tiveste
N'esse Luiz de Camões!
Por elle tu reviveste
Entre as novas gérações;
Foi o cysne mavioso,
Que no seu canto saudoso
De louros te engrinaldou;
Foi um poéta affamado,
Que pelos céus inspirado
Tua gloria eternisou.

Que nobres cantos aquelles
Onde o Gama reviveu!
Dize, ó patria, não dão elles
Novo lustre ao brilho teu?
Vêr as acções portuguezas,
Essas antigas proezas
Das eras que já lá vão,
Que teus filhos praticaram
Quando na India hastearam
Teu glorioso pendão?!

Quando através do perigo
Das brutas iras do mar,
Sem ter porto nem abrigo,
Vão novas terras buscar;
Quando em plagas estrangeiras,
Soltas ao vento as bandeiras,
Sem temor do vendaval,
Aos povos que conquistavão
Esses heróes pregoavão
As glorias de Portugal?!

Que poema tão sentido
De tão sentido cantor!
Que padrão eterno erguido
De teus filhos ao valor!
E que immensa poesia
De tão magica harmonia,
Que endeixas as que elle fez,
Quando em versos inspirados,
Descantou os malfadados
Amores da linda Ignez!

Cantou-a lá no Mondego,
Na aurora do seu viver,
N'esse placido socego
De tão sentido querer;
Que meigos sonhos! que amores!
Que vida toda de flores!
Que primavera gentil!
Que amor n'aquelles filhinhos!
Que delicias e carinhos
Por sobre a prole infantil!...

E depois, que hórrido espanto,
Que receio e que temor!..:
Sólta a voz, banhada em pranto,
Embargada pela dor;
E após inutil brado,
Tendo debalde invocado
Do seu Rei a compaixão,
Eil'a morta, descórada,
Como estatua derrubada,
Rojando a fronte no chão.

Que inspiração tão sentida
Que taes cantos fez brotar!
Que vida n'aquella vida!
N'aquelle peito que amar!...
Que saudades que teria,
Quando sem patria se via
Entre as grutas de Macáu!
Quando triste, a sós comsigo,
Tinha por unico abrigo
O peito do pobre Jáu.

Patria, patria, e tu podeste
Teu filho assim despresar?!
Suas dores não soubeste
No téu seio acarinhar?!
A gloria que elle sonhara,
Que elle por ti procurara
Naquellas terras d'álem,
Não te fez seccar-lhe o pranto?
E podeste, oh! céus! que espanto!
Ser madrasta em vez de mãi?!

Impassivel contemplaste,
Patria ingrata, aquella dor!
A face não occultaste
Dos remorsos ao pallor!
Elle, o poéta, o teu filho,
Que seguira um nobre trilho,
Que te fôra tão leal,
Morre á mingua, abandonado,
Esquécido e despresado,
Sobre um leito de hospital!...

Que resta d'elle? A memoria
De tão profundo soffrer!
Aspirara a tanta gloria
Para sem ella morrer!
Affouto encarara a morte,
Tendo-te, ó patria, por norte,
Das procellas ao través,
E depois, no passamento,
Não lhe acolhe o extremo alento
O peito de um portuguez!

Nem ao menos um jazigo
Deu a patria ao seu cantor!
Derradeiro, eterno abrigo,
Negou ao filho!... que horror!
Onde existe um monumento
Que revelle esse portento
Ás modernas gérações?
Onde existe?—inutil brado!...
Só o poema inspirado
Guarda o nome de CAMÕES!

D. Maria Rita Chiappe Cadet.

Instrucção popular.—Abrir escolas é fechar cadeias.

JUNHO—10.

Superstições do Minho.—Dando o sol na comida não presta a quem come. Despejar fóra á noute a agua em que se lavão os pés, é máu: póde passar por ella algum ar e fazer mal á pessoa que lavou os pés.—Dormindo uma pessoa velha com uma nova, chupa-lhe a substancia; por isso muita gente nas aldêas prohibe que filho seu durma com pessoa idosa.—Quarta feira de trevas põe-se um ferro sobre a ave que choca ovos, para elles não gorarem.—Na mesma quarta feira não se fia depois do pôr do sol, porque foi então que os judeus fiaram as cordas com que prenderam Jesus.—No sabbado de alleluia, furta-se agua da pia do baptismo: tres gottinhas deitadas na comida (depois de tirada do lume, pois em quanto ella ferve é *peccado*) livrão de maleficios e de feitiços a quem come!—Tem a mesma virtude agua apanhada nos rios ou fontes na vespera de S. João, ao bater a meia noute.—Beijar a sola do sapato de um defunto livra de sonhar com elle.—Para não lembrar continuamente um finado, é rezar-lhe um *Padre Nosso* dizendo «*Toma lá este, mas não é para avezar.*»

Á fé que se os senhores parochos quizessem, todos estes e muitos outros prejuisos se extirparião.

JUNHO—11.

Sereia humana.—No museu do doutor Marston, em Londres, vi eu, entre muitas outras raridades, uma sereia, ou sereio (não se lhe sabia o sexo), proveniente de mulher. Nascera em Helligoland, ao cabo de nove mezes de gravidez, com perfeita confórmação do ventre para cima, porem com rabo de peixe, em logar de pernas e pés. A mãi foi mais feliz que Lady Bath justiçada não ha muitos annos por haver dado á luz um ente com busto de criança e o resto do corpo com fórma de cão.

Os medicos que decidão se podia haver certeza de ser justamente applicada d'esta vez a pena capital.

E. A. Fayardo.

Ordem real da Palmeira e do crocodilo.—Foi a 12 de junho de 1837 que n'uma cidade do Soudan (região da Africa central) se conferio pela primeira vez a um europeu, o major Henrique Dundas Campbell, a *Ordem da Palmeira e do Crocodilo*, que até alli só fôra concedida a pessoas reaes indigenas. E bem merecia elle uma tal distincção, pois restabelecera a paz entre os régulos, promovera a agricultura, desenvolvera o commercio licito, e vulgarisara com o proprio exemplo os principios de moral.



O que mais nos admira é a instituição d'uma ordem tal no meio de povos semi-barbaros, e que progrida e vigore como as de nações cultas. Consiste n'uma estrella de sete pontas, ou raios, ricamente cravejada de brilhantes; tem no centro um escudo redondo, e esmaltado n'elle um crocodilo deitado ao pé d'uma palmeira; é rodeado o escudo por uma fita de esmalte verde, com a divisa árabe — *Só Deus é grande.* Vê-se um turbante sobreposto á estrella, e é suspensa a medalha d'uma cadeia d'ouro, cujos anneis são compostos de turbantes e estrellas alternados. *Justino Cumano* (Faro).

Cantar antes d'almoço. — Julgão muitos no Minho que assim se chama a morte, outros a doudice, e por isso dizem uns:



Quem canta antes d'almoço, não chega ao sol posto.

Outros: *Quem canta antes de almoçar, ou é tolo ou quer casar.*

Muita vez se combinão as duas cousas.

Resposta ao pé da letra. — Recolhendo Bocage uma noute do botequim do Nicola para casa, foi encontrado por uma patrulha, que apresentando-lhe ao peito uma pistola engatilhada, lhe perguntou:

« Quem é vocemecê? d'onde vem? para onde vai?

Responde o meliante:

É o poeta Bocage;
Vem da loja do Nicola;
E vai para o outro mundo
Se lhe dispara a pistola.

Na *Livraria Classica* se achão muitas anecdotas, até então inéditas, do nosso celebre improvisador.

AO ALMANACH DE LEMBRANÇAS.

Deus te salve, astro jucundo
De tão brilhante fulgor,
Que espalhas em todo o mundo
Poesia, luz, amor!...
Salvé, livrinho encantado,
Tão querido e festejado,
Lido com tanto prazer,
Que estendes o teu imperio
A um e outro hemispherio
Té onde ha quem saiba ler!...

Vai cumprir o teu destino,
Livrinho d'aureo condão;
Leva o recreio, o ensino,
Prosegue em tua missão!.
P'ra todos sempre jucundo,
Ás cinco partes do mundo
Vai dizer que és portuguez;
Mostra o brilho que te adorna,
Diz que és lusitano, e torna
A repetil'o outra vez!!...

No Brazil entra qual filho,
Que o Brazil é nosso irmão;
Que a gloria d'esse teu brilho
Deve-lhe mais de um brazão:
Prosegue ávante! caminha
Desde a mêza da Rainha
Té á banca do zagal;
E por tão remotas terras,
Dando o thesouro que encerras,
Diz: *Brazil e Portugal*!...

Deus te salve! ó astro lindo,
Que dar luz ao mundo vens,
E cada anno assim surgindo,
Do occaso as trevas não tens!...
Deus te salve!.. eu te saudo,
Cofre de gôso e de estudo,
Que me vens sempre encantar!...
Mas deixa que, com respeito,
Eu vá mostrar-te o defeito
Que alguem te póde apontar.

E' defeito não nasceres
Pelo menos cada mez,
E em vez de um tomo, não teres
Vinte e dois ou vinte e trez!...
C'o formato do *Diario*,
Grossura de *breviario*
Tu devias ter tambem,
P'ra que a leitura incessante
Durasse p'ra cada instante
Das horas que o anno tem!!...

Devia mais o talento
Do author que a vida te deu
Contar de braços um cento,
Qual gigante Briareu;
E n'uma escripta ligeira
Todo o papel da *Abelheira*
Com seus artigos gastar;
E eu, novo Argos d'esta era,
Então cem olhos quizera
P'ra te ler, p'ra te gozar.

— *Antonio Manoel da Cunha Bellem* (Mangualde).

Frei Francisco de Monte Alverne.— Para não faltarmos este anno aos leitores com o costumado fôro de alguma producção da prosa poética do Bossuet brasileiro, transcrevemos em seguida um trecho do seu immortal sermão do Menino Deus. Ha talvez na oratoria d'este homem extraordinario algum paragrapho mais eloquente; mas é tão difficil o escolher e preferir fragmentos de uma obra prima! são, álem d'isso, tão circumscriptos os limites de que podemos dispôr n'este livrinho; que foi o acaso quem nos apresentou essas linhas que seguem, nas quaes ferve o calor da religião, e brilha a luz alvissima do sol omnipotente da oratoria sacra.

....

«Quando tentamos penetrar o segredo da ecónomia da redempção; quando á luz do archote da fé contemplamos a marcha mysteriosa da religião; não podemos deixar de reconhecer a profusão da sabedoria e da omnipotencia divina. Despojado da sua nobreza por esse excesso de orgulho com que pertendera igualar-se ao Todo Poderoso, o homem devia encontrar no Salvador que lhe fôra promettido, bastante merecimento para desarmar com a importancia do seu sacrificio o braço de um Deus que sem cessar o repellia. Não sendo possivel ao homem unir-se ao seu Creador, de quem seus delirios o tinhão apartado, convinha que um Deus assumisse nossa carne mortal, afim de o levantar por sua ineffavel união com a divindade do homem, que só podia ser glorificado por sua communicação com o Ser Supremo.

«Não chores mais, illustre propheta que no meio das cadêas e dos gemidos da escravidão traçaste o quadro horrivel das calamidades com que o Eterno devia punir os crimes que deshonravão a casa de Israel e de Judá; appareceu o homem capaz de construir o muro destinado a proteger o universo e de affiançar á especie humana a graça e o perdão.

«Eis alli o signal que nos foi dado: é um Menino apenas

nascido: *Invenietis infantem.* Deus não está mais separado de nós, porque se fez homem, diz o illustre Bispo de Meaux: os raios da sua colera estão apagados, porque elle unio-se á nossa natureza com uma estreita alliança. Seu esplendor se modifica, sua magestade occulta-se, sua grandeza abate-se, a justiça inflexivel que humilhava o homem deixou de manifestar-se, para que a compaixão podesse realisar seus prodigios e suas maravilhas. Deus nivelou-se com o homem, diz Tertulliano, afim de não encontrarmos no Salvador algum obstaculo que alterasse a identidade das suas relações. Deus trata de igual comnosco, afim de que possamos tratar de igual com elle: «*Ex æquo agebat Deus cum homine, ut homo vel ex æquo agere cum Deo posset.*»

JUNHO—17.

Hospital dos convalescentes.—Ha um (e não me consta que exista outro em parte alguma do mundo) no convento da *Santissima Trindade dos Peregrinos*, situado nas margens do Tibre. Longe das funebres imagens que nos hospitaes assaltão e rodeião o leito dos enfermos, abre-se alli mais facilmente o coração á esperança, volvem de novo as forças e a alegria, e não tarda que a cura de todo se complete.

ACROSTICO.

Joven, formosa donzella,
Ouve meus cantos d'amor:
Amar-te não é delicto;
Quero ser teu trovador.
Um amor d'ardente chamma,
Inflamma todo o meu ser;
Não me negues uma esp'rança,
A esp'rança de te mer'cer.

Manoel Alves de Sousa (Castello Branco).

Gazes lisongeiros.—Visitando um dia o duque d'Angoulême, filho de Carlos x, de França, o laboratorio chymico do famoso Thénard, disse-lhe este, depois de muitas experiencias feitas com aquella intelligencia e destreza que presidião a todas as operações effectuadas pelo illustre chymico: «Senhor, estes dous gazes *vão ter a honra de se combinar na presença de Vossa Alteza Real.*»



Incubação artificial.—Remonta no Egypto á mais remota antiguidade, e foi inspirada, segundo se diz, pela observação dos ovos de crocodilo, que abrem espontaneamente nos areaes pelo simples facto do calor solar. Diodoro já falou n'isto, e descreveu Plinio, succintamente é verdade, o processo que se empregava, e que pelos modos pouco differia do que hoje se usa. Alguma cousa diremos sobre estas *fabricas de pintos*, como lhes chamão no Egypto.

É um edificio quadrado, em que ha dez a trinta fornos em duas linhas parallelas, e que dão para um corredor estreito, d'abobada, pouco alto, e que recebe a luz por cima.

Outro corredor, perpendicular ao primeiro e de analoga construcção, dá para três casas, destinadas, uma para os que têem de vigiar a operação, outra para o esterco bem sêcco e que serve de combustivel, e outra para os pintainhos recentemente sahidos da casca.

Os fornos são divididos em dous compartimentos por uma separação de telhas no meio da qual ha um buraco bastante largo para que por elle passe um homem. Têem uma porta que dá para o corredor e uma abertura lateral que os

põe a todos em communicação uns com os outros.

Põem-se os ovos no compartimento de baixo, e no de cima esterco de camelo, misturado com palha cortada bem miudinha; ao arderem estas duas substancias dão um calor moderado.

Antes de pôr os ovos no forno, examinão-se bem para ver se estão frescos, e regista-se o numero d'elles e o nome dos donos. Collocão-se depois em tres camadas, embrulhados em palha, e toma-se nota do dia em que se procede a esta operação. Renova-se o fogo tres ou quatro vezes por dia e torna-se mais vivo de noute. Um dos guardas entra em cada forno duas e tres vezes por dia, vira os ovos e muda-os de logar. Ao oitavo dia examinão-se de novo á claridade d'uma alampada e tirão-se para fóra aquelles em que não ha germen e que são destinados para o consumo. A temperatura deve ser, termo médio, de 32 gráus Reaumur; como porém não haja alli thermometro, é só pelo habito e pela experiencia que os guardas se regulão. Ao vigesimo dia tira-se o fogo do compartimento superior e levão-se para alli os ovos.

No dia immediato começão os pintainhos a apparecer: ha todavia alguns que só sahem ao 25.° dia. Uma quinta parte dos ovos nada produz ordinariamente.

No alto Egypto começa a operação no mez de janeiro; no Cairo e no Delta só principia nos primeiros dias de março. Os fornos só trabalhão dous a tres mezes por anno.

O pessoal do estabelecimento limita-se a tres ou quatro guardas a quem a gente do campo traz continuamente ovos: por cem recebem em paga cincoenta pintainhos e não falta quem alli se dê a este commercio.

Cada forno dá uns 5,000 pintos, e ha em todo o Egypto umas duzentas *fabricas* d'elles, o que produz ao todo uns 24 milhões de pintos.

Sustentão-se estes com pão molhado em mel, e são vendidos logo depois de nascidos, a razão de 5 a 6 tostões o cento.

Caça do Crocodilo.—Jacaré lhe chamão no Brazil. Não ha animal tão voraz como elle, se se exceptua o tubarão (*A* 56 *pag*. 340). Ha muitos n'aquelle imperio, e especialmente nos rios *Maranhão e Amazonas* (*A* 53 *p*. 223, *A*. 57 *p*. 197); onde porém eu os vi caçar de prodigioso tamanho (18 a 20 pés de comprido) foi na costa do Mar Pacifico, em Gayoquil, ao N. de Lima, onde lhes chamão *caimões*. É assim que alli se apanhão, ou pelo menos se apanhavão, quando eu lá estive.

É esperado o monstro á borda da agua por um negro nú, com um chapéu de palha na cabeça, e na bôca uma faca de dous gumes, ponteaguda e bem afiada; assim que o animal o vê, dirige-se para elle e o preto atira-se á agua, em direcção ao seu inimigo, que o acomette com a bôca aberta mais d'um covado. Ao achar-se o preto bem perto do amphibio, mergulha, fica-lhe boiando o chapéu, com que o caimão se entretem, e vai no emtanto o homem metter-lhe a faca, por baixo (que é só onde elle é vulneravel), cortando-o ao comprido. Ai d'elle porém se se não apressa na operação, pois o animal, assim que se sente ferido, mergulha e leva muito frequentemente o preto comsigo. A maior parte das vezes volta acimà dentro em poucos minutos, já nas ancias da morte.

Em logar de faca leva o negro ás vezes um páu de pé e meio ou dous pés de comprido, bem aguçado nas duas extremidades, e ao atacal'o o caimão, atira-lh'o com tal destreza, que lhe fica pregado por um e outro lado nos dous queixos; o animal não podè tornar a fechar a bôca e por aquelle immenso alçapão lhe entra tanta agua que em breve o affoga (*A* 51, 3 de *julho*, *A*. 54 *p*. 305).

José Antonio Mangas (Almeida).

Acepipes chinezes.—Barbatanas de tubarão, ovos de crocodilo, cristas de pavão, ninhos de maçarico, algas marinhas, rabos de veado, etc. etc., tudo afogado em caldas de mil côres.

Palacio dos Condes da Ericeira. — Defronte do convento da Annunciada, no largo do mesmo nome em Lisboa, existia antes do horroroso terremoto de 1755 o sumptuoso palacio dos condes da Ericeira.

Distinguio-se sempre esta familia, nos antigos tempos, pelo seu bom gosto e fausto, ainda hoje apregoados por seus palacios, quasi todos arruinados, e pelas quintas annexas.

O de que a principio iamos falando foi fundado por Fernando Alvares d'Andrade em 1533. Tinha uma entrada magnifica, embellezada com grutas e fontes, e um jardim em que se admirava uma cascata, obra prima do célebre esculptor romano Bernini, e que se dizia não ter rival em toda a peninsula. Continha o palacio 120 casas, 10 páteos, jardins e hortas, um museu com mais de 200 quadros (entre os quaes se estremavam alguns de Ticiano, Corregio e Rubens), uma livraria de 18,000 volumes impressos, mil collecções de papeis varios, cartas de marca dos primeiros descobridores das nossas conquistas, e muitos volumes manuscriptos sobre variados assumptos.

Mencionava-se entre as obras notaveis da bibliotheca a *Historia do Imperador Carlos V* escripta por elle proprio, e um livro de plantas e hervas com as suas côres naturaes, que fôra de Mathias Corvino, Rei da Hungria.

Foi destruido o magnifico palacio, com todas as suas preciosidades, pelo incendio que se seguio áquelle terremoto, e não resta hoje d'elle o minimo vestigio.

O MARTYRIO.

Linda flor, minha dilecta,
Martyrio te diz o nome:
Mas é martyrio bem doce,
Martyrio que não consome.

O martyrio dos humanos
É diverso do das flores;
Ellas tem sómente aromas,
Elles só penas e dôres.

Maria do Patrocinio de Souza (Porto).

D. Ignacia Xavier. — Esta dama, célebre pelo seu saber, nasceu na cidade de Braga, sobre cujas antiguidades compoz um livro. Aprendeu philosophia, mathematica, cirurgia e medicina, e coordenou um livro de rethorica com o titulo — *Arte de bem falar*. Escreveu tambem das acções e virtudes de uma veneravel matrona, sua contemporanea, e morreu no anno de 1647, havida na conta das mulheres mais doutas que floreceram no mesmo século e que mais illustraram a sua patria.



Varias outras damas se distinguiram tambem n'aquella cidade no mesmo e em differentes séculos.

Sepultura d'um valente de Aljubarrota. — Encontrou-se ao pé de Chaves, na sepultura d'um portuguez que pelejara em Aljubarrota, o seguinte epitaphio, que transcrevemos de Faria e Souza (Europa Port.).

João Felix Pereira.

Hic jacet Antonius Peris,
Vassalus Domini Regis;
Contra Castelanos misso,
Occidit omnes que quiso:
Quantos vivos rapuit
Omnes esbarrigavit:
Per istas ladeiras
Tulit tres bandeiras;
E febre correptus
Hic jacet sepultus:
Faciant Castelani feste,
Quia mortua est sua peste.

A ORPHÃ NA COSTURA.

Minha mãi era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor:
Seu cabello era tão louro,
Que nem uma fita d'ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
Lhe cahião tão compridas,
Que vinhão-lhe os pés beijar:
Quando ouvia as minhas queixas,
Em suas aureas madeixas
Ella vinha-me embrulhar.



Tambem quando, toda fria
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os seus cabellos compridos,
Como fios aquécidos
Servião-me de lençol.

Minha mãi era mui bella!
Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!..
Tenho em meu peito guardadas
Suas palavras sagradas,
Co'os risos que ella me deu.

Minha mãi era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor:
Seus olhos erão suaves
Como os gorgeios das aves
Sobre a choça do pastor.

Minha mãi era mui bella!
Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!
Minha mãi era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Os meus passos vacillantes
Forão por largos instantes
Ensinados pelos seus;
Os meus labios mudos, quedos,
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me: DEUS!

Mais tarde, quando acordava,
Quando a aurora despontava,
Erguia-me sua mão:
Falando pela voz d'ella,
Eu repetia singela
Uma formosa oração.

Estes cantos que eu imprimo,
Essas quadrinhas que eu rimo,
Foi ella que me ensinou;
As vozes que eu pronuncio,
Os cantos que eu balbucio,
Foi ella quem m'os formou.

Minha mãi diz-me esta vida;
Diz-m'o tambem esta lida,
Este retroz, esta lã:
Minha mãi! diz-me este canto,
Minha mãi! diz-me este pranto,
Tudo me diz:—minha mãi—

Minha mãi era mui bella!
Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!...
Minha mãi era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

Junqueira Freire (Brasileiro, Bahia.)

Força de dizer.—Redigindo um auto certo escrivão do districto de Bragança cahio-lhe indevidamente um *digo* do bico da penna, e assim o corrigio no fim: Declaro que onde digo digo, digo que não digo.

Miguel Antonio Soeiro (Freixo d'Espada á Cinta).

CHARADA XIV.

Na musica... 1
Na musica... 1
Na musica... 1
Eu fui; tu foste, elle foi.

Terreno abençoado.—A pag. 246 do Almanach de Lembranças de 1859 lê-se com esta mesma epigraphe um artigo, relativo a certo logar dos campos de Trancoso, a que só por ironia se vê competir semelhante nome; mas em desagravo dos creditos da minha terra eis o reverso da medalha onde transparecem duas verdades economicas—Vantagens da divisão do trabalho e da propriedade.

Ao occidente da mesma villa existem, sob as vistas de sua muralha e verdadeiramente abençôados, tres campos, que são como a Providencia dos seus menos abastados habitantes: baldios não ha um século ainda, forão em certa occazião divididos em *sortes* (como nós lhe chamamos) ou porções iguaes, por todos os moradores da villa, com esta lei: «*A propriedade é inalienavel, inaccumulavel, passa por herança ao primogenito, e vaga, para a Camara dispor de cada sorte, quando morre sem herdeiros, ou se ausenta o dono para fóra da villa, ainda com animo de voltar, se não exerçe em meio anno algum acto de propriedade sobre o terreno.*»

São dignos de vêr-se, em qualquer estação, aquelles extensos taboleiros de um formoso jardim, tão ferteis, tão esperançosos, que parecem convidar ao trabalho; passando por mil transformações, vestindo successivamente mil côres, bordando-se de mil galas, e respirando por cada planta a vida, a animação, a fertilidade.

Desde aquella divisão, cadaum dos habitantes de Trancoso achou a seu lado as forças da natureza secundando as suas: o suór abençoado que inunda a fronte do jornaleiro regou um terreno que era seu, fertilisando-o como as alluviões do Nilo, e esta pedra philosophal converteu o suór em sustento, e o pauperismo despio alguns de seus horrores alli, onde cada cidadão é proprietario. O dia que o jornaleiro trabalha para si, pródiga a natureza lh'o recompensa; nos outros, raro lhe escacêa o trabalho. A producção é pasmosamente grande; os capitáes empregados tão pequenos, que não faltão ao meno

abastado; feita ao par das necessidades, a cultura não soffre, porque o terreno é, á vontade de cada um dos donos, destinado a differentes producções, o que o torna abundantissimo, sendo a causa primaria de tudo isto a divisão da propriedade, que importa comsigo a do trabalho, principio energico do augmento e aperfeiçoamento da producção.

Sendo, como creio, o campo de Fiães o alludido no Almanach de 59, visto que pelo chrisma da cultura se acha, de presente lavado da culpa original, reclamo por isso agora, em nome d'elle, a sua rehabilitação, que hoje lhe merece a sua fertilidade.

Augusto Cesar de Mattos (Trancoso).

JUNHO—26

Salgadella. — Dá-se este nome a toda a explanada que se estende, nas visinhanças de Castello Rodrigo, desde o convento d'Aguiar, até á ribeira do mesmo nome. É célebre pela derrota que em 1664 ahi soffreu D. João d'Austria á testa d'um formidavel exercito, tendo nós apenas da nossa parte 2500 infantes e 500 cavallos commandados por Pedro Jacques de Magalhães. Foi tão decisiva esta batalha, que D. João d'Austria, se quiz escapar com vida, fugio disfarçado em frade. Foi esta a ultima invasão dos Filippes depois da restauração. Bom foi que lhes ficasse de exemplo. Quem deixará de olhar com admiração, respeito e patriotismo, para aquelle theatro de uma das heroicidades de nossos maiores!



Jeronymo José do Amaral (Freixeda).

JUNHO — 27.

Voto d'um portuguez. — Inflammado no santo amor da patria ao ver a sem-razão com que a França, abusando do seu poder, reclamava de Portugal a entrega da barca negreira apresada em Moçambique, exigindo a principio enorme quantia por damnos e perdas para o armador, cahiram-me do bico da penna estas 14 linhas rimadas:

Por sucia de bandidos assaltado
Aquelle d'onde emano, vio-se ha annos
Resistindo a inimigos deshumanos
Com valor desmedido e braço ousado:

Tal caracter no filho está gravado!
Sujeito vive sim a mil enganos,
Mas se á força alguem quer causar-lhe damnos,
Dignamente o verá desaggravado.

Se eu fôra Portugal, a quem tu gostas,
Ó França empavonada em summa altura,
De pôr tão brutamente a albarda ás costas,

Juro que não cedera á tua usura,
Pois quizera a teus pés cahir em postas,
Mas deixar-te na perna a mordedura.

Camillo Candido Moreira Lobo.

JUNHO — 28.

Força moral. — Notando eu que apesar de repetidas e copiosas chuvas não recebia a cisterna da minha casa da *Penha de França* a quantidade d'agua que era d'esperar, mandei examinar por um mestre d'obras o cano que dos telhados a conduzia. Foi este o seu relatorio: «*A agua vai-se porque o cano perdeu a força moral do betume.*»

Castoreo.—Ao que ácerca do castor se lê a pag. 241 do Almanach de 59, acrescentemos algumas linhas:

É um mammifero roedor que habita nas partes septentrionaes da Asia e da America e mui raro na Europa, de admiravel instincto, e utilissimo ao homem.

Tem n'uma bolsa proxima ao anus uma substancia segregada por duas glandulas, a que se dá o nome de *Castoreo*, e que durante a vida do animal se conserva com a consistencia de xarope; assim porém que morre, e pouco depois de ser extrahida, condensa-se, e torna-se quebradiça, d'um aspecto resinoso, adherente aos dentes, d'um sabor acre e amargo, d'um cheiro forte, penetrante e caracteristico. Sob dous aspectos differentes se vê no commercio.

1.° *Castoreo do Canadá* ou *castoreo inglez:* é o que se encontra em uma especie de sacco dividido em duas partes, uma maior e mais grossa que a outra, mas achatadas ambas, escuras, e reunidas por um canal, á semelhança d'uns alforges divididos no interior por muitas cellulas.

2.° *Castoreo da Siberia, Castoreo da Russia*, &c. É o que existe em saccos mais redondos e mais largos que compridos, reunidos por um canal muito curto.

Emprega-se na medicina, porém menos do que antigamente, como resolvente para curar obstrucções occasionadas por humores lentos e viscosos, nas affeições hypocondriacas e hystericas, contra tosses convulsas, palpitações nervosas, &., &.

Emprega-se tambem o pello do castor nas fabricas de chapelaria: serve o do ventre para os chapéos brancos e o do resto do corpo para chapéos ordinarios. Tem tanta importancia as pelles dos castores, que se pode affirmar constituirem o maior ramo de commercio do Canadá.

Se não fosse tão prestavel á medicina e ás artes, estamos convencidos de que ninguem ousaria levantar mãos profanas contra um animal tão pacifico e tão industrioso.

Domingos Antonio Soeiro (Moita).

Digno filho d'Albion.—Bebia-se aqui ha dias, n'um banquete em Blackwall, á saude de lord Canning, que assim a retribuio:



«*Não esqueçamos, senhores, que este jantar é todo de peixe; assim pois, imitemos o exemplo dos peixes que estão sempre a beber.*»

E beberam até ficarem debaixo da meza.

Têem os inglezes um anexim, d'onde se deduz que ao tratar-se de beber não devem ter nunca o copo nem cheio nem vasio, o que explicão assim: *quando está vasio, deve-se encher, e quando está cheio deve-se despejar*. E assim o fazem.

CHARADA XV.

Se esta primeira dobrares Acharás papão terrivel Que ás creancinhas faz mal:	1	Com mais outras tantas letras Mato o corpo, e trago a alma Sempre em peccado mortal	1
Entre outros nomes illustres Este nome se soletra.	2	O todo come-se assado, Cozido, e frito, e *etcetra*	

José Augusto Sanches da Gama (Coimbra).

Moinho de orações.—Crêem os habitantes do ibet (Asia) sectarios da religião de Buddha que só pódem agradaveis ao céu as orações acompanhadas de continuo vimento. Foi por isso que os religiosos para alli mandados



o Indostão, e que no Thibet introduziram o corpo de douina de Xachia, em 108 volumes, os encerraram em rodas que agua fazia girar continuamente. Poder-se-hia chamar á tal zenha *moinho de orações.*

Jacintho José de Proença Azevedo e Carvalho (Trancoso).

Chupadores de sangue.—É um modo de vida na China.

Ha alli quem por aquelle modo substitua as bixas.
Por cada chupador lá, temos nós cem chupistas cá.

(*A 51, 24 de Outubro, A 56 p. 288*)

Bom Jesus do Monte.—Está assente na encosta occidental do *Monte Espinho*, meia legua ao nascente da risonha e aprasivel cidade de Braga. Foi seu fundador o cardeal arcebispo *D. Jorge da Costa* em 1494.

Dá entrada para este sanctuario um magnifico portico de cantaria, em arco, do qual pendem as armas do arcebispo *D. Rodrigo de Moura Telles,* que o reedificou em 1723. Aos lados ha dous chafarizes, representando, o do norte o *Sol*, e o do sul a *Lua*, ambos em baixo relevo. Passada a grade, que é de ferro, sobem-se trez degráus, e vêem-se logo as duas primeiras capellas, uma defronte da outra; a do sul representa a *Cêa* e a do norte o *Horto*. Do pequeno adro d'estas capellas estende-se uma bella e bem calçada rua em zigue-zague, e com seus parapeitos, pelo meio d'um frondoso bosque, até á escada, proximo á qual está a capella da *Crucificção:* em todos os seus angulos ha uma capellinha representando um passo da Paixão, por meio de figuras, que se achão quasi todas mutiladas, ou pelo tempo, ou pela ignorancia dos aldeões, que têem por grande façanha o dar com o cajado no judeu com quem mais embirrão! Ao lado de cada capella ha uma fonte allegorica. Do portico até á escadaria ha outo capellas, todas da ordem toscana, de simples mas agradavel apparencia, e com inscripções latinas na fachada superior, que indicão o passo que n'ellas se representa.

Sobe-se do páteo da capella da *Crucificção* para o vasto plano inclinado em que está edificado o templo, por duas elegantes escadas de cantaria, cujas paredes lateraes, revestidas de buxos e cyprestes, vão terminar em dous lindos jardinsinhos, ambos com seu repuxo no centro. São ornadas de grande numero de estatuas de pedra, que representão os heróes de mais bem merecida fama do Velho e Novo Testamento: em todos os lanços ha fontes allusivas a diversos factos da religião christã, fontes que jorrão tão cristallinas aguas e se achão tão admiravelmente dispostas, que produzem um qua-

tro brilhantissimo. A primeira escada, composta de cinco lanços, representa os *Cinco Sentidos;* e a segunda, composta de trez, as *Virtudes Theologaes*. Termina esta n'um plaino em meia laranja, d'onde se sobe para o adro do templo, que é oval e tambem adornado de estatuas.

O templo, cuja 1.ª pedra foi lançada no 1.° de Junho de 1784, olha para o lado occidental e é de uma só nave em fórma de cruz, de ordem composta, magestoso, mui vasto, e clarissimo. O altar mór está collocado sob um formoso baldaquino; por detraz se eleva um monte representando o *Calvario*, sobre o qual se vê crucificado o *Redemptor entre os dous ladrões;* aos pés da cruz está a *Magdalena*, á direita a *Virgem* com *S. João Evangelista* e duas *Marias;* a terceira está do lado esquerdo, onde tambem se vê a guarda romana commandada pelo *centurião;* no centro dous soldados lanção os dados para ver qual d'elles ficará com a tunica. Além do altar mór ha mais outo altares e trez sacristias, todas ellas decoradas com os retratos dos principaes protectores do sanctuario, ou com bellos quadros que representão grande numero de milagres operados pelo *Bom Jesus*. O templo exteriormente é tambem elegante; compõe-se a fachada de trez ordens de architectura dórica, jonica, e toscana, e n'ella se vêem nichos com as melhores estatuas de todo o sanctuario; aos lados tem duas elevadas torres; a do norte com um relogio e seis sinos afinados, que ninguem lá sabe tocar, e a do sul com os sinos da antiga igreja. O zimborio, porém, coberto de telhas, produz máu effeito, e prejudica a belleza de toda a fabrica. Collocou-se a ultima pedra d'este templo em 20 de Setembro de 1811, e foi sagrado em 13 de Agosto de 1857.

A arte em geral tem alli pouco que admirar, e a estatuaria principalmente, exceptuando todavia uma imagem do *Crucificado*, que existe na sacristia do sul, com a invocação de *Bom Jesus dos Navegantes*, imagem de notavel belleza; é de marfim, com perto de 22 polegadas de altura; a cruz e a peanha são de ébano, com debuxos tambem de marfim, representando os instrumentos da Paixão: foi feita na India, e offerecida ao

Methodo repentino.—Silencio! É Alexand[...]mas quem fala.

«Paulo I da Russia tinha ás vezes a singular pha[...] de fazer galgar de um só jacto os degráus todos da [...] social, civil ou militar, áquelles com quem engraçava. [...] tempo era preciso para se lhes passar o diploma.

«Ao passear um dia de caleche, vê passar um cade[...] sympathisa com elle.

«Manda parar e ordena-lhe que se aproxime.

«Estivesse raivoso ou satisfeito, o parecer de Paulo I [...] sempre carrancudo.

«O cadete aproxima-se, tremendo.

—«Quem és tu, pó? lhe perguntou Paulo.

«Era assim que chamava a todos os seus inferiores, sem quem fossem.

«O pó respondeu:

—«Sou cadete n'um regimento de V. M.

—«Mentes, respondeu o Imperador; és alferes. Sobe [...] aqui.

«E ao dizer isto, apontava para o logar de traz no [...]che, d'onde mandava sahir um creado de libré.

«Subio o militar e poz-se o caleche outra vez a cami[...]

«D'ahi a vinte passos, volta-se o Imperador:

—«O que és tu?

—«Alferes, Senhor, graças á munificencia de V. M.

—«Mentes, és tenente.

«D'ahi a mais vinte passos,

—«O que és tu?

—«Tenente, Senhor.

—«Mentes, és capitão.

E ao chegar ao paço, achava-se o cadete transformado [...] general.

«Cem passos mais longe que estivesse situado o palacio [...] Monarcha, chegava lá feld-marechal!

pedra do diabo. — Por este nome é conhecida pedra que existe no passeio que vai de Ponte de Lima a Senhora da Guia, nas immediações d'aquella villa: uma pequena concavidade, onde o povo rude quer ver mal das unhas de Lucifer!! Consultando nós os livros ncentes ao convento de Santo Antonio dos Capuchos não existe senão o sitio! não deixou ahi pedra sobre a o destruidor e barbaro camartello!!!) achámos a origem nda, que de géração em géração se ha transmittido, mais nenos adulterada; eis o que a tal respeito nos diz a *Chro- de Santo Antonio*, por Fr. Martinho do Amor de Deus: *Tangeu-se á porta, que abrio o porteiro, e entraram trez ens, que mandando chamar o guardião, lhe disserão tangesse o sino, para se ajuntar a communidade, a quem a declararam que erão uns ministros da justiça divina; que ssem luzes e trouxessem o vaso das particulas, aonde avia de restituir a que indignamente tinha communga- r..... E caminhando para a capella onde estava a se- ura, levantaram a pedra, abriram o caixão, e desen- aram o cadaver: sustentada a cabeça pelos cabellos, lhe de- uma grande pancada sobre a nuca, que lhe fez desconjuntar queixos, a cujo movimento lançou a particula, a quem reve- iaram dobrando o joelho, e depois levaram o corpo; sem sejão necessarias expressões para descrever um espectaculo horrivel, nem tambem o como ficarião os pobres frades.»*

Manoel Joaquim (Ponte de Lima).

JULHO—6.

Os quatro MM. — Apparecendo em uma praça pu- a de Athenas quatro M M assim dispostos — M M M M —, d'es- te os interpretou Platão: *Mulier mala mundum mortificat*. ma mulher má a todos mortifica).

Jeronymo José do Amaral (Freixeda do Torrão).

Pésinhos chinezes.—Ninguem ha que, por tr


dição ao menos, os não c
nheça. Nada mais singula
extravagante do que a mod
o que n'umas partes agra
e se adopta, n'outras rep
gna e se recusa. Assim s
explica naturalmente qu
nos desagradem os pésinh
das damas do celeste imp
rio e que lá sejão aprec
dos em proporção de sua p
quenez. Depois das saias balões perdemos nós outros, os eu
ropeus, o direito de censurar modas exageradas.

Por moda começaram effectivamente na China os taes pé
sinhos, moda que facilmente pegou, e se espalhou por tod
o imperio, em rasão de ser dada, em tempos antigos, p
uma das concubinas do Imperador, sendo logo adoptada p
toda a côrte, e passando d'ahi para todas as classes, excep
tuadas todavia as mais infimas.

Ao nascer uma menina, dobrão-lhe quatro dedos para
lado da sola do pé, enterrão-se-lhe elles na carne, e d'al
resulta comprimir-se-lhe todo o pé, difficultando-lhe o an
dar um pouco mais tarde, e até ao fim da vida: é por iss
que as damas chinezas não sabem de casa, e andão sempr
encostadas a um bordão.

A raça tartara nunca adoptou este uso, que é propriamen
te chinez. *José Feliciano de Castilho Junior.*

A melhor côr.

Perguntou-se um dia a Pythias
Qual seria a melhor côr?
Respondeu discretamente:
«A que nasce do pudôr.»

Manoel Justino Pires (Elvas).

Troca baldroca — Caminhavão dous estudantes por uma estrada fóra, e ao chegarem á noute a uma estalagem, pediram ceia e cama. Ceia, não houve duvida; cama, é que foi mais difficil; não restava senão uma, que estava já promettida a um preto. Os dous amigos fazem-lhe muito rapapé, e obtêem d'elle que lá se arranjarão todos como poderem na mesma cama. Deitão-se emfim todos trez, e recommenda um d'elles ao estalajadeiro que o chame pela manhã bem cedo, pois quer ir visitar os arredores.

Acorda lá pela noute velha o outro esturdio, e não podendo tornar a adormecer, lembra-se de pregar uma peça ao companheiro; que faz? vai-se a um pote de graxa que alli estava á mão, e pinta de negro as niveas faces do estudante.

De madrugada entra o estalajadeiro no quarto, faz algazarra, e levanta-se á pressa o que recommendara que o chamassem, que era o transformado em negro.

Passando por diante d'um espelho, e vendo á claridade da lamparina a cara preta, exclama:

«*Ora esta! digo ao estalajadeiro que me acorde a mim, e vai acordar o negro!*

E ao dizer isto, mette-se outra vez na cama, esperando que o vão acordar a elle.

CHRISTO E O MORIBUNDO.

Moribundo um usurario,
Perto da morte se via,
E a bem morrer o exhortava
Confessor que lhe dizia:
«*Perdôe a todos, amigo,*
Tema de Deus o castigo,
«*Abrace, irmão, esta cruz.*»

Era um bello Santo Christo
Que o confessor lhe mostrava,
E que o velhote contricto,
Mui devoto contemplava:
«*Pouco val*», diz o doente,
Mas se o irmão fica contente,
Dou tres pintos por Jesus.

Antonio Francisco Barata (Coimbra).

O Rio Liz.—Este rio, tão celebrado na lyra dos[illegible] tas, e sobre tudo nas mellifluas canções do nosso *Rodri[illegible] Lobo*, tem a sua origem proximo a *Córtes*, mimosa aldêa, longe de Leiria, e desagua no mar ao pé de *Paredes*.

Deslisando-se mansamente por entre puros cristaes e al[illegible] simas arêas, vem fertilisar os formosos campos que bo[illegible] os arrabaldes da cidade. Apresenta-se alli á nossa contem[illegible] ção um maravilhoso espectaculo! Admirão-se em torno [illegible] dejantes e viçosos pomares, vergando sob o peso dos fruc[illegible] pelo centro das florescentes campinas se vai espreguiçand[illegible] *Liz*, deixando brincar na superficie de suas aguas mil on[illegible] sinhas de branca espuma!

Além vêem-se balouçar tristemente funerarios cypres[illegible] mostrando-nos a derradeira morada; mais longe campe[illegible] ainda arrogantes, as torres quasi desmoronadas do castello [illegible] Leiria, theatro de heroicas façanhas.

Para tornar o quadro ainda mais aprasivel, milhares de [illegible] bes, povoadas de cheirosas madresilvas e de mil florin[illegible] campestres, tecem uma odorifera corôa ao gracioso *Liz*. Qu[illegible] tas vezes, ao cahir da tarde d'um bello dia de verão, vou [illegible] sentar-me n'aquellas margens romanescas, respirando o a[illegible] biente perfumado das boninas silvestres!?... Se por ventu[illegible] em algum tempo deixar Leiria, recordar-me-hei sempre c[illegible] saudade das encantadoras margens do meu *Liz!*

José Pedro Gervasio da Rosa (Leiria).

Fala d'uma cáveira.—É antiquissima a segui[illegible] décima, que me parece inédita, e cujo autor ignoro:

Se desmaias de me ver,
Eu tambem de ver-te a ti,
Pois qual tu te vês me vi,
E qual me vês hasde ser:
Esta cáveira hasde ter,

Se te imaginas divina,
Que eu tambem, quando meni[illegible]
Fui um sol, fui uma aurora,
E se sou cáveira agora
Já fui flôr, já fui bonina.

Ilha do Xavier. —Demora quatro milhas para o ente da Ilha de Santa Catharina, e foi n'outras eras logar legredo, segundo é tradição popular. Dizem os pescadores ao aproximar a este pequeno ilhéu se divisão em certa ra, pela banda de leste, ao reflexo do sol e em dia claro, as letras, á semelhança de caracteres phenicios, segundo escripção que elles fazem, e alguns desenhos que tenho o; desapparecem porém estes caracteres, como por ento, á proporção que se vai chegando á ilha!....
rio *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva* (Brasileiro, Desterro).

LOGOGRIPHO II.

Quatro partes tem meu todo,
Que é ave de estimação,
Mais que a perdiz procurada,
Mais sab'rosa que o capão!

a primeira e terceira
usa que a muitos seduz,
segunda co'a primeira
dous metaes a compuz;

primeira repetida
mulher que fala mal,
primeira com a quarta
festejos é signal;

segunda co'a terceira
asi todos roupa tem,
s da segunda co'a quarta
padres e mais alguem;

A segunda, se é sósinha,
Indica que eu quiz saber;
A quarta, se é invertida,
Outra cousa quer dizer;

Esta mesma assim virada
Se á segunda eu a juntar,
Bem como a quarta direita
Indicão certo logar;

Se á quarta inversa quizeres
Minha primeira pospor,
Encontrarás uma planta
Sem mostrar signal de flor.

Antonio Manoel da Cunha Bellem (Mangualde).

Como se domão cavallos bravos. — Agora que tanto se está falando na Inglaterra e na França no célebre domador dos cavallos mais bravos, por nome *Rarey*, não será fóra de proposito expôr aqui os meios, mais ou menos mysteriosos, que em diversos tempos se têem empregado para domar instantaneamente estes animaes. Todos elles têem sido experimentados com bom exito.



1.° Vapor d'ammoniaco: fazer-lhes aspirar uma pequena dose, e deitar-lhes algumas gottas d'este liquido no alto da cabeça.

2.° Esfregar-lhes os dedos entre as orelhas uns dez a quinze minutos, e trez vezes ao dia.

3.° Tapar-lhes os olhos e soprar-lhes nas ventas.

É dos mais singulares o meio que para o mesmo fim se emprega no Mexico; mettem-se as ventas do cavallo debaixo dos sovacos d'um homem; assim que elle aspira o cheiro do corpo humano, fica manso como um borrego: do mesmo meio se servem tambem os indios do Malabar.

Os egypcios têem uma receita infallivel para impedir os cavallos de morderem; mandão assar uma perna de carneiro, e dão-na a comer quentissima ao animal, que se queima, e nunca mais ferra os dentes senão no seu sustento do costume.

Bandelocque empregou uma preparação de *labelia inflata*, como sedativo, n'um idiota e n'um surdo, que mordião em todos como uns damnados, e nunca mais o fizerão d'ahi em diante. Pensa elle que é com uma planta da mesma familia (*labelia longifolia*) que em poucos instantes se consegue domar os cavallos mais renitentes e furiosos.

Um principio d'asphyxia amansa tambem o animal para sempre.

Ahi ficão bastantes receitas: experimente-as quem n'isso tiver interesse, e dê parte do resultado.

Armas d'Angra—As armas da muito nobre, leal, e sempre constante cidade d'Angra do Heroismo são—um escudo esquartellado, tendo no primeiro quartel, em campo vermelho, um braço de prata armado com uma espada na mão; no segundo quartel, em campo de prata, um açôr de sua côr; e assim os contrarios; e sobre tudo um escudo com as quinas de Portugal, e em remate uma corôa mural; e por timbre o braço armado das armas, e em roda do escudo uma fita azul ferrete sahindo da parte inferior da corôa, com a tenção em letras d'ouro—*Valor, Lealdade e Merito*—tendo pendente a insignia de Grã-Cruz da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre Espada do Valor, Lealdade e Merito.—

Felix José da Costa (Ilha Terceira).

A UMA SENHORA ELVENSE.

DÉCIMA.

Donzella, tens da belleza
O nobre, mago condão;
Tens angelica pureza
No virgineo coração!
És decerto anjo innocente,
Baixado do céo luzente
P'ra sacra missão cumprir,
Porque ostentas bem ao mundo
No rosto lindo e jucundo
Casto, divino sorrir!

Manoel Castro Sampaio (Elvas).

JULHO—15.

Sanctuario.—Palavra derivada por contracção de duas latinas que significão: *santo dos santos*. Era o sitio mais retirado e o mais santo, do templo de Jérusalem, onde se conservava a Arca da alliança (*A.* 55 *pag.* 304) e onde só o Summo Sacerdote tinha o direito de entrar.

É o nome generico dado hoje a qualquer casa em que se guardão reliquias, ou relicarios, de alguma igreja ou logares santos.

Vermes roedores.—Falámos a pag. 307 do Almanach de 1853 na existencia de uns vermes roedores que esburacão os navios. Acrescentaremos ao que então disemos o que ultimamente occorreu com as embarcações da esquadra russa mettidas a pique em Sebastopol afim de impedir a entrada das esquadras alliadas n'aquelle porto.

Nem uma só poude ser posta a nado e mais uma vez se confirmou alli a existencia do verme roedor, conhecido no Mar Negro pelo nome de *teredo:* bicho é elle que roeu e comeu o miolo da esquadra russa, deixando apenas a casca, ou a parte exterior. Comprovou-se isso, tirando do fundo o leme da náu de tres baterias *Os doze Apostolos:* era de mogno mui rijo e bastaram todavia dous annos e meio nas aguas de Sebastopol para que o seu pêso ficasse extraordinariamente reduzido. Na parte exterior apenas se notaram uns buracos pequenissimos, por onde o animal abrio caminho para roer todo o interior do leme.

Foram calafetados os navios e hermeticamente fechadas as escotilhas, mas quando se começou a dar ás bombas, vio-se que nada se conseguia, porque a madeira estava tão podre, que entrava a agua por toda a parte na mesma proporção em que sahia, através das galerias abertas pelo *teredo.*

A esta difficuldade, quasi invencivel, juntava-se outra, que era o acharem-se os navios enterrados em quatro a seis braças de lodo.

Ainda quando se houvesse conseguido pôl'os a nado, para nada servirião. Não se podendo tirar do fundo, pertendeu-se fazel'os saltar por meio de polvora, para desobstruirem o porto, que em rasão d'aquelle estorvo só é hoje accessivel a embarcações de pequena lotação, que têem de navegar, com difficuldade e risco, por um estreito canal marcado com boias; a madeira porém estava por tal modo corroída pelo bicho, que nem a explosão da polvora produzio effeito. Fez-se a experiencia n'uma náu rasa com cinco mil arrateis de polvora; como

porém offerecesse a madeira apodrecida mui pouca resistencia, o resultado foi ceder o ponto mais fraco, fazendo a explosão apenas um pequeno rombo no costado da náu. Ficará pois o porto de Sebastopol obstruido até que o *teredo* haja terminado a sua obra de destruição e que os navios lhe passem todos para o papo.

JULHO—17.

Modo de levantar a espinhela.—A uma dôr no sterno causada por debilidade, ou outra causa, chama o vulgo *espinhela cahida!* Como ha charlatães que se empregão n'aquelle modo de vida, torna-se curioso saber o meio por que elles a levantão.

Julgou ter a espinhela cahida um homem que se achava com canceira nas pernas, dôr no peito, má côr, fraqueza, etc.; foi ter com certa mulher que as sabia levantar, e fel'o ella sentar n'um banco; untou-lhe os braços com azeite, e poz-se a esfregar-lh'os com a palma da mão; se encontrasse algum tortulho em qualquer dos braços, dizia ella, se fosse do direito, era para este lado que tinha a espinhela pendida, e *vice-versa* Felizmente não lhe encontrou tortulho algum, e por isso foi o homem submettido a outra sorte d'experiencia: levantou-lhe os braços pelo lado das costas, procurando fazer-lhe unir os dedos polegares, que não ficasse um mais acima do outro; aconteceu o homem ter o esquerdo mais baixo; para este lado estava por conseguinte deitada a espinhela. Toca a fazer-lh'a levantar. Que faz a charlatã? manda amarrar o padecente a uma porta; molha a mão direita em mel bastante grosso; applica-lh'a no estomago, pucha de repente a mão, que se achava pegada pela adherencia do mel, e occasiona aquelle acto um estalo, a que ella logo acode—«*Vê? este estalo que ouvio foi a espinhela que subio ao seu logar.*»

Finalmente o emplastro com estopas, ligado, etc. vem coroar o trabalho: n'isto e no pagamento remata a comedia.

Bento Cesar Pereira (Villa Franca de Xira).

Cometa de Halley.—Appareceu pela primeira vez em 1456, e tanto susto causou, e tão malefica influencia se lhe attribuio, n'aquelle tempo de ignorancia, que foi excommungado pelo Papa. Outro tanto fez o mesmo Soberano Pontifice a Mahomed II, que no dito anno se apossara de Constantinopla *(A. 51, 20 de Janeiro, 11 de Fevereiro, 15 de Julho, 27 de Setembro, A 53 p. 185, A 56 p. 299, A 58 p. 131).*



Fonte de Mé Nunes.—Ha nos suburbios de *Freixo d'Espada á Cinta* uma collina bastante alta, denominada *Cabeço de S. Braz*, em cujo cimo está a ermida em que se venera a *Senhora dos Montes Ermos*. Na base d'essa collina corre a estrada que leva a *Lagoaça*, *Mogadouro*, etc.; junto da mesma, na direcção indicada, existe uma fonte d'excellente agua, chamada *Fonte de Mé Nunes*. É tradição antiga e constante que n'ella foi achada uma grande porção d'ouro por um individuo de Lisboa, que sonhara existir ahi uma rica mina, e que no sitio do achado, diz o vulgo, deixou esta quadra:

Adeus, Fonte de Mé Nunes,
Quem te dever que te pague,
Que eu dentro de ti achei
O valor d'uma cidade.

Miguel Antonio Lopes Soeiro (Freixo d'Espada á Cinta).

Capri, Ischia e Procida.—São tres ilhas deliciosas situadas na entrada do golpho de Napoles.

Procida é notavel pelo trage das mulheres (que é o mesmo das antigas gregas), pelo grande numero de maritimos, e pela actividade que reina em seus estaleiros.

Ischia, por sua grande fertilidade, por sua numerosa população, por suas aguas mineraes, frequentadissimas, e pela casa de campo que ahi tem o Rei.



Capri, pela belleza e salubridade do seu clima, por suas recordações historicas e por suas antiguidades. Ainda alli se vêem os restos do *palacio*, dos *aqueductos* e dos *banhos d'Augusto*, que ahi passou algum tempo; os dos doze palacios elevados por Tiberio ás doze divindades maiores; e as ruinas do *foro*, dos *banhos*, e da linda *cartuxa*, fundada pela Rainha Joanna, e hoje transformada em quartel. Tem-se feito ha tempos a esta parte profundas excavações no sitio em que outr'ora existia uma das casas de recreio do Imperador Tiberio, cujos vicios

e cuja morte singular tornaram para sempre célebre esta pequenina ilha. Em 1826 descobrio-se alli a *Gruta das Nymphas*, hoje denominada *Gruta Azul*, e onde se suppõe que aquelle tyranno se abrigou por algum tempo: a sua vasta abobada de pedra está toda coberta de stalactites, e excede em belleza o seu aspecto interior a todas as grutas conhecidas, em rasão do assombroso effeito que n'ella produzem a refracção e a reflexão da luz, que a illumina de cima abaixo, luz de bellissimo azul, e que atravessa o lago de cristallinas aguas que lhe estão no fundo e communicão com o mar *(A. 51, 13 d'Agosto)*.

JULHO—20.

Sé Velha de Coimbra.—Não passaremos pelas cousas de Coimbra sem falarmos n'esse antigo e veneravel templo, o decano talvez de todos os de Portugal.

A Sé Velha vem do imperio gothico, a que sobreviveu. Foi mesquita de mouros, templo de christãos, e sé parochial.

Fôra feito este templo a modo de fortaleza, porque, sendo obra dos godos, é certo que lhe não podia ser estranho o pensamento d'aquelles tempos, em que os godos pelejavão pela patria, das torres de suas igrejas.

A architectura da Sé Velha tem bastante merecimento; basta-lhe a longevidade. Os seus lavrados são mimosos e delicados, em fórma e gosto gothico.

Foi n'este antigo templo que Fernando Magno, o restaurador de Coimbra, armou 900 cavalleiros, e entre elles Ruy Dias de Bivar, que depois se tornou terror dos mouros no reino de Valença.

Foi aqui tambem que o sempre lembrado mestre de Aviz recebeu a corôa dos Reis de Portugal, depois de acclamado Rei no palacio real de Coimbra, em 6 de Abril de 1385.

A Sé Velha de Coimbra é um monumento dos mais respeitaveis que possue este paiz, e é pena que esteja condemnada, como está, a um vergonhoso desamparo.

Albano Coutinho.

Aerolithes.—(Antes de se ler o seguinte artigo do nosso incançavel correspondente de Porto Alegre, recommendamos a leitura do que ao mesmo respeito escrevemos no artigo correspondente a 21 d'Agosto do Almanach de 1851).—Chamão-se assim certas pedras que cahem da atmosphera, pesando algumas 180 arrateis (como aconteceu no departamento *d'Ardeche* em 15 de Julho de 1821), outras, 10 libras (como em *Arenazzo*, aldêa proxima a Bolonha, a 6 de Fevereiro de 1824), e outras, de duas onças a 17 libras (como observou *Biot* em 1804 no departamento d'*Orne*).

Vêem-se no exterior d'essas pedras particulas de ferro reluzentes como prata, entremeadas de um amarello esverdinhado, espalhado em um *quartzo* de côr cinzenta. Feridas com o fuzil dão fogo, e sujeitas á analyse chymica apresentão, combinadas em differentes proporções, as substancias seguintes: *alumina, cal, manganesio, enxofre, oxidos de ferro, oxidos de magnesio, nickel, silicio.* Não obstante as provas mais convincentes e reiteradas da existencia d'este admiravel phenomeno, já conhecido de *Plutarco, Tito Livio, Plinio* e outros na mais remota antiguidade—e na idade média, de *Alberto Magno, Cardan, e Gassendi*, que foi o primeiro que o analysou em 1627—os naturalistas de todos os tempos e de todos os paizes, reputando-o impossivel, o tinhão na conta de fabula, ou invenção popular: só no principio do seculo actual é que foi irrevogavelmente admittida a possibilidade da queda de taes pedras.

Até hoje não tem podido a sciencia decifrar nem resolver satisfactoriamente este phenomeno: acreditão alguns sabios que taes pedras, arrojadas por alguns dos volcões da lua, cahem d'este satellite no nosso planeta. Segundo *Laplace e Biot*, para que uma d'essas pedras caia na terra, basta que seja expellida da lua por uma força igual ao duplo da que uma peça de grosso calibre imprime na bala; sahindo assim da força da attracção do satellite, entra na do nosso globo, onde cahe pela lei da

gravidade. Acreditão outros que são formadas na atmosphera do seguinte modo: que o gaz hydrogenio, dissolvendo os metaes que compõem os aerolithes, sobe ás regiões superiores, e inflammando-se ahi dá logar a esses meteóros luminosos, que acompanhão de ordinario a queda de taes pedras; este gaz inflammado abandona o metal por elle dissolvido, e reduz o que se achava no estado de oxido; o calor funde o metal que depois se reune em massa pela attracção molecular.

Em 1846, se bem me recordo, em uma tarde linda e serena do outono, duas horas pouco mais ou menos antes do pôr do sol, foi visto d'esta cidade de Porto Alegre um globo luminoso, bastante grande, fendendo os ares com uma velocidade espantosa e sibilante zunido, dirigir-se de oeste para leste: passados dias noticiaram alguns moradores da serra que o tinhão visto cahir com um rebombo espantoso e um fortissimo cheiro a enxofre. Era por certo um aerolithe, e á vista d'este facto, em parte observado por mim, acredito mais que essas pedras são formadas na atmosphera.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Porto Alegre, Brasil).

JULHO—22.

AFFEIÇÕES

Á Exm.ª Sr.ª D. Virginia do Pilar Guedes.

Ama o preso a liberdade,
A abelha viçosas flores,
Os prados amão os rios,
Os amantes seus amores.

Os campos amão arbustos,
Ama o passaro o seu ninho,
O novilho a verde relva,
A terna mãi seu filhinho.

Amão os peixes as aguas,
Ebrios de vida e fervor;
Eu só amo com extremo
Os laços de nosso amor.

... (Lamego).

Chá.—Ha muitos modos de tomar chá. Os chins não deitão a agua a ferver sobre o chá, mas na mesma chicara onde o deixão de infusão, e depois o bebem sem leite, nem assucar. Os japonezes tomão-no de uma maneira diversa: reduzem-n'o a pó subtil, e dissolvem uma colher d'este pó n'uma chicara de agua a ferver.

O modo de bem fazer as honras do chá, de o servir com graça, delicadeza e decencia, é na China e no Japão uma arte que tem seus principios, regras, e mestres que fazem profissão de a ensinar. Esta arte faz parte da educação dos jovens de ambos os sexos, a quem se ensina a deitar e apresentar o chá, como na Europa se ensina a dança, a esgrima e a equitação.



A preparação do chá no Norte, em França e Inglaterra, consiste em deitar a agua a ferver sobre uma certa quantidade de folhas, e prolongar a infusão durante cinco ou seis minutos. A primeira chicara é a mais delicada e a mais suave; a ultima a mais forte e resinosa.

Ha gente que prolonga a infusão junto do lume para obter um chá mais forte e carregado, mas é máu methodo; destroem-se os principios aromaticos do chá, e tem-se em resultado uma tintura irritante e desagradavel.

Nem devem deitar-se poucas folhas, pois que assim não será mais que uma ensôssa tizana; nem lançarem-se ás mãos cheias, porque d'ahi provém infusão estimulante e amarga. O chá deve ser odorifero, delicado e substancial; e isso obtem-se misturando igual quantidade de chá hysson, saotchaon e pekáo, que o torna mais suave.

O chá dos *soirées* deve ser mais perfumado e brando; é o chá das damas, mistura deliciosa do chá pérola e pekáo. Por quasi toda a parte na Europa, são as damas que o servem com muita graça.

Depois d'uma longa fadiga, uma infusão de chá pekáo com algumas gottas de marraschino, refrigera, recreia e tranquillisa. As letras, as sciencias, a politica, a milicia, têem o seu chá proprio, onde o licor se casa com elle para tornar a bebida mais excitante.

Apezar do muito que se tem dito dos males attribuidos ao uso do chá, é certo que, longe de fazer mal, é de grande auxilio nos trabalhos de intelligencia. Se Botekoe exagerou as virtudes d'esta planta, a ponto de a tornar uma panacêa universal, Roques, mais imparcial, e por ventura mais conhecedor, não deixou de confirmar a opinião d'elle. Na verdade, de tanta gente que nos Estados-Unidos, Inglaterra, Hollanda, Polonia, Russia, França, Italia e Portugal, faz uso habitual do chá, qual é a que se tem achado mal? Respondão!..

J. Praxedes P. Pacheco (Brasileiro).

JULHO—24.

CHARADA XV.

Quem faz a primeira—2
Produz a segunda:
Quem soffre a segunda—1
É sempre a primeira.

Ha muitos homens
Que o são por prazer;
Alguns por officio
Outros por dever.

Uma conimbricense.

Rebuços.—Ainda em 1838 se via no Algarve o feíssimo uso dos rebuços, que substituia em parte a desengraçada moda dos antigos mantos. Era formado o rebuço com o lado direito do capote, que lançado pela parte esquerda sobre a cabeça, a envolvia toda, e fazia assim um comprido canudo, ou bioco, mais proprio para metter medo a crianças timoratas do que para aformosear o corpo e recrear a vista. As damas, ainda as da primeira jerarchía, não duvidavão esconder os mimosos rostos na amplidão de pesados capotes, deixando sómente visivel, como amostra de suas perfeições, o delicado pésinho, que em taes circumstancias carecia de todo o desvélo no bem feito do sapato e escolha da fina e branca meia; acontecia porém muita vez que o tal pé, que por delicado e bem feito parecia propriedade d'uma formosa e gentil donzella, fosse pertença d'uma feia e aposentada matrona. Era sobre tudo nas funcções religiosas que maior numero se via de mulheres rebuçadas, o que produzia desagradavel impressão, e parecia formar uma antithese completa, visto que *mulher de rebuço* não tem a mais decente significação, segundo os diccionarios. Os *janotas* erão frequentemente illudidos pelas apparencias, e muita vez succedeu seguir o irmão as manas até á casa paterna, attrahido pelos dolosos pésinhos, ficando mais desapontado por fim do que o visconde d'Almeida Garrett com o pinhal d'Azambuja.

A facilidade de se disfarçarem com este traje pessoas mal intencionadas obrigou a policia a prohibil'o; por tal fórma se achava elle porém introduzido em todas as classes, que só comminando penas, por vezes applicadas, se conseguio banir dos nossos costumes tão feia e inconveniente moda.

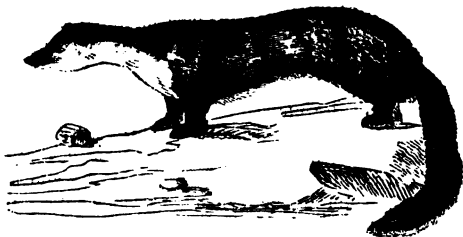
E. H. Lamim (Faro).

Condé e o sangrador.—«*Não tremes de me sangrar?* dizia o grande Condé a um cirurgião novo. «*Sois vós, senhor, que deveis tremer.*»

Animaes que se odeião.—A dóninha é inimiga dos ratos. Se aos grandes faz mal, não sei. Tenho ouvido que onde ha dóninhas não ha ratos, mas será talvez por lhes destruirem a creação. Um casal de dóninhas vi eu (*aquelle bicharoco é uma dóninha*) sahir do buraco d'uma parede, com ratinhos mortos na bôca, e leval'os para outro buraco mais longe, que era decerto seu palacio: voltou á matança da familia ratona umas poucas de vezes; provavelmente emquanto achou em que atolar o dente.

No sapo tem a dóninha o seu cruel inimigo: se alguem a livra d'elle, matando-o, recebe (dizem) agradecimentos da dóninha. Lá em que linguagem, não sei.

A cobra e a aranha vingão a dóninha, matando o seu inimigo.



Uma cobra pequena engole um sapo, como outras mais bojudas um coelho, e na America um touro. Quando uma cobra está com o sapo na guéla é que é pilhal'a!... Fica inoffensiva até que lhe passe de todo para o bucho.

Ha tambem uma aranha inimiga do sapo: desce de repente sobre elle e o pica; o sapo corre a uma herva, a que vulgarmente chamão *mentrasto* (parece-se com a hortelã), e em cuja visinhança quasi sempre vive, e esfrega-se por ella;

se a não encontra, por algum maldoso lh'a ter arrancado, geme até morrer, o que não tarda muito.

Tendo ouvido contar isto uma pessoa que de noute foi mordida n'um beiço por uma aranha, esfregou-o muito com a tal herva, e abrandaram logo a inchação e a dôr.

Crêem muitos que a dóninha se alegra ao chamarem-lhe *bonitinha* e que se assanha se lhe chamão feia! — É o unico insulto que as mulheres não perdoão, escreveu um mal creado.

JULHO — 27.

Maria Mantella. — Foi natural do Porto, e consta de antigos documentos haver dado á luz sete filhos de um só parto. Forão, todos elles, sacerdotes, e edificaram sete igrejas, que ainda hoje existem, e são:

Santa Maria de Moreiras, *Santa Maria de Galvão*, *Villar de Perdizes*, *Santa Leocádia*, *Santa Maria de Meres*, o *Mosteiro Doso*, e metade da igreja da villa de *Chaves*.

N'esta ultima forão sepultados juntamente com sua mãi. Na lapida que cobria a sepultura se lia este humilde e simples epitaphio:

« *Aqui jaz Maria Mantella*
Com seus filhos ao redor d'ella. »

O pequeno que alli falta na gravura está a fazer companhia á mãi, emquanto aquelles estão na escola.

Antonio Martins Leorne (Porto).

Navios monstruosos.—Agora que tanto se fala no *Leviathan*, navio de prodigiosas dimensões, recentemente lançado ao mar, e cujo comprimento é de 700 pés, vem a proposito escrever algumas linhas sobre outras embarcações monstruosas.

Mandou Ptolomeu Filopator construir em Alexandria uma galera, que tinha 420 pés de comprido e 38 de largo: compunha-se a sua tripulação de 4,000 remeiros, 4,000 maripheiros e 300 soldados.

Herocles mandou construir a Archimedes outra galera de proporções ainda maiores: com a madeira n'ella empregada se houverão podido fazer 60 galeras ordinarias. Tinha salas grandissimas, uma bibliotheca de 50,000 volumes, um espaçoso local para exercicios gymnasticos, jardim, tanques para peixes, moinhos de vento, e um templo dedicado a Venus, obra prima no seu genero e riquissimo em mosaicos circumdados de pedras preciosas, em formosas estatuas e em quadros de grande merito. O exterior era rodeado de parapeitos e torreões, d'onde por meio de machinas proprias se despedião pedras de 300 arrateis de pêso, e projecteis de 17 pés de comprido, a uma distancia de 2,000 pés.

O CHORÃO E O CYPRESTE.

—«Porque nasceste, cypreste,
Junto d'este mausoléu,
Tu que soberbo e orgulhoso,
Elevas a fronte ao céu?
Troca essa louca vaidade
Pela tristeza e humildade,
E no campo da igualdade
Terás logar, como eu.»

—«Como a ti, no cemiterio
A sorte logar me deu;
Tu mostras que amargo pranto
N'esta campa se verteu,
E eu, fitando o céu clemente,
Mostro que a prece fervente,
Que murmura o labio crente,
Da terra subio ao céu!»

Augusto Sarmento (Coimbra).

Aranha dissimulada.—Não é só o inconstante camaleão(*A*. 56 *p*. 237) que tem a faculdade de cambiar suas voluveis côres, segundo os diversos logares em que se aninha; nem tambem os escamosos peixes são os unicos que a modificão pelas do alveo do rio em que navegão, ou o soberbo perú, coroado de caruncula, que n'ellas varia as que o seu humor lhe accende, segundo suas paixões; tambem a astuta aranha (*A*. 51, 19 de Setembro) as metamorphoseia, em relação á flor que escolhe para guarida no calmoso estio.

Falo n'uma aranha que se encontra em nossos jardins n'aquella quadra (e que talvez seja privativa só d'esta provincia do Minho): não é maior do que uma ervilha, e tem duas proeminencias lateraes no abdomen, a tal ponto salientes, que a tornão quasi triangular. Pois essa minha snr.ª, quando emboscada no *helianthus annuus*, faz-se tão amarella como essa flor; se pelo contrario, prefere o *agapanthus umbellatus* para ponto de suas ciladas, ahi assume um azul bastante vivo sem se differençar, na côr, das petalas que a rodeião. Na *gardenia florida* assemelha-se á neve, e na *punica granatum* ao carmim desmaiado; no lilaz, é rôxa, e no *cullistemon* encarnada. E para que tudo isto? para que as abelhas, attrahidas pelo polen dos estames d'aquellas flores, pousem n'ellas desappercebidas: quando mais afanosas se mostrão estas em o colher, são de improviso atacadas pela aranha disfarçada, e ai d'aquella que fôr atravessada pelos dous dentes do terrivel inimigo, que depois de filada a não larga, até lhe ter chupado todo o succo, de que se alimenta com prazer.

É entre todos os insectos o que mais lhe faz luzir o olho.

José Joaquim de Ferreira Mello e Andrade.

CHARADA XVI.

Molestia—2 | Molestia—3
Molestia.

T. R. P. (Angra).

Um Principe de tamancos.—Ao ir a Rainha de Hespanha a uma caçada, em 1858, n'uma floresta proxima a S. Thiago de Compostella, alli se lhe apresentou um lavrador já velho d'aquellas cercanias, e depois de lhe recitar um discurso lá a seu modo, lhe offereceu para o Principe Real um lindo par de tamancos (unica industria d'aquella localidade), que a Soberana retribuio com 2,000 reales, ou 90,000 réis.



Antonio Martins Leorne (Porto).

JULHO—31.

Nodoas de ferro em roupa branca.—É facillimo e infallivel o seguinte methodo de as tirar:

Colloque-se sobre uma rodella de limão azedo a parte do panno que tem a nodoa, e applique-se-lhe um ferro quente tantas vezes quantas sejão precisas para a dissolver. Conhece-se que a nodoa está dissolvida quando tem tomado um diametro maior e uma côr menos carregada; lave-se depois o panno em agua, e ficará inteiramente limpo, como se nunca alli tivera existido mancha alguma.

Foi assim que uma rapariga da minha aldêa, muito habilidosa e versada n'estas cousas, conseguio tirar, como por encanto, grande numero d'estas nodoas d'algumas camisas e calças brancas que eu guardava n'um bahú de folha de Flandres, em que por descuido deixei entrar agua do mar, e que eu tinha por perdidas. *José Joaquim Mendes Cavalleiro.*

AGOSTO—1.

O chefe d'orchestra e o beduino.—Indo uma noute á Grande Opera um beduino recem-chegado a Pariz, alguem lhe perguntou depois como achara a orchestra?



«*Excellente! o que mais me divertio foi ver o musico que estava no meio de todos, n'uma cadeira mais alta, e a tocar muito aforçurado, á direita e á esquerda, n'um instrumento que se não via!...*

AGOSTO—2.

SONETO A BOCAGE.

Oh! Quanto minha sorte é parecida
Com a tua, ó Bocage soberano,
No fado e não no genio sobr'humano,
Com que deixaste a patria ennobrecida!...
Ludibrio do destino é minha vida,
Qual o destino teu te foi tyranno!...
Dos homens perseguido foste, Elmano!
Perseguido dos homens sou, Elnida!
Teus versos divinaes que te valeram?
Meus pobres versos tornão-me odeado;
Astro de lúz phebéa, te esquéceram.
Mesquinho vate, á dôr sou condemnado,
Mas teus versos teu nome ennobreceram,
Triste do meu, de quem será lembrado?!...

Elnida (Brasileiro, Parahyba do Norte).

Agricultura em Benguella.—Vai-se generalisando muito a agricultura n'este districto, Catumbella e Dombe-Grande, pois, fazendo seus habitantes aqui hoje mais persistencia do que no tempo de outras especulações, de todo extinctas, se dedicão a ella, já como recreio e passatempo, já para commodidade e interesse pessoal. Poucos são hoje os moradores da cidade que não tenhão a sua horta, d'onde colhem, além da hortaliça ordinaria, alguns fructos, como laranjas, figos, uvas, fructa de pinha, romãs, bananas, etc. O sólo é fertilissimo e produz excellentemente quasi todos os fructos e hortaliças de Portugal. O que porém aqui torna a agricultura, e até a horticultura, difficil e pouco lucrativa, é a quasi absoluta falta de chuvas. Começão estas em fins de Setembro e durão até Novembro, mas em diminuta porção, e por isso lhes chamão *chuvas pequenas*; voltão depois em Março e Abril, tempo das trovoadas ou *chuvas grandes*; annos ha porém em que tanto umas como outras não passão de meros choviscos. Assim pois, tudo quanto se semeia ou planta é regado a braços, tirada a agua dos poços ou *cacimbas*, em celhas e baldes, á falta de engenhos ou noras. Mesmo assim encontra-se hoje na *Quitanda* (mercado) hortaliça todo o anno. Já vi repolhos pesarem seis e mais libras. A figueira e a videira tambem aqui se dão perfeitamente, e se bem que nunca cheguem a adquirir o tamanho e robustez que têem em Portugal, dão comtudo fructos bem sasonados e saborosos, e produzem um anno depois de plantadas. A videira dá fructo de cinco em cinco mezes: a qualidade de uva que abunda aqui mais é a preta miuda, conhecida em Lisboa pelo nome de *bastardo;* mas tambem a ha branca e moscatel. O Dombe-Grande já hoje produz farinha de mandioca (sustento geral), que abastece a cidade e as feitorias todas do sul, onde ha escravos empregados na apanha da urzella. Até 1848 vinha a mandioca do Brasil ou de Loanda, e quando por qualquer motivo faltava, soffria-se grande fome. No pequeno districto da Catumbella

(3 leguas ao N. da cidade), depois que passão as enchentes periodicas do rio, semeião os pretos feijão, milho e mandioca, e alguns ha já que semeião todo o anno, regando com agua tirada do rio. Na Equimina (ponto da costa ao Sul e de que falaremos n'outra occasião) é onde a vegetação africana desenvolve toda a sua força. Vi um rábano alli creado, de sete arrateis! aboboras, nabos e couves, como lá, nunca os vi nas melhores terras de Portugal.

Se o governo da metrópole mandasse para aqui alguns colonos entendidos em lavoura, bôas sementes, e instrumentos agricolas, objectos de que ha falta absoluta, prosperaria a agricultura de um modo espantoso, em proveito e augmento de seus habitantes; porém sem recursos, sem instrumentos agricolas, até dos mais simples, e fazendo tudo materialmente, torna-se impossivel prosperar. Pois é pena! Por esse desleixo darão contas a Deus os nossos governantes!...

Anonymo Benguellense.

AGOSTO—4.

MEDITAÇÃO NO CAMPO.

Sinto o ciciar da brisa,
Ouço o canto da avesinha,
Aspiro o subtil perfume
D'esta silvestre florinha.

Álem corre um ribeirinho
Entre pedras serpeando,
Seu murmurio tão fágueiro
Brandas queixas semelhando.

De terna melancholia
A minh'alma repassada,
Eleva-se até ao céu,
E deixa o mundo que é nada.

Aqui só saudade e dôr
Tem sido a minha partilha;
Cercada sempre de trevas
A minha estrella não brilha.

Qual negra noute de inverno
É dos mortaes o porvir;
A senda que vão trilhando
Vem-lhe a esp'rança destruir.

Só no céu encontra o justo
A sua c'rôa immortal;
É só lá que gozar póde
A ventura perennal.

D. Maria Izabel de Lima Barbosa (Ponte da Barca).

Ladrões photographados.—Na Inglaterra conserva a policia os retratos photographados dos ladrões que uma vez lhe cahiram na unha, e é-lhe facil com essa collecção filar mais tarde os criminosos, uma vez que se lhe dêem bem os signaes d'esses heróes. Que linda collecção aquella! Trata a policia ingleza de a derramar amplamente por toda a Grã-Bretanha, afim de tornar alli bem conhecidos tão respeitaveis senhores!...



Aqui apresentamos tambem pela nossa parte os retratos de tres cavalheiros e uma *cavalheira* que nos entraram pela algibeira dentro: quem os vir, ou cara que se pareça com aquellas, é fugir-lhes.

E melhor ainda será *chegar-lhes*.

AGOSTO—6.

MOTE.

Tocando n'uma sanfona.

GLOSA.

Cupido, tempo hade vir,
Em se acabando os pátetas,
Que não hãode as tuas sétas
Nem penetrar, nem ferir;
Inda te hãode vir cobrir
De grossa e parda japona!
E tua mãi, fanfarrona,
Que dirá, vendo-te então,
Roto e cego, atraz d'um cão,
Tocando n'uma sanfona?

José Basilio da Gama.

Costumes dos araucanos.—Dá-se o nome de *toquis* aos principaes chefes dos indios araucanos. Pertence a estes a administração das poucas leis que têem, e o poder exclusivo de vida e morte. Entre a pena ultima e a absolvição não ha castigo intermedio para aquelles indios. As execuções são feitas por todos os da tribu que se achão presentes, pondo cada qual a tractos o criminoso até que expire.



Apesar de ser licito ao homem ter muitas mulheres, o adulterio é alli considerado crime, e ambos os culpados são condemnados á morte; se porém o marido perdôa á mulher, tambem esta póde ser perdoada pela justiça, sendo todavia banida da sociedade.

Têem os araucanos seus prophetas ou *videntes*, que são consultados em caso de doença, e ai d'aquelle que o propheta diz ser causa da molestia!..

Os indios d'aquella tribu denominão-se a si proprios *filhos do sol*, e rendem culto a este astro pela manhã e á tarde, com rezas e genuflexões. Olhão a morte como um somno prolongado, e crêem que durante esse longo intervallo, passão para um paiz de bemaventurança situado álem mar. Com os defuntos se enterrão as suas alfaias.

Antonio Augusto d'Azevedo e Mouraz (Foscôa).

PHANTASIA.

Triste e afflicto, meditando
No campo do pensamento,
D'este mundo vou trilhando
O sólo com passo lento:
Sob este sólo, n'um dia
Que a meus calculos se eváde,
Baixar meu cadaver hade,
Apoz mortal agonia.

Alli sumido, calcado
Pelos felizes da terra,
Não me direi desgraçado,
Nem desgraça alli se encerra:
Na morada sepulchral,
Onde tudo é cinza, é pó,
Não heide esperar eu só
A sentença do Immortal.

Em quanto o sôpro respiro
Que me presta a natureza,
Involuntario deliro
Nos espaços da incerteza;
Mas o delirio é fortuna,
Que deve inspirar confiança,
Quando o homem sem esp'rança
Soffre desgraça importuna.

No turbilhão d'esta vida
Barbaramente arrastado,
A força sinto perdida,
Sinto meu fogo apagado;
Qual velho mirrado arbusto,
Que sacode a tempestade,
Tal eu soffro a crueldade
De ignobil destino injusto.

Refugo da sociedade,
Triste ludibrio da sorte,
No prazer da soledade
Busco prazer que conforte:
Vagar por entre arvoredos,
Em permanente abstracção,
Allivia um coração
Que foge humanos enredos.

Não me fascina do mundo
Existencia apparatosa;
Causa-me tédio profundo
A sociedade orgulhosa:
O vicio desenfreado
Sobre a terra audaz campêa!
Banir d'elle até a idéa
É seguir da honra o brado.

Com passo grave e medido
A hypocrisia se ostenta,
E diz com rosto fingido
As mentiras que sustenta:
Tudo n'ella é illusão,
Tudo n'ella é falsidade;
É n'ella tudo maldade,
Malevolencia, traição.

O crime surge do Averno;
Seu punhal fere, assassina;
D'ahi nasce opprobrio eterno
Com que a virtude o fulmina...
Corruptor, e corrompido,
Esmaga miseras gentes,
Que arrancão d'alma, innocentes,
O derradeiro gemido.

Bem ou mal, virtude ou vicio,
N'este mundo singular,
Tudo em breve ao precipicio
Tem um dia de baixar;
N'esse immenso sorvedouro,
Que devora as gérações.
Expirarão os brazões
Que adórne o carvalho e o louro.

Esse incognito paiz,
Barreira de desventura,
Será patria do infeliz,
Será d'elle sepultura;
Paiz de eterno descanço,
Paiz de santa igualdade,
Aonde tudo é verdade,
Onde affouto os olhos lanço.

Para alli meus passos guia,
O' celeste Providencia;
Chegue uma vez esse dia,
Que me remoce a existencia:
Uma vontade assaz forte
Á ventura me convida;
Só deve chamar-se vida
O que o mundo crê que é morte!...

Antonio Pereira Zagallo (Lamego).

AGOSTO—9.

Baldas d'alguns homens célebres.— Pompeu, quando orava, esfregava continuamente a testa com o dedo minimo. Cicero tinha o máu habito de coçar o nariz com o dedo polegar. Vergniaud não fazia senão brincar com os berloques do relogio. Robespierre tocava na tribuna como se fosse um piano. Epaminondas gostava de ir cantar ás festas d'aldêa. Scipião e Lesbio divertião-se nas horas vagas em fazer ricochetes á beira do mar, com pedrinhas, na superficie das aguas. Domiciano occupava-se a matar moscas no seu quarto, horas inteiras. Alexandre Severo gostava de ver bater-se um cão d'agua com um porco. Bacon antipathisava com as rosas. Buffon era enthusiasta de leitões pretos. Sabathier levava o dia a catar-se. Regniaud fazia estalar cada dedo dez vezes por dia.

Francisco de Paula Barbosa Nogueira.

Gigante Santo.—Costuma a camara d'esta villa, no dia do *Corpus Christi*, fazer á custa do municipio uma festa, com procissão em que vai S. Christovão. É de roca a sua imagem e coberta por um saio de damasco vermelho; no seu bojo se introduz um homem, parecendo que o santo (que tem uns 14 palmos d'altura) anda pelo seu proprio pé. Sobre o hombro esquerdo vai sentado o Menino Deus, com um globosinho na mão, que representa o mundo (*Na gravura ainda se não sentou*). Na direita leva o *Santo Gigante* um pinheiro adornado de flores.



É tradição popular que achando-se este santo nas margens do Jordão, lhe pedira o Menino Deus (a quem o santo não conhecia) para ao collo o transportar ao lado opposto do rio; e que apenas tomado o Menino nos braços, exclamara: «*parece que levo o mundo ás costas*—» ao que o Menino respondera :—*Anda, Christovão, que te não enganas*. Para melhor porém firmar os seus passos, diz-se que o santo deitara a mão a um pinheiro que arrancara, e que agora é representado por outro, enfeitado de flores. Concorre n'este dia muita gente a vêr o *santo grande*, que depois da procissão é collocado em frente da casa da Camara, onde vão muitas pessoas comer diante d'elle sopas de pão e vinho, na firme crença de que ficarão por este meio livres de fastio (e não sei se de cesões). Vão outras depôr na mão do santo regueifas (ordinariamente de 40 réis cada uma), as quaes são depois propriedade do homem que carregou com o santo. Ás crianças costumão aterral'as com o globosinho que leva o Menino Deus, dizendo-lhe que, no caso de cahir aquella bolinha no chão, se arrasará o mundo com chuva.

No século passado mandavão alugar a Braga umas mulhe-

res que ião atraz da procissão, tocando bandurra, fazendo tregeitos e promovendo o riso, e na frente ia symbolisando uma santa (não sei qual) outra mulher com uma espada na mão, fingindo querer matar uma serpente, movida por pessoa que ia encoberta sob o apparelho serpentino.

Isto porém foi justamente abolido, como ridiculo.

Francisco Olympio da Fonseca (Feira).

AGOSTO—11.

Gymnastica para a lingua.—Meus senhores, vejamos se têem a lingua bem solta dentro da bôca: queirão dizer bem depressa:

1.° *Didon dinait, dit-on, du dos d'un dodu dindon.*

2.° *Ciel, si ceci se sait, ses soins sont sans succès.*

3.° *J'admire tout en toi: tes traits, ton teint, ta taille.*

4.° Palra, palra, pardal, palra;
Palra tu, que eu palrarei:
Palra, palra, pardal, palra,
Que eu sou palrador d'El-Rei.

5.° *Ton tuteur te tentait, tu tentais ton tuteur, tes traits trop tentatifs tentèrent ton tentateur.*

6.° *J'ai vu à Saint-Souci six cents six suisses sucer six cents six saucisses, six cents sans sauce et six en sauce.*

7.° *Si j'étais petit pot au beurre, je me dépetipotaubeurrerais bien.*

8.° *Si la cathédrale se décathédralisait, comment la recathédraliserait'on?*

9.° *Quand un cordier cordant veut accorder sa corde, pour sa corde accorder trois cordons il accorde; mais si l'un des cordons de la corde décorde, le cordon décordant fait décorder la corde.*

10.° Se o Arcebispo de Constantinopla se quizesse desarcebispodeconstantinópolitanisar, quem o desarcebispodeconstantinópolitanisaria? seria o desarcebispodeconstantinópolitanisador.

Solitario.—Nas deliciosas e aprasiveis noutes d'estio, que só por si bastão para faser esquécer os bailes gosados no inverno, ouve-se muitas vezes em logares ermos ou pouco habitados um som lugubre e forte, que sensibilisa e inspira suave melancholia, parte ordinariamente de paredes derrocadas, muros velhos, etc. etc.: é uniforme pausado como um *metrónomo*, e parece repetir d'espaço em espaço a palavra *Só*—Diz-se geralmente que é uma ave nocturna que o produz, e que se conhece pelo nome de *Solitario;* mas quem vio já essa ave, que assim desperta tanta poesia e idealismo?.. É indubitavel que existe um passaro com aquelle nome, mas nem é nocturno, nem o deriva do seu canto, que aliás é bastante melodioso, e sómente da circumstancia notavel de se ver sempre desacompanhado d'outras aves. Ha porém quem seja da opinião que um insecto hemiptero, da familia das cicadarias, de Cuvier, é que assim nos mimoséa com o seu tão inspirador quão monotono canto. Mas a final de contas é passaro ou insecto? É o que muitos ignorão, e que precisava explicado n'este popular livrinho. *E. H. Lamim* (Faro).

AGOSTO—13.

Confissão laconica.—Tivera a condessa de Grolé, uma vida dissipada, e até licenciosa. Aos 87 annos de idade cahio doente de muito perigo. Lembrarão-lhe então que seria muito conveniente cumprir com os deveres de christã, e para esse fim conduzirão á sua cabeceira um veneravel religioso. Todas as pessoas que estavão no quarto da enferma se dispunhão a sahir, porém ella as deteve dizendo: Não, não, ficai; a minha confissão póde-se faser em voz alta, e ninguem se escandalisará ao ouvil'a. Padre, fui joven, fui bonita, disserão-m'o, e acreditei-o; calculai agora as consequencias e absolvei-me, que é tempo.

Francisco de Paula Barboza Nogueira.

O TERREMOTO DE SETUBAL.

(Na manhã do dia 11 de Novembro de 1858)

Estava a nympha do Sado
Ainda meia adormir,
Sem prever que a mão do fado
Prestes a ia ferir:
Fôra a noite aterradora,
E envolta em nuvens, a aurora
N'esse dia despontou;
Era inda ha pouco o sol nado,
Mas por negro véu toldado
Seu brilho em breve cessou.

D'improviso o solo treme
Com medonha oscillação!...
Nas suas entranhas freme
Rouco, horrisono, trovão!...
As portas gemem nos quicios,
Vacillão os edificios,
D'elles parte a terra vem,
E eleva-se um só gemido
Do povo, que espaverido
Discorre aqui e álem!...

Aqui ao Omnipotente,
Dos elementos Senhor,
Pedem uns seja clemente
Com o pobre peccador;
Alli outros, sem abrigo,
Pedem ás ruinas o amigo,
O pai, a mãi, o irmão;
Alem outros, macerados,
Arrancão pungentes brados
Do fundo do coração.

Meu Deus! que scena sombria
De terror, espanto e dó!
Ha pouco tanta alegria,
Agora.... tristeza só!...
Está-se álem revolvendo
Montão de ruinas tremendo:
Meu Deus!.. que assoma acolá?..
Oh que horror! que dor infinda!
Um cadaver!.. quatro ainda!!..
Quem de dó não chorará?

Chorar, sim, por ti, do Sado,
Setubal, ó linda flor!
Tu que tens exp'rimentado
Do fado o acerbo rigor;
No commercio e agricultura
Já tinhas da sorte dura
Supportado horrendo mal!..
Dos elementos a ira
Tambem ora se conspira
Contra ti, e te é fatal.

Setubal, villa formosa,
D'ora ávante praza a Deus
Que tenhas sorte ditosa,
Que cessem os males teus!..
No emtanto, tem esp'rança
No despontar da bonança,
E n'um risonho porvir,
Que espero tambem um dia
Ver a dita co'a alegria
Para ti meiga sorrir

Antonio Luiz Telles da Silva Menezes (Beja).

Gomma elastica.—Tantas são as applicações que hoje em dia se fazem de tão curiosa substancia, que apesar do que já escrevemos a 7 de Agosto do Almanach de 1851 e a pag. 278 do de 1856, alguma cousa mais diremos sobre a mesma materia, extrahido d'uma obra recentemente publicada:

«A arvore da gomma elastica é natural da provincia do Pará, onde lhe chamão *Seringueira*. Nasce espontaneamente em terrenos pantanosos, e compraz-se nos que são visitados pela maré. Eleva-se sem galhos até dous terços da altura, formando ahi uma cópa de agradavel aspecto. A sua flôr é semelhante á do sabugueiro, e o fructo ao do carrapateiro.

«O leite da seringueira parece-se com o de vacca, na alvura e no gosto adocicado. É por meio de incisões na casca da arvore que se extrahe esse liquido que é recebido em tigellinhas de barro. As seringueiras são picadas todos os dias de palmo a palmo em toda a circumferencia do tronco. Ha-as que dão 12 a 16 onças por dia, em quanto outras de igual tamanho apenas dão duas onças.

«Apezar de tão repetidas e copiosas sangrias, conserva-se sempre a arvore com a mesma frescura e vigor. Vai-se em cata d'ella, arrostando immensos perigos, pelo meio das espessas e agigantadas matas da provincia do Pará; depois de haver um trabalhador marcado 50 arvores, encarrega-se d'ellas em particular, e todos os dias as vai picar. Se o leite é destinado a ser vendido em bruto, lança-se em fôrmas á feição de tijolos, e ahi fica até se condensar. A propriedade que elle tem de condensar-se instantaneamente com a acção do fumo, faz com que se lance em fôrmas especiaes do feitio dos objectos que se desejão. As fôrmas dos sapatos são de madeira e muito semelhantes ás dos sapateiros; lavão-n'as com uma solução ligeira de barro viscoso para que o leite não adhira muito á madeira; depois de preparadas, péga-se-lhes por um cabo que têem, mergulhão-se no leite, e passão-se logo em seguida por cima do fundo de um vaso de figura conica. O fumo é

mantido com a combustão de caroços, que por sua solidez so vão consumindo lentamente, e entretendo uma perenne exhalação de fumo bastante denso.

«As fôrmas depois de cobertas põem-se ao sol, que reduz aquillo a pouco mais de metade da grossura. Depois de tirados os objectos, são exportados para os Estados Unidos, onde lhes dão mil outras fórmas delicadas. Varía muito o preço da gomma elastica no Pará. É este um dos mais importantes ramos de commercio da provincia, onde tem nos ultimos annos chegado uma boa parte do ouro da California convertido em bellas aguias americanas.»

AGOSTO—16.

Uma excentricidade. —Ingleza? está visto. O que vai ler-se não é invenção: passou-se em Vienna d'Austria no *hotel Wandl.* Tirou-se um dia de cuidados um inglez que alli se alojara e comprou um caixão de defuncto, que mandou para o seu quarto. O dono da hospedaria ficou sobresaltado, e ainda mais ao ouvir d'ahi a pouco grandes martelladas. Manda muito á pressa chamar um agente de policia e dirige-se ao quarto do hospede. Entretido este com a sua tarefa nem sequer ouvio bater á porta e já se dispunhão a arrombal'a, quando o *bife* sahe por acaso. Subio então de ponto o espanto de todos ao verem que era para guardar o seu fato muito bem estendido, e sem se amarrotar, que o homem comprara o lugubre movel.



Faltava esta para a collecção!

Quantas mentiras!—O numero de jornaes e outros impressos que forão expedidos pelas administrações dos correios em França no anno de 1858, foi de cento e cincoenta e um milhões, duzentos e noventa e cinco mil exemplares.

PERJURIO!...

Tu vais namorar a vaga,
Que amorosa e branda alaga
A praia do teu nascer;
As aves dizem-te amores,
De vida fallão-te as flores,
De perfume a recender.

Sob o docel estrellado
Contemplas extasiado
Essas campinas gentis,
Onde em vez da flor da morte,
Ceifada por negra sorte,
Tens a branca flor de lis...

E tu esqueces um peito
Que te dava satisfeito
A chamma de um puro amor;
A mulher que sem vaidade
Te dedicava saudade
De mais subido valor!..

E tu esqueces a amante
Cuja fronte delirante
Sobre a tua se pendeu,
E que, n'um olhar modesto,
Te fez ardente protesto
Que p'ra ella não morreu.

Queres mais?.. Viste prostrada,
E de orgulho despojada,
A mulher pedir-te amor,
Dar-te um peito carinhoso
P'ra repousar bonançoso
O teu somno de amargor.

Que fizeste ao seu pedido?
Como acolheste o gemido
De mulher carpindo assim?
Como ouviste que penava,
E que o pranto lhe apagava
Da face o vivo carmim?

Sorrias então, malvado,
Sem o riso envenenado
Por um remorso sem par?!
Impio!.. tu que perjuraste,
Foste tu quem derrubaste
Cá na terra o seu altar.

Dize, ingrato; quando altiva
A encontraste, e esquiva
A sorrir-te de desdem,
Não juraste ante o Eterno
Teu corpo e alma ao inferno
Se a trocasses por alguem?

Não compensou teu affecto
Esse olhar meigo e discreto
Que o teu olhar encontrou?
Não sonhaste um paraiso,
Um céu de amor no seu riso,
E o teu amor não mudou?

Perjurio!.. crime maldito
Que só no peito contricto
De Deus póde achar perdão!
Homem traidor e sem crença!...
Ouvirás tua sentença
Na terra da punição.

D. M. Emilia M. (Coimbra)

O forno de Pombal.—N'um dos ultimos dias do mez de Julho percorre as ruas d'aquella villa uma procissão de pequeno apparato, de que faz parte um immenso bôlo, d'outo a dez alqueires de trigo, levado por uns poucos d'homens, e destinado a ser distribuido aos devotos como pão bento. É cosido por 24 horas n'um forno, onde entra tambem um homem, que é o mesmo todos os annos, e que se tem confessado e commungado. Pára a procissão ao pé do forno, que arde todo o dia, e assim que se lhe mette dentro o bôlo, entra logo em seguida o bom do homem, com um disforme e grandissimo chapéu armado e de casaca quinhentista, depois de haver mettido na bôca um cravo que tira da mão da virgem que vai n'um dos andores, dá uma volta á roda do bôlo, e sahe com passo accelerado, posto seja velho e de andar naturalmente vagaroso. Muitos e estrepitosos foguetes sobem aos ares depois de haver o tal sujeito sahido *milagrosamente*, são e salvo, de dentro do forno, e logo recolhe a procissão.

Creio piamente que o homem está de boa fé e é o primeiro a acreditar no milagre que a Senhora faz por intermedio do seu cravo; mas o que tambem é certo é que a cousa se explica naturalmente. A porta do forno é bastante grande para que possão entrar por ella, de pé e quasi direitos, dous homens baixos alinhados de perfil; o bôlo, quando entra, absorve grande parte do calorico; o homem abaixa-se ao andar-lhe em roda, tocando-lhe com as mãos, como para o endireitar, e assim se explica tudo. O calorico desappareceu.

Suppõe-se alli o milagre feito áquelle homem e a seus filhos, que por sua morte o devem substituir na operação.

Já um soldado, por occasião da festa, obteve da Senhora um milagre ainda maior, pois entrou por curioso atraz do protegido da Virgem, com a patrona cheia de cartuxos, e sahio lá de dentro são e salvo como elle. É muito confiar em Nossa Senhora!...

Francisco Monteiro de Carvalho (Leiria).

Raridade natural.—O rio *Cávado*, que nasce nas serranias do Gerez, e banha os muros da nobre villa de *Barcellos*, a divide da freguezia de *Barcellinhos*, que lhe fica fronteira na margem esquerda e unida á villa por uma soberba ponte de cantaria; quasi a meia distancia entre a ponte e o açude de *Marésses*, mesmo no leito do rio, ha um enorme penedo, onde pela margem esquerda se chega a pé enxuto nos mezes de Julho, Agosto e Setembro, ficando todo o mais tempo coberto pelo rio; da raiz d'esse penedo mana uma fonte de agua sulfurea, mui medicinal, e cuja existencia é de pouquissimos conhecida: nos ditos mezes perde-se essa agua no areal, deixando n'elle sedimento e fezes de enxofre.



Possão estas poucas e toscas linhas, que a saudade patria me inspira, despertar pennas mais habeis que relatem o muito que ha de memoravel e raro n'aquella antiga e nobre villa!

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Porto Alegre).

Gallinholas.—Estas aves têem o polegar mais comprido do que os outros dedos, e costumão assental'o no chão quando andão. Pela parte superior do corpo são variadas de ruivo e preto, com o ventre branco raiado de pardo; e na parte posterior da cabeça tem quatro listras negras transversaes.

A gallinhola é uma ave estupida; frequenta os bosques, e desce ás planicies no inverno; é facil de matar por causa de seu vôo rasteiro e fraqueza de vista.

A gallinhola (*bécasse*) é ás veses confundida com a gallinhota (*poule d'eau*). Tem esta por signal caracteristico uma placa núa na testa até á base do bico, e que se torna vermelha na primavera. A especie que se denomina franga d'agua, tem os pés verdes e joelheiras amarellas, esconde-se durante o dia e lança-se na agua ao anoutecer.

AGOSTO—20.

Inquilino guerreiro.—Ao que se lê a pag. 199 do Almanach de 1859, acrescentaremos tambem nós algumas linhas.

O nosso amigo José Victorino Rodrigues da Cunha, Escrivão da receita da alfandega da Ilha de S. Thomé, e um dos veteranos da liberdade, fallecido nos principios de 58, levou tambem para a sepultura uma balla que se lhe hospedára no corpo em um dos combates do memoravel cêrco do Porto, no anno de 1833.

Corria-lhe a tal hospeda por todo o corpo, justamente como acontecia ao marechal Oudinot.

Torres Mangas.

AGOSTO—21.

CHARADA XVIII.

Se a primeira está sósinha,
É fazenda delicada;
Mas se um nome lhe juntardes,
Achareis mulher culpada—2

A segunda muito estimo
Que a não tenhão meus leitores,
Pois ella diz que á cabeça
Vão faltando habitadores—2

Em escura prisão encarcerada,
Sem da voz me ser dado uso fazer,
Eu, princeza malfadada,
Mil tormentos fui soffrer;
E alli morreria desgraçada
Se a irmã me não fôra soccorrer.

Depois a minha sorte, meu destino,
Foi bem cruel e foi bem singular:
Com meu canto peregrino,
Com meu sonoro trinar,
Um celeste prazer, gosto divino,
Ao mortal, que me ouvir, faço gosar.

José Victorino Pinto de Carvalho (Santa-Cruz).

AGOSTO—22.

CONSELHO

A MINHA IRMÃ A. C. DE B. R.

Meiga virgem, nunca viste,
Ao raiar da madrugada,
Abrir a rosa orvalhada
Suas folhas de carmim?
Diz-me, não tiveste inveja
Ao vel'a fresca e mimosa,
Balouçando-se orgulhosa,
Entre as flores do jardim?

E não sentes a piedade
Comprimir-te o peito, quando
Na campina divagando
A violeta encontras só?
Se a vês assim, tão modesta,
Esconder ás outras flores
Seu perfume e seus primores,
Donzella, não sentes dó?

Pois sabe, innocente virgem,
Que, apezar de mais singela
Do que a rosa altiva e bella,
A violeta é mais feliz;
A ventura não consiste
Em ter humildes vassallas,
Nem nas vãs pomposas galas
De variado matiz.

Se de tarde o sol se envolve
De nuvens em negros mantos,
E se das aves os cantos
Faz calar o vendaval,
Dobra a rosa a linda frente,
E, dos ventos combatida,
Eil'a em breve decahida
Do seu alto pedestal.

E a violeta apenas ouve
O tufão que açouta a selva,
Abrigada pela relva
Não receia o seu furor;
Em quanto que a triste rosa
Jaz por terra sem aroma,
Os seus encantos retoma
Novamente a humilde flôr.

Não deixes nunca, donzella,
Da cidade pelas festas
Tuas campinas modestas
Tua fonte a murmurar...
Da rosa, que foi rainha,
Não invejes nunca a sorte,
Não queiras, como ella, a morte
Nas grandezas encontrar.

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro (Coimbra).

Que bruto!—Está agora em Pariz um Hercules que, sem auxilio estranho, põe ás costas uma peça d'artilheria, a que se dá fogo sem que o alarve se mova um só passo!

Phylacterias.—Assim se chamava primitivamente aos pergaminhos em que os Phariseus trazião escriptos os mandamentos da lei: os que se querião mostrar mais santos, trazião-nos maiores. Deu-se tambem depois este nome aos amuletos (*A.* 55 *p.* 324) e cousas semelhantes, e aos remedios superticiosos e occultos, para evitar males, doenças etc., usados pelos feiticeiros e mulheres de virtude. Tambem se dizia *Filasterias*.

Lê-se na historia italiana, que Theodolinda, viuva de Autharico, Rei dos Lombardos, casada em segundas nupcias com Agilufo, duque de Turim, escrevera no anno 602 da era christã ao Papa Gregorio, participando-lhe o nascimento d'um filho, e que o Summo Pontifice, com a felicitação que lhe enviara, lhe mandara as Phylacterias para o Principe recemnascido. Consistião ellas, dizem as chronicas, n'uma cruz com uma reliquia do Santo Lenho, e uma lição do Evangelho encerrada n'uma caixa da Persia. A estas reliquias encastoadas que se trazião por devoção ao pescoço, se chamavão Phylacterias, e havia a persuasão de que livravão de perigos e trabalhos. Este uso durou ainda por muitos séculos e d'elle se encontrão ainda hoje numerosos vestigios.

Quando em 1856 o Imperador dos francezes Luiz Napoleão fez baptisar o seu filho, apresentou o cardeal legado, que na ceremonia representava Sua Santidade, entre varias outras reliquias, vindas de Roma, uma esmeralda, da feição d'um cofresinho, com uma palha benta proveniente do presepio de Bethlem.

O uso das veronicas e medalhas de cobre é vulgar na Peninsula. No tempo da cholera em Portugal, imaginou-se uma virtude que até então ninguem se lembrara de attribuir ás chapas de cobre que se trazem sobre o peito—preservarem d'aquella terrivel enfermidade!...

No que fosse fundada tão estupida superstição é que ninguem sabe.

AMOR D'UM MARINHEIRO.

Sou marinheiro; amo o mar,
Amo o vento a sibilar
No tôpo dos mastaréus;
Quando vou ferrar o panno,
Apraz-me ver o oceano
Revolver-se em escarcéus!

Amo o incerto balanço,
Dormito, e até descanço
Ao sôpro rijo do vento;
E se ao amarrar a escôta,
A véla me vôa rota,
Estou no meu elemento!

Nunca tomo o temporal,
Nem a sério, nem por mal,
E nem me assusta o trovão;
Quando os ares fende o raio,
Não me assombra, nem desmaio
Nem me bate o coração!

Amo a vida aventureira
Sobre esta barca veleira;
Amo o p'rigo e amo a gloria;
Aqui valentes da terra
São poltrões, que n'esta guerra
Não cantarião victoria!

Eu amo o pego revolto,
O tufão, o vento solto
Nas enxarcias a zumbir,
Amo a resaca alterosa,
E a rajada furiosa
Mar e céu a confundir!

Amo a lucta embravecida
Da negra morte co'a vida,
Amo tudo; e a liberdade
De correr por estes mares,
Sem ter magoas nem pezares,
Nem da terra ter saudade!

Eu amo a minha barquinha,
D'este mar gentil rainha,
Sempre ufana, sempre bella!
Se vai d'encontro ao recife,
Amo n'ella o meu esquife
Porque morro dentro della!

José Joaquim Mendes Cavalleiro.

Pertendente feliz.— Pedio o grande soldado Duarte do Cazal, valendo-se para isso de terceiro, uma mercê a El-Rei D. João II, e vendo-o El-Rei lhe disse: «*Se tens mãos para servir-me, porque não tens lingua para falar-me?*»

Anonyma setubalense.

Cochinchina. — Sendo de crer que já a estas horas, hespanhoes e francezes se hajão apoderado de Hué, capital d'aquelle imperio, não será fóra de proposito dizermos duas palavras sobre ella.

É uma grande e fortissima cidade, cujas immensas e mui solidas fortalezas forão construidas por engenheiros francezes.



São alli muito para admirar os celleiros publicos, os armazens de mantimentos, os quarteis e os arsenaes de terra e mar, de que a maior parte se achão á borda de um canal antiquissimo e navegavel, que atravessa a cidade. Ha n'um d'elles um museu, em que se vêem modelos de todas as peças d'artilhe-

ria usadas pelas nações europeas, o que é para admirar, pois rarissimas hão sido até hoje as relações entre cochinchinezes e europeus. Ha alli tambem seis templos circumdados de alta muralha e que são consagrados aos heróes e benemeritos da patria: é uma especie de pantheon: vinte annos a fio andaram empregados mais de cem mil operarios n'esses templos, que são de magnificencia oriental.

O fosso que rodeia a cidade tem 3 leguas de circuito e 100 pés de largura; as muralhas proximas têem 60 pés de altura. Hué, na opinião de seus habitantes, é a primeira praça d'armas da Asia. O palacio do Imperador é maior e mais sumptuoso do que a maior parte das residencias de Soberanos cá na Europa.

O estabelecimento porém que a todos sobresahe é a universidade, frequentada por grande numero de nacionaes e estrangeiros. Acima apresentamos o traje de um de seus estudantes.

Só agora, por assim dizer, começamos a saber o que se passa n'esses paizes orientaes, como o Japão, Cochinchina, e tantos outros, que durante séculos se acharam hermeticamente fechados a estrangeiros.

AGOSTO—26.

CHARADA XIX.

Aquillo que é nocivo que nos faz?.........4.ª e 2.ª
Quem nada tem, que faz se viver quiz?....1.ª e 5.ª
Um negocio ou demanda que nos traz?.....3.ª e 4.ª
D'um ente que padece que se diz?.........1.ª e 2.ª
Por conforme a peleja que nos dás?........3.ª e 5.ª
Co'a obra do universo que condiz?..........2.ª e 4.ª
Só quem depois que no sepulchro jaz,
Por te escapar, se julgará feliz.

Francisco Antonio Carneiro de Magalhães e Vasconcellos
(Moncorvo).

O ORVALHO E A ROSA.

I

Era uma rosa de amores,
Que ao pé das campas se abria
E viçosa, purpurina,
No chão da morte vivia.

A' flor gentil e mimosa
Disse o orvalho da manhã.
Porque nas campas vicejas
Rosa fragrante e louçã?

«**Eu** vim buscar, disse a rosa,
Entre os sepulchros guarida,
Que tudo assim é no mundo,
Sempre a morte a par da vida.

Outra rosa ahi descança,
N'essa lousa ao pé de mim;
E fui por saudoso amante
N'este chão plantada assim.»

Mas, linda flor caprichosa,
Se as rosas tão lindas são,
Porque estás assim tão triste,
C'o a fronte pendida ao chão?

«Porque sou, responde a rosa,
De tristes prantos regada;
Dôr pungente que me opprime
Me traz a fronte curvada:

Imito assim esse triste
Que vem chorar n'esta lousa,
Dando um pranto de saudade
Á virgem que ahi repousa.»

Ergue a fronte, flor mimosa;
Diz-lhe nos perfumes teus
Que a virgem por elle amada
Foi ser anjo aos pés de Deus.

Disse o orvalho, e luminoso
Mil pérolas espargio,
Sobre a flor que as murchas folhas
Aos raios do sol abrio.

II

A noss'alma é como a rosa
Com a fronte ao chão pendida,
Como a rosa unida ás campas,
Aos infortunios unida.

Mas se o orvalho vem á rosa
Dar o viço e a côr perdida
Nas horas de infausta sorte,

A esp'rança á terra descida
Nos mostra o céu como norte
Na estreita senda da vida.

José Augusto Sanches da Gama (Coimbra).

Lenda do café. — É incerta em sua origem a historia do café; o que não admitte duvida é que foi introduzido na Europa pelos orientaes. Conta um author árabe do século xv que foi um muphti de Aden o primeiro que fez uso da maravilhosa bebida, que já então era conhecida na Persia.



O café tem tambem suas lendas; eis uma d'ellas:

Desconsolava-se um molah, por nome *Chadelly* (cuja memoria ainda hoje é venerada entre os verdadeiros crentes), de que o somno lhe interrompesse as suas preces e meditações, e invocou Mahomet para que lhe désse um meio de vencel'o. Sensivel o propheta a uma tàl supplica, enviou ao molah um pastor, que o conduzio a um cafeeiro, e lhe contou que as suas cabras, depois de haverem comido dos fructos d'aquella arvore, saltavão e cabriolavão toda a noute. O molah toma uma forte infusão das taes bagas, e passa a noute seguinte n'uma deliciosa insomnia. Dá parte da descoberta aos seus derviches, estes imitão-no, é seguido o seu exemplo, e torna-se geral no Oriente o uso do café. Mas agora

Vêde da natureza o desconcerto!

Os mesmos sacerdotes mahometanos que o tinhão, por assim

dizer, espalhado pelo mundo, vendo a população desertar das mesquitas e apinhoar-se nas lojas em que o café se vendia, carregaram de anathemas a bebida outr'ora tão gabada. Foi o café assemelhado ao vinho e prohibido como bebida embriagante em todo o imperio ottomano. O effeito da perseguição foi o mesmo que ellas ordinariamente produzem. Tornou-se o café mais popular de dia para dia, e já no seculo XVII havia no Cairo duas mil lojas da afamada bebida.

É hoje uma das primeiras necessidades da vida no Oriente: quando um turco se casa, faz a solemne promessa de empregar os meios necessarios para que nunca falte café a sua mulher (*A*. 53 *p*. 142). *V*. *D*. (Algures)

AGOSTO—29.

LOGOGRIPHO III.

Foi deus do Olympo banido
A primeira repetida;
E animal horrendo e feio
A' segunda estando unida.

A segunda repetida
E' numero cardinal;
Sósinha porém estando,
Foi uma acção immortal.

Mui dura guerra ateou
Terceira junta á primeira;
Mas estando separadas,
Reduz a prima á terceira.

Sendo sómente a terceira,
E' como o nosso o seu ser;
E junta com quarta e quinta
Um vegetal hasde ver.

Diz que leu outr'ora a quarta;
A quinta é para chamar;
Mas achando-se ambas juntas,
Envoltorio tens de achar.

A quarta com a primeira
E' obrigada a viver
Em aguas mortas, corruptas;
Deus te livre de as beber!

Se a minha quinta, que é quarta,
Ante um Papa collocares,
Tens liquido muito usado
Nos orientaes logares.

O meu todo grandes males
Tem causado á humanidade;
Dando-se em terra com elle,
Reinaria a igualdade.

T. *S*. *P*. (Angra do Heroismo)

AGOSTO—30.

ENIGMA XIV.

Mandou certo sujeito vender á feira cem alqueires de feijão; o criado trouxe-lhe cem mil réis: está feito, disse o amo, foi vendido a dez tostões: não senhor, respondeu o criado; a principio vendi a 650 réis o alqueire; depois a 825 réis; e por ultimo a 1:300 réis. O bom do amo ainda hoje está a vêr navios. Quantos alqueires de cada preço se venderam?

José Lopes Viegas (Olhão).

AGOSTO—31.

DIALOGO INNOCENTE.

«Anda cá, Emilia, escuta,
És amiga de tua mãi?
—Primo, porque o pergunta?
Estimo-a como ninguem.
«Fazes tudo quanto manda?
Trabalhas, rezas tambem?

—Trabalho e rezo na mestra
Como as outras que lá vão;
Em casa visto as bonecas
E tenho-as sempre na mão;
Mas quando a mãi ralha muito,
Deixo-as, e dóbo o algodão.

Ás vezes vou ao piano
A ver se já sei tocar,
Mas as manas, que não gostão,
Fazem-me logo acabar,
Dizendo-me que lh'o estrago....
Então começo a chorar.

«Pois, Emilia, tu não deves
Nunca os outros affligir:
As meninas bem creadas
N'isto fazem consistir
O seu dever; e o despeito
Devem saber reprimir.

Co'a mestra muito cuidado
Na tarefa que lhe deu;
A menina que trabalha,
Mais trabalha mais mer'ceu;
E depois dirá ás outras
«Quem fez hoje mais, fui eu.»

Se das outras arguida
Começa logo a chorar,
Não faz bem; deve sentida
Pôr cuidado em se emendar;
E a menina assim mais linda
Muito mais hade agradar.

José Pires da Costa (Villa Real).

Conselho interessado.—Lendo eu a pag. 218 do Almanach de 1859 uns versinhos de certo maganão que aconselhava a uma donzella que sahisse da cidade, que é feia e tem má gente, e fosse para a aldeia, que é bonita e tem gente de truz; e persuadindo-me de que a tal donzella é bôa e bonita, e não querendo que o bom saia d'aqui, peguei na penna e disse com os meus botões: «*ora espera que eu te vou torcer o bico ao prego*. E d'ahi a pouco sahia isto do *bico* da penna:

Que troque, ó bella, a cidade
Pela aldeia! O caso é rico!
Em tal conselho ha marosca;
Isso leva agua no bico!...

Se lá na aldeia ha regatos,
Prados, bosques e arvoredos,
Tambem bichos venenosos
Lá nos vem picar os dedos.

Se na aldeia, ao romper d'alva,
Canta dôce o rouxinol,
Tambem cantão melro e cuco,
E outros mais d'um longo rol.

Tambem apenas é noute,
Se ouve o sapo peçonhento,
Pia a coruja e o mocho,
Aves d'agouro... Anjo bento!

E muitas vezes tambem,
Por pinhaes e encruzilhadas,
Andão bruxas e o diabo,
Lobishomens ás manadas.

E quando os lobos no inverno
'Stão com fome de rachar?
Ai Jesus! vem dos penhascos
Á aldeia a gente papar.

E de mais: esses senhores
Que vegetão lá na aldeia,
Em logar da luz de gaz,
Só tem a luz da candeia.

Que troque, ó bella, a cidade
Pela aldeia! O caso é rico!
Em tal conselho ha marosca;
Isso leva agua no bico!...

Nada, nada, o conselheiro
Quer fazer-lhe falcatrúa;
Se quer viver contentinha,
Venha aqui p'ra a minha rua.

Antonio Fernandes Duarte Bessa (Porto, Rua Bella da Princeza).

Convento de S. Domingos em Aveiro.



Estando o Infante D. Pedro, filho de D. João I, n'esta cidade, que dizem reedificara, ahi vivia um velho, por nome Affonso Domingues, tolhido de pés e mãos, mas que com tanto fervor orava sempre á Virgem Santissima que já era tido por santo, e muito mais o ficou sendo depois que a Senhora lhe appareceu e de todo lhe restituio a saude. Disse-lhe em seguida a Virgem que fosse buscar uma enxada e a seguisse, ao que o ancião obedeceu. Passado um sitio chamado *Porta do Sol*, disse-lhe a Mãi de Deus que fizesse elle alli um signal com a enxada e fosse dizer ao Infante que fundasse ahi um mosteiro de religiosos sob a invocação de S. Domingos, o que o Infante promptamente effectuou, ouvindo mais tarde a primeira missa que na igreja se disse, e áquella casa se deu a denominação de *Nossa Senhora do Pranto*.

A igreja serve hoje de freguezia, e tem o titulo de *Nossa Senhora da Gloria*. Alli se crê que está n'um carneiro contiguo á capella-mór a Natercia de Camões (A 55 *p.* 173 e 330).

Do convento só hoje restão os muros! Foi malevolamente incendiado em 1843 salvando-se apenas a igreja.

José Reinaldo Rangel de Quadros (Aveiro).

CHARADA XX.

Velho jogo—2	Muito fogo
E cidade—2	Pouca idade.

Filicida guerreiro. — Ao Rei de Manomer, tribu visinha da nossa provincia ultramarina de Timor, foi encontrado, depois de morto no ultimo conflicto entre elle e as armas portuguezas, um vaso cheio de sangue de dous filhos que sacrificara, para que untado com elle fosse invulneravel na guerra.

Uma mãi não mata seu filho, morre por elle, diz o Sr. Mendes Leal: um pai faz o mesmo: aquelle paisinho porém dá cabo de dous filhos para salvar a propria pelle. E' verdade que está com cara de arrependido.

Villa de Collares. — Seis leguas ao N. de Lisboa, e sobre duas collinas sobranceiras a uma planicie cheia de lindas arvores, e com um rio em que podem navegar pequenos barcos, está a encantadora villa de Collares, amenissima no seu clima, fertil nos seus campos, apreciavel por seus fructos, e onde a vida corre pacifica e tranquilla. É um verdadeiro paraiso terreal.

A etymologia da palavra Collares, deriva-se talvez da posição da villa sobre dois *collos*, ou do penhor d'uns *collares* que uma dama fez a Zeflão quando senhor de Lisboa, com o fim de edificar alli o seu castello de *Collir*; ou, finalmente, d'um Phitodemo, que havendo devastado estes campos, foi morto por castigo, e arrastado com fortissimos *collares*. Reputa-se mais provavel a primeira d'estas duas ultimas origens etymologicas.

Antonio da Cunha.

Cidade monstruosa. — Soube-se pelo ultimo recenseamento que tinha Londres 2.362:266 habitantes, dos quaes 1.106:558 do sexo masculino: 135:871 solteiros, 399:098 casados, 409:731 casadas, 409:264 viuvos, 110:076 viuvas, 28:598 maridos que vivião sem suas mulheres, e 39:231 mulheres vivendo sem seus maridos.

É Londres uma das cidades mais populosas do globo; duas vezes mais povoada que Constantinopla, quatro mais que S. Petersburgo, cinco mais que Vienna d'Austria, sete mais que Berlim, oito mais que Amsterdam, nove mais que Roma, quinze mais que Copenhague, e dezesete mais que Stockholmo.

Foi de 25 por mil o termo medio dos obitos n'estes ultimos dez annos. Morrem cerca de 169 pessôas por dia e nasce uma em cada cinco minutos: calculou-se que se afogão annualmente no Tamisa 500 pessôas.

Entrão cada anno nos asylos 143:000 vagabundos. Avalia-se em 35:000 o numero de mendigos de profissão, dous terços dos quaes são irlandezes.

Prendem-se annualmente 42:000 individuos: ha 13 prisões criminaes, 13 tribunaes de policia, 6,367 cabos de policia, 69 officiaes de soccorros municipaes, e mais 1,916 agentes de diversas cathegorias.

Percorrem em cada doze horas as ruas de Londres 125:000 vehiculos: 3,000 *wagons* chegão diariamente das provincias pelas vias ferreas.

O numero das ruas calçadas de Londres é de 5:000, e a sua extensão total de 2,000 milhas; tem 1,900 milhas de tubos de gaz e 360:000 bicos, de que sahem 13 milhões de pés cubicos de gaz por noute.

Postas todas as casas de Londres n'uma linha, teria esta o comprimento sufficiente para cercar a Inglaterra e a França desde York até aos Pyrineos.

Consomme annualmente a sua população 227:000 bois, 30·000 vitellas, 1.480:000 carneiros, 34:000 porcos, 1.600:000

quarters de trigo, 310.464:000 arrateis de batatas, 89.672:000 couves, cêrca de 27.000:000 almudes d'agua, 65:000 pipas de vinho, 670:000 almudes de outras bebidas espirituosas, 14.400:000 almudes de cerveja, e 3.000:000 de toneladas de carvão de pedra. Envião-lhe annualmente a França e os outros paizes do continente 70 a 75 milhões d'ovos.

Havia em 1844 em Londres 3:613 fabricas de cerveja, 5:270 casas de pasto e 13:000 vendedores de vinho. Tem, entre homens, mulheres e rapazes, 30:000 vendedores de batatas.

Publicão-se em Londres 35 *magazines* hebdomadarios, 90 jornaes da manhã, 8 da tarde e 72 semanaes.

Como não hade ser uma cidade perfeitamente esclarecida, com tanto periodico e tanto gaz!...

SETEMBRO—5.

AMOR ENCATHARROADO.

SONETO.

Meu bem, longe de ti tenho catharro,
Pois quando por ti choro, sempre espirro,
E se n'esta tristeza ausente embirro,
Nas cavernas da morte cégo esbarro:

Ando tão quebradiço como barro,
Com o sentido em ti quasi me mirro,
E já n'esta garganta sinto o scirro,
Chiando na saudade como um carro:

Assim louco de amor com tal aferro,
Desesperado pulo, salto e corro,
E por não estourar desato um berro:

Eu damno-me por ti como um cachorro;
Se não vens consolar-me em tal desterro,
Ausente de teus olhos triste morro.

Jeronymo José do Amaral (Freixeda do Torrão).

Festa de Santo Amaro em Béja. — Ao norte d'esta cidade, fóra da *Porta* chamada de *Evora*, e na igreja de *Nossa Senhora da Graça*, se venera tambem a imagem de Santo Amaro. Alli se reunem em seu dia quasi todas as camponezas dos suburbios, que em romaria se dirigem, elegantes e garridas, ao glorioso santo, levando-lhe grande porção de pernas e braços de massa (dôce pela maior parte). Ahi se dirigem com igual offerta, as senhoras de Béja.



De dia tudo corre com a devida decencia e com o respeito devido a tão religioso culto; de noute é que a funcção se torna algum tanto profana, pois se transforma a igreja em mercado, no qual se vendem todas as pernas e braços offerecidos ao santo. Não haja medo que alguem deixe de comprar um braço ou uma perna que logo vai para o estomago do comprador, pois é de fé que assim se evitão dôres no anno seguinte, nas proprias pernas ou nos proprios braços, que tambem ficarão livres de se partirem ou desmancharem. Ha annos em que se consomem perto de quarenta alqueires de farinha em braços e pernas.

A farinha serão tambem reduzidos, mais anno menos anno, as pernas e os braços dos compradores; se Santo Amaro o impedisse, é que o milagre seria de trus.

Miguel José de Mendonça.

LOGOGRIPHO IV.

A primeira tem o todo
Se qual terceira se vê,
Ou se a segunda receia
Juntamente com um *t*. ...

Merito e modestia.—Da Serra d'Estrella (ignoramos de que ponto) nos foi remettida a seguinte carta:

«Conto já um bom par d'annos, inutilmente passados nas solitarias penedias da Serra d'Estrella, ignorado de todos, e ignorando tudo; por fortuna me veio ás mãos o seu Almanach para 1858, e sabendo que tinha mais irmãos, não descancei, em quanto não reuni toda a familia, que accommodei o melhor possivel em meu rustico albergue, e em companhia de tão apreciaveis hospedes, passo dias e noutes com indizivel satisfação: sinto-me novo homem, e do alto d'esta montanha que descobre um horisonte infinito, contemplo agora com maior assombro o infinito poder do Altissimo, que povoou o mundo de tão espantosas maravilhas, até aqui por mim desconhecidas e ignoradas. O puro amor da patria (puro, porque a poeira e espessos rôlos de fumo que lá em baixo se levantão, não vicião a atmosphera em que vivo) me faz desejar que no seu livro appareção em primeiro logar as suas bellesas: muito ha V. trabalhado para lhes dar o devido esplendor, porém ha muitas raridades mais que merecem ser annunciadas, e d'essas todas nacionaes, lhe peço me permitta communicar-lhe algumas.»

Seguia-se uma escolhida collecção de artiguinhos, dos quaes publicámos já alguns no Almanach de 1859 e outros vão no presente. Aqui os agradecemos de novo com o maior reconhecimento.

CHARADA XXI.

De ninguem sou desejado Pois não posso fazer bem.	1	Quem inteira me julgar, Não me póde adivinhar.	3

Não sou cidade, sou povo;
Môva-se Almeida, eu me môvo.

José Caetano Pinto Pacheco (Escarigo).

Os Bramanes e o Café de Pariz. — No Almanach de 1859, a pag. 123, sob o titulo de *Nova Babel* se conta a multiplicidade de linguas que se falaram e estropearam na Exposição de Pariz de 1855. Nota-se que as casas de pasto mandaram traduzir os seus róes nas linguas dos paizes mais remotos, e acrescenta-se «—No *Café de Pariz* havia uma «lista em sanscrito para os sabios bramanes que se tentassem «a visitar a grande exposição.—

É sobre esta ultima circumstancia que me pareceu conveniente dizer duas palavras para informação dos leitores do Almanach.

Ao author do artigo, que de certo nunca veio á India, e tem dos bramanes mui leve ou nenhuma noticia, pareceu cousa mui corrente aquelle expediente do empresario do *Café de Pariz*. Mas se o tal empresario teve a phantasia de mandar verter em sanscrito os seus róes para chamar ao seu *Café* os bramanes, havia de conhecer por experiencia que n'esta parte perdêra completamente o seu tempo e a sua despeza.

Porque já é cousa difficillima que um bramane tome a resolução de emprehender a viagem da Europa; porquanto os preceitos da religião bramanica são tão rigorosos, principalmente no prohibir a communicação com os individuos de outras crenças, e ainda de outras castas, posto que da mesma crença, que indirectamente prohibem tambem as longas viagens, principalmente para paizes onde se não siga a sua lei.

Mas dado caso que á força de dinheiro um bramane possa levar comsigo para um paiz estrangeiro um pequeno mundo hindú, que o isole e defenda das outras castas e nações no trato domestico; dado mesmo que algum ou alguns bramanes se tentassem a visitar a grande exposição; nem ainda assim serião fréguezes consumidores no *Café de Pariz.*

O bramane não come senão o alimento preparado com certas ceremonias por pessoas da sua casta. Não bebe senão a agua que foi tomada na fonte por outro bramane; e se é de poço,

é mister que este só sirva ao uso dos bramanes. Aliás toda a comida e bebida fica para elle polluta.

Ainda mais, o bramane para comer prepara-se com certos lavatorios e orações, e veste um panno limpo, que só serve a este acto. Depois de assim estar apparelhado para comer, e em quanto come, não pode soffrer o mais leve contacto, não digo já de pessoa estranha á sua casta, mas nem ainda da que a ella pertence, se por ventura não está purificada do mesmo modo, e para o mesmo acto.

O bramane come no chão sobre uma folha vegetal, e esta hade assentar em pavimento coberto de bósta de vacca, preparada de certo modo.

O bramane por conseguinte não come nem bebe iguaria ou bebida cosinhada e preparada por pessoa de outra casta ou religião; não toca prato, vaso, faca, ou outro utensilio de mêsa, que tenha servido a pessoa de differente casta, e especialmente a christão, homem barbaro que come carne, e até carne de vacca!

E todos estes preceitos hãode ser inviolavelmente guardados pelo bramane sob pena de ser *lançado fóra da casta*, ou ficar excommungado. E sabeis vós o que é ser um hindú *lançado fóra da casta?* é ficar sem patria, sem familia, sem mulher, sem filhos, sem parentes, sem amigos; é ser repellido como ente impuro e reprobo por todos elles, e não poder ser recebido em outra *casta*, porque a *casta* só vem pelo sangue e géração. O hindú expulso da casta é uma especie de animal immundo, que ou morre de infamia, ou de fome e sêde.

É pois muito de presumir que o empresario do *Café de Pariz* ignorasse todas estas cousas. O que lhe posso affirmar é que a sua simplicidade foi aqui entre os bramanes assumpto de grande galhofa.

Agradecêmos ao nosso illustre compatriota a sua curiosa e interessantissima communicação, e rogamos-lhe nos transmitta alguns artigos mais relativos áquella nossa affastada provincia ultramarina.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (Gôa).

Musico de nascença. — Ha n'esta aldeia um rapaz de 12 annos, por nome Claudio (filho de José Dimas e de Antonia Maria), que tem uma extraordinaria propensão para a musica: toca qualquer



instrumento, d'estes que ha nas aldeias, sem saber uma nota da escala, e sem nunca ter estudado, e fez um instrumento com uma canna e umas aparas, do qual tira uns sons iguaes aos da mais harmoniosa flauta. Bom seria que no nosso Conservatorio se désse impulso a tão extraordinario genio musical.

Joaquim José Poiares (Aldeia Rica).

SETEMBRO—11.

CHARADA XXII.

Sem ser lingua estou na bôca, E com fé entro nas bôcas . . 1	Entro tambem n'uma bôca, P'ra dar gosto a muitas bôcas. 1

Sou do livro componente,
E o nosso author é diff'rente.

Antonio Manoel da Cunha Bellem (Coimbra).

Gambos.—Selvagens que vivem a alguma distancia de Mossamedes (*A.* 59 *pag.* 231). Commerceião com elles os negociantes portuguezes sertanejos, trocando missangas e outros objectos da Europa por marfim e outros artigos d'aquella costa; é negocio porém algum tanto arriscado, pelo encontro de animaes ferozes, e muito precario, pelas villanias e



roubos dos selvagens. Bom fôra que o governo alli protegesse mais os nossos compatriotas!

Cosmopolitas inglezes têem já procurado introduzir-se n'aquelle sertão, que offerece grandes vantagens.—*Antonio Francisco Nogueira* (Gambos, Sertão de Mossamedes).

Casas de pedra.—Ha no logar denominado *Leonardo*, na freguezia de Santa Cruz da Uruburetama, no Ceará, duas grandes pedras separadas por um pequeno intervallo: tem a da parte do norte uma varanda com 60 palmos de comprimento, 45 de largura e 50 de altura n'uma das extremidades; vai porém abaixando proporcionalmente até tocar no chão: tem outra varanda ao nascente, do mesmo comprimento com 19 palmos de largura, e fica entre as duas uma especie de quarto onde habitão tres pessoas.

Ha no meio da outra pedra uma abertura semelhante a um portão de cocheira, que dá entrada para uma sala com seus 22 palmos de comprido e 21 de largo: encontra-se n'esta sala, para o nascente, outra abertura menor que a primeira e que conduz para um quarto de iguaes dimensões, e outra para o norte que dá para uma sala maior, porém obstruida por pedras que facilmente se poderião tirar d'alli. Varia muito a altura dos tectos d'estes ultimos quartos, que é de 12 palmos na parte mais baixa. Mora n'essa casa uma familia.

Encontra-se 300 braças para o norte d'esta ultima pedra outra redonda com uma abertura semicircular tambem voltada para o norte, e que tem 3 palmos de altura e 10 de largura na base; entra-se por ahi para um quarto com 21 palmos de comprimento, 12 de largura e 12 e meio de altura; é de terra preta o seu pavimento, no qual se achão enterrados ossos humanos, todos vermelhos pela parte de fóra.

J. F. L. T. (Ceará)

ENIGMA XV.

Em uma monção ditosa
Duas fizêrão jornada:
Uma feia e engraçada,
Outra fria, mas formosa.
Uma tem mãi poderosa,
Outra pai d'esphera inteira;
E chegando sem canceira
Aonde a fortuna as chama,
Uma alli ficou por dama
E outra por cosinheira. ...

Potentado cabinda.—Era Cañoba um dos maiores potentados de Cabinda, tanto por seus haveres como pela grande quantidade de mulheres que possuía.

Sendo atacado este barbaro pela molestia *«somno»*, frequente por estes sitios, consultou os feitiços e estes lhe declararam que era causada por serem feiticeiras e o estarem *comendo* (enfeitiçando) tres de suas mulheres: o barbaro, sem dó nem consciencia, as mandou enterrar vivas na mesma cova. Não sentindo melhoras, pediram os feitiços mais victimas e foram queimados vivos cinco *mocuruntos* (cinco velhos), accusados do mesmo crime!...

Depois d'estas ultimas victimas até á morte do barbaro forão accusadas mais 20 pessoas e todas forão sacrificadas: a umas tiraram-se-lhes as entranhas em vida e outras forão envenenadas com a casca de uma arvore a que o gentio chama *incassa*.

Todas estas barbaridades forão commettidas em 40 dias!

J. A. Pinto Guimarães (Rio Zaire).

SETEMBRO—15.

Jogos Circenses.—Celebravão-se hoje na antiga Roma os jogos circenses.

Duravão cinco dias nos quaes se fazião grandes jogos. Erão no circo e consistião em combates, ou antes brigas, dos condemnados á morte com feras; em corridas de carros; em saltos de parte alta para logar baixo, e vice-versa; em pulos de dentro ou para dentro dos carros na sua carreira, e para cima ou de cima de cavallos a toda a brida; em lanças ou frechas atiradas ao alvo; em corridas de elegantes e ricos cavallos; em carreiras de homens de pé; e em combates de galeras no mesmo circo, abrindo-se dos lados grandes torneiras e enchendo-se portanto a arena de um mar em poucos minutos. Erão em honra de Neptuno. Julgão alguns que já do tempo de Romulo se instituiram.

A PASTORINHA.

Pastorinha, tu que fazes
Cá tão longe do logar
Todo um dia, em quanto trazes
No monte o gado a pastar?
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sósinha?

Fecha-te o mundo esta selva,
Nem d'elle os sons aqui vem,
E tu sentada na relva
Tantas horas sem ninguem!
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sósinha?

Na roca tens companheira,
Mas n'estes dias que são,
Se bem fias, fiandeira,
Vai-se a estriga, ou cança a mão!
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sósinha?

Malmequeres desfolhados
Tens no regaço e aos pés;
São já folhas de cuidados,
Ou desejos que mal vês?
Dize, é n'isto, pastorinha,
Que lidas por cá sósinha?

Se tu conversas co' as flores,
Se scismas, a olhar sem vêr,
Pastora, sonhas pastores,
Amando sem o saber;
Dize, dize, pastorinha,
Tu lidas n'isto sósinha?

Ai! pastora, tu córaste,
E vejo no teu rubor
Que se o teu gado guardaste,
Não te guardaste d'amor;
Guarde-te Deus, pastorinha,
Não andes assim sósinha.

João de Lemos.

Penedo amarello.—Na margem esquerda do Douro, mesmo em frente de Miranda, vê-se lançado quasi a prumo sobre o rio um elevado rochedo de *granito* (e não basalto), alli conhecido por aquelle nome, rochedo d'um amarello bastante vivo, o que muito concorre para demorar a attenção do observador na contemplação de tão pittoresco sitio. E' devida aquella côr a uma especie de musgo, que o cobre na maior parte da sua escabrosa superficie, e não, como se tem dito, a uma mina d'enxofre que se acha proxima.

Manoel Paulo de Souza Gentil (Miranda do Douro).

Guttemberg propalando os seus louvores.—Admiravel é a invenção da typographia!... A rapidez e facilidade com que, por aquelle meio, se vêem multiplicar por milhões as nossas palavras e idéas, é de espantar!... Sirva de exemplo o caso seguinte, em que parece que o proprio pai da arte typographica se achava egoisticamente empenhado.

N'uma das noutes dos festejos pelo régio consorcio, determinou o meu amigo Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da Imprensa da Universidade, celebrar o casamento d'El-Rei, de um modo digno da classe a que presidia. Alindaram-se as officinas para serem visitadas á noute; decoraram-se as paredes para os retratos dos augustos conjuges; circumdaram-se de flores, de luzes e de sedas; derão-se outros logares a differentes retratos da familia real, a alguns dos artistas célebres, e um de escolha foi concedido a Guttemberg. O meu amigo Olympio pedio-me que compozesse uns versos para pôr debaixo do retrato do inventor da typographia, como tributo ao genio d'aquelle templo: improvisei então os seguintes, que se lião em letras grandes no fundo do retrato:

Na noute das artes, das letras na infancia,
Surgio Guttemberg, cercado de luz;
Dissipão-se as trevas da negra ignorancia,
E o sol da sciencia no mundo reluz!...

No alcaçar das letras, cercado de gloria,
Occupa dos genios o solio immortal;
Sciencias e artes bradaram victoria
Ao verem da imprensa a invenção divinal!

Os artistas, desejosos de iniciarem os visitantes nos mysterios da sua arte sublime, compozerão estes versos em lindo typo, e logo alli mesmo se fez à tiragem.

Cousa admiravel!.. Ao redór do prelo, que, cingido de flores, gemia ao movimento d'este prasenteiro trabalho, accumularam-se aos centos os visitantes, e de seis mil pessoas de todas as classes que n'aquella noute, attrahidos pelo vistoso da illuminação e pelos encantos da musica, affluiram a ver a festa da imprensa, não houve nem uma só que não levasse a sua poesiasinha, a modo dos registos que os devotos costumão levar de cada romagem!... O caso é que o prelo, que só por ostentação promettia trabalhar, trabalhou outo horas successivas, tendo de revezar-se os impressores, em rasão do cansaço e da impressão do prazer!...

Coimbra ao outro dia estava atulhada de exemplares d'aquelles humildes versos, e os jornaes da cidade, ao relatarem a festa, os transcreveram: alguns d'outras localidades os copiaram depois tambem; dir-se-hia que erão protegidos pelo proprio Guttemberg.

Se V. se dignar acolher estas linhas no seu mui *lido* e estimado Almanach, será então incalculavel o numero de pessoas a cujas mãos irão ter!... Quasi que darão a volta do mundo.

Mal sabião os pobres versos, ao sahirem-me da penna, a sorte brilhante que lhes destinava aquelle a quem erão dedicados!!.. *Antonio Manoel da Cunha Bellem* (Mangualde).

SETEMBRO—18.

LOGOGRIPHO V.

E' ella, é ella,—3.ª e 1.ª Mas vem sem juiso!—2.ª e 1ª		Amoroso canto Solta a innocente.	—4.ª e 1.ª
E eu n'este estado De fato preciso.	—4.ª e 2.ª	Precedendo um—a Vai seguidamente.	—3.ª e 2.ª

Quem quizer adivinhar
Um artista hade buscar.

Francisco Antonio Carneiro de Magalhães (Moncorvo).

A LUCINDA....

Emfim desponta o luminoso dia,
Que vai rasgar-me da ventura os véus;
Vou vêr a patria que deixei ha tanto,
Filha gentil do Guanabára, adeus!...

Eu amo, virgem, teu paiz formoso,
Que Deus ornára com bellezas mil,
Em que gorgeia o sabiá cadente,
Onde esvoaça o beija-flôr gentil.

Amo os agrestes, silenciosos bosques,
Que o tigre acorda com rugir feroz,
E onde em noutes de magia infinda
Se deixa ouvir do Curupíra a voz.

E vou deixar este encantado sólo,
E o seio abrir do procelloso mar;
Vou vêr de novo minha mãi querida,
Na casta fronte minha irmã beijar.

Adeus, Lucinda, tua bella imagem
Sempre hade n'este coração viver;
Embora eu parta! Nunca a ausencia mata
Amor que fez um teu sorrir nascer.

Adeus! talvez que nunca mais te eu veja!
Porém o fogo dos olhares teus
Em chamma eterna abrazará meu peito,
Filha gentil do Guanabára, adeus!...

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro (Coimbra).

Peso do saber.—Consiste (diz o nosso classico Luiz ...res de Lima) em falar a tempo, responder attento e ca... com tento.

Procissão de Passos em Ponte da Barc



—Apoz o guião vai uma fila de crianças vestidas de branco; segue-se depois um penitente grande de costas para ellas, vestido tambem de branco, chale escarlate, e lenço na cabeça atado com uma fita; um penitente pequeno lhe vai segurando a saia. O grande leva uma espada na bôca e mais duas, uma em cada mão, as quaes vai esgrimindo, uma para diante e outra para traz. Segue-o outro com o mesmo apparato marchando para diante, depois outro que vai recuando, e assim grande porção d'elles; os que levão porém caudatario são os que andão como o caranguejo. Segue-se Abrahão vestido á turca, Sansão trajado esquesitamente e com as portas de Gaza ás costas; depois muitos anjos vestidos de côres alegres e vistosas; no meio d'elles Judith com a cabeça de Holophernes; depois o andor do Senhor dos Passos e atraz as tres Marias, S. João Baptista de corôa na cabeça, e a Veronica com toucado de plumas—todos ricamente vestidos. Segue-se depois um pastor pequeno com um carneiro vivo aos hombros, e os quatro Evangelistas com os nomes nas costas, e escrevendo em livros grandes que levão. Atraz d'elles vai a guarda romana com o centurião e fecha o prestito a musica da terra.

Obscura Portuense.

Côr do medo. — Perguntando El-Rei D. Sebastião ao duque d'Alva, que lhe aconselhava não fosse a Africa, de que côr era o medo, *da côr da prudencia,* lhe respondeu o nobre fidalgo.

Accumulação de titulos. — No numero das pessoas que têem possuido mais titulos não deve ficar no esquécimento o nosso Visconde de Santarem, ha pouco fallecido. São extrahidos os seguintes de um passaporte datado de 29 de Fevereiro de 1832. Eil'os: «Manoel Francisco de Barros e Souza de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, Visconde de Santarem, do Conselho de Estado de S. Magestade Fidellissima, Official Mór da Sua Real Casa, Grão Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Grão Cruz da Real e distincta Ordem Hespanhola de Carlos III e da Real Ordem Americana d'Isabel a Catholica, Commendador da Ordem de S. Thiago na villa de Setubal e da Ordem da Torre e [illegible], Cavalleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, Alcaide Mór das [illegible] de Santarem, Gollegã e Almeirim, Donatario de Pontevel, Ereira [illegible] Guarda Mór do Real Archivo da Torre do Tombo, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, Inspector Geral dos Correios e Postas do Reino, etc.

E o mais é que podia com tudo, apesar de ser tão pequenino! (Physicamente, entendamo-nos.)

F. Liborio F. (Pará)

Andorinhas-correios. — O artigo com esta epigraphe a pag. 186 do precedente Almanach suscitou-me a idéa de escrever algumas linhas sobre o mesmo objecto.

Houve aqui, no principio d'este seculo, um individuo que se divertio em agarrar uma andorinha, á qual metteu debaixo da aza um papel com a seguinte quadra:

Quem pergunta	Esta andorinha
Quer saber:	Onde vai ter?

No anno seguinte entrou-lhe em casa a mesma andorinha com a resposta: «Á Ilha da Madeira, a casa d'um picheleiro.»

Francisco José da Costa e Sá (Val-de-Telhas).

PRANTO DE VIRGEM.

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras d'infantil desgosto
Tornão mais bello o cristallino pranto.

Oh! n'essa idade de paixão lasciva,
Como o prazer é o chorar preciso,
Mas breve passa, qual a chuva estiva,
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,
É sempre bello quando a virgem chora;
Semelha rosa pudibunda e bella,
Rosa banhada do orvalhar da aurora.

Da noute o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
E a mesma gotta, transparente e pura,
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas — venturoso amante!
Cioso aspira o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
Serei o sol e tu serás a rosa....
Chora, meu anjo, beberei teu pranto!

Casimiro de Abreu (Brasileiro.)

Remedio para salivação. — Pôr na bôca uma ou duas sementes de cardamomo.

SETEMBRO—23.

Sabiá.—E' a ave mais meliodosa de nossas mattas, do tamanho d'um pombo, pés vermelhos, olhos tambem vermelhos e redondos, plumagem rôxa. Quando solta o delicado e saudoso canto, pousado sobre o galho d'uma arvore, dissera-se que lugubres idéas o acommettem, pois fixa a abobada celeste como o desgraçado que implora o auxilio do céu. O sabiá é por excellencia o terno cantor dos bosques; nenhum outro imita o seu doce e melancholico trinar. Quando ouço cantar a poetica ave, o coração se me aperta d'uma vaga saudade; admiro a omnipotencia de Deus, e julgo ouvir um hymno harmonioso que em nome do homem eleva a avesinha ao throno do Eterno.

Vicente F. de Castro (Silveiras, S. Paulo).

SETEMBRO—24.

Casar é morrer.—Em muitas fréguezias ruraes de Traz-os-Montes existe desde tempos immemoriaes a costumeira de tocar a finados quando alguem casa. Até muitas vezes acontece que estando ainda na igreja os noivos a pronunciar a formula sacramental, que para sempre os liga, oução repentinamente o lugubre tanger do bronze a annunciar-lhes que morreram. Que desagradavel impressão deve ser esta no melhor dia da vida! n'aquelle em que, por assim dizer, ha mais vida!!...

Francisco José da Costa e Sá (Val-de-Telhas).

O TEU SORRISO

A M***

Tens no sorriso gracioso
Certa malicia innocente,
Que me deixa duvidoso,
Entre o pezar e a delicia,
Sobre se a innocencia mente,
Sobre se mente a malicia.

Jorge Guilherme Lobato Pires.

S. Bartholomeu da ponte de Cabez.— Existe na margem direita do rio Tamega, junto á ponte de Cabez, uma antiga capella com a invocação de S. Bartholomeu; e fronteira a ella, na margem esquerda do mesmo rio, uma fonte de agua sulfurea, que (segundo a tradição e alguns vestigios que alli se encontrão) já alimentou poços que serviram de banhos publicos. No meio d'isto está a soberba ponte de Cabez, com um grande marco de pedra no centro, em que (segundo um distico inscripto no mesmo) se achão fixadas as raias das duas provincias do norte.

Apesar de não haver na dita capella funcção alguma religiosa, nem mesmo espectaculos profanos, que convidem o povo a ir alli, é certo que todos os annos, no dia 23 de Agosto e desde pela manhã, se começa a ver caminhando para lá um concurso de romeiros tal, que por volta do meio dia, pouco mais ou menos, está formado um arraial bastante populoso, e provido de tudo o que costuma haver nas grandes romarias, como talhos, casas de pasto, doceiras, tendeiros, etc.

Offerece regularmente esta romaria tres espectaculos todos burlescos, que de tempos antigos a têem tornado notavel e famigerada. O primeiro é a gritaria infernal e tregeitos mais ou menos graciosos, que logo ao avistar a capella faz grande numero de mulheres, que se dizem endiabradas, e affectadas de espiritos malignos!... É curiosissimo ver como estas Megeras, gritando e esperneando sempre, são arrastadas a seu despeito até o altar do santo, onde, depois de muito gritar e muito saltar, fingem vomitos violentos, que (segundo ellas) são o signal certo da despedida do espirito que as traz inquietas!... Concluido este passo, segue-se a romaria ao santo em volta da capella, e tambem não costumão faltar ahi impostores, que a troco de orações lá vão agenciando algumas corôas de prata!... É pena verem-se figurar muitas vezes n'este bando infernal algumas Dryades encantadoras, a quem Cupido suggere esta maldita lembrança para se vin-

ar das affrontas de alguns pais, que não cessão de levantar muros e oppôr escudos contra as suas frechas venenosas!...

O segundo espectaculo é a emulação brutal que alli se manifesta entre as provincias do Minho e Traz-os-Montes. Logo no dia 23 á tarde principião as altercações sobre qual das duas terá a preeminencia; e muitas vezes ha já de tarde cabeças ou braços quebrados: á noute é cousa certa. A ponte, que de dia faz parte do terreno do arraial, fica despovoada depois do sol posto. Tomão-se posições de um e outro lado. Começão grandes altercações de lingua, gritos de—*viva o Minho*—*viva Traz-os-Montes*—*Andai ao santo,* de um lado,—*Andai á fonte,* do outro, etc. etc. Sôa um vivissimo tiroteio de parte a parte, que muitas vezes dura toda a noute, e annos ha em que os bandos se aproximão até ao meio da ponte, onde se desenfadão a jogar páulada, facada, pedrada, etc., sendo o resultado de tudo muitos ferimentos, mais ou menos graves, e até mortes!...

O terceiro espectaculo vem a ser a fé supersticiosa que os romeiros têem com a agua da fonte acima dita, a qual (segundo a crença) sendo colhida no dia 24, antes de lhe dar o sol, é antidoto contra todas as molestias não realisadas, e remedio efficaz para todas as realisadas! E por isso no dia 24 logo de madrugada (hora em que d'ordinario costumão acalmar as manobras dos valentões) começa a affluir gente de todos os cantos do arraial, a encher na fonte garrafas e cabaças para levarem comsigo, e outros a lavarem creanças affectadas de alguma molestia, sendo parte essencial d'este acto o lançar pelo rio abaixo a camisa do enfermo, que por muitos é esperada.

Por volta do meio dia, pouco mais ou menos, despovôa-se a romaria; e lá se partem as endemoninhadas, jactando-se das emphaticas scenas caricatas que alli representaram, e os valentões apregoando os seus triumphos, ou protestando desforras grandes para o anno seguinte, desforras que nunca se esquecem de procurar.

M. A. Magalhães e Almeida (Cerva).

Tartaruga economica.—Ha um meio facil de a obter: toma-se uma chapa de vidro do tamanho que se quizer, e depois de muito bem polida, colloca-se sobre uma superficie plana e pulverisada de pêz preto (breu) e pó louro, porém pouco do louro; péga-se depois n'um ferro préviamente aquécido ao fogo, e que póde ser do feitio d'um formão, com a haste ou espigão, que encrava no cabo em fórma de curva; á falta d'elle póde tambem servir um ferro de engommar; com um ou com outro se faz derreter o breu em cima do vidro, dão-se-lhe diversos ondeados, e com a ponta do ferro se abrem os veios claros que apresenta a tartaruga, o que se consegue desviando a massa nas differentes partes do vidro. Cobre-se depois toda a superficie com papel côr de canario (isto pelo lado da massa), e assim se obtem uma tartaruga barata, que se póde applicar para paineis em logar das molduras de madeira polida, que lhe são muito inferiorès.

Sahe mais ou menos escura esta tartaruga artificial conforme se derrete sobre o vidro maior ou menor quantidade de breu e mais ou menos se espalha. Assim se obtem tartaruga embellezada á vontade e que não custa o exorbitante preço por que ella corre no commercio.

N. B. E' conveniente untar ligeiramente o vidro com azeite antes da operação. E conveniente fôra tambem que alguem confirmasse a efficacia da receita.

Manoel Joaquim Ramos (Olhão).

SETEMBRO—27.

ENIGMA XVI.

Foi meu pai quem me formou;	Minha mãi hade nascer
Eu formei minha mulher;	D'entre os filhos que eu tiver.

Antonio Ludovico Guimarães (Villa Real).

Era bom mas acabou-se.—N'um jornal de caricaturas publicado em Nova York appareceu uma bastante chistosa, ácerca da nova corrente electrica submarina entre o antigo e o novo mundo. Vê-se n'um hemispherio a Rainha Victoria escrevendo uma carta ao Presidente dos Estados-Unidos e n'outro o Presidente Buchanan respondendo áquella Soberana. Diz a Rainha d'Inglaterra:

«Meu querido senhor, as nossas relações vão agora estreitar-se.»

Responde-lhe o Presidente:

«Pelo contrario, minha querida senhora, agora é que ellas estão por um fio.»

Onde vai elle?

CHARADA XXIII.

O author da charada,
Que a julga sem luz,
E o *Pomo* de Páris
No todo introduz, (*a*)
De Christo a commenda,
Que é premio de trus,
Quer dar generoso
A quem lh'a traduz;

Mas eu, que ao vertel'a
Esforço não puz,
Aqui lhe offereço
A que ora compuz.
Sou grato, e sou franco,
O premio seduz:
Acceito a commenda (*b*)
E dou-lhe a grã-cruz.

Por cima d'*agua* vou alta — 2
Rasteira na *terra* sou: — 2
No *ar* derramo grato aroma,
Fogo a essencia me apurou.
Esta, sim, é que é charada
Difficil e complicada.

J. A. de A. (Alter do Chão)

(*a*) Não introduzio tal.
(*b*) Não tem jus a ella.

Napoleão e o granadeiro. — De todos é sabido que perdeu Napoleão a batalha de Leipsic. Passando revista, alguns annos mais tarde ás suas tropas, vió um granadeiro com a cara coberta de cicatrizes, e como estivesse n'esse dia aborrido, perguntou-lhe:



— *Em que taverna te poserão a cara n'esse estado, pedaço de bebado.*

— Na de Leipsic, senhor; onde V. M. pagou o vinho.

F. J. Vieira Mendes Junior.

Nascido vestido. — Dizia um idiota, que aqui tivemos em Lisboa, e de quem ainda hoje se contão mil parvoices: *«Eu cá deito-me todos as noutes como nasci — de camisa, ceroulas e meias».*

Tuyuyu. — E' uma ave de rapina do Brasil, havida na conta de rainha das aves em razão de sua grandeza. Os maiores tutyuyùs têem de um metro a metro e meio de altura. Far-se-ha idéa d'elles sabendo-se que os indigenas d'esta provincia costumão fazer borrachas dos papos, que podem levar dous a tres litros de aguardente. Habita nos grandes campos da Ilha de Joanes, n'esta provincia do Pará' e sustenta-se de mariscos.

Vive só com sua companheira e escolhe para ninho a cavidade de alguma arvore. E' todo branco, excepto no ventre e peito, onde é um tanto avermelhado.

J. J. R. Novaes (Pará).

Não se póde ser velho.—Entre mil extrava-



gancias que as gérações transactas nos legaram, existem aqui algumas, bem esquisitas e dignas de menção: é d'este numero a *Serração da velha*, que se effectua no vigesimo segundo ou terceiro dia da quaresma. Reune-se pela manhã toda a rapaziada, munida de grandes chocas, chocalhos e campainhas, e percorre as ruas da villa em procura da velhice. Chegados que são á habitação de alguem que conte um bom par de Janeiros, ahi começão a serrar o descuidado e pacifico anachoreta (não se assustem os idosos, nem lamentem a sorte dos seus collegas da janeirada, porque a cousa não é a valer) com uma infernal orchestra composta d'aquelles harmoniosos instrumentos, até que faltando a paciencia ao serrado, recorra ás armas!... Agora o vereis.... Trabalhão bordões, servem pinceis molhados em cal, não se poupa agua a ferver, em summa, emprega o misero condemnado ao chocalho todos os meios que imagina para destroçar a terrivel pha-

lange; mas qual carapuça?!! Os endiabrados atormentadores da velhice, pertinazes por natureza, repellem valorosamente todo e qualquer revez, e só deixão a victima depois de a haverem estafado e de lhe terem feito os miolos em agua: conseguido isto eil'os ahi vão procurar novo padecente.

Dura isto todo o dia e parte da noute; imaginem que dia de juizo não será este n'uma terra pequena! Muitos velhos ha (e velhas porque a cousa tambem é com ellas) que temendo este inferno, se retirão para as fazendas visinhas, onde ainda assim raras vezes escapão. Não andão em tudo isto reminiscencias das saturnaes? (*A*.55 *pag*.171, *A*.58 *pag*.376).

Verissimo Ferreira Chaves Junior (Mouta).

OUTUBRO—1.

Angola.—Vastissima possessão portugueza na costa occidental d'Africa, comprehendida na zona torrida.

O seu solo é, como o de quasi toda esta parte do mundo d'uma pasmosa força de vegetação. Doentio o seu clima pela maior parte, não deixa, comtudo, de conter em si pontos d'uma salubridade reconhecida e experimentada. O desprezo em que até ha pouco tem permanecido o seu amanho, por isso que toda a attenção se achava voltada para a escravatura, vão presentemente cedendo logar com vantagem ao cuidado pelos trabalhos agricolas.

A cabeça de tão agigantado corpo é a cidade de S. Paulo d'Assumpção de Loanda. Um activo commercio com a mãi-patria e com o estrangeiro a tornão rica e importante.

Mossamedes, *S. Filippe de Benguella*, *Golungo-alto e Ambriz* são as capitáes d'outros districtos administrativos que todos entre si disputão a primazia em riqueza e importancia.

Minas de ouro, prata, cobre, carvão de pedra, sal e enxofre, hão sido alli descobertas, mas inexploradas, á excepção de uma de cobre, no *Bembe*, concelho de D. Pedro v, d'onde se tem colhido bom resultado.

Eduardo A. P. de Balsemão e Sá Nogueira (Loanda).

Guerra ás moscas. — É bem conhecido aquelle epigramma de Vibio Prisco, ao perguntarem-lhe se o Imperador Domiciano estava só? «*E tanto que nem uma só mosca o acompanha.*» Epigramma foi que lhe custou a vida!

O Imperador, a quem Juvenal chamou *Calvus Nero*, declarara guerra a todo o fôlgo vivo, inclusivamente ás moscas; divertia-se em as espetar com um furador agudissimo.

De então para cá, o que se não tem posto em pratica para dar cabo do aborrecido insecto, da *musca importuna* dos naturalistas?! E bem importunas que ellas havião de ser para Domiciano, calvo como era!

A melhor de todas as receitas é a que sabem as aranhas, suas inimigas implacaveis. Mas vão lá crear aranhas, para exterminar as moscas, como se crião os gatos para os ratos!

Costumão algumas pessoas pôr-lhes pratos d'agua com assucar, agua envenenada, rosalgar, arsenico, ou oxido de cobalto; mas este meio, ainda que destróe muitas, attrahe á gulosina muitas mais.

Vendem-se tambem uns papeis *mata-moscas*, que n'estes ultimos annos se têem generalisado bastante em Portugal. Como forão passados por preparações arsenicaes, são perigosos. Uns e outros processos têem o inconveniente de não matarem logo o animal, que vai cahir muitas vezes envenenado nos alimentos, o que é pelo menos repugnante.

De outro meio se usa na Belgica e por todo o norte da França. Põem-se a prumo duas taboinhas delgadas, ligadas em baixo por uma tira de couro ou pergaminho, como a costilha d'um livro; as superficies interiores são barradas de mel desfeito em agua; em poucos instantes está cheio de um enxame de moscas aquella machina infernal em miniatura; apertão-se de subito as duas taboinhas uma contra a outra, como quem fecha de repente um livro, e matão-se centenares d'ellas. É claro que a operação se póde repetir quantas vezes se queira.

Em quanto ás moscas communs, e outros insectos semélhantes que atormentão o gado nos curraes, o processo para as espantar é facillimo. Fechão-se bem todas as fisgas e frestas por onde possa entrar luz no curral, de maneira que a escuridão seja completa; ao cabo de um quarto d'hora, abre-se até meio o postigo de uma fresta do lado d'onde a luz é mais intensa: se por esta abertura entrar uma réstea de sol, tanto melhor. As moscas tomão a direcção do raio luminoso, e em poucos momentos não se encontra nem meia em todo o curral.

Ha quem embirre menos com uma mosca viva do que com uma *mosquinha* morta (*A*. 52 *p*. 290).

OUTUBRO—3.

Fumo de charuto.—Poucas pessoas calculão os damnos que causa á saude, e até á vida, o fumo dos charutos e cigarros n'um quarto sem ventilação. Os que têem o detestavel costume de fumar depois de deitados, e já com as janellas fechadas, andão macilentos e têem habitualmente incommodos pesadêlos.

Fôra um rapaz de 17 annos, das visinhanças de Pariz, visitar um tio, caseiro de uma quinta, onde tinha por quarto um casebre estreito e pouco arejado. Deitou-se o sobrinho ás 8 horas da noute e adormeceu profundamente. Pouco depois entrou o tio com dous companheiros e pozerão-se os tres a fumar até á meia noute, ficando o ar impregnado de fumo. Retiraram-se os dous, e o caseiro foi deitar-se. Ao entrar na cama achou frio o corpo do sobrinho. Grita, acode gente, e durante quatro horas se fazem os maiores esforços para reanimar o moribundo. Chega emfim o medico; por suas diligencias o doente sahe do lethargo; mas poucas horas depois terminava uma congestão cerebral a existencia ao pobre moço!

Ponhão os olhos n'este exemplo os incautos que adormecem respirando o fumo.

João Manoel Gerebytiva (S. Paulo, Brasil).

Milagre d'improviso.—N'uma das visitas que Frederico II, Rei da Prussia, fez incognito aos seus soldados, encontrou um que parecia ter bebido menos mal. Chega-se a elle com bastante familiaridade, e em conversa lhe pergunta como com tão pequeno soldo ainda lhe restava para a pinga? «Acredite-me, camarada, acrescentou o Monarcha, eu tenho o mesmo pret que vossê, e por mais que poupe, nunca me sobeja para gastar na taverna; não me dirá como é que vossê arranja isso?»
—O que vossê me parece é um grande patusco, respondeu o soldado, apertando-lhe cordealmente a mão; eu cá sou assim; pão pão, queijo queijo; ora ouça; hoje, por exemplo, fui jantar com um camarada velho; que diacho! pois isto era lá vida que chegasse a netos, se um homem não podesse de vez em quando ter o seu régabofe?! Ora como o soldo se vai todo em miudezas, e não chega para pandegas, recorri hoje a certa manobra com que me dou bem ha muitos annos.

«Desembuche, eu cá sou de segredo, disse o Rei.—Se faz tanto gosto...—respondeu o soldado—eu lhe ensino: empenho algumas cousitas que me não fação falta por uns dias, e depois, põe a gente a sella na barriga por outros tantos, e torna a desempenhal'as. Esta manhã mandei destacada a folha do meu sabre; já sei que não teremos revista esta semana e posso passar sem ella.

Frederico tomou-o d'olho, e depois de lhe agradecer, despedio-se.

No dia seguinte deu ordem ás suas tropas, sem ninguem o esperar, para uma parada. O Monarcha passou a revista e encontrou o seu camarada da vespera. Manda-lhe dar quatro passos em frente, com a fila da rectaguarda. Depois volta-se para o tal amigo, que n'estas alturas já se ia atordoando, e brada-lhe: desembainha o teu sabre, dá meia volta á direita, e corta a cabeça áquelle maroto que alli está. O soldado quer-se desculpar, supplica a El-Rei que o mande gemer em ferros toda a sua vida, mas que o não obrigue a matar um homem de bem, com quem serve ha quinze annos. O Rei a nada se move.

Pois bem, senhor! diz o soldado, já que V. M. a tanto me obriga, vou pedir a Deus um milagre. Permitta elle que a folha d'este sabre se converta em páu!

E ao dizer isto, arranca do sabre. Admirou o Monarcha o sangue frio do maganão e perdoou-lhe.

OUTUBRO—5.

PARABOLA DA MINHA VIDA.

Em jardim me vi formoso,
Tão alegre, tão mimoso,
Que outro nunca vi assim;
Longas ruas espaçosas,
Flores mil, todas viçosas,
Julguei ver n'este jardim.

Veio o sol: esclareceu
Pouco a pouco terra e céu;
Ruas que vira vistosas,
Vi tristonhas, apertadas;
Murchas, sêccas, desfolhadas,
Vi as flores mais formosas.

Só medravão lá martyrios,
Chagas vivas, rôxos lirios,
Os suspiros, ais singelos,
Tristes lagrimas pendidas,
As saudades denegridas,
Malmequeres amarellos.

Quasi estava já no fim
Do symbolico jardim,
Eis me falta arrimo e luz!...
Em terra cahi prostrada!
De saudades rodeada,
Abracei funérea cruz.

D. Maria Peregrina de Sousa (Porto).

Balão assassino.—Lê-se na vida de M.me Acaria (do tempo de Henrique IV) que fôra morto um dos seus lacaios por uma singular casualidade. Achava-se na igreja em meio de um grande concurso, ao lado de uma senhora, cujo vestido de seda era tufado por enorme donaire. Houve apertão, e o ferro do donaire da senhora, atravessando a seda do vestido e o fato do creado, entrou-lhe por uma ilharga, e fez-lhe uma ferida mortal. Esta tragedia, occasionada pelas crinolinas d'aquelle tempo, deu que falar á côrte e á cidade.

V. D. (Algures)

A DOUDA D'ALBANO.

I.

— «Anda cá, meu filho, escuta:
«És amigo de tua mãi?—»
— «O' minha mãi que pergunta!
— «Basta, meu Paulo, pois bem,
«Vai ver a velha Vicencia
«O amor que um filho lhe tem.

«Faz vinte annos...» (e dizendo
Tira do seio um punhal)
«Que teu pai morreu a golpes
«D'este ferro por meu mal,
«E que eu de vir a vingal'o
«Fiz uma jura fatal. —»

— «Uma jura, Mãi Santissima!
«Ó minha mãi, que jurou?!—»
«—Eu jurei por este sangue
«Que em ferrugem se tornou,
«Que tu, filho, matarias
«Esse que teu pai matou!

—«Matas?«—»Mato! aqui o juro!»
—«E matas seja quem fôr?
«Juro!»—«Inda que a vingança
«Te roube ao seio um amor?—»
«Inda assim»—«Toma este ferro!
«É Ricardo o matador!—»

—«Ricardo, o pai de Maria?!»
«Sim esse»—«Ó mãi! perdoai!»
—«Pela amante o pai esqueces?
«Filho ingrato! Parte, vai,
«Cumpre a jura, ou sê maldito
«Se tu não vingas teu pai!—»

II.

N'essa noute tinto o sangue,
Com os cabellos no ar,
O assassino de Ricardo
Foi aos pés da mãi lançar
O punhal com que jurara
Do pai a morte vingar.

Sorrio-se a velha, e contente
Abraçava o vingador,
Quando eis subito apparece,
Qual bella estatua de dor,
Junto do grupo chorando
D'Albano a candida flôr.

«Paulo, meu Paulo, vingança!
«Perdi meu pai; não o lês
«N'estas lagrimas sentidas
«Que aqui derramo a teus pés?
«Paulo, meu Paulo, vingança,
«Vinga-me tu, por quem és.

«Eu vi-o banhado em sangue,
«Assisti-lhe ao triste fim,
«Quiz falar-me e já não poude,
«Co' os olhos fitos em mim
«Expirou. Vingança eterna!
«Tu vingas-me, Paulo, sim?

—«Vingo, Maria, socega,
«Eu sei quem teu pai matou;
«Vai morrer co'o mesmo ferro,
«Que inda ha pouco o transpassou»
Isto disse, e a punhaladas
O proprio seio cravou.

III.

Foge a triste espavorida,
Deixa Albano, e sem parar,
Entra em Roma ao outro dia
Por toda a parte a gritar:
—«Quem me mata por piedade,
«Quem me vem tambem matar!»

Assim vagueia tres dias
Té que ao quarto endoudeceu!
E inda hoje o caminhante,
Quando passa o Colliseu,
Vê a pobre ás gargalhadas
Vingança pedindo ao céu.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

OUTUBRO — 7.

Relogio d'Antellas. —Em Lafões e logar d'Antellas ha um curioso que fez um relogio de sala (e trabalha em fazer outro), que álem de ter corda para mais de 8 dias, mostrador d'horas, minutos, e segundos, dá quartos e horas; tem de mais a mais a singular particularidade de que de noute, das 7 horas da tarde por diante até ás 7 da manhã, repete a cada quarto a hora proximamente dada, e de dia dá só quartos e horas sem repetição. E note-se que faz estas mudanças sem que seja preciso dar-lhe diariamente em registo algum.



José Antonio da Silva (Antellas).

OUTUBRO — 8.

Cabeça enfeitada. —Ha aqui em Lisboa uma senhora franceza, que á semelhança de todos os estrangeiros, mette sempre na conversa palavras da sua lingua. Déra ella de presente, no dia de seus annos, ao marido, um lindo copo de cristal com as iniciaes do seu nome entrelaçadas, e a que os francezes chamão *chiffres*. Mostrando-o a uma amiga, disse-lhe, apontando para as letras: «Isto são os *chifres* do meu marido.»

Tin-tiri-nó da Capinha.—Ha na fréguezia da



Capinha, concelho do Fundão, um costume antiquissimo; assim que principia o advento, ou dias antes, começão rapazes e velhos da fréguezia, logo á noute, a tocar os sinos por modo tal, que parece uma valsa, a que dão o nome de *Tin-tiri-nó*, valsa mais ou menos a compasso, segundo a maior ou menor porção de sumo da uva que ferve nos estomagos. Alli se conservão toda a noute, ainda que chovão pedras. Costumeira é esta que dura até ao natal, e que tem sido causa de muitas desordens, por quererem tocar todos ao mesmo tempo. Houve antigamente bastante desintelligencia entre os parochos e os fréguezes, por desejarem aquelles acabar com tal abuso, que impede de dormir, o que nunca poderam obter, apesar do auxilio da tropa e da justiça do concelho. Dizem uns que principiou a tal tocadilha para festejar o Menino

Deus, e outros que para celebrar o regresso a esta terra de certa personagem que se dizia ter morrido havia muito nas nossas conquistas do ultramar.

O Prior, *José Pires Nabaes.*

OUTUBRO — 10.

Jeroglifico latino. — Quem não tiver que fazer, que o adivinhe:

Putredo } *cur* { *tua mamama rarara est;* } *ttt* { *netur e-t-a, et*
ba } *bis?* { } *sss* {

frafrafra er-c-is } *ito* { *iiium pr-tor-e,* } *i*
} *interii,* { } *i-to-i.*

Para quem tiver que fazer, aqui está a explicação:

Putredo superba, cur superbis? tua mater terra est; subter te sternetur tinea, et frater cineris subitò interibis, iterum interpretor, subitò interibis.

Não valia a pena de scismar muito tempo para saber novidades d'estas.

OUTUBRO — 11.

Carneiro tricorne. — Este engraçado animal, de 2 annos d'idade, estatura pouco abaixo da regular, e côr negra, originado de carneiros vulgares, n'um rebanho do padre Elias Alves Pereira, de *Valle d'Avim*, concelho d'Anadia, por quem foi offertado ao Doutor Francisco de Mariz Coelho, d'Arcos, é em tudo como os outros carneiros, á excepção da parte trazeira, da qual nasce, no tôpo da espinha dorsal, um terceiro chifre, bastante grosso, voltado para baixo, que terá de comprido 2 decimetros. Este chifre é original pelo seu esquisito feitio; tem tres faces que lhe dão a tôsca fórma de triangulo curvilineo, sendo para notar que só a face superior é convexa, e as duas inferiores concavas.

Com este lanigero se divertio a natureza com muita graça!... Talvez nunca pozesse a outro animal um rabo-leva assim.

J. de Mello (Anadia).

Abelhas brasileiras e portuguezas. — Rectifiquemos um equivoco no artigo correspondente a 9 de Março do Almanach de 1857: diz-se alli que têem as abelhas uma tromba *ou* ferrão: não é assim; o que ellas têem é uma tromba na bôca com que extrahem o sucço das flores, e um ferrão na parte opposta, com que se defendem de seus inimigos.

Diz-se mais a folhas 100 do Almanach de 1858 que ha no Brasil um colmeal de 400 colmeias tratado apenas por sete pessoas. No nosso Portugal, apezar de se não tirarem as mesmas vantagens de tal industria, não precisa de braços esse tratamento, pois as abelhas que melhor prosperão são as que de tal modo estão sobre si que ninguem lhes póde chegar, o que provo pelos seguintes factos que bem póde qualquer d'esta cidade facilmente verificar.

Haverá trinta annos que no aquartelamento de cavallaria n.° 5, se introduzio um enxame de abelhas por um pequeno buraco, e foi alojar-se n'um vão que achou atraz do escudo d'armas que orna a frente do edificio; ora como este fique muito alto e as paredes sejam bastante grossas, e ha, por outro lado, á porta uma casa da guarda, com sentinella permanente dia e noute, ninguem as tem podido assaltar, como se costuma fazer n'outros logares. A carencia de *mão protectora e civilisadcra* é que me parece dever attribuir-se a duração e prosperidade d'aquella antiga colonia, que todos os annos envia para fóra uma, duas, e ás vezes tres colonias, que de ordinario vão morrer submettidas a *mais civilisado tratamento*. Se todas ellas achassem um albergue igual ao do seu tronco ascendente, a quantos milhões d'ellas não subiria o seu numero!

Ha na serra de *Monte-muro*, proximo a Evora, um rochedo com uma grande concavidade, que servio n'outro tempo d'asylo a raposas. Entrando por alli dentro em certa occasião um enxame de abelhas, ou porque lá não estivessem as raposas,

ou porque fugissem do ataque de tanta tropa armada, alli se estabeleceram, e nunca mais lá entrou nem raposa, nem pessôa alguma. Houve quem empregasse picaretas e outros instrumentos para arrombar o rochedo com o fim de ir *proteger e civilisar as abelhas*, porém nada conseguiram, d'onde resultou o ficarem produzindo do mesmo modo que o enxame do quartel a que acima me referi.

Estes e muitos outros exemplos bem provão serem as abelhas producção espontanea do nosso paiz. Se houvesse quem entendesse a maneira de bem as tratar, darião tanto interesse como no Brasil, e se as deixassem no seu estado silvestre, sem nunca lhes chegarem ao pé, serião tantas que ninguem poderia transitar sem um peneiro na cara.

José Augusto Vieira (Evora).

OUTUBRO — 16.

A Cotimboia ou Cobra-Cipó. — Esta cobra é celebre não só pela sua parecença com o junco de que toma o nome, como tambem pela tenacidade e modo por que persegue seus inimigos. Costuma fincar a cabeça no chão e levantar todo o corpo no ar, e n'esta posição faz as suas *esperas* ás victimas que lhe devem servir de sustento, e que enganadas com a sua apparencia de cipó, cahem na cilada. Se acontece passar-lhe perto alguma pessoa desprevenida, descarrega-lhe rijas chicotadas com a cauda, e a persegue a grande distancia, se a pessoa não tem com que se defender! O seu comprimento excede ás vezes a doze palmos, e o seu diametro não passa de 4 a 5 polegadas.

* * * (Pará).

CHARADA XXIV.

Sou de ferro 2 | Meu officio,
Sou do mar 2 | É gritar.

Luiz Emygdio Cardozo Guedes (Béja).

Pirárucú. — A pesca d'este peixe, originario das aguas do Amazonas, é hoje um dos maiores ramos de industria d'aquella provincia. Numerosos barcos, tripulados por grande quantidade de habitantes do sertão, se dedicão todos os annos a essa pesca, feita com arpões, e ás vezes com frechas. É peixe de escama, de côr escura, de 3 a 5 palmos de comprimento: em quanto fresco é insipido, porém depois de sêcco, tem gosto de bacalháu. É por isso que quasi todo é destinado á salga, e que depois de sêcco, vem a ser um importante ramo de commercio na provincia do Pará. Apezar de ter quando sêcco uma apparencia pouco agradavel, e até um cheiro repugnante, as tres quartas partes da população do Pará e Amazonas, fazem d'elle o seu principal sustento, e com quanto seja por isso trivial nas mêzas das classes pobres, tambem muitas vezes apparece nas dos ricos, principalmente quando falta a carne verde, o que regularmente acontece nos mezes de Agosto e Setembro. N'estas occasiões eleva-se o seu preço de 3:000 a 9:000 réis a arroba.

Calcula-se em mais de duzentas mil arrobas o consummo annual n'estas duas provincias, unicas no imperio que lhe dão extracção!

Se os habitantes de Borgo levantaram um monumento a Beukels pela sua idéa de salgar e seccar o arenque, igualmente o deverião fazer os paraenses ao inventor da salga do *Pirárucú*, seu principal sustento (*A*. 53. *pag*. 223. *A*. 55. *pag*. 341. *A*. 57. *pag*. 197. *A*. 58. *pag*. 216).

A lingua d'este peixe é de consistencia óssea, de côr amarella-alvadia, e depois de sêcca, serve para ralar qualquer objecto por ser cheia de pequenos picos. *B. Upton* (Pará).

CHARADA XXV.

Ando e desando.......... 2 | Ando e desando.......... 2

Ando e desando.

Juveniano da Costa Monteiro (Brasileiro).

Curiosidades vegetaes. — Antes de se lêr o seguinte extracto de uma carta que recebêmos, pedimos que se releia o que respondemos a pag. 21 do Almanach precedente a uma carta do mesmo senhor.

«Não é para agradecer-lhe o chamar-me mentiroso (*perdão, mas não chamei*) e mandar-me escrever para o *Almocreve das Petas* que pego na penna. É sim para dizer-lhe que se se lhe proporcionar occasião, tenha o incommodo de procurar o Ex.[mo] Sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, bem conhecido n'essa capital, para que lhe diga que taes são as figueiras de *S. Paio*, e com especialidade uma, pois são duas monstruosas. Calcula-se que o terreno que a sua rama cobre, levaria mais de um dia a lavrar com uma junta de bois. Tambem o Ill.[mo] Sr. Julião de S. Paio e Mello, deputado por este circulo, poderá dar-lhe alguma informação; e se ahi estivera o deputado o Ill.[mo] Sr. Manoel Guerra Tenreiro, poderia sustentar a minha asserção no que diz respeito á nogueira de *Carviçaes*: mas ahi está o prior de S. Miguel de Alfama; o Reverendo Henrique Daniel da Guerra, que é natural de *Carviçaes*, que tambem póde dizer a verdade. Eu não digo que o tronco tem 40 metros de diametro; mas que o tem o terreno que cobre a sua rama, apezar de já estar muito desbastada: já tem dado 60 alqueiqueires de nozes!

Em quanto ao castanheiro de *Urros*, eu e o conego Joaquim Ferreira Pontes, que foi deputado (e hoje fallecido), estivemos a admiral'o, e pedio aquelle Sr. Pontes ao dono que o não cortasse, pois era uma raridade.

Não obstante estas minhas explicações, não me despeço de lhe mandar documentos que comprovem a minha verdade; pois se não fossem cousas extraordinarias, não precisavão publicar-se para se admirarem.

E que dirá V. S.ª se eu lhe disser que o producto ordinario de um alqueire de semeadura de milho na *Villariça* é de 800 e mais? (*Direi que lá me parece muito*): se lhe disser

que houve nas canameiras d'aquelle sitio uma cana de linho canhamo, que muitos homens juntos não poderam arrancar? Pertencia esta ao Illmo Sr. Manoel Doutel de Figueiredo Sarmento, que mandou de proposito chamar á proxima fréguezia de *Cabeça Boa*, uma especie de Hercules que conseguio arranca'l'a, e a quem o Sr. Doutel deu 800 réis de premio! Dirá V. que isto são mentiras, mas póde saber a verdade por via do Sr. Doutel (que anda por esses sitios), tenente coronel de cavallaria: e mesmo o Sr. Julio Pimentel póde dizer alguma cousa.

Talvez V. diga que n'esta terra os alqueires são muito pequenos, como diz que o são tambem os metros. Pois não; os *alqueires são* de 4 quartas, oito meias, e cada meia 4 selamins. O metro tem cerca de 3 pés. Pela mesma razão tem por peta os 120 alqueires de bolota que ha dous annos deu o sobreiro do *Souto da Velha;* eu mesmo vi 28 sacos d'ella, mas como não acredita, eu lh'o provarei com authenticos documentos, logo que a occasião se me proporcione.

Manoel Antonio Fernandes Delgado (Felgar).

OUTUBRO—19.

CHARADA XXVI.

Não senhor, eu não permitto
As delongas de ninguem:
Despache, vamos a isso,
Senão, passe muito bem... 1

Estimulo do trabalho;
E que estimulo que eu sou!
Pois sem mim todo o trabalho,
Ou morreu, ou afrouxou.. 1

Quasi até sem me sentir,
Tudo em mim mudado tem:
Já não fujo da cerveja,
Já com bifes me dou bem.

Meu perjurio não castigues,
Ó meu Deus, em quem eu creio!
Pois de gente tão arteira
Eu confesso o meu receio.

João Herméto Coelho d'Amarante
(Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel).

Isto é amor e d'este amor se morre.

SONETO.

Vêr, e do que se vê, logo abrazado
Sentir o coração de um fogo ardente,
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai magoado;

Aquillo que não foi inda logrado,
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a côr mudar continuamente,
Ser feliz, e ser logo desgraçado;



Desejar tanto mais, quão mais se prive;
Calmar o ardor que pelas veias corre;
Já querer, já buscar qu'elle se active...

O que isto é — a todos nós occorre —
Isto é amor, e d'este amor se vive...
Isto é amor, e d'este amor se morre.

Francisco Moniz Barreto (Brasileiro, Bahia).

320

Edificios famosos.—A *Giralda* de Sevilha ter-
ina em uma estatua de bronze que representa a fé, e que
om o globo em que descança pesa 162 arrobas: a sua elevação
de 364 pés.



A famosa torre de porcelana em Nankim (*A.* 56 *p.* 208) tem nove andares, todos com janellas de grades e uma infinidade de vidros de côres; é tal a sua altura que para chegar ao cimo é preciso subir 884 degráus; tem no remat uma pinha de ouro macisso.

Pekim é rodeada de uma muralha de 50 covados d'alto (*A.* 51, 19 *de Novembro*), e de tal grossura que as sentinellas rondão a cavallo lá por cima.

A grande muralha que separa a China da Tartaria

A. 56, *p*. 171) estende-se por montanhas, valles e precipicios, em distancia de 420 léguas; tem 30 pés d'alto, e 20 de largo: foi construida ha mais de 2000 annos, e está perfeitamente conservada.

Entre as soberbas pontes da China se extrema a de Saífrani, de um só arco: tem 400 covados de comprimento, 500 de altura, e une duas montanhas.

Admira-se na capital de Sião a famosa pyramide de Choé Madú, que tem em sua cúspide um sombreiro, ou guarda sol, de 50 pés de circumferencia, com columnas douradas.

Perto de Segovia está o grande aqueducto de Trajano sustido por 159 arcos.

Em Mérida (*A*. 53, *p*. 363) se admira a soberba ponte de 50 arcos e de mil varas de comprido.

A Cathedral de Cordova (*A*. 58, *p*. 209), que antigamente servio de mesquita, deu principio em tempo de Abderam I: tem 620 pés de comprido e 440 de largo; consta de 29 naves no seu comprimento e de 19 em sua largura, sustidas por mais de 400 columnas de varios marmores e jaspes, e tem 17 portas.

Em Medina da Arabia está o afamado sepulchro de Mafoma, collocado em uma soberba mesquita, sustida por 400 columnas e illuminada por 300 lampadas (*A*. 52 *p*. 52). Em Meka (*A*. 57 *p*. 189), patria do mesmo, ha outra mesquita riquissima, cujo tecto é feito em parte de laminas d'ouro; tem 100 portas de madeiras finas, e guarnecidas de delicadas tapeçarias (*A*. 52 *p*. 269).

O Pharol (*A*. 52, *p*. 74) de Cordouan, em França, está situado na pequena ilha d'este nome, no alto d'uma torre da mais elegante e formosa architectura: é de forma circular, e compõe-se de quatro partes exteriormente ornadas de columnas das quatro ordens, dórica, jonica, corynthia e composta; a sua altura é de 200 pés.

O Pharol de Eddistone, fronteiro ao porto de Plymouth, é tido na conta de uma das maiores maravilhas da Inglaterra, não só pela difficuldade de sua construcção quasi no meio das

ondas, mas por sua solidez, que lhe permitte resistir ao violento impulso com que estas se arremeção á torre, salvando-a ás vezes por cima de toda a sua elevação, que é de mais de 100 pés.

A torre da Cathedral de Pisa assombra, não só por sua altura de 188 pés e por constar de sete ordens de columnas, mas tambem por sua inclinação de 13 a 15 pés.

Em Bolonha ha duas torres chamadas de *Arinelli* e de *Garisendi*. Diz-se que a primeira foi construida em 1109 ou em 1119, e a outra annos depois. A altura d'aquella é de 307 pés sem contar a cupula; está inclinada 3 pés e meio e sobe-se a ella por 500 degráus. A torre de *Garisendi* só tem 144 pés de altura, porém é de outo pés e duas polegadas a sua inclinação, e parece incrivel que assim possa sustentar-se.

A Cathedral de Salisbury é notavel pelo seu campanario, o mais alto de Inglaterra, e por ter tantas portas quantos mezes tem o anno, tantas janellas quantos dias, tantos pilares quantas horas.

A Cathedral de Santo André, na Escocia, passa pela maior da christandade, pois tem (segundo o Abbade Espilly) mais 7 pés de comprido e 2 de largo que a de S. Pedro em Roma, isto é, 847 pés de comprido e 727 de largo (*A*. 59 *p*. 304).

É tambem edificio muito notavel o palacio da camara municipal de Bruxellas cuja estampa apresentamos a pag. 321.

João Christiano de Korth (Angra do Heroismo).

OUTUBRO—19.

ENIGMA XVII.

Em quanto o mundo fôr mundo
Durará minha existencia;
Tomo parte na clemencia
Que a Deus pede o moribundo:
Duro menos que um segundo,
Mas não sei o que é morrer;
A ninguem me deixo vêr
E todos gostão de mim;
Posso ser boa e ruim,
Causar gosto ou desprazer.

Um Alemtejano.

OUTUBRO—20.

Moimento da Rainha Santa.—Existe n'um caminho junto á capella de *Santo Antonio do Burgo* (proximo á villa de Arouca), um pequeno monumento, vulgarmente chamado *Moimento da Rainha Santa*. Reza a tradição que determinando Santa Mafalda, por testamento, ser depositada no seu convento d'Arouca (onde se acha em um bello sarcophago de páu santo com guarnições de prata), se lhe erigiram varios arcos desde Toledo até este de que tratamos. Seja como fôr, o que é certo é que o tal *moimento* é um arco de granito de uns 6 metros de alto por 4 de largo, pouco mais ou menos, todo ornado de arabescos e florões toscamente cinzelados. Desde o chão até á altura de dous metros, com pouca differença, é fechado como uma parede; depois tem um vão, para o deposito do caixão mortuario, e sobre esse vão uma pedra abaulada, como as tampas das sepulturas antigas. Não tem data ou inscripção alguma pela qual se possa conhecer a sua antiguidade; acha-se, todavia, de tal sorte corroído pelo tempo (apezar da excessiva dureza do granito!) que é incontestavel contar muitos seculos de existencia (*A*. 57 *p*. 180).

Augusto Soares d'Azevedo Barboza de Pinho Leal (Fermedo).

OUTUBRO—21.

Chuva de grillos em Cabo-Verde.—Desábou no dia 20 de Novembro de 1857, sobre esta ilha de S. Thiago, uma chuva fortissima que durou mais de cinco horas: era tal a quantidade de grillos que por toda a parte se via no dia seguinte, que não se podia transitar pelas estradas sem os pisar aos centos. Os estragos por elles feitos andaram talvez por mais de outo ou dez contos de réis. Se tivesse acontecido este phenomeno em Lisboa muitos rapazes poderião ter feito a sua fortuna, vendendo-os a dez réis como é costume.

Augusto Maria Cordeiro (S. Thiago de Cabo-Verde).

Cintra.—Tantas vezes descripta Cintra,

«Cintra, onde as Nayades escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço;

Cintra, o *glorious Eden de Byron*, quem se atreveria a descrevel'a de novo? atreveu-se o principe de Lichnowsky, o qual assim se expressou ha pouco nas suas *Recordações de Portugal*.

«Fica a cinco léguas portuguezas de Lisboa. A cadêa de suas montanhas limita o horisonte da capital e prolonga-se escarpada e alterosa, com selvaticos e extravagantes contornos do N E para o S O, até ao Cabo da Roca!

«As montanhas proximas são formadas de rocha granitica, com quartzo branco, algum feldspatho vermelho, e pedra calcarea branca, cinzenta e lamellosa. O caminho de Lisboa para Cintra corre por incultas e pedregosas collinas e por bancos d'areia e pedra calcarea. Para o lado do sul é arido o solo, nú e requeimado; rochedos escalvados e acastellados dão ao todo uma apparencia triste e sombria; mas como debaixo d'este céu tudo prospera, mesmo sem assiduo desvelo, vêem-se aqui e alli alguns prados que apresentão mais animado aspecto. N'esta região deserta existe Quéluz, palacio real de recreio, e semelhante a um pequeno oásis. Apenas se chega ao Ramalhão, muda a vista inteiramente. A descida é suave e enramada; agradaveis casas de campo resplandecem na planicie e nas encostas, entre jardins, abundantes relvas, e massas espalhadas de rochas volcanicas. Em torno ás habitações accumulão-se, em mattas espessas, carvalhos de muitas especies, pinheiros, limoeiros, laranjeiras, myrthos, loureiros e figueiras. Sobre os muros e terraços ostentão-se cactos de altura de homem, romeiras sombrias, vides carregadas de cachos, rosas, dahlias e flores de toda a especie; por toda a parte murmurão regatos que surdem das fendas das montanhas e serpêão entre alfombras de verdura. Nos jardins, medrão até á corpolencia

de arvores, arbustos tropicaes, que transportados ha muitos séculos das ilhas portuguezas alli se aclimaram perfeitamente, como aconteceu ao medronheiro, á phyllyrea e á myrica faya da Madeira.

«Sobre os dous cabeços mais elevados da serra existem a Penna e as ruinas d'um castello mourisco; muito mais abaixo, entre a montanha e o valle, está edificado o palacio real, com suas chaminés similhantes a minaretes, e tão cheio de recordações christãs e mouriscas, com as suas ogivas, arcadas e fontes; tudo tão adaptado para os torneios como para o galanteio. Mas o que sobretudo a Cintra dá encantos como se não encontrão em logar algum do mundo, é a frescura perpetua de seus bosques e alamedas.»

OUTUBRO—23.

O CAHIR DAS FOLHAS.

Como essas folhas do outono,
Que o vento sacode ao chão,
Cahe o fasto da opulencia
E os encantos da illusão!
Como seu viço emmurchece,
A bellesa desparece,
E a existencia se esvaece
Da agonia na afflicção!

Ai! eu que do dom da vida
Vou sentindo os males só,
Que não sei o que é ventura
E de mim chego a ter dó;
Eu que vivo de tristeza,
Sinto paz n'esta certeza,
Que apraz á minh'alma, prêsa
Entre as miserias do pó!

Se tendes da vida as flôres
Sem dos espinhos cuidar,
Não repareis n'essas folhas
Que na terra vem murchar!
Que a sua muda poesia,
D'uma verdade sombria,
Bem póde a vossa alegria
De estranha nuvem toldar!

D. C. Maxima de Figueiredo (Guiães).

OUTUBRO — 24.

Castello de Palmella. — Levanta-se altivo e soberbo no cume do monte, com a sua *Torre de menagem*, ameias e setteiras, sustentado em alguns pontos por fortes baluartes: a sua fortificação exterior consiste em solidos revelins, defendidos na base por obras razas de contra-escarpa. A mais de meia altura da *Torre de menagem*, ou cidadella, está uma grande casa, perfeitamente quadrada, e no centro d'ella uma escada de pedra, por onde se desce até grande profundidade; ha ahi um caminho subterraneo que vem sahir á extremidade de um revelim, e cujas portas na entrada e subida estão tapadas. Antes porém de entrar no subterraneo, e ao fundo da sobredita escada, está outra casa com uma cisterna no meio, casa em que foi preso, e afinal morreu, o Bispo d'Evora Dom Garcia de Menezes, por traidor e conjurado contra El-Rei D. João II.

Francisco de Paula da Silva Rocha (Palmella).

OUTUBRO — 25.

Terreno abençoado. — Em additamento ao que sob este titulo se lê a pag. 246 do Almanach precedente, direi que existe com effeito, uma legua ao sul d'esta villa, junto ao povo de *Fiães*, um sitio pantanoso, quasi no centro d'uma planicie de perto d'uma legua, a que aqui chamamos a *Lagôa de Fiães*. As mattas, que ainda no tempo de D. João I cobrião toda a montanha e suas faldas, devião tornar este pantano muito insalubre, e magros são ainda hoje os pastos que n'elle se crião; sustentão não obstante o gado todo da povoação, e os campos visinhos produzem abundantes colheitas d'optimo centeio, e algum, mas muito pouco, milho e feijão. É comtudo verdade terem algumas camaras dos concelhos proximos prohibido em outro tempo a entrada nos talhos, de rezes creadas nos ditos campos de *Fiães*, e com razão, porque agora mesmo são sempre magras.

Jacintho José de Proença Azevedo e Carvalho (Trancoso).

Quinta do inferno.—Ha aqui nos arredores de Lisboa (perto de Chellas) uma quinta com este nome, situada em logar pedregoso, e n'uma estrada torta e escabrosa, mui difficil para o transito de cavalgaduras. É curiosa a origem de seu nome.

Indo El-Rei D. João VI á caça para aquelles sitios, aconteceu, ou por acaso ou porque fizesse caminho, passar o Soberano por alli com a sua comitiva. Tropeçando continuamente os cavallos n'aquelle terreno desigual, disse El-Rei, algum tanto impaciente: «*Nunca andei por estrada tão diabolica; parece que vai ter ao inferno!*»—Vio mais adiante uma quinta de lugubre aspecto e com muitas cruzes: «*Isto é quinta ou cemiterio?* perguntou El-Rei. Saiba Vossa Magestade que é a *Quinta das Cruzes*, lhe respondeu um dos da comitiva. «*Do inferno, lhe chamarei eu*, redarguio El-Rei.»

E d'ahi lhe ficou o tal nome, que ninguem foi capaz de lho tirar. Tambem lá se vêem ainda algumas cruzes.

Cruzes no inferno!

Augusto Xavier da Silva Pereira.

A LUA BRASILEIRA.

Na minha terra uma aldeia,
Por noutes de lua cheia,
É tão bella e tão feliz!
Amo as casinhas da serra,
Co'a lua da minha terra,
Nas terras do meu paiz.

J. de Lemos.

Amo a lua quando ostenta
De sultana a magestade,
Espargindo claridade
Pela terra, pelo mar;
Rival do sol, vai legando
Á terra prazer e vida,
E com sua luz convida
O infeliz a meditar.

Tem por humildes vassallas
Infinidade de estrellas,
Scintillando, oh! quanto bellas,
Radiantes e sem véu;
Qual o ligeiro batel
Que o salso mar vai fendendo,
Vai ella prestes correndo
Pelas campinas do céu.

Ás vezes esconde a face
Entre as nuvens, vergonhosa,
Qual menina caprichosa
Que occulta o rosto gentil;
Mas depois ergue-se altiva,
Recobra maior encanto,
E lá desdobra seu manto
Pelas plagas do Brasil.

Ella encontra o velho á porta
De sua rude choupana,
Que bemdiz sua sultana
Do fundo do coração;
Ella se estende magoada
Pelo triste cemiterio,
E o monge no eremiterio
Lhe dedica uma oração.

Té o nauta vagabundo
Ama a brasilica lua,
Quando donosa fluctua
Pelos espaços do ar;
E fica saudoso quando
Vê que o astro vai fugindo,
E occulta seu rosto lindo
Lá pelos confins do mar.

À scismar nos seus amores
Tambem te ama a donzella
Quando sobre o rosto d'ella
Esparges a tua luz;
E inda mais belleza ostentas
Lá na aldeia adormecida,
Reflectindo a luz querida
Da capellinha na cruz.

Á sua lyra abraçado,
Te offerta o poeta um canto,
Para dar allivio ao pranto
Que vai na face a correr!
Tu és, ó lua, na terra,
Alegria dos viventes;
Desgraçados e contentes
Bemdizem o teu poder.

Mais que o sol, da luz origem,
Tu a meus olhos és bella;
Pareces meiga donzella
Que de amor nos vem falar;
És o pharol qué illumina
Esta terra do cruzeiro,
Pois vens, astro brasileiro,
Nossas magoas adoçar.

Amo a lua quando ostenta
De sultana a magestade,
Espargindo claridade
Pela terra, pelo mar;
Rival do sol, vai legando
Á terra prazer e vida,
E com sua luz convida
O infeliz a meditar.

Juveniano da Costa Monteiro (Brasileiro, Pernambuco).

Perigo em que andão os judeus.—Convidado o celebre Méry a jantar em casa de um dos mais opulentos banqueiros de Paris, deu o acaso que ficasse á mesa entre dous riquissimos capitalistas, ambos judeus. É preciso saber que Méry está sempre com vontade de rir e brincar. Ao vêl'o um amigo (que lhe ficava defronte) mecher-se e remecher-se, empurrando a cadeira ora para a direita, ora para a esquerda, perguntou-lhe que evoluções erão aquellas?

«*Tudo isto*—lhe respondeu Méry—*é medo de entalar o rabinho a algum dos meus visinhos.*

OUTUBRO—28.

Heróe brasileiro.—Póde-se muito bem dar este honroso titulo ao eximio deputado e desembargador Joaquim Nunes Machado, natural de Goianno, uma das principaes comarcas da provincia de Pernambuco.

Foi o chefe da revolução liberal de 1848, na qual foi sempre tratado, não só pelos seus, senão tambem por aquelles mesmos que se lhe oppunhão, com o maior respeito e consideração que se póde imaginar.

Em um dos ataques mais encarniçados e sanguinolentos que tiverão logar durante aquella revolução, um de seus soldados, vendo-o no combate, disse-lhe respeitosamente que se resguardasse das balas.

«*Não*, lhe respondeu elle, apoderado de um certo enthusiasmo bellico: *morrerei no campo da batalha com os meus patricios e fieis companheiros, a bem da minha patria.*

E assim succedeu.

Os religiosos franciscanos de Pernambuco guardão encerrados os seus restos mortaes em uma urna, perante a qual dizem missa dia de finados, depois de a collocarem em uma alta e pomposa eça (*A.* 51, 2 de Novembro *A.* 54. *p.* 327).
João Franklin da Silveira Tavora (Brasileiro, Pernambuco).

Ponte Tubular Victoria. — Um trabalho destinado a fazer época na arte das construcções, é a *Ponte Tubular Victoria*, que actualmente se está construindo para atravessar o rio de S. Lourenço, perto de Montreal, na America do Norte. Avança rapidamente esta obra extraordinaria, que muito attrahe a attenção na Inglaterra e nos Estados Unidos: dos vinte e quatro pilares de alvenaria que devem compôr aquelle agigantado monumento, já quatorze se achão promptos, e só restarão a concluir dez no fim de 1859.

Para dar uma idéa d'esta assombrosa construcção, bastará dizer que a *Ponte Tubular Victoria*, que importará ao todo em mais de 30 milhões, terá para cima de dous kilometros e meio de comprimento, o que anda por mais de meia légua: é composta de uma série de tubos de ferro fundido, acrescentados uns aos outros, e que descanção sobre vinte e quatro pilares de alvenaria, cadaum dos quaes tem quinze pés de comprido. As faces orientaes d'esses pilares, isto é, as que ficão oppostas á corrente do rio, que alli segue com uma velocidade de 7 a 10 milhas por hora, terminão em aresta agudissima; as do occidente atirão todas um pouco para a mesma fórma. Deu-se-lhes este feitio afim de que offerecessem a menor resistencia possivel ás *avalanchas* de gelo tão frequentes no fim do inverno, e que chegando algumas vezes a trinta, quarenta, e até cincoenta pés d'altura, têem por mais de uma vez occasionado graves prejuizos nas construcções de pedra macissa nos cáes da cidade.

Não ha n'aquelles pilares um só pedaço de pedra que seja inferior a 7 toneladas, e pesão umas dez a maior parte dos que devem resistir ao gêlo. São ligadas aquellas pedras entre si, não só com argamassa da melhor, mas tambem em mais de um logar por gatos de ferro que penetrão umas poucas de polegadas em cada pedra: os intervallos que resultão d'essa operação, enchem-se de chumbo derretido, que faz d'aquillo tudo uma só massa bastante solida.

É no interior d'esse immenso conducto metallico que transitarão os carrões do caminho de ferro de Montreal. Estes tubos, ligados uns aos outros, têem dezenove pés de altura em cada extremidade; augmentão porém depois, e progressivamente as suas proporções, e têem no centro 22 pés e 6 polegadas. Tem cada tubo 16 pés de largura, isto é, 9 pés e 6 polegadas mais do que a via ferrea, que tem 5 pés e 6 polegadas, medida regulamentar para os caminhos de ferro do Canadá. O pêso total do ferro dos tubos é de 10,400 toneladas. Uma vez terminada a *Ponte Tubular Victoria*, offerecerá um magestoso aspecto: elevar-se-ha 60 pés, no verão, acima da agua do rio de S. Lourenço: essa altura irá diminuindo de cada lado, e nas duas extremidades será só de 36 pés a elevação da ponte acima da agua.

OUTUBRO—30.

Ir buscar lã...—Foi Dupuytren, não ha muitos annos, o rei dos cirurgiões e o mais habil dos operadores de Pariz, ao que deveu o poder legar a sua filha unica uma fortuna de quatro milhões. Chamado certo dia pelo telegrapho a uma cidade de provincia para fazer uma amputação, é hospedado em casa do pai do enfermo, onde pernoita. No dia immediato faz a operação com a sua costumada pericia, e ao dispôr-se para regressar á capital, pede-lhe o dono da casa a sua conta, que Dupuytren lhe apresenta pelo seguinte modo:

«DEVE *o Sr. Mercier por uma amputação feita a seu filho*................. 6,000 francos.

Mercier encordoou, mas pagou.

No momento de sahir embargão-lhe o passo dous criados que lhe entregão esta parodia:

«DEVE *o Sr. Dupuytren pela hospedagem d'uma noute*..................... 3,000 francos.

Dupuytren enfiou, mas não teve remedio senão pagar.

Moralisem os facultativos!....

Nós cá abstemo-nos de emmittir a nossa opinião.

A RUGA PREMATURA.

(No album d'uma amiga)

Eil'a, a ruga prematura, n'essa fronte onde só devia luzir o ardente estio da vida! n'ella se concentra uma longa e triste historia que te ha minado a existencia!

Diz essa guarda avançada da velhice que os dias da tua risonha infancia já vão longe! dias felizes em que folgavas n'uma ditosa isempção, nem sonhando, sequer, as dôres agudas que te aguardavão na vida! Essa ruga, que te orna a fronte com o sello do martyrio, trahe o amor ardente que te devastou a existencia, e conta as amargas decepções que na vida has tido. Diz-me essa corôa de espinhos que amaste! pobre criança! ergueste com a tua affeição uma pyramide, criaste um idolo, collocaste-o n'ella, e de joelhos o adoraste! n'elle se concentrava toda aquella perfeição que a tua imaginação ardente havia concebido; era a tua alma gémea! o teu Deus! o teu tudo!... illusão! illusão! não passava d'um homem!!!

Pobre illudida! quando na hora tremenda de tribulação te lançaste a seus pés para que te salvasse, quando nas agonias do teu soffrer intenso te abraçaste ao pedestal, o idolo cahio por terra! despedaçando-se aos teus olhos, arrancou-te até a illusão de crêres ouro o que era barro.

Em quatro annos roubou-te o passado, manchou-te o presente, e enluctou-te o futuro!

E o que são quatro annos? um átomo apenas do infinito deserto da eternidade!

N'esses quatro annos quantos milhares de pulsações de amor te bateu o coração n'esse peito tão puro e tão d'elle! quantas dores agudas, e ignoradas pelo que as causara, te rasgaram o seio! quantas lagrimas que elle te fez verter! quantas nuvens de desespero! quantas de esperançosa luz! quantos sonhos d'amor! quantas noutes de vigilia! quantas pro-

messas! quantas decepções! quanta existencia lhe déste! quanto amor?!!...

Que grandes contrastes, que extremos tão terriveis, se tem dado n'estes quatro annos fataes!

Animo, minha pobre Helena! mais quatro annos, e outros quatro, ou quantos apraza á Providencia, e tu, e elle, e eu, e muitos dos que hoje suspirão e gemem, haverão trocado a terra do exilio e das dôres pelo paiz de completa e perennal ventura. *Sybilla Stephana.*

NOVEMBRO—1.

A Rosa de Jericó.—Nem é rosa, nem é de Jericó, a planta a que vulgarmente se dá aquelle nome: é uma especie de arbusto que nasce na Arabia Deserta e cujos ramos se dispõem em fórma de ramalhete. É mui ávida de humidade: posta em contacto com agua, especialmente quente, dilata-se em todos os sentidos e abre; é por tanto, um corpo eminentemente hygrometrico. Não passa de prejuizo o uso que d'este vegetal fazem em muitas localidades as mulheres grávidas com o fim de abreviarem o parto (*A.* 58, *p.* 308).

Manoel Paulo de Sousa Gentil (Miranda do Douro).

LOGOGRIPHO VI.

A primeira, promptidão,
Cousa feita indica, só;
Com a quarta é fruta grossa
Conhecida em Macayó.

Supprime quinta e primeira
E o remedio ahi vai buscar;
Se o mal fôr segunda e quinta
É logo cauterisar.

Emprega segunda e quarta
Em bemdizer o Senhor,
E, se o todo lhe introduzes,
Achar-lhe-has bom sabor.

V. D. (Algures)

Missas de defunctos.—Foi El-Rei D. João V que do Papa Benedicto XIV alcançou licença para que os sacerdotes do seu reino e dominios podessem dizer tres missas no dia de defunctos, por alma d'elles (*A.* 51. 2 de Novembro *A.* 54, *p.* 327).

A arte typographica em Portugal.—Quem a compara hoje com o que era ha dez annos apenas, admira-se do rapido aperfeiçoamento a que ultimamente chegou, graças aos esforços do governo no seu primoroso estabelecimento—a imprensa nacional—e aos de alguns particulares nas suas officinas. Acha-se a prova d'esta asserção no delicado album typographico, impresso pelos srs. Lallemants na segunda impressão do *Almanach do Povo*, nas esmeradas edições dos Srs. Castros, e na 4.ª edição do Diccionario da lingua portugueza do Sr. Eduardo de Faria, impresso na officina do Sr. Souza.

As obras de que falâmos, cuja tiragem é das maiores que entre nós se faz, honrão os estabelecimentos d'onde sahiram.

Quanto ao diccionario podêmos asseverar que ao esmero da impressão, reune a competencia do seu compilador o Sr. D. José de Lacerda. Continuando pois este progresso da imprensa não invejaremos as luxuosas impressões estrangeiras que hoje admiramos. *J. M. de Sequeira.*

Lapurdio ambicioso.—Logo depois da *Maria da Fonte* veio a Lisboa um lapurdio de Traz os Montes reclamar ao ministro do reino o premio de seus serviços a favor d'aquella senhora.

—Deseja um logar, não é assim? lhe perguntou o ministro.

—*Chim chenhor, nem mais nem menos.*

—Então que logar quer?

—*Quero um logarchinho que cheja vistocho, rendocho, e chem complicachões de cabecha.*

Premio do valor.—Os indigenas da Nova Zelandia manifestão d'uma forma peculiar e caracteristica a estima em que têem os europeus de reconhecido valor. Um que por bastante tempo se defenda é comido, poupando-se-lhe todavia braços e pernas.



Melhor era que os comessem e deixassem o resto do corpo.

J. Chrispiniano da Costa.

Amor filial.—Se quereis saber, diz M.me de Genlis, o gráu de amizade que vossa filha vos tem, esperai que ella case.

D. Amelia Carolina d'Oliveira.

NOVEMBRO—4.

Bilhar de novo genero.—A um pessimo jogador de bilhar, porém muito enfatuado, disse um dia o nosso Bressane Leite: «*Meu amigo, quando se joga assim, fica-se em casa, pega-se em duas batatas e no páu da vassoura, e joga-se com o aguadeiro em cima da meza da cosinha.*» (*A.* 59, *p.* 203).

AMOR E MELANCOLIA.

Amor e Melancolia,
Terno livro, caro amigo,
Junto a mim é todo dia
E dorme á noute comigo.

A. T. da Utra-Machado (Coimbra).

Elephantes religiosos.—Grande por certo deve ser o ardor da fé para que pobres e humildes missionarios vão arriscar a existencia em inhospitos paizes, onde têem a combater a intempérie das estações, as enfermidades do clima, as crenças religiosas, e a substituir n'aquellas affastadas regiões principios erroneos pela doutrina de Christo.



Uma das ultimas victimas de seu fervor religioso foi o bispo de Tonkim, que ha pouco foi posto a' tratos na Cochinchina. Não contentes os barbaros a quem levava o facho da luz, de lhe haverem arrancado todos os membros, o que o digno prelado supportou com a maior resignação, ao som de vaias e apupos lhe atiraram com o corpo ainda palpitante para a sepultura. Em contraposição á supplica dos christãos—*A terra lhe seja leve*—quizerão, pelo contrario, àquelles selvagens que a terra fosse bem pesada ao virtuoso bispo, e por isso ordenaram que seis elephantes lh'a calcassem passando a um e um sobre ella. Vio-se então um dos casos mais extraordinarios. Recusaram aquelles animaes obedecer a tão barbara ordem, e por mais que para alli os impellissem, não houve tornal'os cumplices de tão escandalosa profanação!...

E que fez o Imperador ao contarem-lhe tal? ordenou que fossem logo fusilados os seis animaes que havião resistido á vontade de tão esclarecido e compassivo Soberano!..

Maxima triste.—Tout passe, tout lasse, tout casse.

O PERJURIO.

CHÁCARA.

«Onde vais, ó cavalleiro,
A taes horas apressado?»
«Vou vingar um negro ultraje
Que minha honra ha manchado.

Ha dez annos que eu ligara
O meu destino a donzella
Nobre, affavel, virtuosa,
Amavel, gentil e bella.

Previra eu a seu lado
Toda uma vida de amor!
Uma existencia florida,
Um futuro encantador!

Ella ria se eu me ria,
Se eu chorava, ella chorava!
De meus praseres e penas
Uma parte a si tomava!

Era passado algum tempo,
Quando um fructo de ternura
Veio encher-me de alegria
E augmentar minha ventura.

Este thesouro brilhante
Para mim tudo encerrava!
As feições da mãi querida
Todas na filha encontrava.

Feitos d'armas me chamaram,
Fui á guerra á Palestina;
Quando vim, soube que a morte
Roubado havia Idalina.

Soube mais que a mãi cruel
Da filha os dias cortara,
E que em laços criminosos
Com um padre se ligara.

Esse ministro nefando
Sacras juras violou,
E em vez d'impedir o crime,
Foi elle que o provocou!...

Uma morte, um adulterio,
São dous crimes sem perdão...
Heide vingar minha honra
Com terrivel punição!...»

Palavras não erão ditas,
Mette esporas ao cavallo,
E com tal furia galopa,
Que não havia alcançal'o.

Pouco tempo era passado,
Logo a noticia correu
De que a esposa finara
A's mãos do consorte seu.

Dizia-se que no peito
Ferro agudo lhe cravara,
E que assim a criminosa
O seu delicto expiara.

N'este caso miserando,
Que arrancou tristes lamentos,
Aprendão todas as damas
A manter seus juramentos.

Anonyma Setubalense.

Quarta feira de cinza e o cemiterio da Lapa.—No artigo com este titulo a pag. 138 do Almanach de 1859 ha mil inexactidões. É falso que sahissem os *farricôcos* logo pela manhã, armados de juncos e archotes, espancando pelas ruas os moleques; seria isso depôr contra a illustração e religiosidade dos habitantes do Maranhão. Ha alli um bispo que véla pelos interesses e moralidade dos actos religiosos, e authoridades e policia severa para conter os turbulentos. Tambem não é verdade, que n'essa procissão, em tempo algum, sahisse o tal preto esquisitamente vestido, tocando uma bosina.

Os andores das differentes imagens e insignias que sahem n'essa procissão do convento de Santo Antonio, occupão um pessoal de perto de duzentas pessoas. Antigamente erão carregados por *farricôcos*, especie de confraria filial da ordem 3.ª de S. Francisco, organisada por devotos que se vestião em suas casas, d'onde sahião das duas para as tres horas da tarde em direcção á igreja, mas sem aquellas armas, e sem commetterem escandalos; ha muitos annos porém são os andores e insignias carregados por padres, seminaristas, e cidadãos de casaca preta, porque os *farricôcos* não se sugeitaram á ordem do actual virtuoso prelado diocesano o Ex.mo Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, a sahirem de rosto descoberto, e a tomarem os habitos no convento.

Quando se trata de descrever os costumes de um povo e usos de uma terra, convem que a narração seja muito e muito fiel, não só por honra propria, como para não offender certos melindres. Saibão os que o ignorão que as procissões no Maranhão, especialmente as de quaresma, são feitas com muita concorrencia, decencia e devoção.

Perdoe o Sr. Leorne se o contradigo, por amor á verdade, e não porque entre n'isto o menor espirito de provincialismo. Se ha alli usos e costumes que devem ser extirpados, essa responsabilidade não deve recahir unicamente nos naturaes, pois

são filhos da metropole; sou todavia o primeiro a confessar que a boa indole, hospitalidade e moralidade dos Maranhenses, são quasi exclusivamente devidas aos primeiros portuguezes que para alli forão, razão por que se observa n'aquelle torrão entre nacionaes e estrangeiros uma união fraternal.

Antonio Bernardino Jorge Sobrinho (Ceará).

NOVEMBRO—8.

Aberração da natureza.—Passou-se ha dias n'uma das freguezias do cantão de Rugles um facto curiosissimo de embryogenia e de parto anormal.

Nasceu alli de uma ovelha um cordeiro perfeitamente constituido; d'alli a poucos instantes dava á luz a mesma ovelha outro cordeiro, ou para melhor dizer, um ente monstruoso com esta conformação; dous corpos bem distinctos, com outo patas; os dous espinhaços reunidos por uma forte membrana; uma só cabeça, um só coração e uma só cauda. Cabeça e cauda parecião pertencer mais particularmente ao corpo em que se continha o coração. Os outros orgãos achavão-se no estado normal. Não deu signal algum de vida tão extraordinario animal.

CHARADA XXVII.

Como aquelle acerta bem!
Com um d'estes eu por certo
Gostaria de polkar;
Parece nem toca o chão!
Talvez que seja o balão
Que assim o levanta ao ar. 1

É o som da minha lyra,
É assim um triste canto,
A queixa de quem suspira
Sem na vida achar encanto. 3

Se de gente virtuosa
Não tivessemos carencia,
Não viramos alli tantos
Vender alma e consciencia.

Velha progressista.

Remedio infallivel para quebraduras.

Entre as diversas crenças populares dos sertões d'esta provincia, e quiçá de algumas outras partes do imperio, a que mais curiosa me parece é a *cura de quebraduras*, em noute de S. João, não só pela fé que tem a gente do povo na efficacia da receita em busca da qual caminha duas, tres e mais léguas, como por uma especie de mysticismo que transluz no ceremonial empregado, cujo fim principal, senão unico, parece ser impressionar vivamente a imaginação do doente.

Apenas chega aquella suspirada noute, e depois de prevenido pelos doentes o mestre curandeiro, dirigem-se todos a um logar do campo onde existão alguns pés de pinhão bravo, arbusto de natureza silvestre, muito commum nos taboleiros e logares arenosos dos nossos sertões. Ahi designa o charlatão tantos pinhões quantos são os doentes que se pertendem curar; e assumindo aquelle ar de gravidade que inspira a importancia do acto e a especie de sacerdocio que vai exercer tanto na ordem da graça como na da natureza, manda fazer uma pequena fogueira em frente de cadaum dos arbustos; abre depois com uma faca uma fenda longitudinal na haste do pinhão, que tem ordinariamente de duas a tres polegadas de diametro, deixando-a todavia unida nas duas extremidades; e como as partes divididas sejão bastante flexiveis, abrem-se com as mãos, e abertas se conservão até que o doente haja passado tres vezes pela fenda e por cima da fogueira, recitando em cada passagem e em voz baixa uma oração, que me dizem ser a *Ave Maria*. Feito isto une o piedoso crente as duas partes da haste, ligando-as muito bem com um cordão ou correia, e retira-se pedindo ao Santo Precursor que tome sob seus auspicios o resultado da cura. Os outros doentes vão tambem repetindo a pia ceremonia em outros pinhões, visto que os que já serviram para o curativo de um, não servem mais para o curativo de outros. Recita o curandeiro algumas orações secretas durante o acto, e é de fé entre aquella

boa gente que influe maravilhosamente no bom ou máu resultado da cura a sorte futura do arbusto. Se depois de certo praso às partes divididas se reunem, e o arbusto continua a desenvolver-se, está o doente curado; se pelo contrario definha e morre, mal do doente, pois será a cura impossivel.

Note-se que em razão de ser o pinhão bravo um arbusto oleoginoso e dotado de um succo lacteo que naturalmente contribue para a conglutinação das partes divididas, é claro que sobreviverá sempre á operação, assegurando aos doentes o seu completo restabelecimento; infelizmente porém acontece o contrario; os pinhões sárão e ostentão com vigor a sua antiga vegetação, em quanto os doentes continuão a padecer, e acabão quasi sempre por morrer quebrados.

P.ª L. D. Rodrigues de Carvalho (Brasileiro, Russas, Ceará).

NOVEMBRO—10

Meada de pedra. — Proximo a S. João de Tarouca, n'este concelho de Mondim, ha um monte denominado *Monte Corvo*, em cuja encosta se vê um grande penedo, rodeado de muitos outros, e no centro d'elle a figura de uma meada, estendida ou aberta, com uma canna dentro, como para se não emmaranhar. Ignora-se se uma tal configuração é obra dos homens ou da natureza; o que é certo é que o tal penedo se acha todo denegrido pelo tempo, menos a meada, que parece haver sido respeitada por elle.

Joaquim Marques Paúl (Mondim de Lamego).

CHARADA XXVIII.

Septiforme o trajo adórno	Sou do movimento rapido,
Da celeste mensageira..... 1	Quero tudo de carreira.... 1

Fóra d'aqui, vil canalha,
Gente infame, trapaceira!

V. D. (Algures)

Amor de mãi.—Uma dóninha havia feito a sua tóca na parede de um lameiro, e visinha d'ella a alguns passos de distancia, morava uma cobra. Vierão á dóninha as dores da maternidade, e deu ella á luz não sei quantos filhos; o caso é que d'ahi em diante inquiétava aquella visinhança a triste mãi, e tanto mais que a cobra não sabia de perto do seu ninho; queria pregar-lh'a. A minha amiga dóninha, n'um bello dia em que lhe parece bôa a occasião, vai-se ao buraco da cobra e arranca com os dentes toda a erva que por alli havia. Satisfeito este preliminar, dirige-se para o reptil que estava a alguma distancia disfructando a soalheira, e dando-lhe uma violenta mordedura, corre a metter-se no seu antro; não fez caso a cobra e contentou-se com soltar um silvo de ameaça; volta a dóninha segunda vez á carga, o mesmo despreso; á terceira «já Deus não pode ser santo», corre a cobra sobre a sua antagonista que d'esta vez lhe havia chegado deveras. Tenta o reptil entrar no seu buraco para onde a dóninha se tinha mettido, porém uns dentes bem vigorosos e afiados pela desesperação se lhe havião ferrado na cabeça. Erão os da dóninha.

A cobra procura agarrar com a cauda alguma erva, porém a sua ardilosa adversaria tudo havia previsto; sabia que se aquella podesse valer-se da cauda, se lhe escaparia e que então tudo estava perdido; eis o motivo por que havia com tanto trabalho tirado a erva que circumdava o antro do reptil. Vendo então este que nada lhe restava, começou a debater-se dando rijissimas vergalhadas com o corpo no chão; tudo foi inutil. Ao cabo de meia hora jazia immovel. Vendo a dóninha a sua obra concluida, sahio, e dando saltos de prazer foi juntar-se com os seus queridos filhinhos, que decerto não imaginavão o grande perigo que elles e sua mãi havião corrido!...

Aconteceu esse facto n'esta povoação de Villar do Monte e foi presenceado por mais d'uma pessoa.

Antonio Emilio de Souza Freire Pimentel (Villar do Monte).

AOS AVARENTOS.

Maldito seja, seja excommungado,
Aquelle horrendo misero jarreta,
Que cheia de dobrões tendo a gaveta,
Nem sómente um real dá emprestado!

Permitta o céu que a moça e o criado
Algum furto lhe fação com tal treta,
Que o miserrimo vil, como escopeta,
Arrebente d'estouro, exasperado!



Veja em fim por castigo derradeiro,
Quando estiver já quasi moribundo,
A festa que se faz ao seu dinheiro.

E padecendo as penas do profundo,
O diabo lhe conte quanto o herdeiro
Se regala com elle cá no mundo!

Antonio Lobo de Carvalho.

Culto do seculo XIX.—Os israelitas adoravão o *bezerro d'ouro* junto ao monte Sinai; no seculo XIX adora-se tambem, e por toda a parte, o *homem d'ouro*. O animal variou, mas o culto é o mesmo.

Todas as classes da sociedade se prostrão e humilhão ante o *homem d'ouro*. Moysés se irritou contra os israelitas que adoravão o bezerro, e reduzio o idolo a cinzas; agora busco um Moysés e não o encontro! só acho israelitas!... (A. 51, 15 d'Abril e 26 de Outubro).



Dr. Lafuente.

Seria por ventura o Dr. Lafuente excepção á regra geral? só clamão contra a riqueza os que se vêem privados dos commodos e prazeres que ella procura.

DEVANEIO.

Se existe um prado de eternaes verdores,
Onde sempre do céu
Gotteje orvalho, que refresque as flôres,
Lhes dê mais viço e lhes avive as côres;
N'esse prado quero eu
Colher d'entre essas flôres as mais bellas,
Colher as mais cheirosas,
E depois ir com ellas,
Sejão cravos, jasmins, lyrios ou rosas,
Juncar, encher a senda,
Por onde a sorte conduzir pertenda
Tuas plantas mimosas!

Se existe um peito affectuoso e terno,
Cofre de puro amor,
Qual tem-no os anjos, amor firme e terno,
Capaz de extremo, dedicado; um peito
Onde, celeste flôr,
Brilhe a virtude, e que á virtude affeito,
Ao vicio tenha horror;
Que ás más paixões contrario,
De sentimentos bons seja sacrario;
D'esse peito quero eu
Fazer o encôsto da tua fronte, o interprete
Do pensamento teu!

Se existe um sonho de gentís imagens,
De ineffavel deleite,
Baixel vogando entre florídas margens,
Que a mente leva a incognitas paragens
De indizivel encanto,
Sonho de amor, sonho bemdito e santo,
Perfumado de rosa,
Sonho em que Deus nos fala
E a alma um suspiro aos pés de Deus exhala;
D'esse sonho quero eu
Fazer o ninho onde, innocente pomba,
Pouse o coração teu!

M. B. Fontenelle (Brasileiro).

NOVEMBRO—14.

Passaro da noute e do somno.—É um passarinho de côr parda que aqui se dá no Brasil, e que mal chega a noute canta monótonamente pousado n'um arbusto: imita o seu canto o da cigarra, e desperta em quem o ouve desconhecida e mysteriosa saudade: muitas vezes se prolonga esse canto até ás nove horas e provoca involuntariamente o somno. É pelo menos o que se passa comigo.

Vicente Felix de Castro (Silveiras, S. Paulo).

Noticias diversas do Brasil.—João Manso, mui conhecido no Rio de Janeiro como habil chymico, alli fez porcellana, verniz e charão, tão perfeitos como os da China. O Exm.° Luiz de Vasconcellos, em Lisboa, possuio uma linda mêsa feita por elle, onde estavão representadas em ouro de diversas côres a cidade do Rio de Janeiro e algumas de suas ilhas.

Os primeiros pares de gado vaccum e cavallar que na Bahia serviram d'origem para o estabelecimento de fazendas de tal criação, vierão no anno de 1550 das Ilhas de Cabo-Verde, e custava então cada vacca 100,000 réis.

Os primeiros de ovelhas, de cabras, e de jumentos, a planta *tióba*, as sementes d'arroz e os coqueiros asiaticos, vierão tambem de Cabo-Verde.

O gengibre veio de S. Thomé; meia arroba d'elle se distribuio por varias pessoas, e d'ahi a quatro annos produzio mais de quatro mil arrobas; por *ordem régia* foi prohibida essa cultura com o fim d'evitar a quebra d'este ramo de commercio da India, o que foi revogado por *provisão* do conselho ultramarino de 24 d'Abril de 1642.

Uma giboia (diz Gabriel Soares), que os vaqueiros da fazenda *Garcia d'Avila* mataram, pesava mais de outo arrobas e tinha 93 palmos de comprimento!

A canna d'assucar foi introduzida no Brasil por Martim Affonso de Souza, que a trouxe da Ilha da Madeira, e por isso o sabio naturalista A. de Saint Hilaire pergunta a pag. 247 do 2.° vol. da sua *Viagem ao Brasil* se Martim Affonso não merecia que os brasileiros lhe erigissem um monumento de gratidão?

Uma amostra de folha de flandres, fabricada em Minas-Novas do Arassuhy pelo ferreiro Antonio Rodrigues Guimarães, foi mandada com seu author (pelo governador do Brasil, o conde d'Athoguia) para Portugal, no tempo em que se pensava ter sido aquelle producto inventado pelos inglezes.

Quando viajei pelo Amazonas visitei a igreja matriz de Santarem, chamada por Milliet de Saint Adolphe um dos bellos templos da provincia do Pará, e em um canto da sachristia, embrulhado em panninho verde sujo, e roto, fui dar com uma riquissima imagem do Senhor Crucificado, de ferro fundido dourado, e com outo palmos de comprimento; em uma lamina de ferro se lia a seguinte inscripção, que melhor do que eu explica esse piedoso voto:

«O cavalleiro Carlos Fred. Phil. de Martins, membro da «Academia Real das Sciencias de Munich, fazendo, de 1817 a «1820, por ordem de Maximiliano José, Rei da Baviera, uma «viagem scientifica pelo Brasil, e tendo sido aos 18 de Se«tembro de 1819 salvo pela Misericordia Divina do furor das «ondas do Amazonas, junto á villa de Santarem, mandou, «como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso, eri«gir este crucifixo n'esta igreja de Nossa Senhora da Concei«ção no anno de 1846.»

No tempo em que o conde das Galvêas governava a Bahia, foi descoberta em *Santo Antonio álem do Carmo* uma fabrica de moeda falsa, onde se acharam 17 alampadas, e mais objectos, roubados das igrejas, e avaliados em mais de 140 mil cruzados!

O fabricante foi preso, sentenciado a pena ultima, executado, e depois queimado.

O Bispo de Pernambuco D. Fr. Francisco de Lima, falleceu d'idade de 70 annos, em 29 d'Abril de 1704, e de todos os seus rendimentos, que muito distribuia pelos pobres, apenas deixou uma moeda de 40 réis. Morreu tão estimado e respeitado, quanto despresado e insultado foi D. Fr. João da Cruz, 5.° Bispo do Rio de Janeiro, o qual pela sua avareza, quando viajou por Minas fez com que o povo tirasse o badalo dos sinos, para não ser assim saudado pela igreja, e destelhasse a casa onde elle residia, para assim apressar a sua volta.

Adeus até ao anno, se Deus não pozer o ponto final na minha existencia.

Dr. Cezar Augusto Marques (Theresina, Piauhy).

NOVEMBRO—16.

Civilisação em Dahomey,—Dissemos no artigo de 11 de Setembro de 1851 que era o Rei de Dahomey, um dos da Africa occidental, de raça negra e alliado da Inglaterra. e acrescentámos que tinha um exercito de 8.000 combatentes, metade dos quaes erão mulheres (tomadas entre as mais formosas raparigas da terra) de 5 pés e duas ou tres polegadas d'altura. Qual seria o exercito de homens que fosse capaz de dar catanada n'aquellas valentes amazonas, que em ultimo recurso poderião valer-se das suas armas naturaes?!

Defendião-lhe ellas o throno, mas não o souberão agora defender da morte. Assistiram ao seu funeral todos os negreiros d'aquellas immediações, acompanhados por certo numero de escravos, que logo em seguida forão immolados ao Rei defuncto e offerecidos ao mesmo tempo em holocausto ao novo Monarcha. Havia tenção de immolar 2,000 africanos em honra do Rei finado. mas predominaram a final sentimentos de clemencia e só 800 forão sacrificados! O agente europeu do defuncto chefe do estado offereceu ao seu successor um prato grandissimo de prata macissa, cheio de dollars, e ao finado, para seu uso no paraiso, um castanheiro de prata dourada todo carregado de magnificos charutos da Havana.

Terminadas as ceremonias da acclamação do novo chefe do estado, partio este com um numeroso séquito para uma caçada de escravos.

NOVEMBRO—17.

CHARADA XXIX.

Ordena o fado que o faça... 1
Mas que o faça deste modo... 1
De vidro, pedra ou argilla,
É elegante o meu todo.

José Joaquim Mendes Cavalleiro.

Che-cheo ou Japy.—É uma das mais bellas aves do Brasil, e conhecida por um ou outro d'estes dous nomes. Seu tamanho é regular e só trez as suas côres: preto, amarello côr de ouro, e azul claro. O corpo é na maior parte preto, o encontro das azas amarellas, igualmente o bico e a parte inferior do meio do corpo para a cauda, os olhos azues mui luzidios, as pennas macias e lustrosas como setim. É o Japy pouco admirado em razão de ser vulgarissimo em quasi todo o Brasil, e principalmente em Pernambuco, Parahyba, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas. O seu ninho é um dos mais raros, não só pelo engenhoso de seu tecido, como pela similhança com um matraz, pois só tem uma abertura na parte superior que lhe serve de entrada. Tem por costume dormir dentro do ninho, mesmo sem estar chocando. O que mais admira n'esta ave é a facilidade e a perfeição com que arremeda o canto de grande parte de suas companheiras; chega a tal ponto esta imitação, que muitas vezes os caçadores inexperientes só conhecem o engano depois de terem procurado por muito tempo a ave imitada. Não é facil domestical'a, em razão de amar muito a liberdade; algumas ha comtudo que roubadas dos ninhos, vivem e se tornão mansas, porém nunca chegão a cantar com tanta perfeição. Procurão para residirem a mais frondosa arvore perto das casas e ahi se junta grande quantidade d'ellas, formando uma variadissima orchestra de encantadores gorgeios. Proprietarios ha que prohibem fazer-se-lhes mal, só pelo prazer de gozarem tão melodiosa e suave harmonia. E em verdade são dignos de attenção os diversos cantos dos japys, como se na mesma arvore houvesse grande variedade de outras aves. A par d'essa propriedade extremamente singular têem o defeito de conter em suas pennas uma catinga bastante enjoativa.

O Prestidigitador Brasileiro, *Julio dos Santos Pereira.*

Anexim belga.—Para o inferno só de carroagem.

NOVEMBRO—19.

HORRIVEL PENITENCIA!!

SONETO.

«Disse um porteiro ao Papa—» Aqui chegado
E' um homem, senhor, de mui má vida,
Traidor, ladrão, herético, homicida,
Que seus irmãos e pais ha degolado!

O Santo Sacramento ha profanado,
A um bispo a morte deu, e escondida
Peçonha deu a um Papa na comida,
Por um vil interesse subornado.

Santas reliquias arrojou ao fogo,
E de tudo faz mofa!.. Não é crivel,
Poder-se perdoar tanta insolencia!»

«Se esse monstro é solteiro, case logo,
(O Santo Padre diz) pois impossivel
E' dar-lhe maior mal por penitencia!!»

***

NOVEMBRO—20.

Presente forçado.—Quando na Russia se compra uma propriedade de valôr consideravel, é costume immemorial, a que ninguem se exime, mandar de presente, o vendedor ao comprador, 50 gallinhas, 4 gallos, 6 vaccas e 3 porcos.

CHARADA XXX.

A India me deu o ser. 1	Sempre quero ver quem deixa
E achar-me-has na Bairrada 2	D'adivinhar tal charada.

D. Leonor Jacintha da Costa Leite (Aldeia da Ponte).

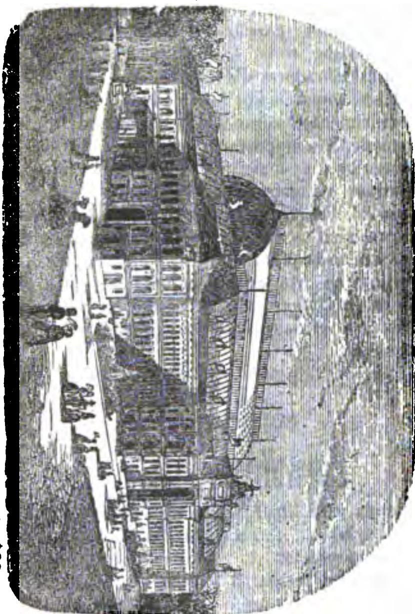
Convento dos Capuchos na Serra de Cintra.—Dizia Filippe II de Portugal e III de Castella, que duas cousas tinha célebres em seus reinos: o Escurial por muito rico, e este convento por muito pobre. E assim é. Não ha alli a construcção regular d'um edificio. São penedos e grutas d'um limitado espaç[illegible] serra, aproveitados em igreja, refeitorio, cêrca e dormitorio. Tem as divisorias feitas de cortiça, e tão pequenas as cellas, que parecem sepulturas para a vida. Não se permittia aos religiosos de Santa Cruz (que assim era a denominação do convento) comerem senão peixe todo o anno, e na quaresma cousa que não tivesse ido ao lume. Não podião pedir nem acceitar para mais d'uma semana; e era tal a sua pobreza, que bebião por tosco barro, e comião em pannos da mais grossa estôpa, quasi ao rés do chão, pois lhes servia de meza uma pedra para alli mandada levar por ordem do edificador D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, no anno de 1560, como se vê n'uma inscripção na igreja do mesmo convento. Jaz alli um monge que viveu por espaço de 30 annos n'uma cova, que ainda hoje conserva o nome de—*gruta do monge*.



Tambem se vê alli uma meza de pedra, aonde comia (diz a tradição) El-Rei D. Sebastião, quando visitava o convento.

Antonio da Cunha.

Palacio da Industria em Pariz.—Foi inaugurado a 15 de Maio de 1855. Não entrou em sua construcção mais do que pedra, ferro e cristal. Compõe-se de uma unica sala com seis pavilhões lateraes. Tem o palacio todo 254 metros de comprido



e 110 de largo, o que dá uma superficie de cerca de 28,000 metros quadrados, que unida á dos seis pavilhões, prefaz perto de 32,000 [...] tem 192 metros de comprido e 48 de largo, o que equivale a uma superficie de 9,216 metros quadrados. Recebe a luz pela abobada de cristal que o cobre e que fica a uma altura de 35 metros. Ha 72 janellas nos seis pavilhões. A entrada do palacio é pela grande avenida dos Campos Elysios. No alto de sua porta monumental se vê a estatua da França coroando as da Industria e do Commercio.

NOVEMBRO—23.

Solho sem pregos.—Existe, tres quartos de légua ao sudoeste de Villa Nova de Foscôa, uma rocha vertical, com seus 130 metros d'altura, a contar da base, que se acha obstruida por grande porção de cascalho. É notavel não só pela sua qualidade, como tambem pela utilidade que d'ella resulta para os moradores d'aquella villa e suas visinhanças. Cortão-se d'alli, com a maior facilidade, pedras de 30 a 50 palmos de comprimento, sobre 2 a 5 de largura, e da grossura que se pertende. São empregadas em solhos de varandas, cuja armação superior é as mais das vezes sustida por esteios das mesmas pedras. As mais pequenas e delgadas servem de ordinario para latadas, supprindo assim a madeira, cuja falta é grande por estes sitios. Depois de cortadas apresentão uma face fibrosa e aspera, mas plana: têem côr azulada, e são de natureza tão rija que não admittem feitio algum e só partem com fortes martelladas; existem porém na rocha, em camadas de differentes grossuras, e d'ahi provém a facilidade com que se extrahem.

Anonymo Foscoense.

NOVEMBRO—24.

CHARADA XXXI.

Junto d'Irlanda uma ilha,	Da difficuldade emblema,
Amena fertil e bôa....... 1	Em Pio IX dobrado;
Mostra que és possuidor	Muitas vezes é singelo,
D'alguma cousa ou pessoa. 2	Outras é multiplicado...... 1

Este lá no antigo Lacio
Accumulou-se de gloria;
De si, da decennal guerra,
Tornou perpetua a memoria.

Manoel Fulgencio Gomes (Lobrigos).

Naturalidade de santos portuguezes. Nasceu S. Damaso na illustre villa de Guimarães e por sua doutrina e notoria santidade foi eleito Summo Pontifice. Fez muitas obras em verso.

Santa Quiteria, virgem martyr, foi natural da provincia de Entre Douro e Minho e nasceu de pais nobres e poderosos.

S. Frei Gil foi natural de Vouzella, no bispado de Vizeu. Esteve em Pariz e ahi recebeu o gráu de doutor na faculdade de theologia.

S. Victor nasceu nas visinhanças de Braga.

S. Narcizo arcebispo, nasceu em Santarem de pessoas illustres e era aparentado com a melhor nobreza de Hespanha.

S. João de Deus nasceu em Montemór-o-Novo, de pais tão pobres que lhe foi preciso exercitar-se em varias occupações servis para se sustentar. Foi devotissimo da Paixão do Senhor.

Santo Antonio nasceu em Lisboa defronte da porta da Sé: chamava-se seu pai Martim de Bulhões e sua mãi D. Thereza Táveira, ambos de sangue nobre. Foi baptisado com o nome de Fernando.

S. Rozendo tomou ao baptisar-se o nome de Rodezindo: nasceu de pais nobillissimos no logar de Sallas, junto á cidade do Porto.

S. Gonçalo nasceu de pais nobres, no arcebispado de Braga, junto ao rio Vizella, na parochia de S. Salvador, do logar de Tagilde; foi parocho de Riba de Vizella.

D. Augusta Pedrosa.

NOVEMBRO—26.

Mortos vivos.—Por cima da porta do cemiterio de uma pequenina fréguezia de França mandou o regedor escrever o seguinte:

«Aqui não se enterrão senão os mortos que vivem na fréguezia.»

NOVEMBRO—27.

GOA.

(Parodia) (*A.* 59, *p.* 312)

Minha terra tem palmeiras,
Tem mais densos arvoredos,
Onde avesinhas canóras
Trinão d'amor os segredos.

E' mais claro o nosso céu.
Nossos jardins tem mais flores,
Ha frutas mais saborosas,
Mais constancia nos amores.

A minha terra é mais fertil,
Tem mais fontes cristallinas,
Lindos rios, varzeas, prados,
Mil verdejantes campinas.

Não permitta Deus que eu morra
Sem ver a terra natal;
Sem que disfructe os prazeres,
Que não goso em Portugal;
Sem que me sinta extasiado
A' sombra do arécal.

Hippolyto Pereira Garcez (Goense).

NOVEMBRO—28.

Garrotilho.—Sendo tão fatal esta molestia, principalmente em creanças, bom será que vulgarisemos o remedio que para a debellar achou ha dias um distincto medico francez.

Mal se desconfia d'ella pela natureza da tosse, é fazer tomar ao doente, de dia e de noute, uma clara d'ovo batida n'um copo d'agua com assucar: uma colher de sôpa de cada vez.

Quando quizer beber, dar-lhe uma clara e gemma d'ovo, batidas n'um litro d'agua mórna com assucar.

Dentro em dous ou tres dias desapparece a enfermidade.

Babylonia.—Nas planuras de Sennaar, berço, segundo todas as apparencias, do genero humano, e theatro das primeiras instituições politicas, existio a mui antiga e soberba Babylonia. Assente nas duas margens do Euphrates, ligadas por uma ponte levadiça, formava um quadrado de proximamente cinco léguas de lado. Comprehendia portanto a sua área uma superficie de 25 léguas. Não se supponha porém que todo este espaço era habitado; mas não se tenha tambem por falsa aquella fabulosa grandeza.

Os antigos, emminentemente guerreiros, ao assentarem as suas cidades, procuravão não só logar para habitar, mas tambem, e principalmente, comprehendião dentro de seus muros as commodidades da vida errante e os meios de conservação e defesa nas eventualidades da guerra: razão por que encerravão dentro de seus muros pastagens, campos, mattas, rios e fontes. Eis como se explica a agigantada grandeza de Babylonia e d'outras antigas cidades. Se ha porém algum incrédulo, é olhar para as modernas Nankim, Pekim e Delhy.

Os muros de Babylonia, feitos de tijolo e cimento betuminoso, de 150 pés d'altura sobre uma largura sufficiente para poderem andar seis carros a par, e os seus jardins suspensos sobre as casas, em fórma d'amphitheatro, forão uma das sete maravilhas do mundo antigo, e ainda hoje inacreditaveis, se não vissemos posteriormente a muralha de Trajano, e a que os chinezes oppozerão aos tartaros. Alli reinaram a decantada Semyramis, o soberbo Nabuchodonosor, o devasso Sardanapalo e o lascivo Balthazar, em ricos, vastos e sumptuosos palacios, onde tudo era prata, tudo ouro, tudo pedras preciosas. Babylonia foi grande até nas suas ruinas, que ainda hoje occupão 18 léguas.

E que resta d'aquella antiga grandeza? Montões de entulho e pardieiros derrocados. Aquellas praças, que forão centro d'um grande commercio, onde soava o contínuo ruido e bulicio d'um povo immenso, converteram-se em habita-

ção de vis e immundos reptís. Pia hoje o solitario mocho n'aquelle recinto em que se entoavão hymnos á gloria de Semyramis; vai o feroz chacal roer as cáveiras e ossadas dos camelos e dromedarios mortos no deserto, no mesmo logar em que Balthazar celebrava luxuosos banquetes; o leão passêa ufano e soberbo aonde passeava o orgulhoso Nabuchodonosor. É na verdade o maior e mais notavel contraste de grandeza e desolação que a historia nos apresenta. Em nenhuma outra parte se encontrão tão oppostos extremos! Sic transit gloria mundi!!!

P.e Manoel Ribeiro da Cruz (Cercoza).

NOVEMBRO—30.

Tangará—Ha um passaro no Brasil assim chamado. Tem na cabeça um como laranjado finissimo, e sobre os olhos certos perfis da mesma côr; não canta senão em certa occasião, que direi logo. E' este passaro notavel em certos accidentes, como de gôta coral, que o derrubão e deixão sem sentidos nem movimentos, por algum espaço de tempo, no qual, em quanto elle está como morto, põem-se outros passaros da sua mesma especie á roda, e com grande pressa se mudão e trocão entre si os logares; e em quanto dura esta dança o andão picando e como espantando, para que torne a si do accidente, e continuão n'estas mudanças, até que o doente esperta e se levanta, dando um grande assobio, a que os outros todos respondem com o mesmo viva, e começando a voar o que está amortecido, o seguem todos em bandos, com tanta festa, e elevados tanto da musica que vão dando ao seu convalescente, que ás vezes os tomão á mão sem elles desistirem do cantar, nem advertirem mais que em festejar e applaudir a saude do seu enfermo; só n'esta occasião sahem com sua musica, que parece mais bem empregada em festejar a saude alheia que a do cysne, que tambem só a exercita em adivinhar a morte propria.

Padre Balthazar Telles.

Arrematação do tabaco.—O consumo do tabaco era tão limitado em França depois da sua introducção na Europa, que a primeira arrematação, principiada em 1 de Dezembro de 1674 e finda em 1 de Outubro de 1680, rendeu apenas para o estado quinhentas mil libras nos primeiros quatro annos e seiscentas mil nos outros seis. Em 1720 foi livre a venda do tabaco, e permittida em todo o reino até ao mez de Setembro de 1721: por esse tempo a companhia das Indias a que o governo era devedor, pedio o contracto do tabaco, que administrou desde 1 de Outubro de 1723 até 30 de Setembro de 1730. Durante todo aquelle tempo produzio o tabaco 7 milhões, de que se gastaram 4 em despezas d'exploração. A companhia deu depois o tabaco de arrematação até Junho de 1747, em que o Rei reunio o contracto do tabaco aos seus outros direitos.

Quasi pela mesma occasião entraram na Europa quatro productos exoticos, o tabaco, o café, o cacáo e o chá; e de todos elles só o tabaco veio a ser objecto de monopolio, apesar de ser o unico que logo se vulgarisou, pois os outros trez forão por muito tempo considerados como objectos de luxo.

CHARADA XXXIII.

A minha primeira parte	E a segunda fresca sombra
Da outra á borda nasceu....2	Da primeira recebeu.......2

Os encantos de harmonia
Que á primeira a aragem deu,
Casão-se ao som deleitoso
Que a segunda tem por seu,
E a mirar-me n'esta mesma
Sobre aquella canto eu.

Antonio Manoel da Cunha Bellem (Mangualde).

O Brasil e os seus poétas.—O Brasil, esse paraiso terreal da phantasia, como lhe chamou o Sr. Castilho, não podia deixar de produzir em seu fecundissimo e florente sólo poétas para cantal'o. Quem percorre os seus rios soberbos e os seus lagos immensos, quem penetra nas solidões profundas de suas virgens florestas e contempla o vigoroso aspecto de sua prodigiosa vegetação, sente no fundo da alma o revérbero da grandiosa e sublime poesia de que se vê cercado; sente-se necessariamente inspirado para cantar; mas Deus não concedeu a todos a mysteriosa faculdade de revelar as suas sensações por meio de palavras cheias de harmonia. Ao poéta só é dado erguer a voz sob essas abobadas de verdura eterna, sustidas por arvores tão velhas como o mundo. Os outros homens emmudecem de admiração ante o espectaculo magestoso da floresta virgem; e o poéta, esse louco sublime que se consola, cantando, das maiores amarguras, ousa quebrar com seus hymnos o silencio dos bosques, porque se sente alli, como Deus, no meio do Genesis.

Álem do Átlantico resôam os canticos juvenis dos trovadores de Santa Cruz, cujas harpas se animão e incitão bafejadas pelos suaves perfumes das patrias selvas. *Lá brotão* os talentos como as flores, e sob aquelle céu de fogo só *o* corpo e a palavra são por vezes indolentes. A intelligencia nasce espontanea e brilha como os astros do hemispherio austral, cuja luz reflecte. Lá não se conhece a descrença, porque os homens e as cousas não tiverão ainda tempo de envelhecer; os annos passão quasi impunemente pelos individuos; passão sobre os corpos, mas não tocão nas cabeças. As idéas são novas, fecundas e viçosas, como os homens e as cousas.

As lyras que Grecia e Roma pendurava nos templos da fama coroadas de myrto e louro, ergue-as o joven imperio nas arvores aromaticas das suas virgens florestas, que são os templos da verdadeira poesia, e enfeita-as com as açucenas e os jasmins dos seus mattos, e com as rosas dos seus cajuei-

ros. Deixai que os vates d'esse paiz encantado se habituem a imitar sómente a natureza que os rodeia, e vereis o que são poemas! A musa americana, vestida de pennas, toucada de palmas, descendo das cachoeiras dos seus rios na canôa de cedro, virá um dia surprehender o velho mundo com as melodias originaes da sua harpa mysteriosa. Ás maravilhas d'essa terra que julgais conhecida, quando forem reveladas na musica do verso, chamarão a si mais ardente curiosidade do que a noticia das suas minas de ouro e pedras preciosas. Cantai pois, ó poétas de álem-mar! Dizei-nos como suspira o saudoso juruti nos cimos das mungubeiras, como resôa de noute a voz plangente do namorado sabiá, e como brilha o nevoeiro prateado das vossas grandes cataractas.

Cantai, que a aurora dos vossos cantos fará em breve apparecer no horisonte o sol da vossa gloria; mas cantai a vossa terra, as vossas flores, as vossas arvores, as lendas dos vossos lagos mais poeticos do que os da Escocia, a mãi d'agua, a mãi dos bosques, as fadas dos vossos rios vestidas de prata e ouro, os olhos ardentes das vossas languidas mulheres, e os astros brilhantes do vosso hemispherio. Não imiteis os estranhos; pintai a vossa natureza, e os vossos versos serão sublimes.

F. Gomes d'Amorim.

DEZEMBRO — 4.

São Simonismo. — Um dos symbolos d'esta extravagante seita, que tão pouco durou, era o collete abotoado por traz, o que mostrava a dependencia em que os homens se achão uns dos outros, e quanto é util a mutua coadjuvação.

D. Henriqueta Amalia de Castro.

CHARADA XXXIII.

Bôa e má ao mesmo tempo — 2
Ora bôa, e ora má — 3
Sendo fêmea, sempre boa;
Mas sendo macho, alto lá,
Que a pessoa assim chamada
Póde ser bôa ou ser má.

Antonio Luiz Telles da Silva Menezes (Béja).

DEZEMBRO—5.

NO ALBUM D'ELYSA.

Elysa, não acredites
De teu peito nos palpites,
Porque podem-te enganar;
Dos homens olha que as phrases,
Ás vezes, são tão sagazes
E falazes,
Quão faceis de acreditar.

Não julgues todas as falas
Que d'amor exprimem galas,
Nascidas do peito são;
Ha muito quem finja prantos,
Affectos puros e santos,
Co'os encantos
D'uma vil erudição.

Não acredites em juras,
Porque são ellas impuras
Tambem, quasi sempre, ó flor!
Não é só o fido amante
Que bem póde n'um instante,
Delirante,
Formar mil votos d'amor.

Ouve, Elysa, amor sincero
Hoje ha pouco, eu t'assevero,
Quem o saiba consagrar;
Não creias pois, innocente,
No que te diz a alma crente,
Por sómente
Ella d'amor te falar.

Eu com isto não intento
Dizer-te que amor isento
D'engano não haja, oh! não!..
Ha sim, mas toma cuidado,
Que o peito p'ra amor formado,
Enganado
É facil pela traição.

Pésa, Elysa, o que te digo,
Pois são palavras d'amigo
Que te deseja feliz!...
Tem fé n'ellas, pois a fundo
Já conhece assaz o mundo,
Injucundo,
Quem estas falas te diz.

João Dantas de Sousa (Rio de Janeiro).

DEZEMBRO—6.

Velho rapaz e rapaz velho.—Estranhando alguem a Alexandre Dumas, pai, que se não fizesse acompanhar por Alexandre Dumas, seu filho, na recente viagem que fez á Russia, Siberia, Circassia, etc., respondeu:

«*Deus me livre! meu filho é velho de mais cá para mim.*»

Feira de Cassange.—Vem a pag. 138 do Almanach de 1857 um artigo ácerca de Cassange, seus costumes e usos; n'elle se apontão cousas que se diz estarem abolidas, mas que ainda se praticão. Diz-se alli que o sr. Francisco de Salles Ferreira bateu o Jaga antigo e o substituio por outro: n'isso não ha duvida, mas em quanto á abolição dos sacrificios humanos ficou tudo na mesma. Existe ainda o banco (de cobre e não de ferro) em que se senta o Jaga quando é eleito, banco este que não serve para os sacrificios. Não é verdade ter sido derrotado o Régulo, e ainda está exercendo as mesmas funcções com os mesmos usos gentilicos de outr'ora, só com a differença de prestar hoje unicamente menagem, e não tributo, á bandeira portugueza.

Tomem-se como exactas as seguintes informações pois todos tres residimos ha tempos n'esta localidade.

É permanente a feira aqui, e n'ella se negoceião fazendas, marfim e cêra, como em qualquer praça commercial.

O Jaga, ao tomar conta do estado, é circumcidado no matto, onde fica um mez, e quando se recolhe mata-se uma pessoa por cima da qual deve o Jaga passar sete vezes, e atravessar depois um riacho.

Passado tempo se faz a ceremonia do *Sambamento* (nome que se dá quando o Jaga passa de um sitio para outro); por esta ocasião se mata outra pessoa (a que chamão *ricongo*), e depois de esquartejada juntamente com um boi, um cão, um gallo, um pombo e um carneiro, mistura-se tudo, e muito bem cozinhado é comido por todos os que pertencem ao estado, menos o Jaga; fazem-se então grandes alaridos e festins.

É n'este ultimo sitio (a que se chama *Quilombo*) que o Jaga vem a morrer; ahi é enterrado depois de muitos dias, na propria casa onde habitou durante o seu governo. Na sepultura se lhe mette um moleque e uma moleca de 10 a 12 annos; levão um cachimbo na mão e préviamente se lhe quebrão braços e pernas. Fechada a sepultura, mata-se so-

bre ella outro preto de 20 a 30 annos e alli o deixão ficar: em roda da cova (a que se chama *Quibinda*) se planta arvoredo.

A todo o Jaga que morre se lhe tira um dente (que denominão *pinda*), e todos elles se vão guardando n'uma caixa de prata: é a isto que se chamão insignias do estado. Tem já estado essa caixa na mão, não só do sr. Salles Ferreira, como de outros chefes, que todos a têem tornado a entregar, dando talvez com isso grande cabeçada. O paiz é fertil e o clima melhor que o de Loanda; produz todas as arvores e fructos de Portugal, e as parreiras dão uva duas vezes por anno.

Os tres Feirantes—*J. A. A.*—*A. R. Oliveira.*—*F. M. A. S.*

DEZEMBRO—8.

Dous teimosos.—Constando a um poéta contemporaneo de Voltaire que este lhe chamava feio, exclamou: Ah! sim? pois quero ir vêr bem de perto se é mais bonito do que eu.

E eil'o a caminho para casa do grande homem, que o não quiz receber.

Ficou desesperado o poéta e jurou não sahir da porta de Voltaire até se desenganar do que pertendia saber.

Erão 11 horas da noute e forão dizer a Voltaire que ainda lá estava o homem; que faz elle? manda-lhe dar de cear e cama.

O poéta comeu e dormio.

Passou-se o dia immediato, e o homem sempre de sentinella, e Voltaire sempre bloqueado em casa.

E ás horas do costume, almoço, jantar, ceia e cama, offerecidos com a maior delicadeza pelo bloqueado ao bloqueante.

Assim se passaram quatro dias, até que o pyrrhonico não esteve para mais, e se retirou, deixando a seguinte quadra:

Dans ces lieux je croyais voir le dieu du génie,
L'entendre, l'admirer, m'instruire en tous points;
Mais ainsi que Dieu dans son eucharystie,
On le mange, on le boit, mais on ne le voit point.

Curandeiras da Figueira e curandeiro de Soure. — Acabada a eleição da camara, no dia 22 de Novembro de 1858, chegou-se a mim e aos Reverendos Parochos d'esta igreja e da *Vinha da Rainha* uma mulher com uma garrafa, pedindo uma pinguinha (dizia ella) d'agua benta da pia baptismal. Desconfiei logo que andava por alli obra diabolica: indaguei da mulher e confessou-me ella que viera da *Figueira da Foz*, de casa d'umas boas mulheres que curavão cezões, e todos os outros males, e que para certo remedio que ellas lá entendião, lhe havião mandado procurar aquella garrafa d'agua benta de tres pias de baptismo, existentes em igrejas cujos oragos fossem todos machos, ou todos fêmeas. Depois de havermos, eu e os meus collegas, feito ver á mulher o erro em que andava, pareceu ella muito mal agradecida, e só se contentava com a agua, dizendo que já um sacrista de *Verride* lhe tinha dado uma pouca. Resolvemos á vista d'isso deitar-lhe na garrafa um copo d'agua d'um cantaro, com que ella se foi muito contente.

Fazem bem bons vintens com as suas imposturas as taes boas mulheres da *Figueira*, porém não é só alli que existe essa industria; tambem em Soure está um homem a curar de maleficios, e dizem-me que talvez ganhe tanto como o cirurgião de partido. O que admira é não pôrem fim a tal desafôro as authoridades.

A proposito do curandeiro de Soure: estava eu ha tempos dizendo missa, a que assistia, entre outras pessoas, uma mulher casada que muito padecia de hysterico, e dizia trazer em si a alma do avô, que imaginou devia subir ao céu quando eu fazia a sagrada elevação; senti n'esse momento um pequeno barulho entre os circumstantes; não fiz caso, por saber o que era; porém no fim da missa o que me revoltou foi ver o tal curandeiro de Soure, que chegara havia pouco d'uma taverna, e que tinha a pobre mulher agarrada; mettia-lhe na bôca uma grande chave de broca, que dizia ser para

lh'a fechar afim de não tornar a entrar mais nenhum espirito! E elle bebado como uma cabra! Vim a final a descubrir que toda aquella sucia viera de proposito á minha missa, porque assim o exigira a tal alma do outro mundo. Confesso que não gostei da comedia na minha igreja, e tratei de fazer as reflexões que me pareceram mais convenientes para destruir aquelle abuso; chegou porém o desfaçamento do tal bruxo a ponto de me apresentar uns bonecos de papel, pedindo-me que lh'os benzesse, para servirem de bentinhos! Quando indignado o argui de sua ousadia, disse-me a doente: «sr. padre, benza, benza, que eu já estou bôa, nada tenho já que me aflija.» Com effeito a mulher, que eu conhecera doente de ha tres para quatro annos, e em poder de bons medicos, sarou, e vive hoje muito boa, e em seu juizo: tal foi a força do fluido electro-magnetico do beberrão. Não se tire porém d'este facto uma errada moralidade.

O Vigario, *José Duarte Garizo* (Gesteira).

DEZEMBRO—10.

Vaidade ou modestia.—Lê-se nos commentarios de Affonso d'Albuquerque, obra em que se achão registadas muitas de nossas glorias na India, que na sua *sepultura, que está á entrada da porta da igreja do mosteiro onde está enterrado*, mandara o conde Fernão Gonçalves gravar o seguinte epitaphio:

Quien mas hiziere, pase adelante.

ENIGMA XVIII.

Perguntando-se a um navegante quanto tempo durara a sua ultima viagem, respondeu: é expresso o numero de dias que viajei por tres algarismos significativos; tirando-lhe os noves restão cinco; extrahindo-lhe os onze ficão dous; e é divisivel por cinco. Agora adivinhem.

Marçal Antonio.

Lucrecia brasileira.—A romana Lucrecia, citada como exemplo e modelo de castidade porque não quiz sobreviver á violencia do libidinoso filho de Tarquinio o Soberbo, podera ter morrido antes da régia injuria, se não cedesse á ameaça que fez o principe de assassinal'a e deixar o cadaver no leito junto ao de um escravo para que se suppozesse surprehendida em vergonhoso adulterio.

Quantos gráus não está acima da castissima mulher de Collatino a paraense Maria Barbara! Era mulher de um pobre soldado do regimento de Macapá, e foi assassinada no caminho da Fonte do Marco, resistindo a um vil seductor!

Bem merece ser estampado nas paginas do *Almanach de Lembranças* o seguinte soneto que a isso se refere.

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo, já cadaver feito,
Leva piedoso, com sentido aspeito,
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Dize-lhe que de ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito;
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante.

Que de um monstro inhumano, lhe declara
A mão cruel me trata d'esta sorte,
Porém que allivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte
Que, por honra da fé que lhe jurara,
Ao labéo conjugal prefere a morte.

Este soneto, tão cheio de poesia, foi feito por um paraense, que por excesso de mal entendida modestia o deixa correr anonymo.

Padre José Joaquim Corrêa de Almeida (Barbacena, Brasil).

Abd-el-Kader.—É um dos maiores vultos do sécu actual. O prestigio de que sempre gozou aos olhos de muitas das principaes tribus argelinas, a sua elevada qualidade de emir, o seu ardente amor da patria, e o particular conhecimento das localidades em que praticara inauditas façanhas, tudo isso deu logar a que muitas vezes triumphasse das armas francezas. Durante doze annos zombou de quantos esforços fez uma das maiores potencias da Europa afim de o aniquilar. Foi preciso que os francezes se unissem aos marroquinos para que *fosse* vencido o soberbo africano, que aspirava a nada menos do que ao dominio de toda a Argelia. Apprehendido pelo general Lamoricière, submetteu-se-lhe, e em 1846 embarcava em Oran com sua familia e seu séquito, e se dirigia a Toulon, d'onde era transferido para o forte *Lamalgue*, d'alli para Pau, e d'aqui para o castello d'*Amboise*, onde o proprio Napoleão III o foi pôr em liberdade: lavou assim a nódoa que sobre a França lançara a violação do contracto com elle feito, e em virtude do qual devia ser transportado a S. João d'Acre ou a Alexandria. Mais leal para com os francezes do que estes para com elle havião sido, nunca procurou de então para cá evadir-se (que bem o podera) e ir de novo sublevar as tribus, que apezar de tudo se lhe conservaram fieis, e onde reinará largo tempo o prestigio do seu nome.



E' aquelle o fidelissimo retrato d'Abd-el-Kader.

O mez Napoleão.—Esse grande soldado cujo nome encheu a Europa; esse guerreiro cujas proezas ainda hoje electrisão quantos as ouvem, sabia muito bem ser o dinheiro o grande motor dos combates, e n'esta convicção era pródigo a tempo. Concedia elle todos os annos á sua guarda imperial um decimo terceiro mez de soldo como gratificação de seus serviços. Penetrados de reconhecimento, a esse mez supranumerario ficaram chamando os soldados *Mez Napoleão.*



Essa e tantas outras attenções com os que tão efficazmente contribuíão para a sua gloria, fizerão com que fosse Napoleão o idolo de seus soldados, e com que elles morressem bemdizendo o seu nome.

Joaquim Chrispiniano da Costa.

DEZEMBRO—14.

Os dous bonecos da China.—Ha em Pariz uma grande loja de fazendas por cima de cuja porta se vê aquelle letreiro. Apresentou-se alli um dia certo gracioso, e pedio para falar a um dos donos da casa.

Apparecendo-lhe um d'elles, perguntou-lhe:

«*E' a um dos bonecos que tenho a honra de falar?*»

Romagem da Senhora das Neves. — É na fréguezia das *Neves*, na provincia do Minho, que esta devota romaria se celebra no dia 5 de Agosto.

Affluem alli centenares de romeiros de todos os arredores, cantarolando e dançando ao *melòdioso* som de seus *afinados* instrumentos, que são, pela maior parte, duas ou tres violas, igual numero de clarinetas e rebecas, algumas vezes o bello violão (*vulgó* de tripa), e sempre as castanholas hemisphericas de sêcco e duro buxo. Suas peças favoritas (o *malhão* e a *chula*) são então executadas alli com destreza e ouvidas com enthusiasmo por todos os devotos romeiros de ambos os sexos, que promiscuamente agrupados porfião em festejar este dia por elles consagrado á solemnidade da sua SENHORA.

Ha alli para a esquerda da capellinha da Virgem um terreiro de fórma quasi triangular, ornado por todos os lados de grandes e já carcomidos carvalhos, que deixão ver por entre seus annosos troncos um elegante panorama ao longo de frescas e amenas campinas que lhe ficão fronteiras. N'esse aprazivel logar se goza do mais animado da festa, e se disfructão os enthusiastas romeiros; aqui applaudem uns, em quanto outros forcejão por colher as palmas dos espectadores, distinguindo-se na dança; acolá vê-se um *Manelinho*, de cabeça enterrada nos colleirinhos, servindo-lhe de arrimo o liso páu de lódão; outro ou outros, mais álem, invocão a musa, e com ardor e fogo juvenil recitão amorosos *carmes* á sua bella. Mais. Apoiado sobre grossas estacas, vestidas de vária e entrelaçada ramagem, lá se vê levantado do chão á altura de seis palmos um tablado, onde se recita todos os annos o predilecto *drama, Ferrabraz e Floripes.*

Começa já o dia a declinar, e eis que chegão quinze cavalleiros (é conta fixa e sabida), escarranchados, uns em selim, outros em albardão, nos seus bucephalos, e fazendo-os girar meia duzia de vezes no largo, tendo primeiro

formado duas linhas como dispostos em campo de batalha, agora os vereis disputando-se em oppostos campos. Uma das linhas representa os denominados *doze pares* de França com seu chefe Carlos Magno; arremeda a outra um troço de mouros, ás ordens do almirante Balão. Trajão todos fardetas, que dizem *á moura*. O resultado da peleja sahe favoravel aos pares, que então sobem ao tablado, e ahi representão seus papeis; seguem-se-lhes os outros, e igualmente ahi tem seu papel a magnanima Floripes, namorada de Guy de Borgonha; esforção-se todos para receber os applausos de que effectivamente os cobrem os espectadores, e termina a festa por um segundo combate, em que o almirante mouro se finge victima dos *pares* francezes, e Floripes com seu irmão Ferrabraz ficão em poder dos mesmos.

Bom é quando o povo se diverte.

T. E. M. Sampaio e Mattos (Coimbra).

DEZEMBRO—16.

Festa de S. João em França.—Era costume n'este paiz, em tempos antigos, fazer-se na maior parte das localidades uma estrepitosa fogueira, por cima da qual se suspendia uma especie de gaiola grandissima, cheia de gatos. Nada mais divertido para o povo do que ver os pobres animaes, abrazados pelo calôr e suffocados pelo fumo, expirar depois de uma longa e penosa agonia!...

DEZEMBRO—17.

Liberdade harmonica.—Exclamava ha dias na tribuna da nossa camara electiva um de seus principaes oradores: «A Inglaterra, senhores, é o paiz classico da liberdade; para se ser completamente livre basta tocar o sólo inglez.»

Como ninguem sabe o que póde acontecer, vou aprendel'o.

Dezembro. — N'este mez, que estava em Roma sob a protecção de Vesta, celebravão-se as *saturnaes*, cuja instituição Macrobio attribue aos gregos, dizendo que ellas havião sido inventadas para se memorar a igualdade que reinava entre os homens no tempo de Saturno. Durante as saturnaes gregas, havia ampla liberdade para os escravos, que se podião vestir com o fato dos senhores. Instituidas em Roma no anno de 257, duravão as saturnaes um só dia, quando Augusto lhes ajuntou outro determinando que se celebrassem entre 17 e 19 de Dezembro. Caligula acrescentou-lhes mais outro dia a que chamou *juvenalis*, ou festa da gente moça.



As saturnaes erão dias de grande folia e feriados nos tribunaes e nas escolas; davão-se então funcções rasgadas; mandavão-se presentes; os amos servião os escravos á mêza; sacrificava-se a Saturno, com a cabeça descoberta, porque o *tempo tudo descobre;* e davão-se combates entre gladiadores, porque os romanos tinhão para si que o derramamento de sangue devia ser agradavel a um deus comedor dos seus proprios filhos (*A.* 58 *p.* 378).

CORAÇÃO ADORMECIDO.

Como infante que adormece
Depois de longo chorar,
Tambem sinto a alma dormindo
Após cruento penar.

Terna mãi que o filho embala
Diz-lhe mil falas d'amor;
Tambem eu digo á minha alma
Que não vele para a dor.

A mãi diz: — Meu filho, dorme
Em socego e quiétação;
Digo eu tambem: — Não despertes,
Dorme em paz, meu coração.

Augusto Cesar de Mattos (Trancoso).

Casamentos na Pederneira.—Compõe-se a fréguezia da Pederneira das seguintes povoações: *Pederneira, Nazareth, Praia e Fanhaes.* Os habitantes d'estes povoados, á excepção do de *Fanhaes*, que é rural, são pela maior parte maritimos, e casão-se ordinariamente de pouca idade, d'onde vem o encherem-se de muitos filhos em poucos annos, e ir sempre em progressivo augmento a população da fréguezia. Effectuão-se pelo seguinte modo os casamentos d'esses maritimos.

Fazem os noivos com antecedencia os seus convites a todos os parentes, amigos e conhecidos, que no dia do casamento (que é quasi sempre de tarde) os hãode acompanhar á igreja. N'esse dia começa o noivo a correr as moradas dos convidados; depois de reunidos vão a casa das madrinhas e todos juntos se dirigem a casa da noiva, que já os espera; ahi se atirão aos futuros conjuges muitos confeitos. Caminhão depois todos para a igreja matriz, indo o noivo adiante com os convidados, e atraz a noiva entre as duas madrinhas; depois da benção do padre, e na igreja ainda, torna a cahir sobre ós noivos segundo aguaceiro de confeitos. No regresso dirigem-se todos á casa em que devem habitar os novos esposos, e alli os espera um abundante jantar, findo o qual começa a dança, que dura até alta noute, ao som de uma ou mais guitarras: acha-se a noiva sentada no meio das madrinhas; da entrada da porta é então comprimentada pelas suas amigas e conhecidas, e tambem pelas de seu esposo, com grandes dóses de confeitos impellidos ás mãos cheias com tal força, que muitas vezes tem succedido ficarem as madrinhas, e mesmo a noiva, com algumas contusões na cara. E' repetida aquella scena todas as vezes que chega alguma pessoa do conhecimento e amizade dos noivos. A casa *de baile* acha-se sempre apinhoada de gente, e dura a dança até os circumstantes cançarem, porque o noivo não tem ahi voz activa nem passiva, e fôra uma grande desfeita aos convidados e mais pessoas que alli concorrem, se fossem despedidos antes de se fartarem de dançar.

Esta festa é de um ou mais dias, segundo os haveres dos noivos; e no fim d'ella ha quasi sempre bordoada, em consequencia das fortes e continuas libações a que procederam os convidados.

Ainda não ha muito que os noivos se deixaram da especulação de mandarem na vespera do casamento um prato pequeno d'arroz cozido com assucar a todos os seus convidados e ás pessoas principaes da terra; e cadaum, segundo a sua generosidade, dava pelo presente 240 e muitas vezes 480 réis; acabou porém o costume assim que se começou a dar pelo presente o que elle valia. Passado o casamento, e no proximo domingo ou dia santo, é do grande tom ir a noiva, no meio de suas madrinhas, acompanhada do noivo e com o seu melhor fato, ouvir a missa chamada das onze, a que de ordinario vai mais povo; apenas entrão na igreja, ainda que já esteja o padre a celebrar a missa, todas as vistas se dirigem para elles, e corre de bôca em bôca, *ahi vem os noivos*, fazendo-se com isto um grande sussurro. Depois d'este acto, que é o final, ninguem mais se importa com os noivos, nem mais caso se faz d'elles.

José Antonio Ferreira d'Abreu (Nazareth).

DEZEMBRO—20.

CHARADA XXXIV.

Foste tu, cantor divino,
Que á musica me prendeste,
Quando o reino de Cocyto
Com mais outros commoveste. 1

Os christãos na prima idade
Forão por mim protegidos;
Se um herôe me não succede
Em Roma, estavão perdidos. 2

Ithaca me ama,
Cesar me estima,
Grande na guerra,
Na paz acima.

José Augusto Ferreira Chaves (Mouta).

A Rainha Ginga.—Ginga, Zingha, ou Xinga, Rainha d'Angola, tornou-se um nome popular em Portugal, e deu brado em todo o mundo pelo extraordinario do seu caracter. Era irmã de Gola-Bendi, Soberano d'aquelle reino no seculo passado. O despota africano immolara por desconfiança quasi toda a sua familia. Ginga (cujo filho tambem matara) e Barbara, suas irmãs, forão os unicos parentes que poupou. Desbaratado Gola-Bendi pelos portuguezes estabelecidos ao pé d'Angola, envenenou-se por fim, ou foi envenenado por Ginga, que se assenhoreou do throno, apunhalando para maior segurança um sobrinho, filho de Bendi. Desthronada em breve pelos nossos vio-se obrigada a embrenhar-se pelo sertão dentro, sem mais companhia que o remorso, se é que entrava em sua alma, tão negra como o corpo. D'ahi se foi para o interior da Africa meridional, onde havia uns antropophagos, chamados *giagas* ou *jagas* (*A 57, p.* 138). Sem hesitar, adoptou-lhes os costumes e atrocidade, com a mira em dominal'os e servir-se d'elles para os seus planos vingativos. Se bem o planeou, melhor o conseguio. Eil'a Rainha dos Jagas, mais deshumana que elles, comendo carne humana, e degolando por suas proprias mãos as victimas que diariamente sacrificavão aos seus idolos. Depois de os haver assim governado uns trinta annos, veio já na idade de 70 a arrepender-se de tanta malvadez, e decidio-se a abolir os hediondos costumes e abominavel culto dos jagas, e a converter-se sinceramente á lei de Christo, que na mocidade abraçara por politica, e de que abjurara por despeito.

Informado d'isto o vice-rei portuguez de Loanda, enviou-lhe o Padre Antonio de Gaietta, frade capucho. Recebeu este missionario a sua abjuração, e determinou-a a que cedesse á corôa portugueza as suas pertenções ao reino d'Angola. Morreu penitente, de 82 annos, a 17 de Dezembro de 1664, deixando o seu povo meio civilisado e inconsolavel pela sua perda.

As barbaridades que a vingança e o estado selvatico da nação em que reinava lhe fizerão perpetrar, não têem numero; admira-se comtudo em Ginga uma coragem invencivel, uma tempera superior ás maiores contrariedades, e certo cunho d'heroicidade e grandeza selvatica. Conta-se d'ella uma acção notavel pela qual se faz idéa d'aquella altivez. Tendo seu irmão Bendi, Rei d'Angola, sido por muitas vezes batido pelos nossos, não teve outro remedio senão pedir a paz. Foi Ginga encarregada da embaixada junto ao vice-rei portuguez. Este, segundo o costume, deu-lhe audiencia sentado n'uma especie de throno, n'uma sala onde não havia outra cadeira para a embaixatriz senão um cochim em cima da alcatifa. A princesa d'Angola, estimulada com tal circumstancia, mandou ajoelhar e pôr as mãos no chão a uma das mulheres da sua comitiva, e assentou-se-lhe em cima. Assim esteve até findar a audiencia. Quando se levantou, ainda a mulher ficava na mesma postura sem a acompanhar. Como lh'o notassem, respondeu: «Ficai com ella; é vossa. A irmã «e embaixatriz d'um Rei não se serve duas vezes da mesma «cadeira»

Seria ella que roubou o pensamento ao embaixador hespanhol a quem nos referimos a paginas 65 do presente Almanach, ou este que lh'o bifou a ella?

Não me importa.

DEZEMBRO—22.

Agua e gaz em Pariz.—A agua actualmente distribuida por todos os habitantes de Pariz anda por 148,000 metros cubicos por dia. Corre por uma infinidade de tubos, cujo total comprimento é de 78 léguas.

Maior é ainda o dos tubos destinados ao gaz e que anda por 112 léguas, sem falar nos tubos parciaes que o levão ás casas.

Em breve será publicada uma obra intitulada *Pariz subterraneo*, pela qual se fará idéa dos milhares de milhões que alli se achão enterrados.

Assim é que se ganha dinheiro.—Se muitos só á força de grande trabalho obtêem pequenos lucros, outros quasi sem trabalho obtêem lucros extraordinarios.



A Malibran recebia em Londres por cada récita 150 libras esterlinas.

A Grisi, para cantar em Nova York n'uma solemnidade musical, recebeu 400 libras.

Lablache, 150 libras por cantar duas vezes.

Na Italia offereceu-se a Rossini um milhão de francos por uma escriptura de 6 mezes, para o celebre *maestro* desempenhar o papel de Figaro no *Barbeiro de Sevilha.*

Por uma unica lição de canto, dada á Rainha Victoria, recebeu Lablache 1,000 francos.

Um concerto dado em Londres, rendeu á Grisi 60,000 francos.

O 2.° beneficio da célebre bailarina Taglioni em S. Petersburgo, produzio 51,000 rublos. Enviou-lhe o Imperador, durante a representação, um ramalhete de diamantes e turquezas. Em Hamburgo recebeu a mesma artista 3,750 francos por cada noute em que dançava.

Paganini dava lições á razão de 2,000 francos cada uma.

Hummel deixou uma fortuna de 375,000 francos em dinheiro, e grande quantidade de preciosos mimos recebidos de todas as côrtes da Europa, entre os quaes se encontraram 26 diamantes de subido valor, 34 caixas de tabaco todas d'ouro e 114 relogios magnificos.

Alboni e Mario não cantão por menos de 2,000 francos, e Tamberlick, todas as vezes que faz ouvir o seu *dó* do peito, recebe 2,500 francos.

Os cantores mais afamados do theatro italiano, têem ganho

na America, e particularmente no Rio de Janeiro, prodigiosas quantias.

Herz e Thalberg trouxerão mais de 300,000 francos cada um das suas viagens á America.

A famosa *prima donna* Jenny Lind houvera podido comprar a Suecia com os *dollars* do novo mundo.

DEZEMBRO — 24.

Desejo de bebado. — São geralmente os indios tão apaixonados por bebidas espirituosas, que raro será o que apanhando-as, não beba com excesso; só uma esponja, ou um inglez embutirão mais! Ha em consequencia d'isto em todo o Brasil um axioma mui verdadeiro — *É indio, bebe cachaça.* — Houve um tão bebado que só o que a Deus reprovava na estructura do corpo humano, era não ser feita a garganta em espiral á feição de serpentina de alambique, pelo menos a d'elle beberrão, para, quando bebesse cachaça, levar mais tempo a engolil'a. Conheci aqui um medico inglez, chamado Jeremias Byrne (já fallecido), o qual, por ser medico, achou mui facil de remediar a má estructura de que o indio increpava a Deus: comia varias vezes por dia a sua tijella de sopas de pão com cachaça, supprindo na acção de màstigar a falta da espiral da garganta. O duque de Clarence, segundo réza a historia, era inglez de gosto mais fino; sendo condemnado á morte, e dando-se-lhe a opção da que menos lhe repugnasse, escolheu ser afogado em um tonel de malvazia.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Porto Alegre, Brazil).

DEZEMBRO — 25.

Natal galhofeiro. — Em uma das républicas da America do sul é costume em noute de natal, sahir a rapaziada a cavallo, levando na garupa uma rapariga, seja ou não conhecida. Assim levão toda a noute. Chama-se a isto *paschoar* (*A.* 51. 20 *d'Abril. A.* 53 *p.* 116)

Como levão toda a noute n'aquillo, não ha que dizer.

A AURORA BRASILEIRA.

Quando tu, luso cantor,
Na tua lyra dourada
Modulaste com primor
Uma linda madrugada,
Porque dizer não quizeste
Que a aurora que descreveste
Era a aurora do Brasil?
E o mar de fulgida prata
Que as margens e o céu retrata
Era o nosso mar de anil?

Porque dizer não havias
Que esse jubilo fágueiro
Dos puros formosos dias,
Era do céu brasileiro?
D'este céu abençoado,
De vasta luz alastrado
Pela mão do Creador,
E que lédo nos presenta
Na formosura que ostenta
Mais um milagre, ó Senhor!!

Que tem noutes tão formosas
De prateado luar;
Que possue manhãs de rosas
E tardes de arrebatar?
Ou por acaso ignoradas
Te erão inda as madrugadas
Da minha terra natal?
Ou, cego de patrio amor,
Julgaste que esse primor
Era só de Portugal?

Vem no céu do meu paiz
Ver bella aurora de estio,
Como se mostra feliz,
Como se mira no rio;
Vem vel'a mimosa, abrindo
O transparente véu lindo,
Frescas flores espalhar,
E entre perfumes e cantos
Desparzir os seus encantos
Na terra, nos céus, no mar.

Vem nas campinas formosas,
De enthusiasmo bafejadas,
Ver como as encantão rosas
E violetas delicadas.
Nunca no teu Portugal
O teu senho divinal
Gozaste realisado;
Vem, que só a minha terra
As maravilhas encerra
Do quadro que has debuxado.

Vem ouvir o harmonioso,
O doce canto aflâutado,
Do sabiá melodioso
Sobre o raminho pousado;
Vem ver os volateis todos
Festejarem de mil modos
Com folguedos e cantares
A fágueira madrugada,
Que de flores adornada
Perfuma os limpidos ares.

Vem contemplar a lindeza
D'este Brasil tão jucundo,
Vem ver sua natureza,
Que é a mais bella do mundo;
Vem ver seu sol descoberto
N'um céu de nuvens deserto,
Deslumbrante de fulgores:
Vem aqui ver como o Eterno,
Mesmo nos dias de inverno,
Veste os campos de verdores.

Dize, ó vate portuguez:
Póde o teu céu lusitano
Ostentar a nitidez
D'este céu americano?
A lua nos horisontes
Pratêa o cume dos montes
Com tanto enlevo e doçura?
E do templo na vidraça
Reflecte com tanta graça
A alva luz da face pura?

Tens no prado tanto viço?
Nas frutas tanto sabor?
Na vida tanto feitiço?
Nos corações tanto amor?
Vem, ó bardo, vem azinha,
Na mimosa patria minha
A tua alma extasiar;
N'este clima brasileiro
Vem sob um céu prazenteiro
Nova existencia gosar.

Vem pois, sublime poéta,
Ver o meu solo natal,
Que de Deus a mais dilecta,
E' a filha de Cabral.
Vem da minha terra amada
Ver a esplendida alvorada,
Ver do céu a perfeição;
Vem contemplar uma lua,
Que sabe mais do que a tua
Responder ao coração.

D. Adelia J. C. Rabello (Brasileira).

DEZEMBRO—27.

Parto phenomenal. — Na estatistica da mortalidade de Lisboa se lê na parte do dia 31 de Outubro de 1858: *Joaquim, falleceu no acto do parto.*—Isto é que é progresso.

DEZEMBRO—28.

Destreza milagrosa. — Estão actualmente em Pariz uns chins, que a trinta ou quarenta passos de distancia, atirão e cravão quatro punhaes entre os dedos, o mais affastados possivel, da mão de qualquer palerma que se aventure a uma experiencia semelhante, que uma vez póde falhar.

Milagre da electricidade.—N'uma das mais elegantes salas de Pariz se achava reunida, não ha muito, uma brilhante sociedade, ao pé de cinco pianos que todos tinhão as teclas viradas para os espectadores, e sem que ninguem alli buscasse pôl'as em movimento. De repente ouvem-se sons dos mais harmoniosos e perfeitamente combinados; do corpo de cada instrumento sahe a *Barcarolla*, tocada com magistral perfeição. Mas quem a tocava? um sylpho? um duende? nem sylpho, nem duende! Era a grande feiticeira d'este século, e que não contente dos prodigios que tem já operado, nos promette ainda novas e mais estupendas maravilhas. Era a electricidade, para que tudo emfim se diga!...

Lembrando-se o hungaro Leão Humer de que um relogio central põe em movimento, por meio d'uma corrente electrica, muitos outros, ou simples ponteiros, nas grandes capitáes, empregou o mesmo agente para pôr simultaneamente em acção as teclas de uns poucos de pianos, que electricamente communicavão com um em que se tocava uma musica qualquer, musica no mesmo instante repetida pelos outros.

Felizes os que nasceram n'este século! mais felizes ainda os que nascerem no immediato, que dista d'este um milhão d'annos!...

DEZEMBRO—30.

A Cigana.—Encontra-se esta ave em grandes bandos nas margens dos rios Amazonas, Tocantins e seus confluentes. É de um vermelho escuro, preto e rôxo, raiado de branco, e tem a cabeça ornada de uma engraçada poupa, semelhante á do pavão real. É do tamanho de uma perua. Os habitantes d'estes logares comem esta ave, cuja carne dizem ser saborosa, porém a sua côr negra e pessimo cheiro desagradão ao paladar dos europeus.

Anonymo Paraense.

ESPINHOS E FLORES.

N'um jardim de lindas flores
De mil cores,
Em tarde fresca e louçã,
Passeava uma donzella,
Que era bella
Como a estrella da manhã.

Colhe um cravo avermelhado;
Perfumado,
E o respira com ardor;
De repente empallidece,
Desfallece,
E deixa cahir a flor.

É que entre as folhas mimosas,
Tão cheirosas,
De tão vistoso carmim,
Negro insecto se escondera,
E mordera
Lindos dedos de marfim.

O mundo, donzella,
Que vês tão dourado,
De galas ornado
Qual sol ao nascer;
Jardim delicioso,
Em que ha vivas flôres,
Mancebos, amores,
Encantos, prazer;

O mundo em que entras,
Tão nova, tão pura,
Com tanta candura,
Com tanto fulgor;
P'ra cada vivente,
Contém no seu seio
De encantos tão cheio,
Um calix de dôr.

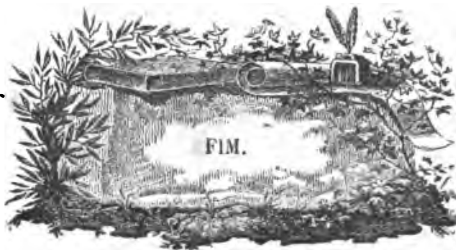
Abriga-se o insecto
Debaixo da rosa,
Que se abre mimosa
Em tarde d'abril;
Assim o desgosto,
Terrivel, profundo,
Se esconde no fundo
D'um peito gentil.

Ás vezes os risos,
Sonoros, brilhantes,
Que se ouvem, vibrantes,
Nas salas echoar,
Encobrem, abafão,
O acerbo gemido,
Que um peito sentido
Procura soltar.

rém, donzellinha,
o mundo ha venturas,
o bellas, tão puras,
al lua sem véu!...
uem é virtuosa,
uem cumpre os deveres,
em santos prazeres,
em gostos do céu.

Se ha risos falazes
Que encobrem tristeza,
Tambem ha nobreza
Nos bons corações:
O amor verdadeiro,
Mil bens preciosos,
São premios piedosos
De nobres acções.

Emilia Augusta de Castilho.



24


3 2044 048 706 105

